



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

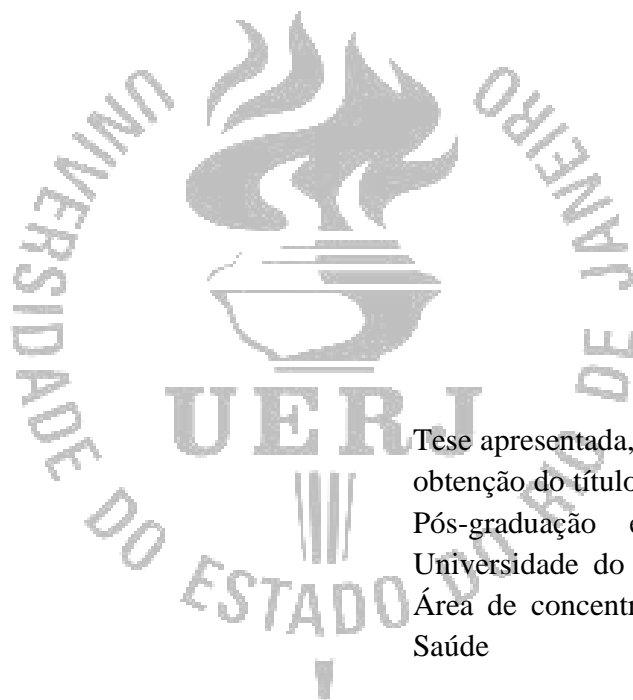
**Improváveis Relações:
produção de sentidos sobre o masculino no contexto de
amizade entre homens homo e heterossexuais**

Rio de Janeiro

2011

Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

**Improváveis Relações:
produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade
entre homens homo e heterossexuais**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara

Rio de Janeiro

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB/B

N244 Nascimento, Marcos Antonio Ferreira do.
Improváveis relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais / Marcos Antonio Ferreira do Nascimento. – 2011.
194 f.

Orientador: Sérgio Luis Carrara.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Medicina Social.

1. Homem – Teses. 2. Masculinidade – Teses. 3. Homofobia – Teses.
I. Carrara, Sérgio Luis. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Medicina Social. III. Título

CDU 159.922.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

Improváveis Relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde

Aprovada em 17 de outubro de 2011

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara
Instituto de Medicina Social – UERJ

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Claudia Barcellos Rezende
Centro de Ciências Sociais – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Maria Luiza Heilborn
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Gary Thomas Barker
Instituto Promundo

Rio de Janeiro
2011

A minha família pela matéria prima “severina”.

Aos amigos e amigas que me ajudam a construir quem eu sou.

AGRADECIMENTOS

Uma das riquezas de um trabalho como esse é o compartilhar de idéias, dúvidas, inseguranças, motivações, ideais e desejos ao longo do seu processo de elaboração. Muitas são as pessoas que de forma direta, indireta ou enviesada, contribuíram com afetos, escutas, trocas intelectuais, pensamentos, experiências e fazeres.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Sérgio Carrara, pela dedicada e delicada atenção e espírito de troca, desde as primeiras conversas sobre a idéia ainda vaga para um projeto de pesquisa e pela paciência constante com o meu jeito “desorientado de ser”.

Aos professores que participaram da qualificação do projeto de pesquisa – Prof. Maria Luiza Heilborn, Prof. Horácio Sívori e Prof. Claudia Barcellos Rezende – muito obrigado pela disponibilidade e sugestões.

Ao Fábio, Jacqueline, Márcia, Silvia e Simone pelas inúmeras ajudas ao longo dos anos.

Um agradecimento especial aos homens (heterossexuais) que se dispuseram a dividir comigo suas histórias, opiniões, certezas e dúvidas! E, aos homens (gays) que generosamente abriram as portas de suas relações de amizade para que eu pudesse pensar sobre os sentidos do masculino.

Aos queridos AMIGOS que tanto enriquecem minha trajetória como homem engajado no enfrentamento das violências, injustiças e desigualdades e que me ajudaram a descobrir as “veias abertas da América Latina”, muchas gracias por los tragos técnicos y por los afectos compartidos: Alejandro Gutierrez, Benno de Kejzer, Douglas Mendoza, Francisco “Pancho” Aguayo, Jose Angel Aguilar, Jose Roberto Luna, Manuel Abarca, Manuel Diaz, Norman Solozarno, Oswaldo Montoya, Roberto Samayoa e Ruben Reyes.

Às queridas AMIGAS que com suas diferentes visões e perspectivas sobre essa “história de ser homem”, me auxiliam repetidas vezes a (re)pensar o masculino: Adriana Castro (pela mania de ter fé na vida mesmo quando duvidamos dela), Cristiane Cabral (pela ansiedade e conquistas compartilhadas), Irene Lowenstein (pelo relato afetivo de numerosas experiências vividas), Isabel Delgado (pelo refúgio teresopolitano e pelas muitas vidas de amizade constante), Karla Galvão (pelos “esparcos” encontros pelas ladeiras de Olinda), Lea Kogut (por me fazer perguntas para as quais ainda não tenho respostas), Margarita Quintanilla (por questionar sempre e sempre de que lugar os homens falam), Meg Greene (lots of love), Silvani Arruda (pelos CVV

em diferentes momentos), Valéria Rios (pelo mais precioso presente na vida, o “primeiro raio de sol da manhã”), Valéria Rocha (pelo compartilhamento das [in]certezas), Vanessa Leite (pelo afeto presente e futuro).

Aos AMIGOS que cruzaram meu caminho pessoal e profissional e que me ajudam incessantemente a estabelecer outros nortes possíveis: Andre Sobrinho (desde os tempos do MAB), Benedito Medrado (pelo afeto e pela cumplicidade ariana), Bruno Linhares (por estar na minha vida desde a “outra vida” e por me apresentar ao livro de Senel Paz), Carlos Zuma (pelo carinho e atenção constantes), Daniel Lima (desde os tempos recifenses, passando por Floripa e chegando ao Rio de Janeiro!), Dario Cordova (pelos compromissos compartilhados), Fábio Barata (pelo triângulo rosa e pela “revolução”), Gary Barker (pelas ideias e ideais [com]partilhados), Guilherme Almeida (pelo aprendizado intenso sobre os “sentidos do masculino”), Jorge Lyra (pela cumplicidade com as causas que defendemos e por longas conversas sobre o doutorado!), Luiz Costa (pelo exercício contínuo do cuidar), Marcus Vinicius Câmara (por me acompanhar no eterno aprendizado de desconstruir/reconstruir), Mauro Brigeiro (por ser o meu “anjo barroco”), Waldemir Correa (pela paixão desenfreada nas suas crenças).

Às “referências bibliográficas” que generosamente contribuíram para esse diálogo em diferentes momentos: Michael Kaufman, Michael Kimmel, Miguel Vale de Almeida, Raewyn Connell, além de Gary Barker.

Aos “promundianos” e “ex promundianos” que me ouviram falar sobre esse tema tantas vezes: Andreza Silveira, Bruno Pizzi, Christine Ricardo, Fabio Verani, Francisca Magalhães, Gabriela Aguiar, Kelly Santos, Isadora Garcia, Márcio Segundo, Marianna Olinger, Patricia Paiva, Rafael Machado, Rogério Brunelli, Rose Orth, Samuel Marques, Suzana Gaudêncio, Vanessa Fonseca, Verônica Moura. Um agradecimento especial ao Márcio Segundo pela interlocução e apoio em diferentes momentos desse trabalho. Foi tudo!

A duas mulheres importantes na minha vida e que agora brilham em outros espaços – Silvia Sangirardi e Sheila Orgler – muito obrigado!

A Ana Rego Monteiro por me acompanhar na feitura de novos capítulos de vida.

A Marluce e ao Antonio, meus pais, pela semente de vida, nem sempre severina.

E finalmente ao Palevi, “improvável encontro”, que me ensina a cada dia o valor do afeto, da perseverança e da fé no porvir!

Eu sou contra a tolerância por que ela não basta. Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Sobre a intolerância já fizemos muitas reflexões. A intolerância é péssima, mas a tolerância não é tão boa quanto parece. Deveríamos criar uma relação entre pessoas da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.

José Saramago, primavera de 1993

RESUMO

NASCIMENTO, Marcos Antonio Ferreira do. *Improváveis Relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais*. 194f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Esta tese é um estudo acerca da produção de sentidos sobre a masculinidade e suas relações com a homofobia. Parte-se da premissa de que tanto a masculinidade quanto a homofobia são fenômenos construídos socialmente. A adoção do regime de amizade entre homens de orientações sexuais distintas permite problematizar as dinâmicas de gênero presentes nessa relação específica de homosociabilidade e suas interrelações com as diferentes concepções sobre masculinidade, homossexualidade e homofobia. A homofobia é compreendida sob duas perspectivas: (1) como um preconceito que gera discriminações e violências contra pessoas não heterossexuais; e (2) como um dispositivo regulador da relação entre homens, constituindo-se como um dos pilares da construção da masculinidade heterossexual. O trabalho de campo incluiu entrevistas individuais com homens heterossexuais de camadas médias das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que mantêm relações de amizade com homens homossexuais. O conjunto dos participantes é heterogêneo no tocante à faixa etária (entre 25 e 47 anos), exercício profissional e experiências diversas de convívio com pessoas homossexuais. São analisadas as tensões, dilemas e ressignificações que ajudam a produzir diferentes sentidos para a masculinidade. Os resultados apontam para a coexistência de sentidos convencionais e liberais acerca do gênero e da sexualidade masculinos.

Palavras-chave: Homens. Masculinidade. Homofobia. Amizade masculina. Homosociabilidade masculina.

ABSTRACT

This dissertation is a study about the production of meanings of masculinity and its relationship to homophobia. It is based on the premise that both masculinity and homophobia are socially constructed phenomena. The formation of friendship between men of distinct sexual orientations provides a basis for problematizing the gender dynamics present in these homosocial relationships and their interrelations with different conceptions about masculinity, homosexuality, and homophobia. Homophobia is understood here in two perspectives: (1): as a form of prejudice that generates discrimination and violence against non-heterosexuals; and (2) as a regulatory tool in relationships between men, constituting one of the pillars in the construction of heterosexual masculinity. The field work for this study included individual interviews with middle-class, heterosexual men in Rio de Janeiro and Sao Paulo who maintain friendships with homosexual men. The group of respondents is heterogeneous in terms of age (between 25 to 47 years old), profession, and life experiences with homosexuals. The analysis focuses on the tensions, dilemmas and reframing that help to produce different meanings about masculinity. The results point out the coexistence of conventional and liberal meanings about gender and sexuality.

Keywords: Men. Masculinity. Homophobia. Male Friendship. Male Homosociality.

RESUMEN

Ésta tesis doctoral es un estudio acerca de la producción de sentidos sobre la masculinidad y sus relaciones con la homofobia. Se parte de la premisa de que tanto la masculinidad y la homofobia son fenómenos socialmente contruidos. La adopción del régimen de amistad entre hombres de orientaciones sexuales distintas permite problematizar las dinámicas de género presentes en esa relación específica de homosociabilidad, y sus interrelaciones con las diferentes concepciones sobre masculinidad, homosexualidad y homofobia. La homofobia, en ésta tesis, se conceptualiza sobre dos perspectivas: (1) como un prejuicio que genera discriminación y violencia contra personas no heterosexuales; y (2) como un dispositivo regulador de la relación entre hombres, constituyéndose como uno de los dos pilares de la construcción social de la masculinidad heterosexual. El trabajo de campo incluye entrevistas individuales con hombres heterosexuales de clases medias de las ciudades de Rio de Janeiro y de São Paulo que poseen relaciones de amistad con hombres homosexuales. El conjunto de los participantes es heterogéneo, respecto a las edades (entre 25 a 47 años), desempeño profesional y experiencias diversas de convivencia con personas homosexuales. Además de lo anterior, se analiza las tensiones, dilemas y resignificaciones que ayudan a producir diferentes sentidos para la masculinidad. Los resultados indican una coexistencia entre sentidos convencionales y liberales acerca del género y de la sexualidad masculina.

Palabras claves: Hombres. Masculinidad. Homofobia. Amistad masculina. Homosociabilidad masculina.

RESUMÉ

Cette thèse traite d'une étude relative à la construction de la masculinité, et ses relations avec l'homophobie. Nous partons du postulat que la masculinité et l'homophobie sont des phénomènes socialement construits. Le choix d'un régime d'amitié entre hommes avec différentes orientations sexuelles nous permet de comprendre les problèmes de dynamiques de genre présentes dans cette relation spécifique de homosociabilité et ses interrelations avec différentes conceptions de masculinité, d'homosexualité et d'homophobie. Dans ce travail, nous envisageons l'homophobie sous deux perspectives: (1) comme un préjugé qui engendre des discriminations et violences vers les non-hétérosexuels; et (2) comme un dispositif pour réguler les relations entre hommes, et qui devient un des piliers de la construction de la masculinité hétérosexuelle. Le travail de terrain a porté sur des entrevues individuelles avec des hommes hétérosexuels de classe moyenne qui habitent dans les villes Rio de Janeiro et São Paulo et qui ont des relations d'amitié avec des hommes homosexuels. L'échantillon des participants est hétérogène au niveau de l'âge (entre 25 et 47 ans), de la profession et des expériences de relation avec des hommes homosexuels. Nous analysons les tensions, dilemmes et nouvelles significations qui aident à produire différents sens pour la masculinité. Les résultats indiquent la coexistence de sens traditionnel et libéral sur le genre et la sexualité masculine.

Mots-clé: Hommes. Masculinité. Homophobie. Amitié Entre Hommes. Homosociabilité Masculine.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais
APA	American Psychiatric Association
CID	Classificação Internacional de Doenças
FPA	Fundação Perseu Abramo
GEM SCALE	Gender Equitable Attitudes in Men Scale
GLS	Gays, Lésbicas e Simpatizantes
ICRW	International Center for Research on Women
IMAGES	International Men and Gender Equality Survey
IRRRAG	International Reproductive Rights Research Group
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MAB	Movimento de Adolescentes Brasileiros
ONG	Organização Não-Governamental
OMS	Organização Mundial da Saúde
PLC	Projeto de Lei na Câmara
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RHEG	Rede de Homens pela Equidade de Gênero
STF	Supremo Tribunal Federal
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNFPA	Fundo de População das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. CONSTRUINDO A PESQUISA: PERGUNTAS CENTRAIS, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, TRABALHO DE CAMPO E PERFIL DOS PARTICIPANTES	27
1.1. Construindo a pesquisa	31
1.2. Perfil dos entrevistados.....	34
2. MASCULINIDADES E HOMOFOBIA: CONTEXTUALIZANDO ESSES FENÔMENOS.....	42
2.1. “As masculinidades dos homens”: ajustando um olhar sobre o masculino	42
2.2. <i>Homofobia: entre o individual, o coletivo, o político e o social.....</i>	<i>55</i>
2.2.1. <u>Homofobia: do individual ao político.....</u>	<u>56</u>
2.2.2. <u>Homofobia: assunto de homens, para homens e com os homens.....</u>	<u>62</u>
2.2.3. <u>Situação limite: masculinidade, juventude e violência homofóbica.....</u>	<u>70</u>
3. APRENDENDO A SER HOMEM: ENTRE A “INÉRCIA” E A “CONTESTAÇÃO”.....	76
3.1. As “masculinidades dos homens” no contexto da equidade de gênero	76
3.2. Construindo “repertórios masculinos”: entre a “casa” e a “rua”.....	78
3.3. O aprendizado da sexualidade.....	86
3.4. Pai de menino, pai de menina: dilemas do exercício da paternidade.....	91
3.5. “Onde eu guardo meu machismo?”: relações de gênero entre “permanências” e “mudanças”	97
4. MAPEANDO O “CAMPO DE POSSIBILIDADES”: CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE ENTRE HOMENS HOMO E HETEROSSEXUAIS	105
4.1. Buscando compreender os “sentidos da amizade”: noções de amizade e de amigo.....	105
4.2. Amigo de homem, amigo de mulher.....	109
4.3. Convivência entre homens homo e heterossexuais	115
4.3.1. <u>Mapeando o “campo de possibilidades”:</u> convivência entre homens homo e heterossexuais em contextos privado e público.....	<u>117</u>
4.3.2. <u>Entre o assédio, a suspeição da masculinidade e a afetação: tensões no convívio entre homens héteros e gays</u>	<u>123</u>
4.3.3. <u>Apoio às causas LGBT</u>	<u>131</u>
5. MASCULINIDADE “HETERO”, MASCULINIDADE “GAY”: DILEMAS, TENSÕES E (RE)SIGNIFICADOS NO CONTEXTO DAS AMIZADES	139
5.1. As amizades no contexto de orientações sexuais distintas: notas conceituais	139
5.2. Chegando a um “mundo novo”	146
5.3. “Amigo gay é a mesma coisa, mas é diferente...”	150
5.3.1. <u>Abrindo o armário: a orientação sexual em cena.....</u>	<u>152</u>
5.3.2. <u>“Nem parece gay”:</u> os viris e discretos	<u>158</u>

5.3.3.	<u>Frente à sexualidade do “outro”</u>	161
5.4.	Cruzando as fronteiras: as (im)permanências da masculinidade	167
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
	REFERÊNCIAS	179
	ANEXO A – PERFIL DOS ENTREVISTADOS	190
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	191

INTRODUÇÃO

*Amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida.
Deveriam também governá-la.
(Wilhelm Reich)*

Tomando emprestadas as palavras de Vale de Almeida (2004), a presente pesquisa pretende compreender a “masculinidade dos homens”¹, a partir das experiências e das vozes de homens heterossexuais que mantêm relações de amizade com homens homossexuais. A relação de amizade parece ser regulada tanto pelo senso de masculinidade, quanto pela homofobia. Minha implicação com esses dois temas – masculinidade e homofobia – é fruto de um longo caminho pessoal, profissional e acadêmico, permeado por algumas experiências e várias inquietudes.

Desde muito criança, ouvia meu pai contar uma história que me intrigava. Meu pai é nordestino e migrou para a cidade do Rio de Janeiro no final dos anos de 1950. Filho mais velho de uma família de 16 filhos, começou a trabalhar aos oito anos de idade com seu pai na rotina da plantação, colheita e venda de verduras. Em sua primeira semana de trabalho, ganhou do meu avô um pacote de cigarros. Segundo meu avô, daquele momento em diante ele não era mais um menino, mas sim um homem! Acabava-se a infância, ingressava-se em outro terreno da vida, o de “homem trabalhador” (ainda que tivesse apenas oito anos de idade!). O que me intrigava nessa história ouvida tantas vezes era o que fazia daquele menino, um homem? Que ritos me esperariam na vida (assim como o pacote de cigarros que meu pai recebera) nesse processo de tornar-me um homem?

Outro evento marcante aconteceu em meados dos anos de 1980, na cidade do Rio de Janeiro, quando tive a oportunidade de conhecer um grupo de “homens poetas” que promovia o I Festival de Poesia Masculina, cujo mote era “afinal das contas, o que querem os homens?”². Eram poetas que se apresentavam em eventos localizados em bares da zona sul carioca, em estações de metrô e em pequenos teatros. Ouvir suas histórias e seus questionamentos fez com que minha atenção se voltasse para essa coisa “do que é ser homem”. Em particular, a poesia de Ulisses Tavares, poeta paulistano, me havia tocado profundamente. Chama-se “Macho

¹ O uso de aspas, ao longo do texto, serve para destacar as palavras empregadas. Quando houver outro sentido, ele será explicitado em nota.

² Tratava-se de uma brincadeira em relação à pergunta de Freud, “o que quer uma mulher?”.

aprendizado” e diz o seguinte: “Nos ensinaram assim: carregar à frente hasteada a bandeira do pênis. Nos ensinaram assim: carregar atrás um ânus com armadura. Nos ensinaram assim: meia vida à frente, meia morte atrás. Nos ensinaram tudo pela metade”.

Nessa época, eu cursava a faculdade de engenharia da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). A maioria dos alunos era composta por “homens (futuros engenheiros)” e as brincadeiras entre os rapazes giravam em torno da desqualificação da masculinidade do colega. Já formado, o exercício da profissão me propiciou um convívio mais estreito com grupos de rapazes, profissionais da construção civil, na sua maioria entre 18 e 30 anos. Apesar da diferença de escolaridade em relação aos meus colegas de faculdade, as conversas entre eles versavam sobre os mesmos assuntos. O jogo de futebol na hora do almoço era um estopim para trocas de agressões verbais e físicas e as brincadeiras eram permeadas pela “sacanagem”³ e por incontáveis maneiras de se questionar a masculinidade do companheiro. Qualquer coisa dita ou feita poderia ser (e certamente seria) usada para questionar a virilidade do colega.

Com o passar do tempo, percebi que tinha mais interesse pelo comportamento humano do que pelos apetrechos da profissão de engenheiro. Optei então por regressar à universidade para estudar psicologia (novamente na UERJ). O curso era basicamente composto por mulheres e havia poucos estudantes “homens (futuros psicólogos)”, o que estabelecia uma dinâmica de relacionamento entre os/as colegas distinta daquela do tempo da engenharia.

Nesse mesmo período (primeira metade dos anos 90), Sócrates Nolasco, psicólogo fluminense, havia acabado de lançar o livro “*O Mito da Masculinidade*” (1993) e organizou uma série de eventos acadêmicos, no campo da psicologia, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) dos quais pude participar⁴. E aparecia cada vez mais na mídia (jornais, revistas, programas de televisão) discussões sobre masculinidade que, invariavelmente, falavam sobre “um novo homem”, sobre a “crise da masculinidade” e outras denominações afins⁵. Os homens haviam entrado em cena⁶.

³ Sacanagem é um termo polissêmico que abarca vários significados nas relações sociais. De acordo com Parker, “o conceito de sacanagem liga noções de agressão e hostilidade, brincadeira e diversão, excitação sexual e prática erótica num único complexo simbólico. Usada de forma positiva ou negativa, indicando injustiça e violência, brincadeiras, gozação, obscenidades e ofensas sexuais, materiais eróticos e pornográficos e práticas sexuais específicas, sacanagem indica desobediência a regras do decoro – regras que parecem controlar o fluxo da vida diária”. (Parker, 1991:159). Nesse caso específico, o termo assume a idéia de gozação entre companheiros com intuito de desqualificar sua masculinidade.

⁴ I Seminário Internacional sobre Identidade Masculina (1992), II Seminário Internacional sobre Identidade Masculina (1995) e I Seminário sobre a Condição Masculina (1996).

⁵ Esses termos vão ser objeto de análise e crítica por autores como Oliveira (2004) e Medrado & Lyra (2008).

⁶ Trata-se de uma alusão ao texto de Heilborn & Carrara (1998).

Até então, a vida profissional se dividia ainda entre o mundo da engenharia e o início da carreira de psicólogo clínico. A psicologia clínica, orientada por uma linha de trabalho reichiana, com forte ênfase nos aspectos subjetivos e sociais e inspirada nos filósofos franceses como Gilles Deleuze, Felix Guattari e Michel Foucault, além do próprio Wilhelm Reich, também produziam problematizações das desigualdades sociais, das questões de gênero e da sexualidade⁷.

Em 1999, decidi ingressar no mestrado em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da UERJ. Minha pesquisa discutia o tema da violência contra as mulheres no espaço doméstico. A dissertação buscava compreender os repertórios de violência contra a mulher como uma forma de solução de conflitos familiares, segundo a visão dos homens autores de violência. O trabalho de campo se concentrou no acompanhamento de grupos reflexivos masculinos que aconteciam em um centro municipal de orientação social em São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro (Nascimento, 2001).

No ano seguinte, ingressei no Instituto Promundo⁸, uma ONG (organização não governamental) que buscava um profissional para trabalhar com homens jovens de camadas populares em temas relacionados a gênero, sexualidade e saúde. O trabalho envolvia a formulação de pesquisas, elaboração de metodologias de educação em saúde e o desenho de projetos de intervenção com jovens de camadas populares, em torno de temas relacionados à sexualidade, à violência e à promoção de comportamentos mais igualitários entre homens e mulheres.

Começava uma trajetória como profissional e ativista, com foco voltado para o trabalho com homens, no campo das relações de gênero. O trabalho com homens jovens e adultos relacionado à saúde masculina, sexualidade, violência, relações de gênero mais igualitárias, no Brasil e em outros países da América Latina e África, foi extremamente rico para conhecer os dilemas de construção de masculinidade em diferentes contextos sociais e culturais. O ativismo, tanto no Brasil quanto internacionalmente, se deu principalmente pela participação em diferentes redes como a Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG)⁹, a MenEngage Alliance¹⁰ e a

⁷ Cf. Câmara (2009) e suas reflexões sobre o trabalho de psicoterapia orientado por Wilhelm Reich e esses filósofos.

⁸ O Instituto Promundo é uma organização não governamental, fundada em 1997, e que tem por missão promover a equidade de gênero e prevenir a violência contra mulheres, jovens e crianças. Cf. <<http://www.promundo.org.br>>.

⁹ A RHEG existe desde 2001 e é constituída por um conjunto de ONGs e grupos de pesquisa vinculados à promoção da equidade de gênero. É responsável pelas ações da Campanha do Laço Branco no Brasil – homens pelo fim da violência contra as mulheres. Para mais detalhes, confira <<http://www.lacobranco.org.br>>.

¹⁰ A MenEngage Alliance foi criada em 2005. É uma aliança internacional de organizações da sociedade civil, agências das Nações Unidas e centros de pesquisa que tem a missão de promover relações mais igualitárias entre homens e mulheres, a partir

Alianza InterCambios¹¹, em que o engajamento dos homens em esforços de promoção de equidade e igualdade de gênero¹² eram a tônica dos debates.

Entre 2000 e 2002, o Promundo, em colaboração com organizações no Brasil e no México, elaborou um programa voltado para homens jovens conhecido como Programa H. O Programa é constituído por (1) um conjunto de ferramentas educativas (currículo de formação para profissionais de saúde, educação e educadores sociais, e um vídeo) e (2) campanhas desenhadas para a população masculina jovem que questionam normas sociais de gênero¹³.

O currículo é ministrado sob a forma de oficinas educativas onde são discutidas temáticas como sexualidade, paternidade, violência (incluindo a violência entre homens e contra as mulheres), HIV/aids, uso de drogas e expressão dos afetos e emoções. O vídeo, em formato de desenho animado, apresenta diferentes momentos da vida de um rapaz e os desafios que ele enfrenta no seu processo de socialização e amadurecimento. Ambos pretendem produzir uma reflexão crítica sobre as desigualdades de gênero e promover repertórios masculinos mais equitativos.

As campanhas pretendem ter um alcance comunitário (geralmente favelas e localidades de baixa renda), e tem por objetivo questionar normas sociais que modelam alguns comportamentos masculinos (o machismo, a violência, o não cuidado com a saúde etc.) e promover modelos positivos de masculinidade, nos quais respeito, diálogo e cuidado de si e do outro estejam presentes¹⁴.

Entre 2003 e 2005, como parte de um estudo de avaliação de impacto¹⁵, trabalhamos com 780 rapazes, auto declarados heterossexuais, moradores de três favelas cariocas, entre 14 e 24

de ações voltadas para os homens jovens e adultos. Atualmente, a coordenação da Aliança é compartilhada entre o Instituto Promundo (Brasil) e a Sonke Social Justice (África do Sul). Entre 2007 e 2010, fui coordenador da Aliança para a América Latina. Para mais detalhes sobre MenEngage, confira <<http://www.menengage.org>>.

¹¹ InterCambios é uma aliança de organizações criada em 2004 e que trabalha pela qualificação do setor de saúde no enfrentamento da violência contra as mulheres na América Latina. A organização norte-americana PATH é responsável pela Secretaria Técnica, com sede na Nicarágua. Entre 2005 e 2010, fui o representante brasileiro na Secretaria Executiva da Aliança. Para mais detalhes, confira < <http://www.alianzaintercambios.org>>.

¹² O termo “igualdade de gênero” refere-se à igualdade de direitos, responsabilidades e oportunidades para mulheres e homens, meninas e meninos, independente de terem nascido do sexo feminino ou masculino. Já o termo “equidade de gênero” denota uma equivalência no desenvolvimento da vida de mulheres e homens, reconhecendo seus diferentes interesses e necessidades, e necessitando uma redistribuição de poder e recursos. Para mais detalhes sobre esses conceitos, cf. Hazel & Baden (2000).

¹³ O Programa H foi coordenado pelo Promundo e contou com a participação da ECOS – Comunicação em Sexualidade, do Instituto PAPAI e da ONG mexicana Salud y Género AC. O Programa foi considerado um dos modelos de engajamento de homens jovens na promoção da equidade de gênero por diferentes agências das Nações Unidas como o UNICEF, o UNFPA, o PNUD e o Banco Mundial. Para mais detalhes sobre o Programa, cf. Barker *et al*, 2004.

¹⁴ O Programa H foi adaptado para diferentes países e estima-se que atualmente esteja presente em mais de 20 países.

¹⁵ Avaliação de impacto é um processo sistemático e objetivo, dentro de um período de tempo, em que se determina a relevância e o sucesso de uma intervenção social e se os objetivos pretendidos foram atingidos (John Snow Brasil, 2000).

anos de idade. Os jovens participaram de 16 encontros (cada um com duas horas de duração em média) e, em uma das localidades, foi desenvolvida e implementada uma campanha em que o uso do preservativo masculino era um símbolo de (auto)cuidado e respeito com parceiras. A intervenção contemplou cinco eixos: (1) exercício da sexualidade, (2) saúde reprodutiva, (3) violência, (4) participação nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos e (5) homofobia e relações com outros homens¹⁶. Os jovens responderam a três questionários em diferentes momentos do estudo: um primeiro que foi aplicado antes de sua participação nas atividades (linha de base), um segundo ao término das atividades (primeiro pós-teste) e um terceiro, ao final de seis meses depois da aplicação do primeiro pós-teste (segundo pós-teste). Além disso, foi realizado um estudo qualitativo (grupos focais e entrevistas semi-estruturadas) com um grupo de trinta rapazes e suas companheiras. Foi possível verificar algumas mudanças de comportamento (consideradas positivas) entre os jovens que participaram das atividades, tais como: maior diálogo com a parceira estável sobre diferentes aspectos das relações de gênero, relato de uso mais frequente do preservativo nas relações sexuais com parceira estável ou eventual e a diminuição do número de relatos de sintomas de doenças sexualmente transmissíveis (Pulerwitz *et al*, 2007).

No entanto, o eixo que tratava da relação com homens não heterossexuais, não apresentou mudanças significativas. Em relação a esse assunto, media-se o grau de adesão (total, parcial ou nenhuma) à seguinte frase: “Eu nunca teria um amigo gay”. A concordância parcial e/ou total a essa afirmação chegava a 38% no pré-teste em uma das localidades e a 42% em outra (realizado antes do início das atividades) e permaneceu no segundo pós-teste (realizado um ano após o pré-teste). Mesmo tendo passado por um período de sensibilização e reflexão sobre esses temas, não foi possível verificar mudança alguma nesse aspecto. Essa imobilidade me chamou atenção.

O que de fato isso queria dizer? Essa afirmação poderia ser vista como uma expressão de homofobia? Por outro lado, o que haveria acontecido com os demais respondentes que discordavam dessa afirmação, ou seja, aqueles que diziam que teriam um amigo gay? Seria tão somente um discurso politicamente correto? Haveria algo nas suas trajetórias de vida que

¹⁶ Esses domínios são os elementos constitutivos de uma escala psicométrica desenvolvida para mensurar o impacto da intervenção. Para mais detalhes sobre a Escala de Equidade de Gênero para Homens (Gender Equitable in Men Scale – GEM Scale em sua sigla em inglês) cf. Pulerwitz & Barker (2008).

justificasse uma postura distinta dos demais a respeito da homossexualidade? Partindo da premissa de que a homofobia é um dos pilares de construção da identidade masculina heterossexual (Badinter, 1993, Kimmel, 1997, 2003, 2005, Connell, 2000, Welzer-Lang, 2001, Borrillo, 2010), o que havia possibilitado, naquele contexto específico, a apresentação de um discurso menos preconceituoso e homofóbico? Cabe ressaltar que essas interrogações somente fazem sentido quando analisadas a partir da interação entre os contextos social, econômico, político e cultural em que aqueles jovens estavam inseridos.

Se o cotidiano de trabalho com jovens me produzia essas inquietações, o convívio com outros profissionais da área da saúde, educação e educadores sociais, também ajudava a reforçar várias dúvidas. De maneira geral, o tema da “diversidade sexual” não integrava os currículos de trabalho com jovens. E quando o tema vinha à baila, os discursos eram carregados de pré-conceitos, estereótipos e mitos em relação à homossexualidade. Faltavam conhecimentos e ferramentas educativas, e práticas conservadoras ajudavam a reforçar sua invisibilidade, além da rejeição que muitos jovens homossexuais sofriam.

Como uma tentativa de contribuir para essa discussão, esse mesmo grupo de ONGs produziu um vídeo educativo chamado “Medo de quê?”¹⁷ que retrata a história de amizade de dois garotos – João e Marcelo – que crescem juntos e a partir da adolescência iniciam trajetórias sexuais distintas: João é um rapaz interessado em garotas e Marcelo, em garotos. O vídeo não apresenta somente uma história de rapazes com desejos diferentes, mas pretende provocar uma discussão sobre as implicações que a orientação sexual não-heterossexual traz para a vida de Marcelo: na família, na escola, no convívio com seu grupo de pares do bairro em que mora. A partir das tensões no relacionamento desses amigos, estabelece-se a possibilidade de reflexão crítica sobre a construção da masculinidade desses dois rapazes, sobre os estereótipos e mitos em torno da homossexualidade e da homofobia.

Ainda que nos últimos vinte anos tenha havido um grande acúmulo de experiências de trabalhos de intervenção e pesquisas com homens no campo da sexualidade, gênero e saúde¹⁸, de maneira geral, essa agenda de trabalho não inclui de maneira explícita o tema da “homofobia” ou da “violência homofóbica”. Embora haja um reconhecimento de que o fenômeno da homofobia

¹⁷ Esse vídeo foi produzido em 2004 pelo Instituto Promundo, Instituto PAPAI, ECOS – Comunicação em Sexualidade e Salud y Género AC. Disponível em <<http://www.promundo.org.br/canal-promundo/medo-de-que-afraid-of-what-part-i-part-i/>>. Acessado em 07/07/2011.

¹⁸ Para uma análise no contexto da América Latina, confira o conjunto de debates produzido por Careaga & Cruz (2006).

está atrelado a uma ideologia de construção do masculino por parte de diferentes teóricos alinhados com os estudos sobre homens e masculinidades, os trabalhos de intervenção voltados para o seu enfrentamento encontram-se sobretudo nas agendas das organizações que militam pela causa LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros)¹⁹ a partir de uma perspectiva de defesa dos direitos humanos. Diferentemente do que acontece com o tema da violência de gênero contra as mulheres, em que os homens são considerados como parte da agenda política de enfrentamento desse tipo de violência no Brasil e em outros países (Nascimento, Segundo & Barker, 2009), ainda há muito a se pensar e fazer a respeito do tema da homofobia. Nessa seara, parece ser necessário compreender a homofobia, não somente como um problema para as vítimas de preconceito, discriminação e violências de toda a sorte, mas como um fenômeno cuja discussão necessita envolver não somente atores como escolas, serviços de saúde, locais de trabalho, mídia, entre outros, mas também incluir homens de quaisquer orientações sexuais.

No entanto, há indícios de mudanças significativas. Em 2009, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, o “*I Simpósio Global Engajando Homens e Meninos pela Igualdade de Gênero*”, promovido por várias organizações da sociedade civil, governos e agências das Nações Unidas, dentre elas o Instituto Promundo e Instituto PAPAI, como representantes brasileiros. Nesse encontro, reuniram-se ativistas, pesquisadores, gestores de programas e políticas públicas de saúde, educação e direitos humanos de 77 países. Ao final do Simpósio, foi elaborado um documento conhecido como a “Declaração do Rio” em que todos os participantes sublinharam a necessidade de engajamento das organizações, governos e agências de fomento ao desenvolvimento na defesa dos direitos sexuais de todas as pessoas, em especial daqueles grupos reconhecidamente discriminados²⁰.

¹⁹ A partir da I Conferência Nacional GLBT, em 2008, decidiu-se que o termo utilizado doravante seria LGBT com intuito de dar visibilidade para os grupos lésbicos. Vale ressaltar que o coletivo LGBT se trata de uma categoria política com tensões internas e externas e sujeitas a contínuas reconfigurações.

²⁰ Em sua plataforma de ação, a Declaração do Rio, no item “Diversidade sexual e de gênero e direitos sexuais”, diz que “Existe grande diversidade de orientações sexuais e identidades e relações de gênero entre homens e meninos. Em todo o mundo, padrões formais e informais de injustiça sexual, homofobia, exclusão social e opressão restringem o acesso aos direitos humanos, saúde, segurança pessoal, assim como o reconhecimento e a afirmação das relações íntimas de homens e meninos, mulheres e meninas. Em muitos contextos, as construções de masculinidade são baseadas em uma hostilidade implacável a comportamentos sexuais de gênero que contradizem as normas patriarcais dominantes, além de serem fiscalizadas por padrões de violência heterossexual. A programação de políticas para envolver homens e meninos deve reconhecer e afirmar as diversidades sexuais de homens e mulheres, meninas e meninos, e apoiar os direitos, bem estar e prazer sexual de homens de todas as sexualidades.” No item “Violência entre homens”, a Declaração chama atenção para o tema da homofobia. “É preciso analisar as diferentes formas de violência entre homens e meninos que incluem conflitos armados, violência de gangues, *bullying* e crimes homofóbicos. A desigualdade também está no cerne destas manifestações de violência, tomada de riscos e na busca de domínio sobre outros homens. As experiências dos homens com situações de violência têm efeitos devastadores sobre todos nós e criam ciclos de

Essa trajetória profissional, ativista e acadêmica, terminou por brindar-me com a oportunidade de construir um projeto de pesquisa que articula os temas da homofobia e da masculinidade. Atualmente, o Brasil assiste a um intenso debate sobre o tema da homofobia, envolvendo ativistas, formuladores de políticas públicas, acadêmicos e a sociedade como um todo. Ainda que persistam críticas teóricas ao uso do termo homofobia, ele vem sendo usado pela militância LGBT em todo o mundo para nomear as discriminações, violências e restrições de direitos civis a que esse coletivo está exposto. No entanto, a homofobia não se restringe ao domínio da sexualidade, mas está fortemente ancorada nas questões de gênero e traz implicações para a construção das masculinidades heterossexual e homossexual.

Dessa maneira, essa pesquisa se orienta pela relação entre esses dois fenômenos – a masculinidade e a homofobia – e apóia-se nos estudos sobre homens e masculinidades a partir de um referencial de gênero. O trabalho de campo voltou-se para a análise dos regimes de amizade e convivência entre homens heterossexuais e homens gays²¹.

A amizade é comumente compreendida como uma relação social que envolve livre escolha, formação de vínculos de afeto, intimidade, confiança e reciprocidade, e que tem por premissa a igualdade entre os envolvidos. Objeto de interesse cada vez mais frequente no campo das ciências humanas e sociais, os regimes de amizade estão sujeitos a um conjunto de constrangimentos sociais que interferem na forma como os envolvidos lidam com essa relação. Marcadores sociais como gênero, classe social, geração, orientação sexual, entre outros, influenciam sobremaneira a produção e a manutenção das relações de amizade (Rezende, 2002b).

Historicamente, como mostram alguns autores (Vincent-Buffault, 1996, Ortega, 2002), a camaradagem e a amizade masculina eram baseadas em atividades realizadas conjuntamente que aconteciam na arena pública, em oposição às amizades femininas que eram confinadas ao espaço

violência.” Para acesso ao documento integral, visite <<http://www.promundo.org.br/en/wp-content/uploads/2010/08/declaracao-rio-portugues-para-PDF.pdf>>. Acessado em 04/03/2011.

²¹ O termo gay é usado indiscriminadamente ao longo do texto como sinônimo para homossexual masculino. Optou-se por seu uso por ser a palavra que vem sendo apresentada de forma corriqueira e coloquial pela mídia e utilizada na sociedade de maneira geral ao referir-se a pessoas homossexuais. Além disso, é o termo que vem sendo empregado pelo movimento social LGBT para referir-se aos homens homossexuais. Em contextos em que o termo gay se apresente de forma diferenciada, far-se-á uma menção explícita. De igual maneira, o uso do termo “homem gay” também não acontece por mera casualidade. Esse termo pretende reforçar a ideia de que homens homossexuais, ainda que com orientação sexual distinta do mandato social heteronormativo, são submetidos a um regime de socialização em que o ideal da masculinidade hegemônica se faz presente, servindo como referência para a construção da suas próprias masculinidades. Em outras palavras, o peso social que a categoria homossexualidade possui não implica um desaparecimento completo dos privilégios e distinções sociais inerentes à condição masculina, conforme apontado por Connell (1992).

do privado. De maneira geral, as relações de amizade na contemporaneidade acontecem dentro de um campo de possibilidades²², em que contextos específicos de convivência como a escola, o trabalho, a vizinhança favorecem a formação desses vínculos e os qualificam (os amigos “do trabalho”, “da escola”, “do bairro” etc.).

Portanto, os regimes de amizade entre homens heterossexuais e homens gays constituem relações sociais complexas em que as diferenças de orientação sexual, estilos de vida e dinâmicas das relações de gênero aparecem como problematizadoras do próprio sentido do masculino e das noções de intimidade, igualdade e reciprocidade, tão caras às relações de amizade como apontado por diferentes autores (Price, 1999, Fee, 2000, Nardi, 2004). Espera-se que o regime de amizade entre homens de orientações sexuais distintas possa ser extremamente revelador do papel que a homofobia desempenha nessa relação, assim como da produção de outros sentidos sobre o masculino.

Um bom exemplo para essa relação peculiar de amizade está presente na obra de Senel Paz, autor cubano, que fornece um inquietante relato sobre o relacionamento de dois homens, um gay e outro heterossexual, e que foi inspirador para esse trabalho. Sua obra “El lobo, el bosque y el hombre nuevo”²³, de 1991, relata o encontro entre o jovem David, da União de Jovens Comunistas, heterossexual, revolucionário e ateu (conforme descrição do próprio personagem), e Diego, homossexual, contra-revolucionário e religioso. Carlos Monsiváis, na apresentação do livro, diz que essa amizade coloca David “en la encrucijada: entre el afecto genuino y la homofobia, entre las convicciones militantes y el recelo ante los gastados símbolos del futuro. David le deberá a Diego otros puntos de vista sobre la normalidad, el gozo del arte, la comprensión del comportamiento ajeno”²⁴ (Paz, 1991).

Os dois se conhecem em uma sorveteria na cidade de Havana. Diego se apresenta a David, trazendo em suas mãos um sorvete de morango. David numa primeira olhada já suspeita que o sujeito a sua frente seja homossexual: vestuário, trejeitos e, além de tudo, traz nas mãos um sorvete de morango. “Por que um homem quereria um sorvete de morango, se havia o de

²² A noção de campo de possibilidades está presente no trabalho de Gilberto Velho (1997).

²³ Essa história foi levada ao cinema, tendo o próprio Senel Paz como roteirista. No Brasil, o filme ganhou o título de “Morango e Chocolate”. Seu título original é “Fresa y Chocolate” (1994).

²⁴ Tradução livre: “na encruzilhada: entre o afeto genuíno e a homofobia, entre as convicções militantes e a desconfiança diante dos símbolos desgastados do futuro. David ficará devendo a Diego outros pontos de vista sobre a normalidade, o desfrute da arte, a compreensão do comportamento alheio.”

chocolate, mais apropriado para homens?”, pensa David. Esse encontro perturba David por conta da agudeza e inteligência de Diego.

A amizade entre eles se constrói em um plano de sentimentos contraditórios, (re)avaliações de suas certezas, e um processo de construção/desconstrução de premissas sobre como um homem deve ser, como deve atuar nas relações interpessoais afetivas. Os contextos social, político e ideológico vigentes, ajudam a moldá-los, como diz Diego, em dois personagens: um “maricón” e um “homem” (heterossexual), representantes dessa cultura local.

Inicialmente, David, zeloso de sua “hombria”, não se permite ser visto acompanhado por um homossexual, trazendo consigo muitos estereótipos que o impedem de ter uma convivência mais próxima e pública com Diego. Os encontros sempre acontecem em espaços privados, evitando-se tornar essa relação conhecida por todos. Há uma tensão constante referente à situação política e, ao mesmo tempo, esse território clandestino se mostra como um espaço de segurança e de manutenção de um status masculino do qual David não quer abrir mão nesse momento.

A história de amizade entre David e Diego se apóia em três planos. O primeiro trata da ideologia homofóbica instituída pelo regime político em que os homossexuais não seriam confiáveis e seriam menos patriotas e menos afinados com os ideais da revolução do que os demais revolucionários heterossexuais. Sob o marco dessa desconfiança, se instala a resistência inicial de David em manter uma relação de amizade com Diego. Em relação a esse aspecto, vale destacar a entrevista que o líder cubano Fidel Castro deu ao jornal mexicano “La Jornada”, em 2010. Nessa entrevista, Fidel faz uma *mea culpa* em relação à perseguição que vários homossexuais sofreram durante os primeiros anos pós-revolução²⁵. Dizendo-se ele próprio, não preconceituoso em relação aos homossexuais, admitiu que nada fez para frear a onda discriminatória e persecutória em relação a esse grupo de pessoas. Em suas palavras:

–Sí –recuerda–, fueron momentos de una gran injusticia, ¡una gran injusticia! – repite enfático–, la haya hecho quien sea. Si la hicimos nosotros, nosotros... Estoy tratando de delimitar mi responsabilidad en todo eso porque, desde luego, personalmente, yo no tengo ese tipo de prejuicios²⁶. (Saade, La Jornada, 2010:25).

²⁵ Para a entrevista completa, conferir

<<http://www.jornada.unam.mx/2010/08/31/index.php?section=mundo&article=026e1mun>>. Acessado em 01/03/2011.

²⁶ Tradução livre: “Sim (lembrando), foram momentos de grande injustiça, uma grande injustiça (repetindo com ênfase), não importa quem tenha feito. Se fomos nós que fizemos, injustiça nossa... Estou tratando de delimitar minha responsabilidade nisso tudo, porque, obviamente e pessoalmente, não tenho este tipo de preconceitos.” (La Jornada, 2010:25).

O segundo plano se refere às percepções que os personagens têm acerca da masculinidade, sobretudo David. Que tipo de relação, com quem, que atividades podem ser realizadas em conjunto sem macular ou por em suspeição sua heterossexualidade, e, por conseguinte, sua masculinidade.

E, por fim, está em jogo a possibilidade de ressignificação, por parte de David, das diferenças entre ele e Diego. Diferenças essas que vão para além da questão da sexualidade, mas que se revelam de maneira contundente no plano das desigualdades de tratamento social que recebem e nas possibilidades de vida futura naquele contexto político. A partir da convivência, da desconstrução de estereótipos, da possibilidade de não ter mais medo das palavras como aponta Diego, há a oportunidade, por meio da amizade entre eles, de um processo de aprendizagem transformador para ambos. Portanto, refletir sobre as relações de amizade e de convívio entre homens heterossexuais e gays pode ser extremamente revelador das dinâmicas de gênero da masculinidade.

As epígrafes apresentadas no início de cada capítulo, em um total de cinco, mostram os pensamentos de Diego e David acerca das vivências da masculinidade, homossexualidade e amizade e, de certa forma, orientam a discussão ora apresentada. O primeiro capítulo apresenta a construção do problema de pesquisa, a escolha da metodologia de pesquisa e faz uma apresentação do trabalho de campo e do perfil sociológico dos participantes.

O segundo capítulo apresenta o marco teórico sobre o qual a análise se apóia: um panorama sobre aspectos da literatura sobre homens e masculinidades, a partir de um referencial teórico dos estudos de gênero sobre masculinidades; e, de maneira análoga, apresenta uma discussão sobre as diferentes compreensões e usos do termo homofobia como um conceito “em meio a disputas”²⁷ e suas relações com a masculinidade.

O terceiro capítulo traz uma reflexão sobre várias dimensões da construção do masculino: o trânsito entre o espaço público e privado, o aprendizado da sexualidade, a paternidade e as dinâmicas das relações de gênero.

O quarto capítulo analisa as noções de amigo e de amizade e faz o mapeamento do campo de possibilidades que serve como pano de fundo para o estabelecimento dos regimes de amizade entre homens homo e heterossexuais assim como as tensões presentes nesse convívio.

²⁷ Junqueira (2007).

O quinto capítulo apresenta a relação de amizade entre homens heterossexuais e homens gays, seus dilemas e as “possíveis” (res)significações sobre a masculinidade. E, por fim, à guisa de conclusão, desenvolvo alguns pontos para discussão futura.

1 CONSTRUINDO A PESQUISA: PERGUNTAS CENTRAIS, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, TRABALHO DE CAMPO E PERFIL DOS PARTICIPANTES

*¿Quieres saber por qué me gusta hablar contigo?
Corazonadas. Creo que nos vamos a entender, aunque seamos diferentes.
[Diego]*

Essa tese discute a relação entre dois fenômenos sociais a partir dos contextos de amizade masculina: a construção da masculinidade e a produção da homofobia. Consideramos que ambos são construtos sociais e que se encontram inseridos em contextos culturais, políticos, econômicos e ideológicos diversos, e que se apresentam segundo dimensões subjetivas e sociais²⁸.

Alinhado com os estudos sobre homens e masculinidades a partir de um referencial relacional de gênero, partimos da premissa de que a homofobia é um dos pilares de construção da masculinidade heterossexual. A homofobia, conforme veremos mais adiante, foi incorporada pelo movimento LGBT e paulatinamente tem se tornado objeto de interesse da academia. Para efeitos desse trabalho, o termo homofobia se apresenta de duas maneiras distintas e complementares: (1) como um preconceito que tem por base a orientação sexual e/ou a identidade de gênero, engendrando discriminações e violências; e (2) um dispositivo de patrulhamento e engessamento das relações entre os homens que tem por base a refutação de qualquer traço que coloque sob suspeição a heterossexualidade e, por consequência, a masculinidade. Nesse sentido, a homofobia não diz respeito somente às pessoas LGBT (como vítimas preferenciais de atos de discriminação e violência baseada em preconceito), mas se trata de um aspecto importante na construção das masculinidades heterossexual e homossexual conforme apontam diferentes autores²⁹.

A amizade entre homens heterossexuais e homens gays parece ser uma relação social privilegiada para a compreensão das dinâmicas de gênero e dos sentidos que o masculino assume para homens heterossexuais (Price, 1999, Nardi, 2004) e tem sido paulatinamente incorporada na agenda de pesquisa das ciências humanas e sociais, abarcando diferentes saberes como a

²⁸ Para aprofundamento sobre esses temas, cf. Connell (1995, 2000), Kimmel (1997, 2005), Kimmel & Mahler (2003), Herek (2004), Junqueira (2007, 2009), Murray (2009), Borrillo (2010).

²⁹ Dentre os mais importantes destaco Connell (1995, 2000), Kimmel (1997, 2003, 2005), Welzer-Lang (2001), Herek (2004), Eribon (2008), Murray (2009) e Borrillo (2010).

antropologia das emoções (Rezende, 2002b, Rezende & Coelho, 2010), a filosofia (Ortega, 2002), a psicologia (Way, 2011) e a história (Vincent-Buffault, 1996).

De maneira análoga, os estudos sobre masculinidades têm desenvolvido pesquisas empíricas sobre as relações de amizade entre homens³⁰. Alguns autores já mencionados anteriormente, como Price (1999), Nardi (1992, 2004) e Fee (2000) têm se dedicado a estudar as relações de amizade entre homens heterossexuais e homens gays, analisando a maneira pela qual a ideologia de gênero e a noção de masculinidade afetam a produção e a manutenção desses vínculos³¹.

Dessa maneira, a presente pesquisa pretende compreender a “masculinidade dos homens”, a partir das experiências de homens heterossexuais que mantêm regimes de amizade com homens gays. As perguntas que norteiam são as seguintes:

- 1) Se a homofobia – entendida como preconceito e discriminação contra pessoas LGBT e como um dispositivo de patrulhamento das relações entre homens – é um dos pilares da construção da masculinidade heterossexual, o que as relações de amizade no contexto de orientações sexuais distintas nos dizem sobre os sentidos do masculino?
- 2) Que percepções sobre masculinidade, homossexualidade masculina e homofobia esses homens possuem? De alguma maneira, estaríamos diante de homens não homofóbicos? Se não, então como a homofobia se expressa nessas relações?
- 3) Que dilemas e tensões estão presentes nesses regimes de amizade que podem nos ajudar na compreensão das dinâmicas de gênero da masculinidade?

Por se tratar de um estudo que busca compreender os sentidos de masculinidade, optou-se por uma metodologia de pesquisa de natureza qualitativa que permite identificar, a partir das narrativas dos informantes, as nuances de seu pensamento a respeito do objeto investigado (Becker, 1994, Köche, 1997, Goldenberg, 1999).

Além disso, pretende-se estabelecer um diálogo privilegiado entre os resultados encontrados com duas pesquisas brasileiras recentes, de natureza quantitativa (tipo *survey*), sobre

³⁰ Os trabalhos de Connell (1992, 2000), Price (1999), Vale de Almeida (2000), Fee (2000), Ribeiro (2003), Nardi (1992, 2004) e Way (2011) são alguns exemplos desses estudos.

³¹ Cabe ressaltar que a bibliografia brasileira sobre o tema da amizade é escassa. Especificamente sobre amizade entre homens de orientações sexuais distintas, os poucos estudos encontrados são resultados de produção acadêmica norte-americana.

convivência, preconceito e discriminação contra pessoas LGBT. Em 2008, a Fundação Perseu Abramo (FPA), com apoio da Rosa de Luxemburgo Stiftung, realizou o estudo intitulado “Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil”. Trata-se de uma pesquisa de alcance nacional sobre preconceito, discriminação e vitimização envolvendo gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, com uma amostra probabilística, que entrevistou 2014 indivíduos, com idade acima de 15 anos, todas as classes sociais e dispersos em 150 municípios do país.

Já o *survey* realizado pelo Instituto Promundo e pelo ICRW (International Center for Research on Women), em 2009, buscou perceber as dinâmicas presentes nas relações de gênero e a percepção dos homens sobre várias questões relacionadas à equidade de gênero. A pesquisa intitulada “IMAGES – International Men and Gender Equality Survey” contou com a participação dos seguintes países, além do Brasil: África do Sul, Chile, Croácia, Índia, México e Ruanda. No caso do Brasil, o estudo foi conduzido pelo próprio Promundo e realizado com homens de camadas popular e média (N = 750), entre 18 e 59 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, segundo uma amostra de conveniência.

Ambas, por sua representatividade, permitem construir um pano de fundo para a presente investigação, mostrando o que a sociedade brasileira pensa sobre esses temas. No primeiro caso, usaremos as análises de Carrara & Lacerda (2011) sobre os dados da pesquisa da FPA. No segundo caso, os dados disponibilizados no relatório de pesquisa do Instituto Promundo e do ICRW (Barker *et al*, 2011).

Com intuito de circunscrever o escopo do trabalho, restringiu-se o foco de atenção levando em consideração dois importantes marcadores sociais. O primeiro está relacionado com a faixa etária dos informantes. Pesquisas como a da UNESCO (Abramovay, Castro & Silva, 2004), GRAVAD (Heilborn *et al*, 2006) e da Fundação Perseu Abramo (Venturi & Bokany, 2011) mostraram que os homens mais jovens tendem a ter posições mais conservadoras em relação à homossexualidade masculina. Uma das possíveis razões é que se trata de uma faixa etária em que a afirmação da identidade masculina se encontra sob uma intensa pressão social, com forte ênfase na apresentação de discursos e práticas que valorizem a virilidade e a heterossexualidade, afiançando sua masculinidade (Carrara & Lacerda, 2011). Por essa razão, elegeu-se a faixa etária entre 25 e 49 anos de idade que corresponde à idade adulta e que, de acordo com as pesquisas mencionadas, mostram maior amplitude nas opiniões e atitudes acerca da homossexualidade.

Outro marcador importante para o presente trabalho é o de classe social. Ainda que seja um marcador fluido e não atenda somente a critérios de renda econômica, optamos por focar nossa atenção em homens de segmentos de camada média que, de acordo com estudos sócio-antropológicos, apresentam predisposição para relações mais igualitárias devido ao seu maior grau de escolaridade e acesso a informações, incluindo a adesão mais pronunciada a teorias psicológicas e psicanalíticas, com valorização de relações de intimidade e de amizade (Velho, 1986, 1997, Heilborn, 2004, Salem, 2007).

Foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturada que abarcava três dimensões da experiência social dos entrevistados. A primeira buscava compreender, a partir da história de vida do entrevistado, como foi o seu processo de socialização, quais eram os valores de sua família de origem, como foi o aprendizado da sexualidade, quais eram a dinâmica das relações de gênero, envolvendo a divisão sexual do trabalho e o cuidado dos filhos/as. Essas informações são relevantes para entender o grau de adesão às convenções sociais de gênero no tocante à masculinidade.

A segunda dimensão tratava de dois tópicos relacionados. O primeiro dizia respeito à noção de amizade, quem poderia ser considerado como amigo e quais eram as diferenças nas relações de amizade com homens e mulheres. O segundo tópico tratava especificamente da convivência com pessoas não heterossexuais e com o “mundo gay”. Era importante compreender a história da amizade e a dinâmica de relacionamento com o amigo gay, as possíveis tensões, dilemas e ressignificações sobre masculinidade, homossexualidade e homofobia, envolvidos nessa relação.

E por fim, a terceira dimensão, explorava-se as opiniões sobre pontos relacionados à agenda política do movimento LGBT como a Parada do Orgulho Gay, a criminalização da homofobia, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e adoção de crianças com vistas a verificar qual o grau de familiaridade e adesão a essas causas (ver Anexo I).

Com o objeto de pesquisa e a metodologia de pesquisa definidos, partimos para o trabalho de campo que, como em outros casos, foi recheado de surpresas e de dilemas que se apresentam durante o percurso. Por isso, não se trata de um caminho linear. Ao contrário, enseja inúmeros pontos que alimentam as reflexões, colocam desafios e testam nossas escolhas. Parece que somente ao final do processo é que estaríamos prontos para começá-lo (mas aí seria outro campo, outra pesquisa, outra história).

1.1 Construindo a pesquisa

A idéia inicial era buscar informantes por meio da minha própria rede social de amigos/as, conhecidos/as. Contatava homens gays de camadas médias e perguntava se eles tinham algum amigo heterossexual que se dispusesse a conceder uma entrevista para o trabalho de pesquisa. As reações iniciais foram bastante interessantes. O primeiro contatado me disse “Claro que não! São dois mundos [mundo gay e mundo hétero] que não se tocam”. Outro, no entanto, me disse: “Claro que sim, não gosto de guetos!”. Eram duas opiniões totalmente diferentes e que me intrigavam. Será que são dois mundos que realmente não se tocam? Parecia-me pouco provável que não houvesse interação entre esses dois universos, ainda que esperasse por peculiaridades nesse convívio de masculinidades “heterossexuais” e “homossexuais”.

Outra reação interessante foi o questionamento da ideia de heterossexualidade. Um dos homens gays com quem conversei me disse “Mas só pode ser homem hétero que transa com mulher?” Quando eu perguntei o que ele queria dizer com isso, afirmou que tinha alguns amigos que se apresentavam como heterossexuais, mas que já haviam mantido relações sexuais com outros homens. Sua preocupação era se esses homens se enquadrariam no conjunto de informantes para a pesquisa. Respondi-lhe que sim, por que, se sua apresentação social era como heterossexual, não caberia a mim, negá-la.

Essas duas reações iniciais já apontavam claramente para o fato de que a chegada aos entrevistados não seria um caminho muito fácil e/ou óbvio. Havia ainda outra dificuldade que dizia respeito à categoria “amigo”. Alguns homens gays disseram que tinham amigos heterossexuais, referindo-se aos parceiros de suas amigas heterossexuais. A relação entre esses homens era mediada por uma conexão feminina sem que houvesse necessariamente um vínculo de amizade entre eles independente delas. Tratava-se de uma relação de convivência enquanto perdurasse o relacionamento afetivo da amiga.

Fazer uma definição prévia do conceito de amizade foi um desafio necessário. A idéia inicial era de que houvesse algum tipo de convivência e compartilhamento de intimidades nessa relação. O termo “amigo” é muito vago, principalmente no contexto carioca. É parte da cultura local, chamar qualquer pessoa de amigo – o “amigo da academia”, “da praia”, “do bar”, “do vôlei” etc. Dessa maneira, buscava encontrar o que os contatos apresentavam como “amigo

amigo”, “amigão”, “amigo quase irmão” ou “amigo de fé”, categorias que surgiam nas conversas com os homens gays.

Outro critério importante para a seleção do entrevistado era que a orientação sexual do homem gay fosse conhecida pelo heterossexual. Todas as entrevistas seriam realizadas pessoalmente, em local escolhido pelo entrevistado e haveria total sigilo quanto a sua identidade.

Com esses critérios estabelecidos, recebi 25 indicações entre homens gays no Rio de Janeiro, em São Paulo e Brasília. Por restrições financeiras, optei por concentrar os esforços nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Os contatos iniciais eram realizados por correio eletrônico ou por telefone. Agendávamos local e horário para a realização da entrevista. Foram realizadas 14 entrevistas³² (12 entrevistas no Rio de Janeiro e duas em São Paulo), gravadas com autorização prévia do entrevistado, resultando em um total de 22 horas de gravação.

Um dos meus temores/fantasia iniciais era a possibilidade dos entrevistados apresentarem relatos que poderiam ser rotulados como um “discurso politicamente correto” para não parecerem “preconceituosos”, “machistas” ou “homofóbicos”. Ainda que inicialmente parecesse haver essa preocupação, ela se dirimia na medida em que a nossa conversa avançava. Relatos de “sacanagens” entre os amigos, episódios de “*coming out*” dos amigos gays, momentos difíceis como término de relacionamentos afetivos foram compartilhados ao longo da trajetória de amizade.

Na sua maioria, eles haviam sido indicados por amigos e conhecidos em comum. Poucos foram indicados por amigos de amigos a quem eu não tinha acesso prévio e conhecimento algum. Apenas dois deles fazem parte de meu círculo de conhecidos por razões profissionais. As entrevistas aconteceram em local escolhido pelo informante (sua residência, local de trabalho ou em locais públicos como café). Para aquelas que aconteceram em suas residências, tive a oportunidade de conversar com suas companheiras durante um café após o término da entrevista. Foi o caso de Douglas³³, em São Paulo e de Rui, no Rio de Janeiro. Em ambas as situações, ficamos conversando cerca de uma hora após o término da entrevista. No caso de Douglas, ele e sua companheira estavam “grávidos” na época da entrevista e a conversa versou sobre os desafios de educar um filho em um mundo preconceituoso contra pessoas LGBT, incluindo alguns membros de suas famílias de origem, sem torná-lo “homofóbico”. Sua companheira tem

³² Os demais indicados não se dispuseram a conceder a entrevista por variadas razões: falta de tempo, mudança de cidade e/ou país, entre outros. Alguns não responderam aos contatos realizados.

³³ Os nomes são fictícios com intuito de manter o sigilo sobre suas identidades.

uma vasta rede de amigos gays e amigas lésbicas, o que foi uma novidade para ele que vinha de uma cidade pequena do litoral paulista.

Rui foi indicado pelo seu padrinho de casamento. Ele e sua companheira não têm filhos e frequentam assiduamente boates em companhia de amigos gays e lésbicas. Apesar de se dizer não assediado pelos gays, a companheira de Rui refutava, dizendo: “você acha que é para mim que eles estão olhando?”. Essas conversas foram interessantes para aprofundar alguns dos assuntos abordados anteriormente e de uma maneira mais descontraída (e sem gravação).

As entrevistas foram realizadas entre março de 2010 e fevereiro de 2011, e as primeiras foram, particularmente, surpreendentes. Beto foi meu primeiro entrevistado. Tem 37 anos, é advogado e tinha sido indicado por um conhecido em comum. Marcamos a entrevista em seu escritório no centro da cidade. Ele é um homem de poucas palavras e para usar sua autodescrição, “um cara difícil, radical, às vezes prepotente”. Foi denunciado à justiça por violência contra a mulher, reconheceu a única filha por decisão judicial após exame de DNA, na juventude envolvido com a “galera do surf” participou em um episódio de agressão física contra um rapaz homossexual na praia. Perfil muito distante do que imaginava encontrar como “homem heterossexual amigo de um homem gay”.

Em contraposição a essa entrevista, o encontro com Miguel aconteceu na semana seguinte em sua casa na zona sul do Rio de Janeiro. Miguel é jornalista, tem 39 anos e me recebeu muito sorridente e feliz com a notícia de que seria pai de um menino. Muito brincalhão e falastrão, logo no início me contou que sua mãe era “da vida”, casou com seu pai e tiveram cinco filhos. Depois da morte de seu pai, ele e o irmão menor foram morar com o padrinho, um “médico respeitado” e casado com outro homem por mais de 40 anos. Ou seja, Miguel foi o único dos entrevistados que conviveu em uma família homoparental.

Entre essas duas experiências díspares – do “ataque homofóbico” à “família homoparental” – me parecia que as demais histórias se situariam num gradiente de maior ou menor grau de intimidade e convivência entre esses dois universos “homo” e “heterossexual”.

Após a realização de cada entrevista, tomava notas do que considerava relevante nesse encontro como impressões sobre o entrevistado e a entrevista. Esse caderno de campo me ajudou na releitura das entrevistas dado o arsenal de sinais não verbais, silêncios, alteração de voz e tons de brincadeiras ocorridos durante o tempo em que estivemos juntos. Todos assinaram um

documento de consentimento livre e esclarecido conforme preconizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

No que diz respeito à análise, as entrevistas foram transcritas e, em um primeiro momento, analisadas em separado. De cada entrevista emergiram categorias que interessavam ao escopo da pesquisa. Em um segundo momento, foi realizada uma análise do conjunto de entrevistas. Foi então possível explorar os pontos comuns e as singularidades de opiniões, valores e crenças dos entrevistados. Ainda que as falas de todos os homens não sejam apresentadas no texto, todas elas foram levadas em consideração durante o processo de análise.

Parafraseando Velho (1986), o trabalho de autoria do texto nos deixa na posição de demiurgo³⁴, em que as falas são agrupadas, cortadas, sintetizadas segundo o interesse do autor, baseado em critérios próprios. Nesse caso, a ênfase do texto recai sobre a produção de sentidos sobre o masculino, considerada fruto de um intenso e complexo jogo de relações entre as convenções sociais de gênero que marcam a masculinidade como um projeto de distinção social (Vale de Almeida, 2000), as singularidades das experiências masculinas aqui retratadas e o mundo que os cerca. Nesse sentido, a análise busca descrever as experiências desses homens circunscritas ao tema de interesse da pesquisa e dialogar com a literatura sobre masculinidade, homofobia e amizade, dando voz às “masculinidades dos homens” em cada capítulo pertinente.

1.2 Perfil dos entrevistados

O grupo de homens aqui apresentado mostra as vozes de homens brancos, heterossexuais e de segmentos médios da sociedade brasileira que, em alguma medida, correspondem ao ideal de masculinidade hegemônica, no sentido dado por Connell (1995, 2000).

Ainda que com suas respectivas singularidades, suas experiências masculinas são bastante próximas. Todos são oriundos de famílias nucleares tradicionais, compostas por pai, mãe e irmãos (apenas um dos entrevistados era filho único). Em alguns casos apresentam histórias de ruptura do casamento dos pais. Isso faz com que sejam confrontados com inúmeras dificuldades financeiras e com narrativas de mães provedoras e de ausência paterna. Essa

³⁴ Demiurgo é uma criatura intermediária entre a natureza divina e humana.

ausência se revela tanto pelo distanciamento físico como afetivo. Somente um dos homens entrevistados teve a experiência singular de ter sido criado por uma família homoparental (composta por dois homens). As vivências positivas e/ou negativas como filho, lhes trazem uma série de marcas e influenciam sobremaneira em seus projetos pessoais de paternidade (que oscila entre a decisão de ter ou não filhos até que tipo de pai eles querem ser).

Há quatro entrevistados que possuem uma história pessoal ou familiar de migração para grandes centros urbanos. Oriundos de localidades de pequeno e médio porte em outros estados e regiões do país, eles formularam um “projeto de vida”³⁵ de mudar-se para uma cidade grande em busca de novos horizontes pessoais, educacionais e/ou profissionais. Esse fato marca um estranhamento do modo de vida da cidade grande (veloz e impessoal segundo alguns deles) e a busca por estabelecer uma rede de relações que os provesse de um sentimento de pertencimento.

Cesar é um desses “homens migrantes”: tem 44 anos e desde os 21 vive em São Paulo. É oriundo de uma cidade do interior de Minas Gerais mudou-se para São Paulo com a mãe, a irmã e outro irmão, deficiente visual. São Paulo representava para ele e seus irmãos a oportunidade de abrir novas frentes pessoais e profissionais. Segundo ele, o processo de adaptação foi difícil, mas entre “idas e vindas” conseguiu se estabelecer na cidade:

“Eu vim [para São Paulo] em 85, com 19 anos. **Fiquei dois meses fazendo cursinho [pré vestibular], saí correndo, desesperadamente...** ‘Não, eu não vou morar em São Paulo. Isso aqui é uma loucura!’. Aí fui morar em Ouro Preto por um ano, comecei a Faculdade de História lá... E é engraçado que eu tava em Ouro Preto e ficava comprando a Folha de São Paulo. **Então ficava vendo cinema, teatro, show, festas, bochicho...** “o que é que eu tô fazendo aqui? Saí do interior pra ir pro interior de novo?”. Grande coisa, né? Aí eu vim de vez para estudar Psicologia.” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

Ivan é o entrevistado mais jovem. Tem 25 anos e foi criado em uma cidade do interior fluminense. Está no Rio de Janeiro há mais ou menos dois anos, ainda em “processo de adaptação”. Veio para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades profissionais. Como ele mesmo diz:

“Eu brinco que ainda tô me adaptando ao Rio. **É outra velocidade, é outro tempo...** A **impessoalidade** é uma coisa que... me impactou bastante. No interior todo mundo se conhece, todo mundo conversa.... Ou mesmo que não se conheça, conversa, independente... Aqui no Rio ninguém conversa muito bem. Todo mundo tem um pouco de medo de... travar uma conversa mais pessoal. Acho que essas foram as maiores diferenças que eu senti.” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Se para alguns homens, ter freqüentado uma universidade representa uma continuidade da trajetória familiar (com pai e mãe profissionais liberais), para outros, eles são a primeira

³⁵ Nos moldes sugeridos por Velho (1997).

geração de sua família a concluir um curso superior. Essa formação acadêmica é valorizada como um “passaporte” para um futuro melhor e uma forma de ascensão social. Há um leque de formações profissionais que passa pela administração, direito, economia e informática até artes cênicas, ciências sociais, jornalismo e psicologia. Alguns deles são oriundos de famílias com tradição de participação política em suas cidades de origem (pai e avô foram secretários municipais em algum momento de sua trajetória profissional).

Os residentes no Rio de Janeiro moram em bairros de classe média da cidade, entre o centro, zona norte, sul e região metropolitana. Os entrevistados de São Paulo também vivem em bairros de classe média paulistana.

Os arranjos afetivos variam bastante. Os mais jovens são solteiros, com e sem relação fixa e moram com os pais e/ou parentes próximos. Entre os mais velhos, há aqueles que são casados há mais de 15 anos e têm filhos e outros que estão separados tendo passado por pelo menos dois casamentos. Três homens estão “grávidos” do seu primeiro filho³⁶.

De maneira geral, apresentam-se como homens que “ajudam” nas tarefas domésticas, mas não necessariamente a reconhecem como sendo atividades suas. Em relação à paternidade, parecem ser bastante participativos na criação e educação dos filhos (quando é o caso). Para aqueles que serão pais pela primeira vez, há uma grande expectativa e entusiasmo pelo nascimento do filho e um conjunto de idéias sobre como querem exercer essa paternidade. Para os pais que são separados, os arranjos são diversos: desde o compartilhamento da guarda do filho, passando pelo reconhecimento pessoal de sua ausência como pai, até ser pai-provedor para atender a uma decisão judicial.

Eles não se apresentam como pessoas vinculadas a alguma religião específica. Todos tiveram algum tipo de educação religiosa, entre o catolicismo, judaísmo e espiritismo, mas atualmente não se consideram praticantes dessas religiões. Suas famílias de origem demonstram oscilar entre valores mais “tradicionais” e valores que podem ser considerados “liberais”. Para aqueles que ainda vivem com a sua família de origem (pai, mãe e irmãos), há uma cumplicidade para o exercício da sexualidade (como trazer namoradas e/ou parceiras eventuais para dormir em

³⁶ O uso do termo grávido surgiu no discurso dos próprios homens. Segundo Salem (2007:21), a noção do “casal grávido” denota o intuito de casais de lidarem com a gestação e o parto, bem como a maternidade e a paternidade, de forma distinta da ‘tradicional’ (...). Prescreve-se o envolvimento masculino em assuntos e domínios geralmente reservados à mulher (...). É prevista a incorporação do homem já na gravidez e no parto.”

casa). Contudo, isso se apresenta de forma diferenciada para os filhos e filhas. Para as moças, por exemplo, essa oportunidade não é facultada.

Como a faixa etária é ampla (entre 25 e 49 anos), há diferenças geracionais que influenciam na formação de redes de sociabilidade, interesses e costumes. O esporte e a música são dois temas recorrentes e que ampliam de maneira significativa a rede social dos jovens, proporcionando um trânsito entre diferentes “tribos” (ciclistas, surfistas, roqueiros, *hip hop*, *funk*, entre outros) e favorecendo a convivência com pessoas não heterossexuais (principalmente no que diz respeito ao convívio entre músicos e pessoas que gostam de determinados tipos de música).

Alguns dos homens entrevistados possuem familiares homossexuais, mas a grande maioria somente vai conviver e estabelecer relações de proximidade, convivência e amizade com gays na juventude. Alguns, também nessa fase da vida, vão tomar conhecimento da homossexualidade de um amigo de infância/adolescência. Para os mais velhos, a universidade e o trabalho parecem ser os espaços privilegiados para a proximidade com pessoas homossexuais.

Interessava também conhecer qual o grau de apoio desses homens a causas do movimento LGBT que, de maneira direta ou indireta, influenciariam a vida de seus amigos gays. De modo geral, eles têm opiniões muito favoráveis em relação aos direitos da população LGBT como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a criminalização da homofobia. No entanto, ainda repousam dúvidas sobre o tema da adoção de filhos/as. A maioria deles crê que tanto casais de homens como de mulheres podem adotar crianças, submetendo-se aos mesmos processos que os casais heterossexuais. No entanto, outros acreditam que a sociedade ainda não está preparada para lidar com esse assunto e que as crianças seriam passíveis de estigmatização e sofreriam preconceitos por viverem em famílias homoparentais. Cabe ressaltar que nenhum de seus amigos gays possui filhos ou manifesta o desejo de adoção.

As Paradas do Orgulho LGBT são percebidas de forma bastante diversa. Apenas dois dos homens já foram assistir por “curiosidade”, mas não chegaram a participar. Alguns acreditam que esse tipo de evento reforça o estigma e o preconceito contra a população LGBT. Isso se pauta na ideia de que a Parada parece ser um espaço de “azaração”, de “pegação”, de festa dionisíaca e não um evento que reclame por demandas políticas e sociais. Alegam que comportamentos tidos como “bizarros” (no caso das travestis por conta das suas performances) e outros que são considerados como não apropriados e até agressivos como beijos “ousados” e

simulação de atos sexuais durante a Parada, ou ainda, o uso de espaços públicos para encontros sexuais após o término da Parada, chocam a população e a afasta de um possível apoio às causas LGBT.

A seguir, uma pequena nota biográfica sobre cada um dos entrevistados e suas histórias de convivência com pessoas homossexuais e amigos gays, ordenados por faixa etária.

Ivan, 25 anos. Ivan nasceu em uma cidade do interior fluminense, filho do meio de três irmãos homens. Depois do rompimento do casamento dos pais, a mãe de Ivan se torna a provedora da casa. O contato com o pai era muito raro e atribulado por conta de seus problemas com o álcool. Sua mãe tinha um restaurante, onde se realizavam apresentações de teatro. Havia um professor de teatro gay que freqüentava sua casa. Além disso, um amigo da sua mãe a quem considera como padrinho é gay (e soropositivo). Atualmente, vive com uma tia no Rio de Janeiro, trabalha como psicólogo no setor público de saúde e tenta a carreira de músico, na trilha de seu pai. É solteiro e não tem filhos.

Fabrizio, 27 anos. Fabrício mora em Niterói. É o filho caçula de uma família com cinco filhos (4 homens e uma mulher). Formado em Análise de Sistemas, começou há pouco tempo a trabalhar por conta própria na área de computação gráfica. Mora com os pais (mãe farmacêutica e pai engenheiro civil, ambos aposentados) e dois irmãos. O irmão mais velho e a irmã do meio são casados. Sua família é do interior fluminense e seu pai é descendente de japoneses. Relatou que devido à influência nipônica tiveram uma educação bastante tradicional. Namora há três anos e não tem filhos. Tem um grande círculo de amigos gays por conta de seu interesse por rock e por freqüentar boates GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Alguns deles são amigos de infância.

Flavio, 28 anos. Flavio mora em um bairro da zona sul carioca com seus pais (mãe professora e pai consultor na área de energia). Tem um único irmão mais velho que vive com a namorada. Formado em Informática, tem mestrado nessa área e trabalha nesse ramo com o irmão. É solteiro e não tem filhos. Tem um grande interesse por música e participou de uma banda de rock por 10 anos. Um dos seus companheiros da banda revelou-se gay há pouco tempo e é um de seus amigos mais próximos.

Douglas, 32 anos. Formado em economia, Douglas é o filho mais velho de três irmãos homens. O pai é engenheiro e a mãe psicóloga. Nascido e criado no litoral paulista, Douglas morou fora do país durante alguns anos e agora mora na cidade de São Paulo. Ele e sua esposa

estão juntos há 10 anos. Estão “grávidos” do primeiro filho. Tem uma forte ligação com esportes radicais. Devido à rede social da esposa, tem uma convivência estreita com amigos gays e amigas lésbicas. A madrinha de seu filho é uma mulher casada com outra mulher.

Fred, 33 anos. Único filho de um casal de classe média da zona norte carioca (o pai é médico e sua mãe é dona de casa). Casado há três anos com uma psicóloga, não tem filhos e sempre esteve envolvido com movimentos culturais e sociais. Formado em jornalismo, é DJ, e tem uma atuação em ONG há mais de 10 anos. Trabalhou para uma ONG feminista, circula por várias “tribos” e movimentos: *hip hop*, metaleiros, funkeiros, skatistas, disc-jóquei (DJ). Devido à música, tem contato com vários gays. Durante algum tempo foi DJ de festas freqüentadas majoritariamente por gays. Possui um grupo de amigos gays e amigas lésbicas.

Philipe, 33 anos. Philipe é jornalista, casado há cinco anos e está “grávido” do primeiro filho. É oriundo da Baixada Fluminense onde nasceu e foi criado. Trabalha no ramo de publicidade e mora em um bairro de classe média da zona norte do Rio de Janeiro. Atribui à faculdade de comunicação, o acesso a vários colegas e amigos gays. Um dos seus amigos da faculdade foi seu padrinho de casamento. Possui um grupo de amigos gays e amigas lésbicas.

Rui, 33 anos. Rui tem um relacionamento de 11 anos e está casado há dois. Não tem filhos. Oriundo do subúrbio carioca, atualmente mora em um bairro de classe média da zona norte da cidade. Filho de pai médico e mãe professora, Rui tem uma irmã adotiva, está terminando o curso de administração e trabalha na área de tecnologia da informação (TI). Um de seus melhores amigos (e padrinho de casamento) se revelou gay depois que já eram amigos. Sempre freqüentou lugares gays (boates) com sua companheira.

Beto, 37 anos. Advogado, morador da zona sul carioca. Mora sozinho e tem uma namorada há seis anos. Seu pai é engenheiro aposentado e a mãe era contadora e parou de trabalhar após o casamento. Filho mais velho, tem um irmão e uma irmã mais novos. Tem uma filha de 14 anos, registrada através de um processo judicial de reconhecimento de paternidade, com quem não mantém vínculo algum. Participou de vários grupos esportistas, como surfistas e motociclistas. É o único informante que relatou, quando jovem, envolvimento em um episódio de agressão a um homem gay. Teria feito parte de um grupo de 10 rapazes que xingou, bateu e roubou esse rapaz na praia de Ipanema. Seu amigo gay é um ex-cliente do escritório de advocacia.

Miguel, 39 anos. Casado, trabalha com jornalismo visual. Passou pela faculdade de direito e agora faz desenho industrial. Seu pai era advogado e sua mãe “do lar”. Segundo filho de uma família de três homens e uma mulher. Quando o pai morre, ele e um dos irmãos vão morar com o tio e padrinho que é gay e casado com outro homem há mais de 40 anos. Mora em um bairro de classe média da zona sul carioca e está “grávido” do primeiro filho (um menino). Segundo Miguel, por trabalhar com jornalismo ele sempre teve um grande convívio com homens gays. É o único entrevistado que teve a experiência de ser educado numa família homoparental.

Gilson, 42 anos. Formado em administração é sócio de uma corretora de seguros. Mora em um bairro de zona norte carioca. O pai era vendedor, migrante da região sul do Brasil, e a mãe do lar. Filho mais velho, tem um irmão e uma irmã. Casado, pai de dois garotos (11 e sete anos). Seu primeiro amigo gay foi um ex-colega de trabalho. Através desse amigo, ele conheceu um grupo de homens gays que faz parte de seu círculo atual de amigos.

Michel, 44 anos. Michel é administrador, separado e tem um filho de quatro anos. Possui a guarda compartilhada do filho e se considera um “paizão”. Mudou-se para perto da ex-companheira para ficar mais próximo do filho. Sua família é oriunda do sul do Brasil, e ele é o filho mais velho (possui duas irmãs). Seu pai era engenheiro e sua mãe funcionária pública. Por conta de serem filhos de pais separados, tiveram que se “virar” diante de toda a sorte de dificuldade financeira. Seu primeiro relacionamento de amizade com um homem gay foi com um ex-colega de trabalho. São amigos há quase 20 anos.

Samuca, 42 anos. Samuca é ator, diretor e produtor cultural. Oriundo do sul do país, foi casado durante 14 anos, atualmente está separado e tem uma filha de dois anos. Relata ser um pai muito presente, diferentemente do que foi com sua outra filha (agora com 22 anos), fruto de um relacionamento com uma ex-namorada da época. Seu pai era funcionário público e sua mãe, enfermeira. Mora no Rio de Janeiro há 12 anos e vive em um bairro do centro da cidade. Segundo ele, por conta de sua rede social ligada às artes, sempre conviveu com gays e lésbicas, e tem um círculo extenso de amigos homossexuais.

Cesar, 44 anos. Cesar é psicólogo, nascido no interior de Minas Gerais. Vive em São Paulo há mais de 20 anos. Casado com uma professora de inglês, pai de duas meninas (uma com 14 e outra com sete), é filho de pais separados e tem um irmão e uma irmã. Sua mãe era funcionária pública aposentada. Ele trabalha no campo da aids e por isso tem uma convivência próxima com pessoas LGBT e temas relacionados a esse segmento. Possui, segundo ele, uma

“visão crítica do movimento” (LGBT). A maioria dos seus amigos gays são por conta de seu trabalho.

Rodrigo, 47 anos. Argentino, radicado no Rio de Janeiro há mais de 20 anos. É professor universitário, casado, pai de dois filhos (uma garota com 17 e um menino de sete anos). Sua família nuclear era composta pelo pai (vendedor), a mãe (farmacêutica) e uma irmã mais velha. Possui amigos gays desde o tempo da faculdade.

Essas relações de amizade foram se consolidando ao longo dos anos. Algumas das histórias de amizade remontam há 20 anos. Homens gays que foram padrinhos de casamento de seus amigos heterossexuais. Outros, por sua vez, são amigos desde a infância e/ou adolescência. Alguns são bem próximos, outros nem tanto. Há aqueles que se tornaram amigos de outros homens gays a partir das relações de seus primeiros amigos gays, ampliando assim a sua rede de sociabilidade. Vários desses homens puderam acompanhar de perto o processo de “sair do armário”³⁷ de seus amigos gays e todos os ritos que envolvem o fato de assumirem-se socialmente como homossexuais. Esse evento ajudou a reforçar o laço de amizade e, para alguns, há uma cumplicidade em relação à administração da visibilidade da orientação sexual dos amigos gays. Nos casos em que a homossexualidade não é conhecida por toda a rede social compartilhada, os amigos heterossexuais também ajudam a encobri-la. Enfim, trata-se de um cenário amplo e variado na construção e experiências de vínculos de amizades masculinas.

³⁷ A expressão “estar no armário” ou “sair do armário” refere-se à manipulação da identidade e da orientação sexual, valendo-se de estratégias de administração da visibilidade da homossexualidade em diferentes contextos como a família, a escola, o local de trabalho, enfim, suas redes sociais. Para uma reflexão sobre o processo de “sair do armário” para homens gays, cf. o trabalho de Saggese (2009).

2 MASCULINIDADES E HOMOFOBIA: CONTEXTUALIZANDO ESSES FENÔMENOS

[...] porque, si era un hombre, ¿había ido a casa de un homosexual?; si era revolucionario, ¿había ido a casa de un contrarrevolucionario?; y se era ateo, ¿había ido a casa de un creyente? [David]

La vida es esta, no hay otra. O en todo caso, a lo mejor es sólo ésta. ¿Tú me comprendes? Aquí no quieren, para que darle más vueltas a la noria, y a mí me gusta ser como soy, soltar unas cuantas plumas de vez en cuando. Chico, ¿a quién ofendo con eso, si son mis plumas? [Diego]

Este capítulo apresenta um panorama da literatura nacional e internacional presente no debate contemporâneo sobre masculinidade e homofobia que constitui o referencial teórico de análise para a compreensão dos sentidos do masculino e suas correlações com os regimes de amizade entre homens heterossexuais e homens gays.

2.1 “As masculinidades dos homens”: ajustando um olhar sobre o masculino

Nos últimos vinte anos assistimos a uma proliferação de trabalhos acerca da masculinidade na produção acadêmica brasileira e internacional. Esse processo acompanha a multiplicação de projetos de intervenção com homens de diferentes faixas etárias, classes sociais e contextos sócio-culturais, no fomento de políticas públicas de equidade de gênero e da construção da agenda de organismos internacionais de apoio ao desenvolvimento (Nascimento, Segundo & Barker, 2009).

De maneira geral, as discussões acadêmicas se articulam em torno de produções teóricas sobre o conceito de masculinidade³⁸ e de etnografias que revelam como os homens vivem a masculinidade em diferentes contextos culturais³⁹

Outrossim, há inúmeros trabalhos que contemplam diferentes aspectos das relações de gênero com ênfase no enfrentamento da assimetria de poder que afeta a vida das mulheres (e dos

³⁸ Dentre essas produções destacamos as de Badinter (1993), Nolasco (1993), Brod & Kaufman (1994), Connell (1995, 2000), Kimmel (1997), Viveros (2001), Oliveira (2004), Careaga & Cruz (2006), Medrado & Lyra (2008).

³⁹ Cf. Gilmore (1990), Cornwall & Lindisfarne (1994), Vale de Almeida (2000), Souza (2003).

homens) e que abarcam temas como a violência doméstica (Nascimento, 2001, Machado, 2004, Toneli *et al.*, 2010), paternidade e o cuidado com os filhos (Barker, 2006) e o exercício da sexualidade e reprodução (Ariha, Ridenti & Medrado, 1998, Amuchástegui & Szaz, 2007). Outros ainda, focalizam temas como a violência entre homens (Cecchetto, 2004), saúde masculina (Gomes, 2010), políticas públicas voltadas para a promoção da equidade de gênero (Nascimento, Segundo & Barker, 2009), e os efeitos decorrentes do processo de globalização na produção de subjetividades masculinas (Olavarría, 2009)⁴⁰.

Esses debates aconteceram (e acontecem) em um cenário de profundas transformações tecnológicas, econômicas, políticas, sociais e culturais que impactaram a realidade social em todo o mundo e que não se restringiram à esfera da vida pública, mas interferiram profundamente nas relações do mundo privado, produzindo transformações no plano das subjetividades⁴¹ dos sujeitos envolvidos (Castells, 2002, Careaga & Cruz, 2006).

Movimentos sociais como o feminista e de mulheres, negro e LGBT trouxeram (e ainda trazem) uma grande contribuição ao debate sobre a masculinidade através de suas agendas políticas e da denúncia das desigualdades a que esses coletivos estão submetidos. Em conjunto, provocaram a necessidade de se estabelecer novas posturas frente ao exercício da sexualidade, à compreensão do casamento e da família, ao mundo do trabalho, ao que é ser homem e ao que é ser mulher (Cornwall & Lindisfarne, 1994, Connell, 1995, 2000, Nascimento, 2004, Medrado & Lyra, 2004).

Embora a dinâmica social tenha sofrido mudanças consideráveis frente à atuação desses movimentos e aos seus desdobramentos em políticas públicas, ainda persistem relações pautadas na desigualdade e na hierarquia entre homens e mulheres (e entre os próprios homens) na maioria dos contextos sócio-culturais. Portanto, a realidade social se apresenta sob a forma de um mosaico complexo de continuidade e mudanças, “tradição” e “modernidade”, onde marcos culturais parecem se cruzar e se contradizer ao mesmo tempo, gerando o que Parker (1998) chama de “múltiplas realidades”.

Com o objetivo de dar conta dessa complexidade proliferaram discursos referentes a um “novo homem”, à “crise da masculinidade”, à “desconstrução do masculino”, a “uma nova

⁴⁰ Estão listados aqui apenas alguns autores com expressão nacional e internacional. No entanto, vale ressaltar que não houve a pretensão de esgotar a bibliografia sobre o tema da masculinidade. Para acesso a referências bibliográficas nesse campo, sugerimos conferir <<http://www.eme.cl>> e <<http://xyonline.net>>.

⁴¹ Entendemos por subjetividade as formas de pensar, sentir, perceber, agir, não como da natureza ou da essência dos indivíduos, mas como produções históricas, datadas e localizáveis, como propõem Guattari e Rolnik (1986).

masculinidade” (Nolasco, 1995, Oliveira, 2004)⁴². Porém, o modelo convencional de masculinidade que preconiza a ideia de um homem forte, viril, provedor, chefe de família, inserido no mundo público (da “rua” e do trabalho), competitivo, com pouca conexão com a esfera da vida privada, que tem dificuldades de transitar pelo terreno dos afetos, que não chora e tem um distanciamento das emoções, que não consegue estabelecer vínculos de intimidade, e que pode se comportar de forma agressiva (e até mesmo violenta) contra as mulheres e outros homens convive com outras representações sobre o masculino que buscam dar conta de “outras maneiras de ser homem” (Ariha, Ridenti & Medrado, 1998).

No entanto, é preciso ter clareza que esse modelo de masculinidade não diz respeito somente às experiências subjetivas de indivíduos do sexo masculino. A masculinidade é uma experiência complexa que se constrói coletivamente, permeada por códigos, práticas, discursos e ideologias que são (re)produzidos incessantemente pelos ditames culturais e que afetam de maneira distinta homens, mulheres e instituições sociais como a família, a escola, os sistemas de governo.

É no exercício da sexualidade heterossexual, no controle das mulheres e no reconhecimento de seus pares masculinos que a noção de “homem de verdade” se estabelece, como mostra Michel Bozon (2004):

De fato, na maioria das culturas, a masculinidade é regularmente submetida ao desafio dos pares e deve ser ininterruptamente manifestada através da rejeição a comportamentos femininos ou afeminados, bem como por meio de uma virilidade permanente no desempenho sexual, da iniciação sexual precoce que não deixe qualquer espaço à suspeita de homossexualidade, da comprovada capacidade para procriar, da vigilância ciumenta das mulheres da família e relações com outras parceiras. (Bozon, 2004: 28-9)

Raewyn Connell, cientista social australiana⁴³, uma das principais teóricas no campo de estudos sobre masculinidade, propõe o conceito de masculinidade hegemônica para compreender esse modelo ideal de masculinidade. Tomando como base os estudos de Erving Goffman,

⁴² Para uma crítica a essas expressões no debate contemporâneo sobre a masculinidade, conferir o trabalho de Oliveira (2004) em que o autor enfatiza o caráter vitimário desses discursos, colocando os homens no lugar de vítima de seus próprios privilégios. A crise da masculinidade, segundo a leitura de Medrado & Lyra (2008), poderia ser interpretada como “homens em crise” e não como crise do modelo hierárquico das relações de gênero. Outro debate interessante se encontra presente no trabalho de Careaga & Cruz (2006). Os autores mostram que os trabalhos sobre masculinidade têm privilegiado os esforços de compreender as experiências pessoais e identitárias dos homens, mas não necessariamente se centram no questionamento das estruturas sociais que mantêm e reproduzem o modelo dominante de masculinidade e a ideologia subjacente a ele. Adrião & Quadros (2010), por sua vez, também chamam a atenção para o fato de que a construção de novos repertórios para os homens podem apenas diminuir as exigências em torno das performances masculinas sem que necessariamente se altere a dinâmica de poder vigente.

⁴³ Raewyn Connell é uma das precursoras no estudo sobre masculinidade e tem uma vasta produção teórica e empírica nesse campo. Nascida Robert William Connell, seus escritos podem ser encontrados sob o nome de RW Connell.

Connell (1995) diz que o modelo de masculinidade representado pelo homem branco, heterossexual, de classe média, com um bom emprego e bem sucedido – ainda que distante da realidade da grande maioria –, é um ideal perseguido pelos homens. Esse ideal representa em última instância o lugar de distinção que a masculinidade como projeto social pretende ter.

Contudo, a existência de um modelo ideal implica, necessariamente, produção de desvios, de caminhos alternativos. Assim, entre o idealizado e o que existe no plano concreto da realidade social é que surgem e ganham forma diferentes possibilidades de exercício da “masculinidade dos homens”, sujeitos à historicidade e à singularidade de suas narrativas. Como ressalta Connell (2000):

Adult masculinities are produced through a complex process of growth and development involving active negotiation in multiple social relationships. (...). The process is not simple. It often involves reversals and dialectics of confrontation and denial, where masculinities are formed in opposition to institutional pressure, as well as through conformity.⁴⁴ (Connell, 2000:31)

Nesse sentido, a presente pesquisa se alinha aos estudos sobre homens e masculinidades com uma perspectiva relacional de gênero. Ao nomear a perspectiva de gênero como relacional não se está inferindo uma noção de complementaridade entre o masculino e o feminino, mas enfatizando a assimetria de poder na relação entre os gêneros. Convém destacar que a assimetria de poder não se encontra restrita às relações entre homens e mulheres, mas também está presente na relação entre homens.

Gênero, como categoria de análise das relações sociais diz respeito, como mostra Joan Scott, a duas proposições interconectadas: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas na diferença percebida entre os sexos e é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1994: 86). É a partir dessa distinção que transforma uma diferença (de sexo biológico) em desigualdade social (entre homens e mulheres) que a categoria de gênero vai ser apropriada à análise das relações entre os sujeitos. Como diz Guacira Lopes Louro, “as desigualdades passam a ser compreendidas nos arranjos sociais, na história das condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (Louro, 1997:22).

Essa reflexão sobre o gênero, desigualdades e assimetria de poder entre homens e mulheres foi incorporada paulatinamente nas ações de pesquisa e intervenção voltadas para os

⁴⁴ Tradução livre: As masculinidades adultas são produzidas através de um complexo processo de crescimento e desenvolvimento envolvendo uma negociação ativa em múltiplos relacionamentos sociais (...). O processo não é simples. Comumente envolve inversões e dialética de confrontação e negação, onde as masculinidades são formadas em oposição à pressão institucional, assim como através de conformação.

homens. Ao fazer referência ao início de sua participação junto ao movimento de mulheres nos Estados Unidos, Michael Kimmel (1997) aponta para a invisibilidade masculina no debate sobre gênero naquele momento. Representantes da espécie humana, os homens eram todos e nenhum, tratados como se não fossem seres “generificados” (com gênero). Se, por um lado, não eram percebidos como atores partícipes dessa discussão; por outro, essa invisibilidade lhes conferia um alheamento frente a uma série de temas importantes relacionados à vida cotidiana, considerados como “femininos” como as tarefas domésticas, o cuidado e a educação dos filhos, a saúde reprodutiva, entre outros; além de naturalizar a supremacia e os privilégios masculinos que a ordenação de gênero lhes confere⁴⁵.

Na medida em que o debate amplia o escopo da discussão da condição das mulheres para focar nas relações de gênero, torna-se imperativa a necessidade de incluir os homens e a(s) masculinidade(s), ressaltando as especificidades de gênero que os homens têm, fruto de sua socialização e dos ditames culturais a que estão submetidos, constituindo-se como grupo heterogêneo⁴⁶. Nesse sentido, seguindo o pensamento de Vale de Almeida (2000), a masculinidade e a feminilidade representam metáforas de poder e de capacidade de ação que orientam valores e práticas sociais de homens e mulheres.

Ainda que o gênero seja um marcador estruturante da identidade dos sujeitos, ele não deve ser visto como algo cristalizado e sem possibilidades de transformação. É importante ressaltar que o conceito de identidade não diz respeito a algo fixo ou imutável, mas a identidades plurais, múltiplas, que se transformam e que podem ser até mesmo contraditórias. Rubens Adorno (1999), referindo-se a Anthony Giddens, usa a imagem de uma “identidade vazada”, que vai se preenchendo, transbordando, para preencher novamente ao longo da história do sujeito. Cabe frisar que essa mesma identidade está sempre sujeita a um conjunto de forças culturais, políticas e econômicas, inseridas em um plano social que possui suas regras, convenções e ideologias.

É nesse jogo de forças, e nas suas contradições e brechas, que as mudanças possíveis acontecem. Como ressaltam Medrado & Lyra, é necessário:

⁴⁵ Barker, em correspondência pessoal (2010), ressalta a falta de consciência que a grande maioria dos homens ainda possui sobre sua condição de “ser generificado” (de sujeito pertencente a uma categoria de gênero), e a necessidade de educá-los *com e a partir de* uma perspectiva de gênero, com vistas à promoção da equidade de gênero.

⁴⁶ Há pesquisas realizadas no Brasil que mostram que uma tendência dos homens (e mulheres) à naturalização e essencialização de sua condição masculina (e feminina), sobretudo em temas relacionados à sexualidade e à violência. Para mais detalhes, conferir o relatório de pesquisa do *International Reproductive Rights Research Group* (IRRRAG). Cf. Portella *et al* (2001).

romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas... que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva. (Medrado & Lyra, 2008:833)

Em contextos sociais complexos, um dos desafios necessários é deslocar-se dos binarismos rígidos e cristalizados de masculino/feminino, de opressão/submissão. Scott (1995) propõe que se faça implodir essa lógica, que se desconstrua essa dicotomia, problematizando a constituição de cada pólo, com a perspectiva que um contém e supõe o outro. Desconstruir essa polaridade significa problematizar tanto a oposição entre os pólos, como a unidade interna de cada um. Significa observá-los como fragmentados e divididos, com suas coerências e seus paradoxos, sendo a própria polaridade construída e não uma entidade fixa dada. Como diz Louro:

Uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. (...) **Ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança.** (Louro, 1997: 34-5, grifo nosso)

Portanto, os estudos sobre homens e masculinidades a que nos referimos, partem do pressuposto que a masculinidade não é outorgada pela natureza ou por uma essência masculina, mas, ao contrário, é construída, afirmada, negociada e desconstruída ao longo da vida como experiência social e subjetiva, culturalmente contextualizada e historicamente datada. Além disso, interage com outros marcadores sociais como raça/etnia, geração, orientação sexual e classe social.

Contudo, a masculinidade não diz respeito somente aos homens, na qualidade de sujeitos masculinos. Ela está fortemente associada a uma ideologia dominante que ordena e hierarquiza as relações entre os gêneros, submetendo as mulheres e os próprios homens aos seus ditames (Connell, 1995, 2000, Kimmel, 1997, Vale de Almeida, 2000, Barker, 2005, Medrado & Lyra, 2004, 2008). Sendo assim, cremos que os estudos sobre homens e masculinidades se inserem nos estudos sobre as relações sociais de gênero e não em um campo de saber separado⁴⁷.

Para Connell (1995) é a consciência da historicidade das relações de gênero que vai constituir a característica distintiva do pensamento contemporâneo sobre a masculinidade, permitindo criar o conceito de masculinidades (no plural), com intuito de dar conta da

⁴⁷ Vários estudiosos/as concordam que o estudo sobre homens e masculinidades não constitui um campo em separado e sim, um desdobramento dos estudos críticos sobre as relações de gênero. Connell, em correspondência pessoal (2010), diz temer que o uso do termo “men’s studies” (expressão em inglês que abarca os estudos sobre homens e masculinidades) leve a um segregacionismo/essencialismo da masculinidade e perca-se a dimensão crítica de gênero.

diversidade de experiências cotidianas de ser homem, da relação de hierarquia entre as configurações de masculinidade, e das possibilidades e impasses para mudanças na construção do masculino.

Não se pode ainda esquecer que diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelo gênero e, ao mesmo tempo, constituintes dos gêneros. A escola, a família, a religião são alguns dos espaços “generificados”, onde se produzem e reproduzem as relações entre os gêneros, sendo agentes potenciais de manutenção/transformação do *status quo* vigente (Louro, 1995, Connell, 1995, 2000, Bourdieu, 1999, Vale de Almeida, 2000).

Connell (1995) adverte que é sobre um corpo biológico e sexuado que a prática social age e se historiciza, revelando posturas, atitudes corporais apropriadas para os homens. As convenções sociais de gênero impõem um conjunto de referenciais de conduta apropriados aos homens, sob pena de julgamento e condenação por seus pares. Vários autores mostram a produção de um “idioma de masculinidade” que abarca “o que, como, quando e com quem” dizer ou fazer algo. Esse idioma não se traduz somente em “discursos”, mas também nas “performances” condizentes com o modelo de um ideal de “homem de verdade”.

Vários autores brasileiros oferecem exemplos da construção deste “idioma de masculinidade”. J. J. Carvalho (1991) ao analisar os rituais envolvidos em um jogo de bolinhas de gude entre garotos na região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais, alerta para a transmissão de expressões e de valores associados ao masculino que acontece entre garotos mais velhos e mais novos. A valorização da habilidade e destreza física durante o jogo e o uso de expressões de cunho sexual para “sacanear” o colega revelam a aquisição desse “idioma”, no seu preparo para a vida adulta.

Roberto Da Matta (1997), por sua vez, demonstra que, entre rapazes de uma cidade do interior de Minas Gerais, as brincadeiras “sacanas” de passar a mão na bunda uns dos outros, sob a desculpa de buscar um pente no bolso traseiro da calça (“tem pente aí?”) era permeada por códigos associados à sexualidade masculina em que o grau de “sensibilidade” que o rapaz demonstrasse nessa zona do corpo revelaria uma suposta “homossexualidade”, uma “falta de macheza”. Esse grau era medido em função de sua reação à brincadeira: quanto mais incomodado, menos homem seria. Como adverte o autor, a bunda, para o homem, representa um tabu, uma “zona sagrada” em que os “homens de verdade” não devem demonstrar uma

“sensibilidade exagerada” nessa região do corpo, sob pena de perder suas credenciais masculinas.

Rolf de Souza (2003) mostra como as conversas entre homens adultos em torno de um churrasco durante os fins de semana em um subúrbio carioca são carregadas de simbolismo sobre o masculino. Num ambiente exclusivamente masculino, os assuntos giravam em torno de mulheres, de relatos sobre conquistas sexuais, numa demonstração de competitividade entre os participantes. Havia um intenso patrulhamento sobre o comportamento uns dos outros, associados a uma noção de “homem de verdade”.

Todos esses exemplos mostram como a (homo)sociabilidade masculina engendra, confirma e/ou desconfirma a masculinidade dos homens envolvidos. Essa convivência entre homens se torna extremamente importante para nossa análise. É principalmente no encontro entre os pares masculinos (ainda que não restrito a ele) que o jogo de construção, negociação, afirmação, desconstrução e ressignificação das masculinidades acontece.

Para efeito da presente pesquisa, interessa-nos pensar em três configurações de gênero acerca da masculinidade. A primeira diz respeito à “masculinidade hegemônica”, que legitima a ordenação convencional de gênero, incorporando valores, regras e atitudes que garantem a posição dominante dos homens, a subordinação das mulheres e a exclusão de qualquer traço que possa ser considerado como feminino⁴⁸. No entanto, como afirma Connell (1995), quando as condições de defesa do sistema que mantém a hierarquização entre homens e mulheres mudam, as bases para a dominação ou hegemonia também são gradualmente modificadas. Isso possibilita pensar que o padrão de dominação masculina é um fato historicamente construído e, portanto, passível de mudanças (Bourdieu, 1999, Cecchetto, 2004). É nesse sentido que Cecchetto (2004) chama a atenção para a “historicidade da hegemonia”:

a hegemonia é sempre um processo histórico, e não apenas um conjunto de circunstâncias em que o poder é obtido ou perdido, mas ela forma os próprios grupos ou participa da construção dos grupos. **Para entender os diferentes tipos de demanda das masculinidades, é fundamental o exame das práticas nas quais a hegemonia é constituída ou contestada.** (Cecchetto, 2004:67, grifo nosso)

⁴⁸ O conceito de “masculinidade hegemônica” foi amplamente incorporado na produção acadêmica sobre masculinidade. No entanto, esse conceito vem recebendo inúmeras críticas que apontam para um possível caráter “universalizador”, ou seja, de que haveria um único modelo hegemônico de masculinidade. Como admite a própria Connell, ainda que alguns pontos mereçam ser revistos, é necessário reconhecer que a masculinidade hegemônica é uma das “configurações” da masculinidade e não uma tipologia que se pretenda “fixista” e “universal”. No entanto, cabe ressaltar que o caráter “heterossexual” da masculinidade hegemônica segue válido para o contexto ocidental. Para mais detalhes sobre as críticas e os argumentos de defesa em relação ao uso desse conceito, cf. Connell & Messerschmidt (2005).

A segunda configuração se refere às “masculinidades subalternas ou subordinadas”. A dominação masculina não diz respeito somente à relação entre homens e mulheres, mas também se situa na relação entre homens. O exemplo de relação de dominação/submissão mais óbvio é o par heterossexualidade/homossexualidade. Em uma sociedade que valoriza e pressupõe a heterossexualidade como norma social, a homossexualidade ocupa um lugar contraditório no plano das representações sociais, “misto de desonra, doença, imoralidade” como apontam Carrara & Lacerda (2011:79). No que diz respeito aos homens, a homossexualidade termina por se converter em uma espécie de fantasma que assombra o imaginário masculino. Kaufman (1994) crê que a identidade masculina se constitui através do medo de ser reconhecido como homossexual, o que o levaria a perder suas credencias masculinas e ser visto como um “homem de segunda categoria”. Badinter (1993) afirma que a identidade masculina está pautada em uma tripla negação. É através da negação – não ser criança, não ser mulher e não ser homossexual – que a identidade masculina se constrói.

A homossexualidade e a figura do “viado” constituem uma referência para os homens, não só pela imagem de desvio da masculinidade hegemônica, mas como um esquema de reforço dela própria, como aponta Parker (1998)⁴⁹. O simbolismo do esquema atividade/passividade presentes no ato sexual – alguém que penetra (ativo), alguém que é penetrado (passivo) – não necessariamente afeta a masculinidade daquele que se encontra na “posição superior de atividade”. Esse jogo hierárquico demonstra a valorização da atividade em detrimento da passividade que é considerada como a posição não masculina por excelência, que remete ao feminino, sendo, portanto, socialmente desvalorizada⁵⁰. A relação sexual entre homens que acontece em determinados contextos pode não ser interpretada como uma relação homossexual

⁴⁹ Cabe registrar o alerta de Gary Dowsett (1993), sociólogo australiano, sobre o lugar ambíguo que a homossexualidade masculina ocupa nos estudos sobre as masculinidades, como algo “nem totalmente dentro, nem totalmente fora”. Tal fato se deve à percepção de que a homossexualidade masculina é um tópico em separado como se ela não fosse constituída pelos ditames da masculinidade, nem a constituísse.

⁵⁰ Em seu estudo sobre a cultura sexual brasileira, Parker (1991) mostra que a maneira pela qual os homens se referem ao pênis, geralmente com denominações que remetem à agressividade (usando termos como “pau”, “pica”, “cacete”, entre outros) e às relações sexuais, são metáforas que buscam traduzir a afirmação de poder e a hierarquização de gênero presentes no próprio ato sexual (os verbos “dar” e “comer”, no sentido da passividade e atividade, respectivamente, são alguns dos exemplos possíveis). De maneira análoga, Michel Misse (2007), em seu trabalho sobre o estigma do passivo sexual, alerta que o vocabulário chulo das relações sexuais emprega a metáfora do sexo para falar de dominação/submissão em diferentes aspectos da vida cotidiana. Dessa maneira, o verbo “foder” (ativo) no sentido de penetrar com o pênis ou de arruinar pode ser compreendido como um indicador de prestígio. Já o termo “fodido” (passivo) que designa aquele que é penetrado pelo pênis (ou ainda, desgraçado) é um indicador de estigma.

(entre iguais), e sim como uma relação entre um homem (o “bofe”) e aquele que não é homem (a “bicha”), reforçando o status de masculinidade do que se encontra na posição de ativo⁵¹.

Essa dicotomia não se restringe ao ato sexual, mas está presente na forma como a relação entre homens heterossexuais e homossexuais se estabelece socialmente. Como veremos mais adiante, essa relação pode ser experimentada através de atos de discriminação, baseados em preconceitos, chegando à violência física e à morte (Carrara & Lacerda, 2011). Relatos de episódios de violência levando homens gays à morte, e de homicídios seguidos por suicídios de homens que tiveram sua masculinidade colocada em dúvida, revelam o peso que a homossexualidade tem para a vida dos homens (Trevisan, 1998, Kimmel & Mahler, 2003).

No caso dos homens heterossexuais, esse peso se revela pela incessante vigilância e evitação de qualquer situação que deponha contra a sua virilidade⁵² e, por conseguinte, coloque sua masculinidade em condição de suspeição (Badinter, 1993, Kimmel, 1997, 2005, Kimmel & Mahler, 2003). No caso dos homens gays, como mostra Didier Eribon (2008), é através da marca da injúria durante seu processo de socialização que o peso social da homossexualidade se revela. Segundo esse autor, é através da vivência de inúmeros episódios de discriminação e violências homofóbicas, que a identidade homossexual se forja. Ao ser nomeado como “mariquinha, bicha ou viado”, um garoto homossexual passa a ter consciência de sua diferença em relação aos outros garotos e de sua condição de inferioridade social. Dessa forma, como veremos na seção seguinte, a homofobia se converte em um dos pilares da construção do masculino (Kimmel, 1997, Welzer-Lang, 2001, Mason, 2002, Tomsen, 2010, Borrillo, 2010).

É importante ressaltar que as relações de subordinação entre homens não se restringem às diferenças de orientação sexual, mas podem estar presente em situações que envolvem diferenças de posição social e/ou econômica, raça, cor ou etnia.

E, por fim, o terceiro padrão de configuração diz respeito ao que Connell (1995) chama de “cumplicidade”. Ainda que nem todos os homens cumpram integralmente o modelo de masculinidade hegemônica, há uma parcela que se vale de formas de atuação machistas de modo

⁵¹ Para mais detalhes sobre padrões de hierarquia referentes à sexualidade, confira o trabalho de Fry (1982) e de Fry & MacRae (1986). Os trabalhos de Parker (1991, 2002) e Green (2000) sobre cultura sexual e cultura gay no Brasil mostram que mesmo entre grupos homossexuais, há uma desvalorização daquele que assume a posição de “passivo” no ato sexual em detrimento do “bofe” (ativo) que é valorizado.

⁵² Para Bourdieu (1999), a virilidade masculina, entendida como a capacidade reprodutiva, sexual e social, está ligada à noção de honra e, portanto, deve ser experimentada diante dos outros e validada por outros homens. Nye (1993) referindo-se aos códigos de honra masculina na França do século XVIII, também aponta para a importância dos homens se apresentarem de maneira apropriada no âmbito público, de modo a atender as expectativas dos seus pares, sob pena de mostrar-se desonrado caso não cumprisse os ditames sociais.

a cumprir os ditames da masculinidade hegemônica, estabelecendo uma relação de cumplicidade com o ideal hegemônico.

Chauí (1984) faz uma leitura do machismo brasileiro no espaço doméstico como uma tentativa de “aliviar” a tensão produzida pela submissão desses homens no mundo do trabalho. Por se sentirem “desempoderados” no âmbito da vida pública, eles buscariam afirmar/confirmar sua posição de poder no mundo privado, tornando-se, em alguma medida, cúmplices do ideal de masculinidade hegemônica. De maneira análoga, Pedro Paulo Oliveira (2004: 285) argumenta que:

esse lugar simbólico [da hegemonia masculina] ainda é bastante valorizado e funciona como bússola de orientação para a construção de identidades em diversos segmentos sociais. Nas classes populares funciona de modo a prover um dos poucos valores sociais positivos acessíveis aos agentes que, excetuando-se o campo das relações de gênero, nas demais esferas de sociabilidade encontram-se desprovidos de qualquer possibilidade de constituição identitária simbolicamente valorizada. (Oliveira, 2004:285)

Ao desnaturalizar o poder masculino no campo das relações de gênero e identificá-lo como algo que não está dado a priori, mas ao contrário, depende de um esforço contínuo de manutenção e legitimação, Kaufman (1989) alerta para a relação contraditória que os homens mantêm com o poder. Se por um lado, o poder conferido pelo “sistema patriarcal”⁵³ traz prestígio, status e ganhos materiais; por outro, segundo o autor, restringe suas atuações na esfera da vida privada, impede a expressão de determinados sentimentos e o estabelecimento de vínculos de intimidade, sob pena de parecerem frágeis e não tão masculinos.

No entanto, essa visão de Kaufman e de outros autores alinhados a ele, é passível de crítica como demonstra Oliveira (2004). O autor alega que:

dizer que o exercício da masculinidade é peso, ou mesmo ainda ‘custo’ é desconsiderar uma outra possibilidade fundamental. Ela é, sobretudo, criação, fruição forma de organização dos prazeres e das pulsões, fronteira alargada de expansão de impulsos desmedidos, violentos. Ela também é positividade e não apenas fardo. É caminho, é direção, enfim. (Oliveira, 2004:284)

A questão não parece ser tentar estabelecer um saldo – colocando na balança os ganhos e perdas, privilégios e vulnerabilidades decorrentes do manejo do poder –, mas sim relativizá-los, encará-los na sua complexidade, para além da divisão simplista de algo/vítima, na medida em que traz consequências diretas (e muitas vezes extremamente graves) para a vida das mulheres e dos próprios homens.

⁵³ Ainda que Kaufman (1989) utilize o termo “sistema patriarcal”, esse conceito tem sofrido várias críticas, em especial por grupos feministas, devido à sua pretensa universalidade e a-historicidade. Para mais detalhes, cf. Careaga & Cruz (2006).

Convém destacar que a cumplicidade em relação à masculinidade hegemônica não se restringe aos homens heterossexuais. Connell (1992) alerta que mesmo entre homossexuais masculinos, que estão submetidos a um regime de masculinidade subalterna, não há um descolamento total das benesses que a ordenação de gênero traz, possibilitando que esses homens acessem e usufruam de alguns privilégios da supremacia masculina. Nesse sentido, como aponta Connell (1992, 1995), a relação entre masculinidades heterossexuais e homossexuais é permeada por uma ambigüidade entre a subordinação e a cumplicidade. Em seu artigo “*A very straight gay: masculinity, homosexual experience, and dynamics of gender*”, Connell (1992) apresenta uma pesquisa realizada com um grupo de homens gays, residentes em Sidney (Austrália) sobre suas vivências de masculinidade. Eles se reconhecem como homossexuais, têm práticas sexuais com outros homens, e são extremamente masculinos, ou para dizer em suas próprias palavras, “*very straight gay*”⁵⁴. Para a autora, se por um lado eles rompem com o padrão da masculinidade hegemônica (da heterossexualidade compulsória), por outro, fazem questão de afirmar sua virilidade, sua posição masculina de poder em diferentes esferas como a vida familiar e profissional. Essa dinâmica de cumplicidade revela a complexidade que existe na conformação de gênero de suas masculinidades. Em suas próprias palavras:

... the familiar heterosexual definition of homosexual men as effeminate is an inaccurate description of men like the ones interviewed here, who mostly do ‘act like a guy’. But is not wrong in sensing the outrage they do to hegemonic masculinity. A masculine object-choice subverts the masculinity of character and social presence. This subversion is a structural feature of homosexuality in a patriarchal society in which hegemonic masculinity is defined as exclusively heterosexual and its hegemony includes the formation of character in the rearing of boys.⁵⁵ (Connell, 1992:748)

É preciso ressaltar que estas diversas configurações de masculinidades não têm um caráter fixista ou cristalizado. Trata-se, na realidade, de um jogo relacional de configurações de práticas – entre o hegemônico, a subordinação e a cumplicidade – em que dilemas, tensões e (re)significados são produzidos.

⁵⁴ De maneira análoga, Carrara (2005) chama a atenção para a valorização dos homossexuais que se adéquam as convenções de gênero que o autor chama de “viris e discretos”.

⁵⁵ Tradução livre: ... a definição de um homem homossexual comumente feita por heterossexuais como sendo um efeminado é uma descrição imprecisa, como com os que aqui foram entrevistados, e que em sua maior parte “agem como um cara”. Não é equivocado, entretanto, perceber a indignação daqueles que têm uma masculinidade hegemônica. Um objeto-de-desejo masculino subverte o caráter da masculinidade e a presença social. Esta subversão é uma característica estrutural da homossexualidade em uma sociedade patriarcal, na qual a masculinidade hegemônica é definida como exclusivamente heterossexual e sua hegemonia é incluída na formação de caráter na educação de meninos.

É nesse jogo de relações entre os homens e as configurações de masculinidade, que se estabelece o que Kimmel (1997) denomina de “patrulhamento de gênero”, ou seja, uma vigilância contínua, incessante, sobre a performance dos homens nos seus discursos e práticas cotidianos em relação ao modelo idealizado do “homem de verdade”. É no exercício do autopatrulhamento e do patrulhamento alheio que os homens tentam obter o aval para suas credenciais masculinas. A masculinidade é confirmada através da aprovação homosocial (Kimmel, 1997, Vale de Almeida, 2000, Welzer-Lang, 2001). Esse dispositivo controlador sobre os homens, suas práticas, discursos e modos de vida, busca regular as expressões de afeto, fomenta o silêncio de muitos deles em mostrarem-se com opiniões contrárias ao senso comum machista com medo do julgamento dos outros homens, reproduz um modelo de criação dos/as filhos/as segundo uma ideologia machista, entre outros efeitos.

Portanto, podemos afirmar que o debate contemporâneo sobre a masculinidade é fruto das intensas transformações ocorridas a partir da segunda metade do século XX que produziram mudanças profundas nas relações de gênero e na influência de movimentos sociais como o feminista, negro e LGBT, cuja atuação foi fundamental para esse processo.

Tanto as masculinidades quanto as feminilidades (no sentido da singularidade das experiências masculina e feminina) representam metáforas de poder e de capacidade de ação que orientam valores e práticas sociais de homens e mulheres. A historicidade das relações de gênero constitui a característica distintiva do pensamento contemporâneo sobre a masculinidade, permitindo criar o conceito de masculinidades. As masculinidades guardam entre si relações de subordinação e cumplicidade com o ideal hegemônico representado pelo homem branco, heterossexual, de classe média, bem-sucedido.

Nesse sentido, a homossexualidade representa ao mesmo tempo um desvio da masculinidade hegemônica heterossexual e seu reforço, constituindo-se com um referencial importante para a formação da identidade masculina.

E, por fim, a homofobia se apresenta como um dispositivo de patrulhamento no exercício diário do cumprimento das convenções de gênero entre os homens, exercendo forte influência sobre os relacionamentos entre homens heterossexuais e gays, como veremos na próxima seção.

2.1 Homofobia: entre o individual, o coletivo, o político e o social

A homofobia vem ganhando cada vez mais visibilidade nas ações dos movimentos sociais, nas políticas públicas, mídia e produção acadêmica em todo o mundo. No Brasil, é um dos principais pontos na pauta da agenda política do movimento LGBT que defende sua criminalização aos moldes do racismo⁵⁶ (Junqueira, 2007). Seu enfrentamento é a prioridade do programa do governo federal “Brasil sem Homofobia”⁵⁷, que busca articular ações em diferentes ministérios e secretarias como Direitos Humanos, Educação, Saúde, Justiça entre outros, criando dispositivos como leis, práticas jurídicas e policiais, serviços de atendimento a vítimas (Brasil, 2004).

A produção acadêmica em torno desse fenômeno é crescente, abarcando diferentes saberes como as ciências sociais, a psicologia e a criminologia⁵⁸. Nota-se preponderância da literatura internacional, especialmente em língua inglesa (de origem norte-americana e australiana), ainda que tenha havido um aumento considerável na produção nacional nos últimos anos, conforme indicam Fernandes, Grossi & Pedro (2009).

No Brasil, o uso do termo homofobia popularizou-se sobremaneira nos últimos 10 anos, com presença crescente na mídia, em acirradas discussões políticas, confrontando grupos e

⁵⁶ O Projeto de Lei da Câmara (PLC) 122/2006 pretende criminalizar a homofobia em todo o território nacional e é uma das principais bandeiras do movimento LGBT brasileiro. O PLC 122/2006 tem sido objeto de um debate acirrado entre militantes e setores mais conservadores da sociedade brasileira, notadamente a ala de políticos ligados a grupos religiosos. Para mais detalhes sobre esse assunto, conferir Machado *et al* (2011). Como contraposição à criminalização da homofobia, outras iniciativas se estabelecem no cenário político e social como a do deputado Eduardo Cunha (PMDB/RJ). Em 2010, o deputado encaminhou ao Congresso um projeto de lei que pretende salvaguardar as pessoas heterossexuais de qualquer discriminação por orientação sexual, ou seja, de discriminação por “heterofobia”. A proposta aponta como justificativa que “se não se tem em conta as possíveis formas de discriminação contra heterossexuais ao se propor políticas públicas antidiscriminatórias referentes à orientação sexual pode-se transmitir a impressão de que a afetividade da pessoa homossexual, bissexual ou transgênero encontra-se em um patamar de relacionamento humano mais elevado que a afetividade heterossexual. Recorremos, por isso, às normas vigentes ou propostas em diplomas destinados a combater a homofobia para trazer essa discussão à tona, mas agora em sentido inverso”. Para detalhes sobre esse projeto de lei, conferir <http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=478462> [Acessado em 05/01/2011]. Também em 2010, o vencedor do BBB10, Marcelo Dourado, se disse vítima de “heterofobia” dentro do programa de *reality show*, por conta da sua condição de heterossexual e por não aprovar o comportamento de alguns dos participantes não heterossexuais durante o programa. Para maiores detalhes, visitar o site <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL1569111-9798,00-MARCELO+DOURADO+EU+SOFRI+HETEROFOBIA+E+NINGUEM+VEIO+ME+DEFENDER.html>> [Acessado em 05/01/2011].

⁵⁷ Programa Brasil sem Homofobia tem o objetivo de “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e **do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais.**” (Brasil, 2004:11, grifo nosso).

⁵⁸ Dentre essa produção, destaco os trabalhos de Blumenfeld (1992), Toneli-Siqueira (1997), Plummer (1999, 2001a, 2001b), Welzer-Lang (2001), Mason (2002), Herek (2004), Kimmel (1997, 2005), Kimmel & Mahler (2003), Junqueira (2007), Prado & Machado (2008), Murray (2009), Tomsen (2010), Borrillo (2010).

interesses diversos. Como categoria de acusação⁵⁹, a homofobia passa a ser utilizada em diferentes contextos: pode se referir a uma pessoa (o sujeito com personalidade homofóbica), a um coletivo (determinado grupo é homofóbico), a instituições (a instituição age de maneira homofóbica), à mídia e à sociedade de uma maneira mais ampla (Junqueira, 2007, Borrillo, 2010, Prado, 2010). De acordo com Rogério Junqueira (2007):

diante de um emprego difuso do conceito e da denúncia de homofobia, parece existir uma crescente sensibilidade e disposição para se lidar mais criticamente com o fenômeno e uma maior conscientização acerca do papel das instituições na sua reprodução e no seu enfrentamento. (Junqueira, 2007: 147)

A expressão “homofobia” aparece num cenário de complexa disputa política sob duas instâncias distintas, ainda que correlacionadas. O termo aparece vinculado à expressão de um preconceito contra pessoas com orientação não heterossexual, bem como contra aqueles que adotam uma performance de gênero considerada inapropriada, levando a práticas discriminatórias e de múltiplas violências (Carrara & Lacerda, 2011), nomeando o que Byrne Fone (2010), pesquisador norte-americano no campo da homossexualidade, chama de um dos últimos preconceitos ainda socialmente aceito. Se é certo que a homofobia busca nomear esse preconceito e é utilizada como um dispositivo político de acusação, ela também pode ser compreendida como uma categoria analítica das relações entre homens, por ser um pilar da construção da masculinidade (Badinter, 1993, Welzer-Lang, 2001, Mason, 2002, Kimmel, 2005, Tomsen, 2010, Borrillo, 2010). A seguir, passaremos a analisar cada uma dessas instâncias.

2.2.1 Homofobia: do individual ao político

O uso da categoria homofobia é aplicado igualmente pelas pautas da agenda política do movimento LGBT e das políticas públicas que pretendem enfrentá-la. Busquei entender como o movimento social apresenta essa categoria. De acordo com a ABGLT⁶⁰, rede brasileira de

⁵⁹ Utilizo “categoria de acusação” no sentido conferido por Gilberto Velho (1997).

⁶⁰ A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) é uma rede nacional formada por 220 organizações e considerada a maior rede LGBT na América Latina. Foi criada em 1995 e sua missão é promover a cidadania e defender os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero. Conferir <<http://www.abglt.org.br>>. Acessado em 05/06/2011.

organizações que reúne as ações de denúncia, reivindicação de igualdade de direitos para o coletivo LGBT e enfrentamento à discriminação, o termo homofobia é apresentado segundo duas definições. Em seu “Manual de Comunicação LGBT”⁶¹, homofobia é apresentada como a “rejeição e/ou aversão a qualquer forma de expressão da sexualidade diferente dos padrões heteronormativos” (ABGLT, 2009:23). Mais adiante, o documento enfatiza que o termo homofobia:

Tem sido um conceito guarda-chuva, utilizado para descrever um variado leque de fenômenos sociais relacionados ao preconceito, à discriminação e à violência contra homossexuais. Na maior parte das vezes, os fenômenos da intolerância, do preconceito e da discriminação em relação a gays, lésbicas (lesbofobia) e transgêneros (transfobia) devem ser tratados não com terapia e antidepressivos, como no caso das demais fobias, mas sim com a punição legal e a educação. A homofobia também é responsável pelo preconceito e pela discriminação, por exemplo, no local de trabalho, na escola, na igreja, na rua, no posto de saúde e na falta de políticas públicas afirmativas que contemplem a comunidade. (ABGLT, 2009:23)

Essas definições abarcam duas compreensões distintas sobre o termo homofobia. A primeira diz respeito à homofobia como expressão de “sentimentos de rejeição e/ou aversão”. A segunda apresenta um tripé de fenômenos sociais que engloba “preconceito, discriminação e violência” contra pessoas LGBT.

No primeiro caso, a homofobia se vincula ao conceito clássico de fobia em que um indivíduo quando se vê em proximidade ou confronto com seu objeto ou situação ameaçadora (por exemplo, altura, espaços abertos, animais, entre outros), entra em um quadro de sensações psicofisiológicas de pavor, terror, aversão (Laplanche & Pontalis, 1985). O uso do radical “fobia” favorece esse entendimento e está relacionado com a origem do termo que enfatizava seu caráter individual.

Originado no discurso médico, o termo homofobia foi apresentado pela primeira vez pelo psicoterapeuta norte-americano, George Weinberg, em 1972, no livro intitulado “Society and Healthy Homosexuals”⁶² (*apud* Herek, 2004). Segundo George Herek (2004), sociólogo americano, Weinberg cunha esse termo para designar a hostilidade que a sociedade tinha em relação aos homossexuais. É preciso lembrar que naquele momento, a homossexualidade ainda era considerada uma patologia pelo campo da saúde mental⁶³. Contudo, na prática clínica

⁶¹ De acordo com a ABGLT (2009: 6), esse documento pretende esclarecer os profissionais da mídia sobre o uso correto de termos que dizem respeito às pessoas LGBT e que não reforcem o preconceito, o estigma e a discriminação.

⁶² Para uma história da homofobia, conferir os trabalhos de Wickberg (2000) e Fone (2010).

⁶³ Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA em sua sigla em inglês) retirou a homossexualidade de seu Manual de Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais e, em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a excluiu do Código Internacional de Doenças (CID). No caso do Brasil, os Conselhos Federais de Medicina (desde 1985) e de Psicologia (a partir de

cotidiana com pacientes homossexuais, Weinberg constatava que eles não sofriam de distúrbios psicológicos devido à sua orientação sexual, mas apresentavam algum grau de sofrimento (às vezes, bastante elevado) devido à reação social negativa ao modo como expressavam e viviam a sua sexualidade. Essa reação estava presente entre os próprios pares de Weinberg, os psiquiatras. Referindo-se a uma entrevista concedida por Weinberg a ele, Herek (2004) afirma que:

... he told me he was reflecting on the fact that many heterosexual psychoanalysts evinced strongly negative personal reactions to being around a homosexual in a nonclinical setting. It occurred to him that these reactions could be described as a phobia: 'I coined the word homophobia to mean it was a phobia about homosexuals. It was a fear of homosexuals which seemed to be associated with a fear of contagion, a fear of reducing the things one fought for—home and family. It was a religious fear and it had led to great brutality as fear always does.'⁶⁴ (Herek, 2004:7)

Nesse ponto, merece destaque a associação que Weinberg faz entre fobia e o medo “religioso” em relação à homossexualidade. No debate contemporâneo sobre homossexualidade, diversidade sexual e homofobia, fundamentos religiosos aparecem como justificativa para o impedimento de transformações no campo dos direitos e das políticas públicas, retirando o debate da perspectiva laica e de promoção de igualdade que deveriam orientá-lo. Para alguns setores, a homossexualidade é considerada um pecado e seria contrária aos dogmas religiosos⁶⁵.

Mais adiante, Weinberg afirma que talvez essa fobia se apresente no âmbito das relações interpessoais como um preconceito e não como uma fobia clássica:

When a phobia incapacitates a person from engaging in activities considered decent by society, the person himself is the sufferer... **But here the phobia appears as antagonism directly toward a particular group of people.** Inevitably, it leads to disdain toward the people themselves, and to mistreatment of them. **The phobia in operation is a prejudice, and this means we can widen our understanding by considering the phobia from the point of view of its being a prejudice and then uncovering its motives.**⁶⁶ (Herek, 2004:8, grifo nosso)

1999) não consideram a homossexualidade como doença, distúrbio ou perversão. Desde 2010, o dia 17 de maio é considerado como o dia internacional de combate à homofobia, em referência à data da decisão da OMS de excluir a homossexualidade do rol das patologias mentais.

⁶⁴ Tradução livre: Ele contou-me estar refletindo no fato de muitos psicanalistas heterossexuais demonstrarem reações pessoais extremamente negativas ao estarem perto de um homossexual fora de um contexto clínico. Ocorreu-lhe que estas reações poderiam ser descritas como uma fobia: 'criei a palavra homofobia para designar a fobia relacionada a homossexuais... um medo de homossexuais que parecia estar associado ao medo de contágio, um medo de parcial perda das coisas pelas quais se luta – a casa e a família. Era um medo religioso que levava a uma grande brutalidade, como sempre acontece com o medo.'

⁶⁵ Para aprofundar o debate sobre religiões e homossexualidades, cf. Machado *et al* (2011).

⁶⁶ Tradução livre: Quando a fobia incapacita uma pessoa de se engajar em atividades consideradas como decentes pela sociedade, a pessoa mesmo é quem sofre... **Mas aqui a fobia aparece como um antagonismo direcionado a um grupo específico** o que, inevitavelmente, leva ao desdém e à falta de cuidado em relação a este grupo. **A fobia em ação é um preconceito, e isto significa que podemos ampliar nossa compreensão ao considerarmos a fobia sob o ponto de vista do preconceito para depois colocarmos a descoberto seus motivos.** (grifo nosso)

Ainda de acordo com o próprio Weinberg, as raízes desse preconceito parece estar nas convenções de gênero, sobretudo aquelas que se referem aos homens e ao exercício da masculinidade e que restringem suas expressões de afeto:

many men are withheld from embracing each other or kissing each other, and women are not. Moreover, it is expected that men will not express fondness for each other, or longing for each other's company, as openly as women do. It is expected that men will not see beauty in the physical forms of other men, or enjoy it, whereas women may openly express admiration for the beauty of other women...Millions of fathers feel that it would not befit them to kiss their sons affectionately or embrace them, whereas mothers can kiss and embrace their daughters as well as their sons. It is expected that men, even lifetime friends, will not sit as close together on a couch while talking earnestly as women may; they will not look into each other's faces as steadily or as fondly⁶⁷. (Herek, 2004:8)

Embora Weinberg tivesse nomeado inicialmente essa reação negativa como fobia, já admitia que se tratava de um problema social que se apresentava sob a forma de preconceito e discriminação⁶⁸ e que não se vinculava integralmente à (homo)sexualidade, mas sim às convenções de gênero, correspondendo ao entendimento do “conceito guarda-chuva” presente no documento da ABGLT.

Uma das críticas pertinentes que se faz ao uso da expressão homofobia é que ao compreendê-la como uma fobia, desloca-se o problema do plano social para o individual. Seria no indivíduo que repousaria a causa do rechaço às pessoas não heterossexuais. Tratar-se-ia de um problema de transtorno de personalidade individual – o “sujeito com personalidade homofóbica”⁶⁹ – o que essencializaria e psicologizaria esse fenômeno. No entanto, como indicam vários críticos dessa posição, a homofobia é um fenômeno produzido e reproduzido socialmente

⁶⁷ Muitos homens, ao contrário das mulheres, se abstêm de abraçar ou beijar outros homens. Além do mais, espera-se que os homens não expressem simpatias ou saudades mútuas de forma aberta como o fazem as mulheres. Espera-se que os homens não vejam beleza nas formas físicas de outros homens, ou que elas lhes deem prazer, ao passo que as mulheres podem expressar, abertamente, admiração pela beleza de outras mulheres... Milhões de pais sentem que não lhes seria benéfico beijar os filhos afetuosamente ou abraçá-los, enquanto que mães podem beijar e abraçar suas filhas assim como seus filhos. Espera-se que os homens, ainda que amigos de longa data, não se sentem demasiadamente juntos num sofá ao ter uma conversa íntima, como podem fazer as mulheres; nem se olharam mutuamente com o mesmo carinho e pelo mesmo tempo.

⁶⁸ De acordo com Rios (2008: 113), “por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrarias que produzem violação de direitos dos indivíduos e grupos”.

⁶⁹ Alguns estudos no campo da psicologia tentam mostrar que homens com personalidade homofóbica lutariam contra seus próprios desejos homossexuais e pela ação de mecanismos de defesa deslocariam esse desejo para práticas de rejeição (chegando ao ódio) expressadas através da violência contra homossexuais (ver Mason, 2002, Borrillo, 2010). Para autores como Connell (1995) e Kimmel (1997), os homens gays são vistos por uma parcela de homens heterossexuais como “traidores” das normas sociais de gênero (dá a expressão de “honrar as calças que vestem”), na medida em que aqueles se colocam em uma posição feminina e, por conseguinte, inferior, colocando “em risco” a ideologia de dominação masculina. Essa visão está baseada numa perspectiva sobre a homossexualidade que ainda grassa no imaginário social na qual, homens homossexuais são necessariamente “femininos”. No entanto cabe ressaltar, conforme mostram esses mesmos autores, que vários homens gays considerados “viris e masculinos” ameaçam a ordenação hierárquica de gênero.

por um intenso jogo de forças (Plummer, 1999, Herek, 2004, Murray, 2009). David Murray, antropólogo norte-americano, alerta que:

homophobia is a socially produced form of discrimination located within relations of inequality. (...) the relations of inequality in which homophobia is produced are arranged differentially in relation to local context and global forces. (...) homophobia is rarely ever just about (homo)sexuality (...) is a phenomenon produced through a complex nexus of gendered, classed, and raced inequalities.⁷⁰ (Murray, 2009:3)

Porém, muitos dos debates atuais acerca da homofobia ainda a localizam no plano de discussão sobre a (homo)sexualidade, articulando o exercício da sexualidade à vivência de estigma, preconceito e discriminação. Parece fundamental ampliar a visão sobre a homofobia e compreendê-la a partir das questões e das relações de gênero. É na ruptura das convenções sociais de gênero que as pessoas LGBT são colocadas “na berlinda” e sujeitas ao preconceito e à discriminação (Plummer, 1999, 2001, Welzer-Lang, 2001, Herek, 2004, Junqueira, 2007).

E é nessa direção que a segunda compreensão presente no documento da ABLGT se encaminha, ao apresentar a homofobia como um conceito guarda-chuva que diz respeito ao tripé “preconceito, discriminação e violência”. Isso vai ser fundamental para o desenvolvimento da agenda política do movimento social e da construção de políticas públicas de enfrentamento.

Pesquisas realizadas durante as Paradas do Orgulho LGBT mostram o risco de violência homofóbica⁷¹ a que esse segmento da população, em diferentes contextos de sociabilidade, está submetido por conta da sua orientação sexual, expressão da sua sexualidade e identidade de gênero (Carrara & Ramos, 2005, Carrara *et al*, 2006, Carrara *et al*, 2007). E é nesse sentido que ganha corpo o questionamento das normas sociais vigentes que impedem ou restringem os direitos e a cidadania LGBT no que se refere ao enfrentamento da homofobia. Rios adverte que:

O que se reclama [na homofobia] não é somente o rearranjo das relações conjugais heterossexuais ou a reorganização do espaço público, possibilitando, condições de igualdade entre homens e

⁷⁰Tradução livre: A homofobia é uma forma de discriminação socialmente produzida, localizada no seio das relações de desigualdade. (...) As relações de desigualdade nas quais a homofobia é produzida são organizadas de forma diferente em relação ao contexto local e às forças globais. (...) A homofobia raramente é relacionada somente com a (homo)sexualidade (...). É um fenômeno produzido através de uma complexa rede de desigualdades relacionadas com gênero, classe social e raça.

⁷¹ O termo violência homofóbica aqui apresentado, tem o sentido dado por Gail Mason (2002), antropóloga australiana, em que nomear esses tipos de vivência de preconceito e discriminação como violência homofóbica dá visibilidade às dimensões da experiência social e subjetiva a que mulheres lésbicas com quem ela trabalhou estavam submetidas tais como ofensas verbais, agressões física e sexual. No caso brasileiro (Carrara & Lacerda, 2011), as pesquisas de vitimização mostram que cerca de 23% dos homens gays afirmaram ter sofrido alguma agressão física em virtude de sua sexualidade, enquanto que esse número é bem superior para as mulheres transexuais (47%). Já a vivência de discriminação depende do contexto de sociabilidade. Enquanto na família esse número é de 26,7% para os homens gays, ele sobe para 37,2% na relação com amigos e vizinhos e 37,4% no ambiente escolar, e decresce para as relações no ambiente de trabalho (13,9%), em locais de comércio e lazer (17,8%) e em ambientes religiosos (23,1%).

mulheres. O combate à homofobia reclama não só ir além da ‘normalidade’ da dominação masculina e do sexismo. Ele demanda, além do questionamento aos paradigmas já criticados pelo feminismo, **rumar à crítica da heterossexualidade como padrão de normalidade**. (Rios: 2007:126, grifo nosso)

E esse vai ser um ponto importante nessa discussão por conta da compreensão ainda em voga sobre a homossexualidade, se não como doença, mas como orientação de status inferior à heterossexualidade. De maneira geral, como apontam Carrara & Ramos (2005), as práticas homofóbicas – que vão desde a violência verbal, psicológica e/ou física, podendo chegar ao homicídio – são geralmente desempenhadas por homens que se auto-identificam como heterossexuais. A homofobia, portanto, busca atender a um ideal de masculinidade baseado na heteronormatividade e na percepção de que qualquer traço compreendido como feminino deva ser eliminado com vistas a manter seu status de signo de distinção. Dito de outro modo, a visibilidade da heterossexualidade e das expressões de virilidade, incluindo o uso de diferentes formas de violência, são importantes para a manutenção da dominação masculina (Bourdieu, 1999, Welzer-Lang, 2001, Cecchetto, 2004, Kimmel, 1997, 2005).

Vale destacar que o uso do termo homofobia, ainda que pretenda abarcar toda a população LGBT, muitas vezes é compreendida como uma categoria que diz respeito somente aos homossexuais masculinos. Ainda que o documento da ABGLT proponha o uso de termos como lesbofobia (para lésbicas) e transfobia (para travestis e transexuais), o termo homofobia tem sido amplamente utilizado para definir esse conjunto de práticas contra o segmento LGBT. Junqueira (2007) faz uma ressalva sobre o perigo da invisibilização do preconceito que lésbicas e travestis também sofrem. Segundo o autor:

A dificuldade de se perceber a homofobia como um fenômeno intrinsecamente relacionado a questões e relações de gênero parece manter forte nexos com as repetidas críticas de que o conceito de homofobia se refere apenas a casos de discriminação contra homossexuais masculinos. Essa dificuldade é alimentada pelo equívoco em se pensar que seu radical homo tenha sido tomado do latim (língua na qual corresponde a “homem”) e não do grego. De todo modo, é preciso admitir que existe o risco de se falar quase que exclusivamente de gays quando se aborda os temas das homossexualidades e da homofobia. No entanto, é razoável supor que a responsabilidade pelo silenciamento, pela negação ou pelo deslocamento da sexualidade feminina (e, portanto, da lesbianidade) deva ser buscada em outro lugar, e não no conceito de homofobia. (Junqueira: 2007:152-3)

Ainda de acordo com o documento, o enfrentamento à homofobia deve estar na “punição legal e na educação” e não no “uso de antidepressivos”, tratando-a como fenômeno social, cultural e político. Junqueira (2007) ressalta que:

A tônica deixa de ser posta na ‘fobia’ e em modelos explicativos centrados no indivíduo e passa a ser de reflexão, crítica e denúncia contra comportamentos e situações que poderiam ser mais bem abordados em outros campos: o cultural, o educacional, o político, o institucional, o jurídico, o sociológico, o antropológico. A homofobia passa a ser vista como fator de restrição de direitos de cidadania, como impeditivo à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança, aos direitos humanos e, por isso, chega-se a propor a criminalização da homofobia. Abrem-se aí novas frentes de batalhas, fogos cruzados, possibilidades e paradoxos políticos. (Junqueira, 2007:151)

A expressão homofobia foi prontamente incorporada pela militância LGBT em todo o mundo, conforme aponta Herek (2004)⁷². As críticas em relação ao uso do radical fobia deslocaram a discussão do plano do indivíduo (sujeito com personalidade homofóbica) para o plano da cultura e do social em que um intenso jogo de forças (re)produz o estigma, preconceito, discriminação e múltiplas violências contra pessoas não heterossexuais. No entanto, cabe ressaltar que é no âmbito das convenções sociais de gênero que a homofobia ganha outra dimensão, de dispositivo regulador das relações de gênero entre homens. Como diz Óscar Guash (2007), sociólogo espanhol,

La homofobia es un dispositivo de control social que marca los límites de género prescritos a los hombres y que estigmatiza a quienes no los alcanzan y también a quienes los quiebran. La homofobia se activa por exceso y por defecto. Sobre todo (pero no solo) entre varones jóvenes y adolescentes, el grupo de pares sanciona las actitudes y conductas consideradas poco viriles, usando calificativos que degradan y cuestionan la masculinidad.⁷³ (Guash, 2007:91, grifo nosso)

E é sobre esse aspecto específico da homofobia que trataremos a seguir.

2.2.2 Homofobia: assunto de homens, para homens e com os homens

Conforme dito anteriormente, a homofobia está vinculada à construção da identidade masculina na medida em que esta deve, em nome das convenções sociais de gênero, refutar e eliminar qualquer traço que seja considerado “não masculino”. Essa ideia de associar a homossexualidade ao lugar social do feminino, e portanto inferior, traz uma série de

⁷² Ainda que haja a tentativa de cunhar outros termos para designar tal fenômeno, o termo homofobia continua sendo o mais utilizado tanto nacional como internacionalmente. A ILGA (International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association) utiliza o termo homofobia (*homophobia*, em inglês) para designar o preconceito e a discriminação a que o coletivo LGBTI encontra-se exposto. Herek (2004), no entanto, propõe o uso do termo “preconceito por estigma sexual” (*sexual stigma prejudice*, em inglês) ao invés do termo homofobia.

⁷³ Tradução livre: **A homofobia é um dispositivo de controle social que marca os limites de gênero prescritos aos homens e que estigmatiza aqueles que não os alcançam e a também aos que rompem com eles. A homofobia se ativa por excesso e por falta.** Especialmente (mas não somente) entre jovens e adolescentes homens, o grupo de pares sanciona as atitudes e condutas consideradas pouco masculinas, usando qualificativos que degradam e questionam a masculinidade. (grifo nosso)

consequências para o exercício da masculinidade já que esta pretende ser um lugar de distinção social (Badinter, 1993, Bourdieu, 1999, Vale de Almeida, 2000).

A homofobia não se restringe ao preconceito contra as pessoas LGBT, mas pode ser compreendida como um dispositivo de controle social sobre todos os homens, heterossexuais ou não (Badinter, 1993, Connell, 1995, Kimmel, 1997, Herek, 2004, Guash, 2007). Essa particularidade da homofobia – na ausência de um nome melhor para designar tal especificidade – faz com que ela seja relevante para a produção de sentidos sobre o masculino e as masculinidades. David Plummer (2001), sociólogo australiano, ressalta que:

... the study of homophobia is not synonymous with the study of homosexuality – as many people seem to assume. (...). On the contrary, the study of homophobia is necessarily also the study of homophobes and how homophobia seems to be devoted to entrenching and reinforcing stereotypical masculinity – many aspects of which are extreme and dangerous.⁷⁴ (Plummer, 2001:69-70)

Se as masculinidades se constituem por meio de um jogo dinâmico e relacional entre diferentes configurações a partir de um modelo idealizado (masculinidade hegemônica), estabelecendo relações de subordinação e de cumplicidade (Connell, 1995), a homofobia ajuda a instituir uma fronteira simbólica entre os que são homens e “os outros”. Essa permeabilidade permite considerar que nem todos os homens são iguais, ou seja, machistas e homofóbicos, ainda que estejam submetidos a esses padrões sociais tradicionais. As singularidades das experiências masculinas vão para além das normas sociais vigentes, estabelecendo narrativas que desafiam o hegemônico (Barker, 2005, Medrado & Lyra, 2004, 2008).

Kimmel (1997, 2005) afirma que um dos sentidos da masculinidade é a homofobia. Em seu texto “*Masculinity as homophobia*”, o autor diz que a masculinidade só é possível graças ao intenso esforço de se constituir e revelar-se como homofóbica. Nesse sentido, a homofobia ganha outros contornos e sentidos para a relação que os homens estabelecem socialmente consigo mesmos, com os seus pares masculinos e com o mundo que os cerca. O autor afirma que:

... estamos bajo el cuidadoso y persistente escrutinio de otros hombres. Ellos nos miran, nos clasifican, nos conceden la aceptación en el reino de la virilidad. Se demuestra hombría para la aprobación de otros hombres. Son ellos quienes evalúan el desempeño. (...). **La homofobia es un principio organizador de nuestra definición cultural de virilidad.** La homofobia es más que el miedo irracional por los hombres gay, es más que el miedo de lo que podemos percibir como gay. (...) **La homofobia es el miedo a que otros hombres nos desenmascaren, nos castren, nos**

⁷⁴ Tradução livre: o estudo da homofobia não é sinônimo de estudo da homossexualidade – como muitas pessoas parecem assumir. (...). Ao contrário, o estudo da homofobia é necessariamente também o estudo dos homofóbicos e de como a homofobia parece estar devotada para enraizar e reforçar os estereótipos da masculinidade – em que muitos dos seus aspectos são extremados e perigosos.

revelen a nosotros mismos y al mundo que no alcanzamos los standards, que no somos verdaderos hombres. Tenemos temor de permitir que otros hombres vean ese miedo. Este nos hace avergonzarnos, porque su reconocimiento en nosotros mismos es una prueba de que no somos tan varoniles como pretendemos (...). Nuestro miedo es el miedo de la humillación. Tenemos vergüenza de estar asustados. (...) **La vergüenza conduce al silencio – los silencios que permiten creer a otras personas que realmente aprobamos las cosas que se hacen en nuestra cultura a las mujeres, a las minorías, a los homosexuales y a las lesbianas.** El silencio aterrador cuando echamos a correr presurosos, dejando atrás a una mujer que está siendo acosada por hombres en la calle. Ese furtivo silencio cuando los hombres hacen chistes sexistas o racistas en el bar. Ese pegajoso silencio cuando los tipos en la oficina hacen chistes sobre ataques a los gay. **Nuestros miedos son la fuente de nuestros silencios, y los silencios de los hombres es lo que mantiene el sistema.**⁷⁵ (Kimmel, 1997: 54-7, grifo nosso)

Nesse trecho, Kimmel ressalta inúmeros sentimentos contraditórios relacionados com a experiência social da masculinidade. Em primeiro lugar, reconhece a homofobia como um princípio organizador da virilidade. É através da demonstração pública de virilidade que os homens tentam conquistar a chancela de “homem de verdade”. No entanto, essa qualificação é validada nas relações entre iguais, seus pares masculinos. Por isso, Kimmel ressalta a importância que o julgamento dos outros homens têm na produção e manutenção do status masculino. Qualquer desvio de conduta pela quebra dos referenciais masculinos constituídos pelas convenções sociais de gênero representa um fracasso no exercício da masculinidade.

Na empreitada da construção dessa identidade, ainda segundo Kimmel, aparecem os sentimentos de vergonha diante dos seus pares masculinos por conta dos “fracassos” em se cumprir o que é esperado dos homens – numa clara alusão à perda de seu lugar de “homem honrado” na sociedade. A masculinidade hegemônica é o lugar na honradez, e se por algum motivo esse ideal não é alcançado, ela é vivenciada com um sentimento de vergonha pela falha no projeto de distinção social que pretende ser (Mosse, 1996, Bordieu, 1999, Vale de Almeida, 2000). E a estratégia do silêncio, em manter-se calado diante de situações de expressão de preconceitos sexistas e homofóbicos, leva a dois caminhos: no primeiro, o silêncio se vincula à

⁷⁵ Tradução livre: Estamos sob o cuidadoso e constante escrutínio de outros homens. Eles nos olham, nos classificam e nos concedem a aceitação no reino da virilidade. Demonstra-se a hombridade para a aprovação de outros homens. São eles que avaliam o desempenho. (...). **A homofobia é um princípio organizador de nossa definição cultural de virilidade.** A homofobia é mais que o medo irracional em relação aos homens gays, é mais do que o medo daquilo que possamos perceber como gay. (...) **A homofobia é o medo de que outros homens nos desmascarem, nos castrem, nos revelem a nós mesmos e ao mundo que não alcançamos os parâmetros, que não somos verdadeiros homens.** Temos temor de permitir que outros homens vejam este medo. Tal sentimento nos provoca vergonha, porque seu reconhecimento em nós é uma prova de que não somos tão masculinos como pretendemos (...). Nosso medo é o medo da humilhação. Temos vergonha de estar assustados. (...) **A vergonha conduz ao silêncio – os silencios que permitem fazer outras pessoas acreditarem que realmente aprovamos coisas que se fazem às mulheres, às minorias, aos homossexuais e às lésbicas em nossa cultura.** O silêncio aterrador quando avançamos apressados, deixando para trás uma mulher que está sendo assediada por homens na rua. Esse silêncio furtivo quando os homens fazem piadas sexistas ou racistas no bar. Esse silêncio pegajoso quando os caras no escritório fazem piadas sobre ataques aos gays. **Nossos medos são a fonte de nossos silencios, e o silêncio dos homens é o que mantém o sistema.** (grifo nosso)

masculinidade tradicional ou hegemônica através da cumplicidade (Connell, 1995, Nascimento, 2001, 2004), e no segundo, reforça o engessamento das fronteiras de gênero como alerta Welzer-Lang (2001). Em ambos os casos – a omissão que gera o reforço do sistema, das normas, como aponta Kimmel – faz com que se estabeleça uma relação entre homens baseada num ciclo de cumplicidade/desconfiança/cumplicidade, em que aquele que referenda sua masculinidade em um momento, também pode ser algoz dela em outro.

Nessa articulação de forças, Kimmel & Mahler (2003) mostram o efeito que a homofobia causa, principalmente entre os garotos adolescentes. Em seu estudo sobre violência com uso de armas de fogo entre adolescentes masculinos, realizado em escolas nos Estados Unidos, os autores chamam a atenção para o papel que a homofobia e a ideologia do “homem de verdade” desempenham nesse cenário. Segundo os autores:

Our hypotheses are decidedly not that gay and lesbian youth are more likely to open fire on their fellow students. In fact, from all available evidence, none of the school shooters was gay. But that is our organizing hypothesis: Homophobia—being constantly threatened and bullied as if you are gay as well as the homophobic desire to make sure that others know that you are a “real man”—plays a pivotal and understudied role in these school shootings. But more than just taking gender performance and its connections to homosexuality seriously, we argue that we must also carefully investigate the dynamics of gender within these local cultures, especially local school cultures and the typically hegemonic position of jock culture and its influence on normative assumptions of masculinity, to begin to understand what pushes some boys toward such horrific events, what sorts of pressures keep most boys cowed in silence, and what resources enable some boys to resist.⁷⁶ (Kimmel & Mahler, 2003:1449)

A dinâmica de gênero a que os autores se referem estão fortemente pautadas na maneira como os meninos são socializados. Kimmel (1997) dá um exemplo de desempenho masculino infantil nos Estados Unidos que parece servir a qualquer contexto latino americano contemporâneo. Diz o autor (1997: 57-8):

Tengo una apuesta pendiente con un amigo de que puedo entrar a cualquier patio de recreo en los Estados Unidos donde jueguen niños de 6 años y por el solo hecho de formular una pregunta, puedo provocar una pelea. Esta es simple: “¿Quién es un afeminado por estos lados?” Una vez formulada, se ha hecho el desafío. Es probable que ocurra una de dos cosas. Un muchacho acusará a otro de serio, a lo que ese muchacho responderá que él no es el afeminado, pero que el primero sí

⁷⁶ Tradução livre: Nossas hipóteses decididamente não são as de que um jovem gay ou uma jovem lésbica têm uma tendência maior a atirar em seus colegas. Na verdade, baseado em todas as provas disponíveis, nenhum dos agentes de massacres escolares era gay. Esta é nossa hipótese de trabalho: a homofobia – ser constantemente ameaçado e oprimido como se você fosse gay assim como o desejo homofóbico de deixar claro para outros de que se é um “homem de verdade” – possui um papel crucial e pouco estudado nesses massacres escolares. Mas, indo além da tomada da performance de gênero e suas conexões com a homossexualidade de forma séria, argumentamos quanto à necessidade de também investigarmos cuidadosamente a dinâmica de gênero nessas culturas locais, especialmente nas culturas locais de escolas e a posição tipicamente hegemônica da cultura masculina e sua influência nas pressupostas normas de masculinidade, para começarmos a compreender o que leva alguns meninos a realizarem estes atos horrendos, que tipos de pressões mantêm a maior parte dos meninos acovardados em silêncio, e que meios ajudam alguns meninos a resistir.

lo es. Ellos tendrán que pelear para ver quien está mintiendo. O un grupo entero de muchachos rodeará a uno de ellos y gritarán todos “¡El es! ¡El es!”. Ese muchacho o se deshace en lágrimas y corre a su casa llorando, sintiéndose un desgraciado, o tendrá que enfrentarse a varios niños al mismo tiempo para probar que él no es un afeminado (¿Y qué le dirán su padre o hermanos mayores, si prefiere irse corriendo a su casa llorando?). Pasará algún tiempo antes de que recobre algún sentido de autoestima. La violencia es, a menudo, el indicador más evidente de la virilidad. Más bien es la disposición, el deseo de luchar. El origen de la expresión tener una astilla en el hombro, viene de la práctica de un adolescente en el campo o pueblo pequeño a inicios de este siglo, quien literalmente caminaba por todas partes con una astilla de madera balanceándose en su hombro, como signo de su disposición para luchar de inmediato con cualquiera que tomara la iniciativa de quitársela.⁷⁷

Portanto, a produção da homofobia cumpre a função de visibilizar narrativas masculinas hegemônicas em que expressões de virilidade, refutação da feminilidade e da homossexualidade são peças fundamentais e extremamente valorizadas para a comprovação pública da heterossexualidade. Contudo, a expressão desses requisitos vão depender, sobremaneira, do contexto social, cultural e político em que esses homens estão inseridos, assim como das definições de masculinidades⁷⁸.

Alinhando-se a esse pensamento, Plummer (2001) mostra em seu estudo com meninos e rapazes em escolas de Sidney, Austrália, que desde muito cedo, há um processo de aprendizagem de ritos e ditos homofóbicos que vão constituir um “idioma de masculinidade” a ser proferido com intuito de posicioná-los no mundo masculino. A agressividade verbal e física contra os outros meninos serve para mostrar publicamente o status social que se pretende conquistar. Esses xingamentos sempre envolvem dúvidas acerca da sexualidade com vistas a desqualificar a masculinidade do colega, delimitando espaços de convivência e hierarquizando a relação entre os meninos e rapazes, distinguindo aqueles que são homens de fato dos “outros”⁷⁹. Além disso,

⁷⁷ Tradução livre: Eu tenho uma aposta pendente com um amigo de que posso ir a qualquer pátio de escola nos Estados Unidos onde estejam brincando crianças de seis anos e pelo simples fato de formular uma pergunta, posso provocar uma briga. A questão é simples: “Quem é mulherzinha aqui? Ao formular a pergunta, está lançado o desafio. É provável que aconteça uma dessas duas situações. Um garoto acusará outro de ser mulherzinha e logo este responderá que não, mas que o primeiro, sim, o é. Eles terão que brigar para ver quem está mentindo. O grupo inteiro de garotos rodeará a um deles e todos gritarão ‘ele é, ele é!’. Esse garoto ou desaba em lágrimas e corre para sua casa chorando, sentindo-se um infeliz, ou terá que enfrentar a vários meninos ao mesmo tempo para provar que ele não é mulherzinha (e o que dirão seu pai ou irmãos maiores, se ele preferiu ir para a casa chorando?). Passará algum tempo antes dele recuperar um pouco sua autoestima. A violência é, frequentemente, o indicador mais evidente da virilidade. Mais especificamente, identifico a disposição, o desejo de lutar. A origem da expressão ‘ter uma lasca de madeira no ombro’ vem da prática de um adolescente do campo ou de uma cidade pequena no início deste século, quem literalmente caminhava por todas as partes com uma lasca de madeira pendurada em seu ombro, como sinal de disposição para lutar imediatamente com qualquer um que tomasse a iniciativa de arrancá-la.

⁷⁸ Borrillo (2010) chama a atenção de que projetos de perseguição a homossexuais podem acontecer a partir de uma ideologia política dominante como foi o caso do stalinismo e do nazismo. Lundgren (1996) fornece vários exemplos sobre essa questão no contexto cubano. A biografia de Rudolf Brazda, homossexual oriundo de um campo de concentração nazista, também fornece um relato interessante sobre a homofobia nazista (cf. Schwab, 2011).

⁷⁹ O fenômeno do *bullying* homofóbico nas escolas tem chamado cada vez mais a atenção dos educadores e seu enfrentamento é uma dos objetivos do Programa “Escola sem Homofobia”. Esse fenômeno, conforme apontam Plummer (1999, 2001), Kimmel & Mahler (2003), entre outros autores, não se restringe a alunos LGBT, mas se volta a qualquer pessoa cuja conduta não se adéque

conforme relata o autor, há uma transmissão de valores homofóbicos dos garotos mais velhos para os mais novos. Dessa maneira, a homofobia se perpetua, entre outros fatores, pela transmissão geracional de valores masculinos homofóbicos.

Termos como “mulherzinha”, “bichinha”, “viadinho”, propositalmente usados no diminutivo, têm referências de conotação sexual (aquele que é injuriado aparece como “passivo”) e o intuito de desafiar o sentido de honra desses garotos. Se por um lado, como ressalta Eribon (2008), a subjetividade homossexual é forjada pela marca da injúria, por outro, pode-se inferir que é através da proferição pública da injúria que a masculinidade se visibiliza e alcança reconhecimento social valorizando a masculinidade hegemônica. E é nesse sentido que Plummer (2001) alerta que a homofobia é “um assunto de homens, para homens e entre homens”:

Rather than simply targeting a masculine-feminine boundary or sexual orientation, homophobia is concerned with an intragender division between males who are sufficiently masculine and those who exhibit signs to the contrary. (...). Given that the category ‘male’ exists, it is possible to create classes within that category – for example males who conform and measure up – and it is also possible to identify failures, outcasts and traitors. (...). In the modern homophobic configuration of this intragender divide, males who fail to conform to collective expectations, who lack sufficient ‘masculinity’, who betray masculine solidarity are positioned as modern day heretics called poofers or faggots.⁸⁰ (Plummer, 2001:67)

Mas a homofobia também se encontra entre homossexuais. Borrillo chama a atenção para o papel que a homofobia internalizada ou interiorizada desempenha na vida de gays e lésbicas. O autor adverte que:

Em uma sociedade em que os ideais de natureza sexual e afetiva são construídos com base na superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar os conflitos interiores resultantes de uma não adequação a tais valores. Além disso, os gays e as lésbicas crescem em um ambiente que desenvolve abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização dessa violência, sob a forma de insultos, injúrias, afirmações desdenhosas, condenações morais ou atitudes compassivas, impele um grande número de homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, às vezes, graves distúrbios psicológicos, tais como sentimento de culpa, ansiedade, vergonha e depressão. (Borrillo, 2010:101)

A ação da homofobia internalizada não se restringe à produção de distúrbios psicológicos, mas está relacionada também com a construção de uma hierarquia dentro do

às convenções sociais de gênero vigentes. Além da violência psicológica e moral inerente a esse fenômeno, ele pode desencadear episódios de violência física, podendo chegar ao homicídio ou suicídio das vítimas.

⁸⁰ Tradução livre: Ao invés de simplesmente colocar como alvo os limites masculino-feminino ou a orientação sexual, a homofobia está relacionada com uma divisão de gênero entre homens que são suficientemente masculinos e aqueles que não o são. (...) Dado que a categoria “homem” existe, é possível criar classes dentro desta categoria – por exemplo de homens que estão em conformidade e à altura – e é possível também identificar os fracassados, excluídos e traidores. (...) Na configuração homofóbica moderna desta divisão intra-gênero, os homens que fracassam em cumprir as expectativas coletivas, que não têm ‘masculinidade’ suficiente, que traem a solidariedade masculina, são vistos como heréticos modernos, chamados de bichas ou viados.

mundo homossexual masculino. A valorização daquele que assume a posição do “ativo” e da expressão de virilidade dentro do mercado afetivo-sexual em detrimento de homossexuais mais afeminados estabelece uma hierarquização entre as masculinidades gays, muitas vezes permeada de violências simbólicas fruto da homofobia internalizada (Parker, 1991, 1998, Green, 2000).

Portanto, o uso do termo homofobia parece se constituir a partir de um mosaico de saberes e definições, de perspectivas diversas sobre o exercício da sexualidade e as convenções sociais de gênero. Se por um lado, o preconceito se dirige a pessoas com orientação homossexual, por outro, a homofobia parece também se voltar contra aqueles que, independente da orientação sexual, rompem em alguma instância com as convenções de gênero como é o caso, por exemplo, de rapazes que não demonstram serem “suficientemente viris ou masculinos” (Kimmel & Mahler, 2003).

É preciso lembrar que o termo “homofobia” – utilizado comumente para designar formas de preconceito que geram discriminações e violências – serve também para nomear um conjunto amplo de situações que vão desde a proferição de injúria, passando por agressões físicas e chegando a mortes ou aos crimes de ódio; serve como categoria política para o movimento LGBT; e está presente, sob diferentes faces, nos planos individual, institucional, jurídico e social, como alerta Borrillo (2010). Devido a esse amplo espectro, Prado (2010:7) afirma que a homofobia trata de “muitos fenômenos sob o mesmo nome”.

Seguramente, a maior visibilidade social da orientação não heterossexual, a inclusão de temas LGBT na mídia, a produção de debates e a formulação de políticas públicas e legislações acerca do tema, colocam a discussão e o enfrentamento da homofobia como um desafio contemporâneo.

Resumindo, podemos verificar que apesar de sua origem no campo da saúde mental, há uma tendência no debate atual em compreender a homofobia a partir da produção cultural, social e política, que engendra discursos e práticas relativas a esse fenômeno.

A homofobia trata de uma forma de preconceito, que pode resultar em discriminação e violência, passando pela negação de direitos civis, e tem sido considerada uma violação de direitos humanos da população LGBT. Esse preconceito encontra seus fundamentos nas convenções sociais de gênero que ditam comportamentos e atitudes apropriadas para homens e mulheres.

Além disso, como ressalta Gail Mason (2002), é necessário expressar a palavra violência no que se refere aos atos relacionados à homofobia. A autora propõe o uso do termo “violência por homofobia” ou “violência homofóbica” para que não se desqualifique o peso que a violência tem nos episódios de discriminação por orientação sexual.

Cabe ressaltar que ao longo da história, houve projetos de perseguição aos homossexuais em alguns contextos específicos devido a ideologias políticas⁸¹. Autores como Lundgren (1996), Borrillo (2010) e Fone (2010), apontam alguns fatos recentes para ilustrar esses projetos, como os que foram colocados em marcha na Alemanha nazista, na antiga União Soviética e em Cuba, sob o regime de Fidel Castro.

O enfrentamento da homofobia vem promovendo a articulação de esforços entre numerosos atores sociais que vão desde o movimento social organizado, as instâncias governamentais, com arcabouço político e legal apropriado, e sensibilização da sociedade como um todo.

No que diz respeito aos homens, a homofobia constitui um dos pilares da construção da masculinidade heterossexual, atingindo todos os homens, em maior ou menor grau, sejam homossexuais ou não. Homens que não apresentam características de virilidade esperadas para um “homem de verdade” podem ter sua masculinidade considerada como suspeita, o que gera temor e vergonha. A esses sentimentos, se atribuem episódios de violência, incluindo *bullying*, discriminação e agressão física.

Se a relação entre homens é regularmente pautada pela homofobia, os regimes de amizade entre homens heterossexuais (os “homens”) e homens gays (os “outros”) podem ser reveladores de outras dinâmicas de gênero possíveis para o masculino (Price, 1999).

⁸¹ No Brasil, a homossexualidade nunca foi considerada como um delito. Contudo, durante a ditadura militar, houve alguns episódios que à luz dos dias atuais poderiam ser considerados como perseguição homofóbica. O Jornal “Lampião da Esquina”, uma das primeiras publicações voltada ao público homossexual masculino fundado na década de 1970, foi objeto de investigação policial no ano de 1978, acusado de ofensa à moralidade pública e seus editores acusados de ofender a moral e os bons costumes (para mais detalhes, cf. Green, 2000). Outro exemplo, ocorrido também no final dos anos de 1970, foi o da revista “Isto É”. Seus editores receberam uma intimação da Justiça Federal, a pedido do Ministério da Justiça, por conta de uma matéria publicada no número 53 (em dezembro de 1977) cuja capa dizia “O poder homossexual”. O processo aberto contra a revista argumentava que havia uma “apologia de comportamento desviante, anormal e obsceno”. Para mais detalhes, conferir a matéria “Sob os holofotes”, disponível em <<http://www.brasileiros.com.br>>. Acessado em 25/06/2011.

2.2.3 Situação limite: masculinidade, juventude e violência homofóbica

Dentre os homens entrevistados, apenas um relatou envolvimento com “brigas de galera” e práticas de violência homofóbica na juventude. Beto me foi indicado por um conhecido comum, Márcio. Márcio é um homem gay, de 35 anos, soropositivo desde os 17. Como ele havia sofrido um episódio de dupla discriminação no seu local de trabalho – pelo fato de ser gay e soropositivo – buscou ajuda profissional no escritório de advocacia em que Beto trabalhava para abrir um processo judicial contra a empresa. Márcio o indicou dizendo que considerava Beto um grande amigo, “quase irmão”.

Beto me recebeu em seu escritório e é uma pessoa muito reservada e de poucas palavras. Contou-me que já se envolveu em diferentes episódios de violência, tendo sido denunciado por conta da lei Maria da Penha⁸², por ameaças e agressão contra uma ex-namorada. Na juventude fazia parte de um grupo de surfistas e de lutadores de jiu-jitsu. Ele nomina esses grupos como “galera”. Atualmente pertence a um grupo de motociclistas com o qual ele viaja por diferentes partes do país. Ele mesmo se define como “radical, prepotente e aquele que não perdoa traições de amigos ou namoradas”.

Por volta dos 18 anos participou de um episódio de violência homofóbica contra um rapaz na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro. Ele relatou que:

“P: (...) [os membros do grupo disseram] “Esse cara é gay...” Sei lá... Sei lá, **mas antigamente a gente recriminava, né? Teve recriminação. Eu era de galera, pô... Uma vez batemos num cara, eu fiquei até...**

E: Como é que foi essa história?

P: Tava na praia... Eu acho que eu contei pro Márcio [amigo gay]. Tava ajeitado na praia, a galera toda, do surf...

E: Você era surfista?

P: Até hoje. Pego umas... hoje enrolo, né? E tinha um... tinha um cara, né, gay. Foi de fio dental. Aí passou pela gente e foi pro mar. Deixou as coisas dele. Nós começamos a tacar... tacar... saco de biscoito com areia, começamos a tacar nele. E nessa, o pessoal do subúrbio, tinha uma galera do subúrbio também, começou a tacar nele também. Quando ele desceu, quando ele foi reclamar, meteram a porrada. E ainda roubaram ele. **Era garoto... Bichinha... botou fio dental... Era aquele cara, ele queria aparecer...**

E: Isso aconteceu onde? Em que praia?

P: Praia de Ipanema, posto 8.

E: E você tinha quantos anos na época?

P: **Eu devia ter uns 18 anos, 17.** Nunca esqueci. **Eu fiquei com pena.** Até... na época ficamos com pena mesmo. **Porra, 10 contra um e o cara... gay fraco... Tu quer o que? Vai matar o moleque. Ele saiu correndo e os caras ainda roubaram ele.**

⁸² A Lei nº 11340 de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres.

E: E por que as pessoas começaram a jogar coisas contra ele?

P: **Preconceito. Homofobia. Ho-mo-fo-bia. Todo mundo era jovem.**

E: Eram todos homens?

P: **Era galera. Galera de surf. Galera... Hoje, muitos cresceram, né? ... do Jiu-Jitsu, da época do Jiu-Jitsu, porrada de galerinha... Foi um caso que aconteceu, mas... Era homofobia da galera.** [Beto, 37 anos, advogado, RJ, grifo nosso]

Em seguida, ele relatou outra briga numa boate da zona sul carioca, enfatizando o papel da galera e do líder no fomento desse episódio.

“(...) Numa boate no Leblon, do lado do La Mole, o restaurante. Eu quebrei um, mas o filho da puta me arrancou [mostra as costas]... E ainda foi covarde, hein... **Que quem morde é coisa de viadinho, né?** Ele me mordeu aqui nas costas. É... Eu acho o seguinte, cara... **A galera é um líder. E o resto vai atrás.** Na época de galera era assim. Um chegava assim, “Pô, eu não gosto daquele cara, vamo juntar na porrada?” Um falava e o resto caía na pilha e dava porrada. É isso. **Hoje o pessoal já puxa uma pistola e dá um tiro. O mundo mudou. Antigamente era mano a mano.**” [Beto, 37 anos, advogado, RJ, grifo nosso]

Trata-se de um caso significativo e bastante contemporâneo e que traz à tona um conjunto de questões relacionadas à masculinidade, violência e homofobia. Em ambos os relatos podemos ver o sentido que o masculino ganha nos contextos de “galera”, onde a construção simbólica de gênero está intimamente relacionada à violência. Como recorda Abramovay, “a violência não antecede o gênero, nem vice-versa, configurando, em contrapartida, meandros concomitantes” (Abramovay, 2010: 49).

Tradicionalmente, a violência é vista como um fenômeno associado ao masculino, em que as agressões físicas, o controle e o exercício da autoridade funcionam como prerrogativas. Tais aspectos configuram, tanto no espaço público, quanto no privado, demonstrações de virilidade e de poder. Os homens, como demonstram as estatísticas, são os que mais aparecem como autores e vítimas da violência, notadamente os jovens (até 29 anos de idade)⁸³.

A violência presente nas ações das galeras parece ser um fator constitutivo na formação da identidade e no sentimento de pertencimento ao grupo que, de alguma maneira, fornece um destaque social para os seus membros. É nesse sentido que Abramovay (2010) alerta que:

as violências praticadas pelos jovens podem se expressar como possibilidade de construir uma identidade. Assim, seu cometimento pode lhes outorgar posição social e um modo de situar-se em suas histórias e em seus mundos. (...). As violências como aprendizagem de um estilo de relações sociais apontam que os conflitos ou as disputas podem ser resolvidos por meio da imposição do mais forte sobre os mais fracos. Para esses jovens, tais práticas podem se tornar uma parte constitutiva de suas vidas (...). **Aprendem a encontrar gratificação na violência exercida contra outros.** (Abramovay, 2010:46-7, grifo nosso)

⁸³ É interessante observar o “silêncio” sobre a violência homofóbica no relatório global da OMS sobre violência e saúde. Quando retrata as formas de violência interpessoal, o relatório aponta diferentes tipos possíveis de violência como a juvenil, contra parceiros íntimos, crianças e pessoas idosas, e a violência sexual. No entanto, em momento algum se faz menção à violência homofóbica ou à homofobia. Conferir WHO (2002).

No caso relatado pelo Beto, a violência aparece como uma forma de atuação coletiva, em que o papel do líder – que necessariamente não está restrito à atuação permanente de um único sujeito – é de suma importância para o incitamento dos episódios de agressão⁸⁴. A violência acontece contra diferentes grupos: contra aqueles considerados socialmente inferiores (migrantes, nordestinos, negros, homossexuais, entre outros), contra aqueles considerados rivais em que há uma rixa declarada, muitas vezes associada à questão de domínio de territórios. Em ambos os casos, é através da violência, em contextos de homosociabilidade, que eles (re)afirmam seu lugar social e dão significado a sua identidade masculina.

A galera assume uma identidade grupal em que “se desenvolvem desde atividades lúdicas até atos de delinquência, cujos membros mantêm relações de solidariedade à base de uma identidade compartilhada” (Abramovay, 2010: 67).

No entanto, os conteúdos simbólicos da masculinidade presentes na história de Beto transcendem a violência *per se*. Em um primeiro momento, está a ousadia de um rapaz de quebrar publicamente as convenções sociais de gênero naquela época (1990). Ao usar um fio dental para ir praia, seu comportamento igualava-se ao de uma mulher, o que era visto como uma “traição” da sua condição masculina e por isso “passível de correção”.

O uso da violência para a “correção” dos desvios de gênero é bastante difundido. As análises de Gail Mason (2002) e de Stephen Tomsen (2010), estudiosos australianos no campo da criminologia, mostram que vários episódios de agressão contra homens e mulheres homossexuais são justificados como uma “forma de pedagogia”, de “ensiná-los o caminho correto” e de fazê-los aderir às normas sociais vigentes. Vale ressaltar que o uso desse tipo de “pedagogia” não se encontra restrito a ações cometidas por desconhecidos. Muitas dessas situações ocorrem dentro da própria família⁸⁵, marcando profundamente a vida desses indivíduos. A esse respeito, Eribon (2008) esclarece que:

A identidade [homossexual] deve se construir passo a passo e permanece necessariamente conflituosa, seja qual for a opção escolhida: num caso, haverá conflito entre a submissão à ordem heterossexual e as pulsões interiores que orientam para as relações com pessoas do mesmo sexo; no outro, haverá conflito entre a recusa a se submeter e as relações com a ordem heteronormativa

⁸⁴ Durante os anos de 1990, vários lutadores de jiu-jitsu se envolveram em episódios de agressão a homossexuais e mulheres, revelando alto grau de homofobia e misoginia. Esses lutadores ficaram conhecidos com *pitboys*, numa tentativa de diferenciá-los daqueles que praticavam o esporte em academias e não se envolviam em brigas de rua. Para mais detalhes, conferir o trabalho de Cecchetto (2004).

⁸⁵ De acordo com a análise de Carrara & Lacerda (2011:81) sobre os dados da pesquisa da FPA, “7 % dos(as) entrevistados(as) declararam que não aceitariam filhos gays ou lésbicas e os expulsariam de casa. O número de respondentes que teria tal atitude extrema é muito maior entre homens (11%) do que entre mulheres (4%) e sofre enorme variação segundo o nível de escolaridade, indo de 15%, entre os que nunca foram à escola, a apenas 2% entre os(as) com instrução de nível superior”.

lançadas permanentemente por todas as instâncias da sociedade, e que vão da violência ordinária secretada pelas situações mais banais da vida familiar ou escolar até a brutalidade traumatizante das injúrias e das agressões. (Eribon, 2008:38)

Em relação aos homens, essa “correção” pretende demonstrar que tal comportamento não é apropriado para os “homens de verdade”, e que deve ser repudiado publicamente por estes para a manutenção do sentido hegemônico de identidade masculina.

Em um segundo momento, Beto ressalta a participação da galera do subúrbio na violência homofóbica, chamando a atenção para a diferença de classe social. Ainda que de “galeras distintas” por conta da diferença de classe, a ideologia comum homofóbica unia esses dois grupos e permitia que houvesse um “linchamento” físico, moral e social desse rapaz.

Em vários pontos do seu relato Beto reforça a ideia de que o rapaz “queria aparecer”. Sua opinião permite uma leitura bastante contemporânea acerca da homossexualidade. Pesquisas como a da FPA (Carrara & Lacerda, 2011) e do Promundo e ICRW (Barker *et al*, 2011), além de artigos de opinião em jornais (Carrara, 2005, 2011), tem mostrado que a aceitação da homossexualidade está intimamente ligada ao grau de visibilidade que esta possui no âmbito público. Opiniões como “nada tenho contra os homossexuais” ou “não sou preconceituoso” caem por terra, na medida em que a homossexualidade ganha visibilidade no espaço público. Expressões públicas de afeto entre pessoas do mesmo sexo e comportamento dissonante das atribuições convencionais de gênero provocam opiniões recorrentes como as de Beto: “eles só querem aparecer”! Enquanto restrita ao espaço da intimidade, do privado ou do “gueto”, a homossexualidade “não interfere” na vida social, sendo passível de tolerância. Na medida em que se apresenta publicamente, rompem-se as fronteiras demarcadas entre o mundo heterossexual e o mundo gay, provocando o surgimento de toda a sorte de violências (Carrara, 2005, 2011).

É interessante notar a observação inicial de Beto quando ele diz que “antigamente a gente recriminava”, colocando a situação ocorrida como algo relacionado ao passado (cerca de vinte anos atrás). Ainda que esse tipo de preconceito e atitude discriminatórios não encontre mais lugar em sua vida, trata-se ainda de um episódio bastante corriqueiro e atual. Parece em algum momento que Beto crê que esse episódio é uma “coisa da juventude”. A pesquisa da FPA (Carrara & Lacerda, 2011) mostra que os homens tendem a ser mais preconceituosos em relação à homossexualidade na juventude (e na velhice) do que em outras fases da vida. Além disso, o sentimento de pertencer a um grupo e ser reconhecido por seus pares é extremamente importante

nessa fase da vida para a afirmação da sua identidade masculina, nem que seja através da violência (Minayo *et al*, 1999, Nascimento, 2004, Barker, 2005). Como diz o próprio Beto, bastava que um dos membros do grupo dissesse que não gostava de alguém, sem motivo aparentemente específico, para acender o estopim da violência.

Outro aspecto importante é o uso dos termos “bichinha” e “viadinho”. Beto, ao se referir ao seu amigo, usa a palavra gay. Ela aparece com a maneira politicamente correta de se referir a um homem homossexual. Da mesma maneira que emprega o termo lésbica para referir-se às mulheres homossexuais de seu círculo de amizades. No entanto, o uso dos termos, “bichinha” e “viadinho” no diminutivo, busca ressaltar a desvalorização social desses sujeitos e da sua condição “não masculina”. Em ambos os casos, o emprego desses termos tem uma conotação pejorativa e de injúria, conforme o sentido dado por Eribon (2008).

No segundo episódio de violência, a questão do conflito não reside na homossexualidade. Trata-se de uma briga coletiva que nem mesmo Beto sabe precisar o motivo. No entanto, Beto ressalta que o outro rapaz o mordeu pelas costas, “de maneira covarde”. Seu comentário acerca da reação do rapaz revela sua opinião sobre a performance masculina “questionável” dele. Morder pelas costas não é um comportamento viril numa briga de rua. Somente os covardes, aqueles que não são “homens”, os “viadinhos” fariam algo assim. Daí a utilização do termo para se referir a essa “antítese do homem de verdade”.

E por fim, quando ele diz que agora as pessoas já não brigam no “mano a mano” como antigamente, mas se utilizam de “pistolas”, Beto enaltece as brigas em que não havia artifícios ou dispositivos externos. Era pela demonstração de força, valentia e hombridade contra seus “supostos rivais”, junto com a adrenalina que a situação de violência lhes oferecia, que eles – os homens – se reconheciam e eram reconhecidos, se sentiam importantes, temidos e valorizados, além de lhes conferir um status social como grupo, como galera (Minayo *et al*, 1999, Cecchetto, 2004, Abramovay, 2010).

Cabe ressaltar o dilema moral que aparece no relato de Beto. Em determinado momento, ao comentar sobre episódio, Beto afirmou ter sentido pena do homem gay e reconheceu que esse evento poderia ter um desfecho de morte, já que eram 10 rapazes contra um “gay e fraco”, e que poderia ser interpretado como um “ato de covardia” contra alguém que não apresentava condições de defesa. É possível observar certo grau de arrependimento na sua fala, ao olhar para esse fato acontecido lá atrás. Contudo, cabe ressaltar que nos ambientes de “galera”, episódios

como esse que se iniciam como “curtição” terminam por ter um desfecho trágico, podendo envolver alto grau de violência e até mesmo morte. É nesse sentido que a reflexão de Beto é importante para chamar a atenção para o nível de gravidade das consequências de atos cometidos em contextos de “porrada de galerinha”.

Esse episódio, ainda que tenha acontecido há mais de 20 anos, é extremamente atual e se repete em diferentes contextos no Brasil e ao redor do mundo. A violência masculina tem sido particularmente investigada e pode estar atrelada a questões de gênero, geração e classe social (Cecchetto, 2004, Barker, 2005). No entanto, a violência homofóbica – como mostram Mason (2002), Kimmel & Mahler (2003) e Tomsen (2010) – ainda carece de ser mais bem sistematizada e investigada, questionando a ideologia de dominação masculina que a sustenta e suas relações com a orientação sexual e identidade de gênero.

3 APRENDENDO A SER HOMEM: ENTRE A “INÉRCIA” E A “CONTESTAÇÃO”

*Le eche una ojeada:
no había que ser muy sagaz para ver de qué pata cojeaba;
y habiendo chocolate, había pedido fresa.
[David]*

Esse capítulo apresenta um conjunto de reflexões acerca do processo de socialização dos entrevistados e das dinâmicas das relações de gênero em diferentes âmbitos da vida cotidiana, buscando discutir como essas instâncias influenciam a construção de seu senso de masculinidade.

3.1 As “masculinidades dos homens” no contexto da equidade de gênero

Embora seja inegável que houve avanços nas relações de gênero, todavia persistem iniquidades que afetam a vida das mulheres (e dos homens) em vários contextos sócio-culturais. Como visto anteriormente, as mudanças que ocorreram no âmbito público afetaram sobremaneira a vida privada (Castells, 2002). Sexualidade e reprodução, violência contra as mulheres, participação masculina nas tarefas domésticas, paternidade, educação de filhos e filhas sob uma ótica de gênero são temas recorrentes nos estudos com homens sobre masculinidades, assim como nos projetos de intervenção social voltados para a população masculina (Nascimento, 2004, Nascimento, Segundo & Barker, 2009).

A construção do masculino e a dinâmica das relações de gênero estão sujeitas a influências de diferentes instituições como a família e a escola, a relação com seus pares masculinos, os modelos de masculinidade presentes na sua socialização, e são continuamente interpretadas e internalizadas por cada sujeito ao longo de sua biografia como advertem Pulerwitz & Barker (2008).

Com visto anteriormente, a masculinidade não é outorgada; pelo contrário, a subjetividade masculina é produzida através de um jogo complexo de incorporação, assimilação, construção e desconstrução das convenções sociais de gênero vinculadas ao masculino em

contextos culturais específicos (Connell, 1995, 2000, Barker, 2005, Kimmel, 2005). Seguindo essa mesma trilha, Vale de Almeida (2000) ressalta que as relações de gênero representam relações de poder, sendo criadas, reforçadas e modificadas pela contínua interação entre homens e mulheres.

Ainda que as iniquidades de gênero persistam, Barker (2005) demonstra que há relações entre homens e mulheres que podem ser consideradas como “mais equitativas”. Como foi apresentado na introdução, Pulerwitz & Barker (2008) desenvolveram uma escala psicométrica para a mensuração de equidade de gênero com homens, chamada Escala GEM. Essa escala pretende mensurar o grau de adesão dos homens diante de afirmações relacionadas às convenções de gênero e apresenta um conjunto de 24 afirmações, sendo 17 delas consideradas “tradicionais” e as outras sete como “igualitárias”. Esses itens contemplam cinco diferentes domínios: sexualidade e saúde reprodutiva, divisão sexual do trabalho, paternidade, violência contra a mulher e homofobia. Dessa maneira, segundo os autores, a escala representa uma ferramenta para avaliação de projetos de intervenção com homens que se proponham a contribuir para equidade de gênero.

De acordo com os autores, um homem que apresente uma postura de mais equidade de gênero é aquele que desenvolve relações baseadas em respeito e igualdade para com as mulheres; se envolve nas tarefas domésticas e na educação dos/as filhos/as, não apenas como provedor financeiro, mas dividindo diferentes tarefas inerentes ao cuidado deles/as; participa no planejamento reprodutivo, compartilhando métodos contraceptivos, e negociando como, quando e quantos filhos planejam ter; se opõe a qualquer forma de violência contra as mulheres; e é contra a manifestação de preconceitos e/ou violências contra homossexuais. Ainda que esse último ponto não diga respeito diretamente à vida e ao bem estar das mulheres, os discursos e as práticas homofóbicos, conforme apresentado no capítulo anterior, são comumente utilizados pelos homens para se definirem como “homens de verdade” e podem voltar-se contra quaisquer homens, independentemente de sua orientação sexual, que apresentam comportamentos dissonantes em relação às convenções sociais de gênero.

No presente trabalho, não houve a intenção de aplicar tal escala com os entrevistados, mas seus domínios servem de inspiração para pensar de que forma esses homens constroem os seus sentidos sobre o masculino e como as relações de gênero se apresentam em diferentes âmbitos da vida cotidiana. Parte-se da premissa de que homens que sejam “mais equitativos”

serão menos preconceituosos em relação à homossexualidade⁸⁶. Portanto, os temas discutidos nesse capítulo se alinham aos tópicos aqui mencionados, mas não se restringem a eles.

3.2 Construindo “repertórios masculinos”: entre a “casa” e a “rua”

Como visto anteriormente, o processo de construção dos “repertórios masculinos” é fruto de um jogo complexo e, muitas vezes contraditório, que oscila entre a cumplicidade e a contestação das convenções sociais vigentes (Connell, 2000). Esse processo de construção envolve a ação de inúmeros agentes socializadores como a família, a escola e “rua” como um espaço masculino por excelência.

Em especial, a família representa uma das primeiras instâncias de socialização e desempenha um papel importante na transmissão de valores sociais. Contudo, o conceito de família vem sofrendo grandes transformações nas últimas décadas e atualmente convivemos com diferentes formas de conjugalidade e arranjos familiares: da família “tradicional” (pai, mãe e filhos/as) a famílias monoparentais, famílias rearranjadas, homoafetivas, sem filhos etc.

Essas transformações, seguramente, terminam por impactar as concepções sobre o masculino e feminino e as relações de gênero. A família constitui um lócus privilegiado para a transmissão de valores acerca do gênero, da feminilidade e da masculinidade, não somente por suas práticas e discursos, mas também no que Connell & Messerschmidt chamam de “unreflective routinized actions”⁸⁷ (Connell & Messerschmidt, 2005: 842).

De maneira geral, todos os entrevistados vieram de famílias que podemos considerar como “tradicionalistas”: pai, mãe e filhos. Em média, cada família tinha entre dois e três filhos. Apenas Fred é filho único e tanto Fabrício como Miguel têm quatro irmãos. Miguel tem uma história familiar peculiar já que a partir da adolescência passa a viver com seu padrinho que é gay e casado com outro homem há mais de 40 anos⁸⁸.

Vários homens se referem às regiões de origem de suas famílias para marcar um contraponto com a cidade atual em que vivem. Segundo eles, o fato dos pais serem de outras

⁸⁶ Para uma reflexão a esse respeito, cf. Pulerwitz & Barker (2008) e Barker *et al* (2011).

⁸⁷ Tradução livre: “ações rotineiras não reflexivas”.

⁸⁸ Voltaremos a falar sobre a história de Miguel, em mais detalhe, no próximo capítulo.

regiões do país (que não do Rio de Janeiro ou de São Paulo onde atualmente eles moram) exerceu uma forte influência na maneira como foram educados.

Cesar mora em São Paulo há mais de 20 anos, mas foi criado em uma cidade pequena do interior de Minas Gerais com fortes influências conservadoras, segundo ele. De maneira análoga, Ivan foi criado em uma cidade do interior fluminense e tem mesma percepção sobre como o conservadorismo influenciou na sua educação. Os pais de Gilson, Michel e Samuca são da região sul do Brasil. Todos afirmaram que, devido a essa origem, seus pais eram “machistas”, “conservadores” e “caretas”. O pai de Fabrício é descendente de japoneses e educou os filhos de maneira bastante “tradicional e voltada para a disciplina”, como ele mesmo disse durante a entrevista. Todos reconhecem a influência desses fatores na sua educação e na transmissão de valores⁸⁹. Para esses homens, essa “mistura” de cenários, culturas e valores constituiu o pano de fundo para sua aquisição de valores acerca do que é ser homem.

Quando perguntado sobre sua família de origem, Gilson afirmou que vinha de uma família racista, preconceituosa e politicamente conservadora. Ele contou uma história bem ilustrativa de sua decepção, ainda criança, quando se “deu conta” do conservadorismo de seu pai e como, ao longo de sua trajetória, precisou “reformular” esses valores recebidos e criar os seus próprios conceitos acerca da vida:

“Eu costumo brincar que uma vez eu perguntei para o meu pai, eu era pequenininho e via aquela coisa Arena e MDB⁹⁰, situação e oposição, direita e esquerda. Eu perguntei para o meu pai: ‘Pai, o que a gente é? A gente é Arena ou MDB?’ Meu pai respondeu, eu queria que ele respondesse que éramos MDB, eu já era meio de contestar ... e meu pai disse: ‘Nós somos Arena!’ Aí eu fiquei decepcionado com a resposta dele. Isso ficou marcado pra mim porque nem sempre você vai ser o que o time de futebol acompanha. Coisas que eu via meu pai fazer que eu não quero pra mim, meu pai fazia e eu não quero pra mim. Você ter, criar esse senso crítico de nem tudo que seus pais vão te passar é positivo, num determinado momento você vai fazer as suas escolhas”. [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ]

Alguns dos homens relataram que os pais não estiveram presentes durante sua infância e adolescência. Michel e Ivan, por exemplo, relataram que essa ausência foi marcante em suas vidas. Em ambos os casos, seus pais se separaram quando eles eram crianças/adolescentes e, a

⁸⁹ E é nesse sentido que Connell & Messerschmidt (2005) chamam a atenção para a influência da “geografia das masculinidades” na construção dos repertórios masculinos. A influência mais direta e óbvia acontece na interação cotidiana com a família e a escola (que os autores denominam de “nível local”). Contudo, a interferência de diferentes influências culturais, sobretudo no caso de populações migrantes, por exemplo, e que constitui o “nível regional”, aliada aos efeitos da “globalização”, como o “mundo virtual” e a “mídia” (constituintes do “nível global”) parecem tornar a produção desses repertórios masculinos ainda mais complexa. É através da inter-relação entre esses diferentes níveis que a construção contemporânea da masculinidade acontece.

⁹⁰ Arena (Aliança Renovadora Nacional), da situação, e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), da oposição, eram os dois únicos partidos políticos durante a época da ditadura militar.

partir de então, as mães assumiram a condição de “chefe de família”. Os pais se afastaram dos filhos, constituíram outras famílias e foram ausentes na sua educação. No caso de Michel, ele relatou que seu pai costumava usar violência física contra sua mãe e durante sua infância e adolescência ele teve a oportunidade de assistir a várias dessas agressões. Michel chegou a agredi-lo para defender sua mãe.

“Eu passei poucas e boas com minha mãe [com] agressões e outras coisas. De eu ter que bater nele [no pai], de eu ter que intervir com treze anos, eu ter que agredir ele para não bater na minha mãe etc. e tal. E quando ele se afastou dos filhos não tinha nenhuma ajuda financeira para a gente aqui.” [Michel, 44 anos, administrador, RJ]

A relação entre violência contra as mulheres e masculinidade é um tema bastante pesquisado entre aqueles que se interessam pelos estudos sobre homens e masculinidades (Nascimento, 2001)⁹¹. A violência contra a mulher é um fenômeno multicausal e se ancora na assimetria de poder nas relações entre homens e mulheres. Algumas pesquisas mostram que garotos que assistiram a episódios de violência doméstica durante a infância/adolescência apresentam maior probabilidade de cometer atos de violência contra as mulheres durante a vida adulta (Acosta & Barker, 2003, Barker *et al*, 2011). Tal fenômeno deve ser compreendido como o resultado de um processo de aprendizagem de que o recurso da agressão – verbal, psicológica e/ou física – é uma forma “legítima” de resolução de conflitos (Nascimento, 2001). Contudo, de acordo com Michel, ele quis “fazer diferente”. Não queria passar por uma experiência semelhante a da sua família de origem, e atualmente, busca orientar suas relações com as mulheres por princípios mais igualitários.

“Eu preciso de outra pessoa para ter uma companhia. Não preciso de alguém para me sustentar, para segurar minha barra, preciso de uma companhia! Tem gente que precisa de uma mulher para cozinhar, limpar a casa. Eu quero uma mulher comigo para sair, tomar chope, para conversar, para rir. Não preciso de uma mulher para limpar a casa, a casa limpo eu!” [Michel, 44 anos, administrador, RJ]

O que chama a atenção na história de Michel é a forma pela qual ele interveio nessa situação familiar, usando a prerrogativa de “homem da casa”. Ele é o filho mais velho e possui duas irmãs mais novas. Em vários momentos ao longo da sua história, ele relatou ter assumido o papel de protetor da mãe e das irmãs, ainda quando adolescente. Segundo ele, esse convívio com

⁹¹ Segundo dados da pesquisa IMAGES, 24% dos respondentes declarou ter usado algum tipo de violência física contra uma mulher, alguma vez na vida (Barker *et al*, 2011). Esse percentual se alinha com dados obtidos em pesquisa anterior realizada pelo Instituto Promundo & Instituto NOOS, no Rio de Janeiro sobre esse tema (cf. Acosta & Barker, 2003).

as mulheres o fez aprender a relacionar-se com elas de maneira distinta, escapando do padrão de repetição de comportamento violento.

Para os mais jovens, outros “dilemas” se fizeram presentes nas suas trajetórias adolescentes. Para Fabrício houve um fato que ilustra a concepção da família sobre “o que é ser homem”. Quando perguntado sobre como sua família lidava com essas diferenças culturais já que seu pai era de família japonesa e do interior do estado do Rio de Janeiro, ele deu um exemplo interessante. Fabrício contou que quando o seu irmão mais velho (eles têm treze anos de diferença) quis colocar um brinco, seu pai não permitiu, alegando que aquilo “não era coisa de homem”⁹². No entanto, quando Fabrício quis colocar um brinco, seu pai sequer argumentou. De acordo com ele, havia claramente uma diferença de tratamento entre ele e seus irmãos mais velhos. Na sua percepção, essa diferença geracional contribuiu para que ele e seu irmão caçula usufríssem de benesses que seus irmãos mais velhos não tiveram:

“Quando eu coloquei, ele não falou nada. Eu tinha 13 anos e tinha um brinco só... Aí depois aos 15... 16... eu coloquei mais... Depois eu botei *piercing*, aí eu tirei brinco. Botei brinco de novo... e com eles eu nunca tive problema.” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ]

Segundo Fred, a educação recebida de sua família enfatizava valores “machistas” sobre o que é ser homem. Fred começou sua carreira como DJ ainda na adolescência. Tocava em diferentes espaços como festas, clubes, e eventos voltados para o público gay. De acordo com ele, seus pais tinham a preocupação de que ele se tornasse gay devido a essa “influência”. Nesse sentido, a transmissão de valores a respeito da sexualidade e do significado do que é ser homem buscava reforçar as convenções sociais de gênero: havia que evitar a todo custo qualquer traço que pudesse ser interpretado como um sinal de feminilidade. De acordo com Fred, sua “educação sexual” foi o mais “machista, preconceituosa e homofóbica” possível:

“... Falava sim [sobre sexualidade], muito abertamente. Mas super homofóbicos. Pá! Super homofóbico. Toda a família. Das mulheres aos tios, aos primos. [...] **A minha família é muito machista. Muito homofóbica também.** Então, fidelidade e infidelidade era o mais machista possível. **Nunca promoveram a ideia de ser fiel. Era tipo, ‘antes de tu tomar um chifre, tu já botou um’.** Era mais ou menos nessa prática que eu... Eu acho que a **minha mãe e meu pai tinham medo de que isso me tornasse gay** [devido à convivência com gays]. Eu acho que era mais ou menos por aí. Então, **por isso que eles promoviam muito essa coisa da pegação, né?**” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

⁹² Para reflexões acerca de estilos de moda e masculinidade, cf. Caldas (1997).

A idéia de promover a “pegação”⁹³ como parte da educação dos meninos é bastante difundida, inculcando a idéia de que “quanto mais parceiras, melhor” (Connell, 2000, Ribeiro, 2003, Nascimento, 2004, Bozon, 2004, Barker, 2005). Seu objetivo é visibilizar a heterossexualidade e, conseqüentemente, a masculinidade do rapaz, fazendo uma declaração social de que ele é “macho”. No entanto, esse tipo de comportamento termina por produzir um patrulhamento sobre a sexualidade masculina⁹⁴. Devido a esse patrulhamento, a “pegação”, ainda que em contextos de infidelidade, era incentivada. No entanto, a infidelidade feminina era apresentada pelos pais de Fred como desonra para o seu “papel de homem de verdade”⁹⁵. No entanto, ao contrário da feminina, a infidelidade masculina, dependendo do contexto, pode ser percebida como sinal de virilidade e, por conseguinte, de masculinidade.

É através desse “pano de fundo” que os homens foram incorporando valores morais, muitas vezes incorporando-os a sua vida atual, outras vezes rejeitando-os e reformulando seus próprios conceitos e valores ao longo das experiências da vida.

Também é no espaço da família que geralmente os garotos convivem com homens que servem como “modelos de masculinidade”. É através da interação com os homens mais velhos que surgem figuras que serão importantes na vida dos rapazes, atuando como “referenciais para a conduta masculina” nesse processo de se tornarem “homens de verdade” (Barker, 2005).

Devido à ausência paterna, muitos deles terminaram por construir vínculos de “filiação” com irmãos mais velhos, avôs, padrastos, padrinhos. No caso do jovem Ivan, seu avô foi uma figura masculina de referência:

“Meu avô sempre visitava a gente, final de semana tava junto... Almoço de domingo, essas coisas... E ele também foi uma figura forte. Ele cobrava da gente, era amoroso, mas também cobrava bastante. Dava umas palmadas, de vez em quando. Então eu acho que foi uma figura forte. Que preenche um pouquinho [a ausência do pai] ...” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ]

⁹³ Pegação aqui tem o sentido da conquista sexual. Quanto mais mulheres conquistadas sexualmente, mais valorizado será esse homem. Note-se que esse termo tem origem na cultura gay, com o significado de busca por encontros sexuais ocasionais. No primeiro caso, a fama de “pegador” traz ao homem um status valorizado de masculinidade. No segundo, a ideia de pegação está associada à promiscuidade, uma noção negativa que se encontra presente nas representações sociais sobre a homossexualidade masculina. Para mais detalhes sobre esse tema ver Parker (1991, 2002) e Green (2000).

⁹⁴ De acordo com Connell, “In contemporary Western society, the most symbolically important distinction between masculinities is in terms of sexuality. **Hegemonic masculinity is emphatically heterosexual, homosexual masculinities are subordinated. This subordination not only involves the oppression of homosexual boys and men, sometimes by violence, it also involves the informal policing of heterosexual boys and men.** (Connell, 2000:31, grifo nosso). Tradução livre. “Na sociedade ocidental contemporânea, a distinção simbólica mais importante entre as masculinidades reside na sexualidade. **A masculinidade hegemônica é enfaticamente heterossexual, ao passo que as homossexuais são subordinadas. Esta subordinação envolve não somente a opressão de meninos e homens homossexuais, às vezes de forma violenta, mas também envolve o patrulhamento informal de meninos e homens heterossexuais.**” (grifo nosso)

⁹⁵ Rolf de Souza (2003:88) assinala, referenciando-se ao trabalho de Claudia Fonseca, que “o estigmatizado com a transgressão feminina é o homem”.

Mesmo dentre aqueles que conviviam com seus pais, havia outras figuras masculinas que também serviram como modelos de masculinidade. Essas figuras eram importantes por diferentes razões: se apresentavam em alguma medida como “transgressores” em relação aos valores morais familiares, eram parceiros em atividades esportivas ou culturais, e em muitos casos, foram os incentivadores de sua iniciação sexual. Esse tipo de relação pressupunha mais liberdade, troca, sem as restrições que a hierarquia paterna/materna geralmente impunha.

Para Cesar, quando ainda morava em Minas Gerais, disse que seu tio cumpriu essa função que ele chamou de “paizão”:

“Teve um tio, que era um tiozão com os meus primos. Então era aquele paizão no final de semana. Fazer carne [churrasco], jogar bola... Mas também era o tiozão assim, machão... **Muitos anos depois, eu soube que ele levou meus primos todos pro puteiro.**” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

Fred, DJ, morador do Rio de Janeiro, também tinha em um dos tios, o seu “modelo de homem”. Quando perguntado se houve algum homem que tivesse sido referência para ele, Fred afirmou que:

“**Meu tio, irmão da minha mãe. Ele era o pegador, o escroto, era o cara que batia na mulher dele, era o cara que pegava geral...** Ele era dono de equipe de som. Foi um cara que era da noite também. Morou anos e anos na Rocinha [favela na zona sul carioca]. E eu tinha ele como referência porque ele só chegava no lugar, ‘Ó o disco que o tio comprou pra tu... Ó o disco que o tio comprou...’ E eu tinha ele como [referência]... E ele me levava muito pra dar rolé de carro. **E nesse rolé de carro que ele dava, ele sempre pegava mulherzinha. Aí eu olhava aquilo, ‘Pô, o cara cheio de mulheres...’ E você acaba meio que reproduzindo essas coisas, né?**” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

É interessante perceber que no discurso desses homens, a figura do “tio-garanhão”, “tio-pegador”, aparece como um modelo bastante importante, sobretudo no que se refere ao aprendizado da sexualidade. Em várias histórias relatadas pelos homens, esses tios cumpriram o papel de “educadores” sobre assuntos ligados à sexualidade e de alguma maneira, foram os incentivadores de sua iniciação sexual. Ainda que hoje eles avaliem o comportamento desses homens, a partir de uma visão distanciada e algumas vezes “crítica” de seus comportamentos – como aqueles que eram os “machões”, os “desrespeitosos” ou os “pegadores” –, eles também foram lembrados como figuras importantes na construção de suas “vidas de homem”, de seu aprendizado sobre o sexo e sobre as relações com as mulheres⁹⁶.

⁹⁶ Nesse sentido, Parker afirma que “afinal, para o rapazinho tornar-se um homem de verdade é preciso internalizar e reproduzir um rígido conjunto de comportamentos de forma gradual, e nada é mais importante para isso do que um entendimento adequado da vida sexual”. (Parker, 1991:97)

Barker (2005) afirma a importância desses “homens-modelos” para a construção dos referenciais de masculinidade dos rapazes. De acordo com o autor, é através do vínculo que se estabelece com esses modelos que os rapazes vão introjetando perspectivas mais atreladas ao que convencionalmente se atribui ao masculino como o “machismo” e a “homofobia” ou vinculadas a posturas de “respeito” e “igualdade” nas relações com as mulheres e com outros homens. Contudo, cabe ressaltar que esses modelos não dizem respeito somente a pessoas que pertencem ao círculo familiar. Figuras presentes na mídia como artistas e atletas, ou ainda professores, podem igualmente desempenhar um papel inspirador na construção da masculinidade dos garotos.

Com a chegada da adolescência, a “rua” se converte no espaço privilegiado para as interações entre garotos, com as moças, tornando-se um território para a aprendizagem e construção dos códigos da masculinidade. Para os entrevistados, embora esse território muitas vezes oferecesse “perigo”, ele era ao mesmo tempo bastante “sedutor”. É na rua que cada um afirma/confirma sua condição de “rapaz-homem”, aquele que enfrenta riscos, opondo-se ao “menino-criança” que ainda precisa de cuidados. Dessa maneira, a rua é o espaço a ser explorado, desbravado e conquistado pelos “homens de verdade”.

Esse processo de socialização masculina no mundo público envolve diferentes atividades e interações com meninos e homens mais velhos, engendrando um intenso processo de aprendizagem de como “um homem deve ser”, configurando o que apresentamos anteriormente como o “idioma da masculinidade”. Ainda que com diferenças no que diz respeito à geração, parece haver uma recorrência de aspectos em relação aos passos dessa ocupação do mundo público.

Fred, devido à sua trajetória de DJ, começou a explorar o espaço da rua desde o início da adolescência. Segundo ele:

“Eu sempre fui um... uma criança muito levada. Levada, eu digo, muito inquieto porque tinha uma certa repressão ali do tipo... **morar na zona norte não é lá essas coisas. Com relação à coisa da violência...** Meus pais eram muito cuidadosos, até ao extremo. Demais. E como eu nunca tive esse perfil de tá muito ali preso às coisas, eu já comecei sair desse esquema, dessa repressão, das minhas formas. Das formas mais negativas. Eu tenho um botãozinho do foda-se que eu liguei na primeira vez que o meu pai disse ‘Tu vai chegar em casa 10 horas da noite...’ Foda-se, não vou chegar 10 horas da noite. **E vou chegar a hora que eu tiver que chegar, porque eu tenho um monte de coisa pra fazer [na rua]**”. [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso].

Para Fred, a sua condição de homem implicava assumir os “riscos e perigos” que a rua oferecia. Ainda que reconhecesse que a região em que morava era perigosa devido à violência, isso não o impedia de frequentar a noite e tocar em bailes a partir dos 14 anos de idade. Trabalhando com diferentes grupos de homens jovens, um deles uma vez comentou comigo que “riscos a gente não evita, a gente enfrenta” (Nascimento, 2004). Essa frase traduz, de maneira bastante eloquente, o sentido de masculinidade que desafia o perigo para confirmar-se como “homem de verdade”.

Quando perguntado sobre suas primeiras incursões no mundo público, Cesar lembrou várias situações de interação com grupos de homens mais velhos: tios, primos, avô. Oriundo de uma cidade do interior de Minas Gerais, Cesar disse que desde muito cedo frequentava os bares em que esses encontros aconteciam e ficava “observando o que eles conversavam, o que eles faziam”.

“Aí [durante a adolescência] eu comecei a ver que os bares dos mais velhos era um bar legal. Tinha gente falando, tinha gente lendo, tinha gente contando história. Tinha umas figuras que tinham sido amigos da minha mãe. Umas velharadas... Então eu ia pra esses bares, ficava ouvindo e tal, até tarde.” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP]

O bar, como um local público e ponto de encontro dos homens, é um espaço masculino repleto de histórias de boemia, confraternizações, discussões sobre política, futebol, mulheres etc. É nesse mesmo período que o uso do álcool e os “primeiros porres” começam a despontar como outro rito de “amadurecimento” dos rapazes (Vale de Almeida, 2000). Cesar lembrou o papel importante que o bar teve na sua socialização:

“Entre 15 e 16 anos eu comecei a sair. Mas era interior, era muito circunstancial. Tinha um barzinho aqui, não era de ficar no barzinho, era ficar na rua conversando. **Aí teve a fase da bebedeira.** Era sair, atravessar a rua, bebia e voltava. Saía, atravessava a rua, enchia a cara, vomitava e duas horas depois eu tava voltando... **Hoje eu acho ridículo, mas na época era como a gente fazia...**” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

O domínio do espaço público, a homossociabilidade e a formação de vínculos de amizade são muito importantes para a formação da identidade masculina dos rapazes. Como veremos em detalhe no próximo capítulo, a homossociabilidade vai desempenhar uma função importante de vigilância e confirmação da identidade masculina.

E também é na exploração do espaço público, como assinala Parker (1991), que o aprendizado da sexualidade aconteceu para a maioria dos homens. De acordo com o autor:

Os meninos precisam abrir seu caminho no mundo masculino, mais público, fora da casa. (...). Em particular, tomam parte na vida social de grupos de homens como amigos e conhecidos

de seus pais ou irmãos mais velhos, e **esses grupos masculinos assumem responsabilidade central na socialização masculina, assim como na educação sexual e, muitas vezes, na iniciação.** (Parker, 1991:96, grifo nosso)

É disso que trataremos na próxima seção.

3.3 O aprendizado da sexualidade

A sexualidade masculina passa por vários “ritos de iniciação” que envolvem desde jogos eróticos com outros meninos e meninas, passando pela descoberta da masturbação, pela decisão de ir ou não a um “puteiro”, chegando à primeira relação sexual “de fato” (em que se considera aquela em que houve uma relação sexual com penetração)⁹⁷.

No caso dos entrevistados, todos eles afirmaram que seu aprendizado sobre sexualidade aconteceu na “rua”. Para os mais jovens, a “educação sexual” em casa, limitava-se a sugerir que “tomassem cuidado para não engravidar a filha dos outros” e, em alguns casos, a disponibilização de preservativos.

Diferentemente da sexualidade feminina, a masculina é incentivada desde muito cedo, como vimos anteriormente, e ter uma vida heterossexual ativa é motivo de “orgulho” e uma comprovação pública de masculinidade. Se o rapaz apresentar uma performance de “garanhão”, mais socialmente valorizado será. Portanto, a iniciação sexual do garoto, como adverte Parker, é uma “tarefa masculina” em que os rapazes mais velhos são os responsáveis por sua “educação”:

O tratamento da sexualidade masculina, ao contrário [da feminina], deve ser a incitação e encorajamento, e um discurso quase constante sobre assuntos sexuais, dentro dos limites de grupos masculinos, e uma contínua e explícita educação sexual oferecida por homens mais velhos aos jovens. (Parker, 1991:103)

Quando perguntados por sua iniciação sexual, os homens trouxeram várias histórias sobre “brincadeiras”, “campeonatos” e relatos acerca de sua iniciação sexual. Vários deles relataram ter participado de jogos eróticos entre meninos. Miguel disse que foi iniciado nessas brincadeiras por seus irmãos e primos mais velhos.

“Eram três, quatro moleques de 9, 10 anos, 11 anos, 12 anos, por aí. E essa eu levava na inocência que é a brincadeira do ‘gato mia’. Ficava todo mundo no quarto escuro e você tinha que encostar

⁹⁷ Para detalhes sobre o aprendizado da sexualidade entre jovens brasileiros, cf. Heilborn *et al* (2006).

na pessoa, ‘gato mia’ e reconhecer a pessoa pelo miado. Eu achava que aquilo era só pra reconhecer a pessoa pelo miado. Mas no fundo, no fundo, era pra fazer minha, cara. E eu só fui descobrir isso depois (risos)...” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ]

Parker alerta que embora as brincadeiras entre meninos comecem “ostensivamente como uma troca igualitária, ela transforma-se prontamente numa competição” (1991:195). Nesse sentido, Cesar contou que era comum haver “campeonatos” de masturbação entre garotos:

“Troca-troca foi quando eu era bem pequeno. Até uns sete anos... Depois teve um disparo [ejaculação]. A masturbação era geralmente em casa... mas a rapaziada fazia junto também ... **quem ganhava lá na frente** [quem ejaculava mais longe], **quem cuspiu mais** [ejaculava mais]... e **tinha muita revista pornográfica.**” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]⁹⁸

Além da dinâmica das brincadeiras que traz para a cena o contato corporal entre os meninos e a hierarquia do esquema de atividade/passividade, elas também geram um jogo competitivo carregado de simbolismos sobre a masculinidade. Nesses jogos eróticos está presente implícita, e às vezes explicitamente, a noção de que alguns são “mais homens” do que outros. A ideia de “quem cospe mais” e de “quem ganhava lá na frente” está associada à potência e à virilidade, atributos valorizados e associados convencionalmente ao masculino.

A pornografia também apareceu no discurso dos homens como um elemento importante no processo de aprendizagem sobre o sexo. O acesso a material pornográfico era facilitado pelos irmãos, tios e primos, em que os mais velhos iniciavam os mais novos no “território da sacanagem”⁹⁹. Se os homens mais velhos recordavam as revistas pornográficas e alguns poucos filmes de TV, com tarjas sobre o sexo dos atores¹⁰⁰, os mais novos já apresentavam um consumo maior de vídeos em DVD ou através da internet. Outros ainda, recordavam toda uma sorte de publicações que proliferaram nos anos de 1980, como quadrinhos para adultos com conteúdo sexual, além de músicas e artistas que de alguma maneira fomentavam a “cultura sexual” de sua geração. Sobre isso, Fred comentou que:

“As revistas do Laerte, do Glauco, Geraldão e tal¹⁰¹. Então, aquilo tudo que era proibido pra menores de 18 anos. Tinha umas coisas ali meio pra adulto, mas tinha conteúdos relacionados à

⁹⁸ É interessante ressaltar os conteúdos simbólicos presentes nessas brincadeiras. A esse respeito, Parker esclarece que: “... emascular rapazinhos para formar homens, o troca-troca (ou qualquer brincadeira de interação sexual na mesma linha) reproduz a lógica da sacanagem. Favorece o acesso de rapazes a uma série de informações sobre práticas do mesmo sexo e os inicia, ao mesmo tempo, na estrutura hierárquica de dominação associada à atividade e à passividade, assim como a lógica transgressora que subverte as restrições e repressões do cotidiano.” (Parker, 1991:195)

⁹⁹ Cf. nota de rodapé nº 3.

¹⁰⁰ Nessa época o país ainda estava sob o regime da ditadura militar e havia algum nível de censura sobre programas considerados “impróprios”. Para os homens mais jovens, essa iniciação aconteceu durante o período de redemocratização, em que houve a proliferação de uma série de publicações de conteúdo sexual, programas de TV etc. Para mais detalhes, cf. Parker (1991) e Green (2000).

¹⁰¹ Laerte e Glauco (falecido em 2010) são quadrinistas/cartunistas brasileiros que criaram vários personagens famosos a partir dos anos de 1980, abordando temas urbanos.

sexualidade, daquela forma lá escrachada... Que era a produção literária anterior à redemocratização. Depois da abertura houve aquele escracho todo, os cartunistas começavam a escrever... A Rê Bordosa nasceu nessa época, o Bob Cuspe nasceu nessa época¹⁰². **Os personagens super machistas, os personagens gays nasceram nessa época. Mas era muito aberto. Eu sempre tive acesso às coisas. Eu acho que a minha geração teve muito acesso a produto literário, a música.** As músicas da Blitz nunca foram músicas feitas pra criança, pra jovem. Sempre teve uma coisa de uma sexualidade ali muito [presente]... A gente tinha acesso àquilo. O meu maior ídolo naquele momento era o Cazuzza, que era extremamente gay...” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

No que diz respeito ao aprendizado da sexualidade, ainda que haja várias similitudes nas histórias desses homens, há uma série de marcas de cunho “geracional” e “geográfico” que produzem algumas diferenças. Na geração dos homens mais jovens há uma ampla oferta de materiais com conteúdo sexual disponibilizados de diferentes formas através de mídias distintas (música, quadrinhos, DVD, internet) que não havia em gerações anteriores. Esse “consumo cultural da sexualidade” parece ser uma prerrogativa dos homens mais jovens.

Entre aqueles que viveram em cidades pequenas – “onde tudo se via e se sabia” – o aprendizado da sexualidade também passava pela curiosidade despertada por alguns “personagens”. A história relatada por Cesar – um mineiro de 44 anos – é bastante significativa dessa marca “geográfica”. Filho de família de classe média, Cesar relatou que na sua cidade de origem, dois “personagens” lhe chamaram a atenção, despertando para um lado “desconhecido da sexualidade”: a “puta” e a “bicha”. De acordo com Cesar:

“Os táxis subiam e desciam com as mulheres do lado, sentadas no banco da frente e não no banco de trás do táxi. De bôbis, sem lenço. Eu falava, ‘Caralho! Quem são essas mulheres?’ Eram de um prostíbulo, lá em cima [no final da rua]. Levei tempo pra descobrir. ‘Que que é isso? Sem lenço, de bôbis, durante a semana’¹⁰³. Essa foi a primeira coisa. Segundo: tinha uma figura que era um jardineiro. Parece que ele já era avô e era gay. Não era gay, era viado. Não tinha esse negócio de gay. Vamos ser politicamente incorreto. Não tinha gay. Era viado, era bicha. Ele andava com cabelo comprido. Tinha uma aparência bem assim, afeminadíssima.” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP]

Esses “personagens” despertaram a curiosidade de Cesar devido à sua transgressão. Tanto a “puta”, por se opor às “mulheres direitas”, como o “viado”, por oposição aos “homens”, constituem figuras importantes na “cultura sexual” brasileira, como aponta Parker (1991). Foram

¹⁰² Desde os anos de 1980, Angeli vêm desenvolvendo uma galeria de personagens famosos por seu humor anárquico e urbano. Rê Bordosa e Bob Cuspe são alguns desses personagens.

¹⁰³ Aqui ele fez uma referência sobre o fato de sua mãe e suas tias freqüentarem o mesmo salão de beleza. No entanto, elas iam durante os sábados (e não nos dias de semana) e quando saíam de lá, cobriam a cabeça com um lenço. Além disso, “mulheres honestas” não andavam no banco dianteiro dos táxis, somente no banco de trás. Isso marcava, naquele contexto, uma diferença entre as “mulheres direitas” e as “putas”.

através desses personagens transgressores, que Cesar começou a perceber que o sexo teria nuances para além do casamento e da reprodução das “pessoas de família”.

Em média, a iniciação sexual se deu por volta dos 14/15 anos de idade. No entanto, há uma diferença entre os rapazes mais jovens e os homens mais velhos. Enquanto esses tiveram sua iniciação sexual com empregadas domésticas¹⁰⁴ e prostitutas, os jovens tiveram sua primeira relação sexual com namoradas e mulheres mais velhas (conhecidas, primas etc.). A esse respeito, Samuca comentou que:

“Eu tinha 14 pra 15 anos. Foi com a irmã de um amigo nosso. Um vizinho. Era uma menina mais velha que iniciou assim... pelo menos uns três amigos meus ela iniciou. ‘É com ela. Vai lá’. **Pelo menos uns três ali começaram a vida com ela.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Não é por mera casualidade que Samuca afirma que ele e seus amigos “começaram a vida com ela”. Mais do que iniciar a vida sexual propriamente dita, a primeira relação sexual é um rito de passagem importante para os rapazes. É através dela que se inaugura o estatuto social de “homem”, deixando para trás sua condição de menino, habilitando-os para serem membros da “confraria masculina dos homens de verdade”. Mais do que qualquer outro jogo erótico possível, é a atividade sexual com penetração que marca a vida dos garotos como um símbolo de adultidade e masculinidade (Nascimento, 2004).

Para Cesar, suas primeiras experiências sexuais foram frustrantes. Ele considera que a “primeira transa mesmo” foi com uma namorada:

“Não, **a primeira vez foi num puteirinho assim**, ridículo... Nem lembro o que aconteceu. De repente a menina saiu e falou, ‘Acabou’. ‘Acabou o quê? Nem vi o que aconteceu’. Nem sei o que aconteceu. Não lembro. A primeira vez foi com uma namorada... Não, não foi com uma namorada não. **Uma moça bem mais velha.** Também foi legal, **mas a que eu considero [como a primeira vez] foi com uma namorada. Foi uma coisa bem dos dois se descobrirem, se dar um tempo, da gente conversar, da gente namorar, da gente transar... ‘E vamos experimentar de novo...’.** Foi com uma namorada. Mas eu tive uma transa com essa pessoa mais velha. Mas era meio assim, fim de linha. Você gosta da noite, a moça queria dar pra mim, não sei como é que é, vamos ver o que é isso e tal.... Mas foi fim de linha. **Agora, de transar mesmo, foi com essa garota.** [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

Cabe ressaltar a importância que a (homo)sociabilidade masculina assume para a iniciação sexual dos rapazes. Houve vários relatos sobre compartilhamento de dicas sobre “mulheres fáceis” (“vai lá, tenta com aquela...”), locais (“tem aquela termas, aquele puteiro”),

¹⁰⁴ Bozon (2004:103), referindo-se ao contexto sul americano, alerta que vários rapazes de “boa família” se iniciaram sexualmente com empregadas domésticas. Segundo o autor: “muitas são as situações profissionais que implicam uma relação hierárquica personalizada entre um homem e uma mulher. Um exemplo disso é a situação das empregadas domésticas que dormem nos empregos (...) estabelecendo, assim, uma forte dependência e uma intimidade compartilhada” (Bozon, 2004:103).

enfim todo um arsenal de ditos e ritos sobre a sexualidade em que os rapazes com “mais experiência” buscavam iniciar os “menos experientes”.

É interessante observar ainda que mesmo que não houvessem sido iniciados sexualmente com uma prostituta, a ideia de ir a um “puteiro” aparecia, principalmente entre os relatos dos mais jovens, como uma experiência de sociabilidade com seus pares masculinos, um momento de “curtição”. Segundo Fabrício, foi por “curiosidade” que ele foi a um puteiro¹⁰⁵:

“Nunca tive vontade de ir ao puteiro. Na verdade, minto. **Tive vontade, mas pra ir lá pra curtir.** Porque todo mundo fala, ‘pô, muito maneiro, você vai lá, conversa...’ **E os meus amigos iam.** Às vezes saíam do expediente, ‘pô, vamos lá Fabrício?’. ‘Vamos!’” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Entre os rapazes mais jovens, parece haver o que Bozon (2004:71) denomina de “cumplicidade dos pais em relação à sexualidade de seus filhos solteiros”. Em sua maioria tiveram a iniciação sexual com namoradas e os pais não se importavam que dormissem com elas em seus quartos. Como explicou Fabrício, em sua família a prerrogativa de dormir acompanhado não era a mesma para os rapazes e para as moças:

“**Namorada é tranquilo. Quando não é namorada, há um certo olhar de preocupação.** Assim... ‘ih, cuidado com a filha dos outros’. **Para a minha irmã não foi tão fácil assim não. O namorado dela tinha que dormir na sala, não podia dormir no quarto com a minha irmã não.** Porque a minha mãe não deixava. Esse que é o lance. Em vez de orientar, quis trazer pra um âmbito de ‘não, vamos separar que não pode’. Mas no fim das contas, acabou que ficou grávida mesmo assim. Não adiantou de nada. Agora, para a gente [os filhos homens] nunca teve problema de trazer namorada e dormir aqui. **Minha mãe até preferia, pra eu não ficar andando de madrugada.**” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Portanto, o aprendizado e o exercício da sexualidade desses homens seguem padrões mencionados em trabalhos anteriores nesse campo (Parker, 1991, Connell, 2000, Vale de Almeida, 2000, Bozon, 2004). Cabe, no entanto, ressaltar a influência que as convenções sociais de gênero, a geração e o contexto social de área metropolitana/cidade do interior exercem na construção dos roteiros sexuais desses homens.

¹⁰⁵ A pesquisa IMAGES apresenta alguns dados interessantes no que diz respeito ao sexo pago. Em relação ao caso brasileiro, 56% dos respondentes afirmaram haver mantido relações sexuais com uma prostituta em algum momento de sua vida. Esse percentual é bastante alto quando comparado a outros países latino-americanos como Chile (22%) e México (18%), o que pode levar a duas interpretações: ou há um sub-relato por parte dos homens chilenos e mexicanos, ou, não há pudor algum em fazer tal declaração para os homens brasileiros. Pelo contrário, seria um sinal de prestígio masculino. Alinhando-se a esse pensamento, cabe ressaltar ainda que no caso brasileiro, tanto homens com menos escolaridade quanto aqueles com mais escolaridade relataram ter pago por sexo alguma vez na vida. Para mais detalhes, cf. Barker *et al* (2011).

3.4 Pai de menino, pai de menina: dilemas do exercício da paternidade

Existe uma grande variação quanto aos arranjos afetivos e à questão da paternidade entre os 14 homens entrevistados. Apenas três deles (todos com menos de 30 anos de idade) nunca foram casados, e um deles relatou estar em uma relação de namoro estável há mais de três anos. Eles vivem com suas famílias de origem ou com algum familiar. Todos os outros possuem alguma experiência de conjugalidade, tendo um ou mais casamentos em sua trajetória conjugal. Desses, três estavam “grávidos” na época da entrevista, dois não possuem filho e os demais têm entre um e dois filhos.

Fred, por exemplo, não tem filhos e não pretende ter. Segundo ele, existe uma cobrança por parte de sua família de origem, já que, afinal de contas “todo homem tem que ter filho”. Em suas palavras: “Eu tô com três anos de casado e escuto isso até hoje da minha avó... ‘Você não vai ter filho, não?’ ‘Todo homem tem que ter filho...’. E isso não é minha prioridade. E também não é da minha companheira. **Eu, pra ser homem, não preciso ter um filho**”. [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso].

Ter filhos representava (ou ainda representa), para a maioria, um projeto pessoal de paternidade. Projeto esse que envolve algum grau de desejo, negociação, idealização. De acordo com seus relatos, ter um filho deve ser uma decisão compartilhada entre o casal e no momento que pareça mais adequado para ambos. Rui não tem filhos, mas manifestou o desejo de ser pai. No entanto, como ele próprio disse, “a decisão de ter ou não filhos é dela. Afinal é no corpo dela que a [possível] gravidez vai acontecer...” [Rui, 34 anos, TI, RJ].

A ideia de que a reprodução acontece no corpo feminino e por isso as decisões sobre ter ou não filhos é fundamentalmente da mulher, também está presente na decisão de interromper uma gravidez. Dois homens afirmaram ter passado por uma experiência de aborto quando eram jovens. Essa experiência foi relatada como a “melhor decisão para os dois”¹⁰⁶. Michel avaliou sua experiência como ruim e complicada, mas necessária naquele contexto:

“Eu tinha 18, 19 anos. Nós nos descuidamos e ela engravidou. E foi aquele dilema de decidir. A gente não tinha estrutura para segurar... É principalmente ruim para a mulher, mas para você como

¹⁰⁶ De acordo com os dados brasileiros da pesquisa IMAGES, 18% dos homens e 23% das mulheres afirmaram ter compartilhado a decisão de interromper uma gravidez em algum momento da vida (Barker *et al*, 2011).

homem também é meio complicado. (...). Eu acho uma situação dramática. Porque você fica com medo pela sua companheira. É uma agressão, é um processo extremamente ruim. E para a mulher é traumático tanto psicológica quanto fisicamente. Nós não tínhamos condição de criar uma criança, não adianta aquele puritanismo: ‘Qualquer criança é bem vinda’. E a vida muda toda, quando não se tem a própria independência para você mesmo cuidar.” [Michel, 44 anos, administrador, RJ]

As suas experiências como filhos exercem uma forte influência nesse projeto de paternidade e em sua idealização de ser um homem-pai. Alguns deles possuem uma história comum de ausência paterna. De maneira geral, o pai não esteve presente após o término do casamento. A separação acarretava o rompimento do vínculo entre esse homem e sua ex-companheira e os filhos. Essas experiências parecem ter sido marcantes na trajetória dos entrevistados e, de alguma maneira, lhes ajudou a questionar seu projeto pessoal de paternidade e sua performance paterna.

O jovem Ivan, um dos entrevistados que não possuem filhos, disse que pretende ser um “pai-amigo”. Após o término do casamento de seus pais, seu pai se afastou da família e dos três filhos, mantendo pouco contato com eles. Ele se mostrou particularmente comovido ao falar sobre sua história. Ele crê que esse fato influenciou sua concepção atual sobre como um “pai deve ser”. De acordo com Ivan:

“[Ser pai] É um projeto, até por não ter um pai presente assim... **Eu tenho muita vontade de ser pai, pra tentar fazer diferente.** Mas eu acho que ainda não encontrei a pessoa ainda certa ... **quero dar muito carinho, dar muita atenção. Não quero ficar trabalhando igual a um maluco e deixar o filho ser criado por babá, por exemplo. Ou deixar na mão só da mulher.** Não sei, eu tenho muita vontade de ver crescer, de tá junto, de **ser amigo mesmo dele.**” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Beto tem uma história singular de paternidade: reconheceu sua filha através de um exame de DNA e de uma briga judicial. Aos 23 anos, foi pai de uma menina, paga pensão alimentícia, mas não mantém vínculo algum com ela e com sua ex-namorada. Ele afirmou que não havia planejado ser pai naquele momento e que não tinha (e nem tem) um projeto de paternidade:

“**Eu sou um péssimo pai.** Um péssimo pai. Eu não tava planejando. Eu não planejei. E quando aconteceu, a mulher me expulsou da casa dela e teve uma briga. É como eu te falei, eu sou uma pessoa radical. É o meu jeito de ser. Sou um pouco diferente. Tem pessoas que dizem que tenho coração de pedra. **Teve uma briga, beleza. Não quer que eu seja pai, tchau. Deixei a criança. Teve a briga judicial e tudo. Me deu problemas... E eu deixo ela viver. A mulher hoje tem a família dela e cuida da criança.**” [Beto, 37 anos, advogado, RJ, grifo nosso]

Entre os extremos localizados na idealização da paternidade pelo jovem Ivan e na negação da mesma por Beto, há diferentes desejos, projetos e temores relacionados à experiência de ter filhos. A partir de uma perspectiva de gênero, ser pai representa um rito de passagem

importante na construção da identidade masculina. A paternidade confirma a capacidade de reprodução, evoca noções de homem-responsável e homem-provedor (pelo sustento dos filhos e da família), outorga status social na vida adulta, atributos que conferem prestígio ao masculino (Vale de Almeida, 2000).

Em sua pesquisa sobre reprodução com homens de camadas médias em São Paulo, Maria Coleta Oliveira (2007) destaca três dimensões presentes na paternidade: os homens se vêem como provedor, autoridade moral e companheiro. Segundo a autora, a primeira dimensão se refere ao papel de provedor material da família: “cabe-lhe propiciar os meios materiais que permitam aos filhos crescer e desenvolver-se com saúde, segurança e educação, capacitando-os para enfrentar o mundo” (Oliveira, 2007:230). A segunda dimensão diz respeito à noção de pai como norma, em que conceitos como honestidade e o respeito ao outro, o bom caráter são valores a serem transmitidos pelos pais na educação dos filhos. E, por último, a noção do pai-companheiro em que há uma busca por um relacionamento “ideal”, menos assimétrico e hierárquico entre pais e filhos.

No entanto, como alerta a autora, “o exercício da autoridade colide com as concepções do pai-amigo-companheiro. (...) Ser pai de uma criança pequena ou de um bebê, ser pai de um adolescente ou ser pai de um adulto, implica dinâmicas de relacionamento distintas” (Oliveira, 2007:232). Essas dimensões também aparecem nas histórias de paternidade dos entrevistados. Ser provedor, ser um exemplo a ser seguido e ter uma relação de companheirismo com seus filhos são qualidades que apareceram em seus discursos. Contudo, a dinâmica da paternidade é sensível à idade dos filhos como adverte Oliveira (2007).

A noção de “casal grávido”, no sentido proposto por Tania Salem (2007), está presente nas histórias daqueles que vão ser pais pela primeira vez. O projeto de ter um filho nesse momento foi uma decisão consensual. Todos se disseram muito participativos: acompanham as mulheres aos exames de rotina do pré-natal, pensam juntos no “quarto do bebê”, discutem sobre os possíveis nomes e se veem na condição do “pai que vai fazer de tudo”.

No dia da entrevista com Miguel, ele acabara de saber que seria pai de um menino. Segundo suas palavras, “apesar do susto inicial que uma gravidez sempre provoca”, eles estavam muito felizes com essa perspectiva. E para ele, com quase 40 anos, tratava-se da concretização de um desejo. No entanto, chama a atenção sua opinião sobre “as vantagens” de ser pai de um menino, marcando uma diferença entre ser pai de menino ou de menina.

“P: Tô mais tranquilo que é homem.

E: E por quê?

P: **Porque eu acho que homem é mais tranquilo de você criar. Você bota uma cueca ou deixa ele ali pelado, andando na rua, vai comer terra...** Menina não. Menina tem que ter um brinquinho, tem que ter uma coisinha. **Menino vai mais desgarrado... Vai pra rua, não tem problema.** [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ, grifo nosso]

Essa ideia de que os meninos “não precisam de cuidado” é bastante frequente no discurso dos homens e marca a história de muitos deles, além de ser carregada por forte simbolismo sobre o masculino. A rua representa o território de atuação masculina por excelência e os meninos são incentivados a serem “desbravadores” do espaço público, se possível desde os seus “primeiros passos”. Os garotos são vistos como menos vulneráveis a possíveis perigos advindos do mundo externo. Além disso, para tornarem-se “homens de verdade” devem ser capazes de enfrentar e superar os desafios que se apresentem. Todas essas premissas ainda são bastante comuns na educação de garotos, nos mais variados contextos sócio-culturais como demonstra Barker (2006). Por outro lado, a educação das meninas, devido a sua “suposta fragilidade”, prevê atenção, cuidado e vigilância contra os “perigos do mundo”.

Samuca é pai de duas filhas. A mais velha tem 22 anos e foi fruto de um breve relacionamento com uma namorada da época de sua juventude. A filha de dois anos nasceu de um relacionamento que durou 14 anos (ele está separado há seis meses). Samuca argumentou que devido ao seu intenso convívio com o universo feminino, sente-se bem mais à vontade no papel de “pai de meninas”. Na sua concepção, ser pai de menino seria mais complicado, por conta dos conflitos e dos “embates entre homens”.

“Eu tenho duas filhas. Eu tive uma filha quando eu tinha 19 anos. Eu não cheguei a casar, não nada. (...). Mas depois eu sempre tive vontade de ser... **esse lado paterno, de criar e estar junto.** E foi nesse casamento, com uma pessoa que eu escolhi pra ser mãe da minha filha. **Sempre tive essa vontade de ser pai...** Eu tenho uma relação com as mulheres muito forte. Tenho grandes amigas mulheres. Eu tenho uma relação muito forte com a minha mãe. E eu acho... Eu acho que com menino seria um embate mais... **Eu acho que me dou melhor com filhas. Um menino talvez fosse um embate... Eu tive isso com meu pai. Com meu pai sempre foi um embate, um lugar meio assim, diferente.** Não sei precisamente dizer. **Curto muito ser pai de menina.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

As experiências prévias como filhos e a relação com os seus pais ajudam a formar suas identidades de homens-pais. Se as histórias de ausência paterna podem dar origem a um desejo maior de participação na vida dos filhos, as histórias de violência doméstica nas famílias de origem dão lugar à busca de uma vida mais respeitosa entre os parceiros.

De maneira análoga a outros entrevistados, Michel também possui uma história de abandono paterno após a separação dos pais. Ele relatou que essa história o marcou profundamente e fez com que desenvolvesse um desejo de ser um homem diferente de seu pai. Apesar de ter se separado quando sua ex-companheira ainda estava grávida, ele afirmou ter sido muito participativo em todo o processo da gravidez. Após o nascimento do filho, eles chegaram a um acordo sobre o esquema da guarda compartilhada. De acordo com Michel:

“... porque quando nos separamos ela ainda estava grávida, ela estava com quatro ou cinco meses de gravidez. **E foi a separação do casal, não do pai e mãe.** Vou estar perto o tempo inteiro. Ela mora com ele no apartamento que era nosso. E eu saí de casa. Deixei o apartamento para eles e fiz questão de alugar próximo a ele. **Mesmo já separados, todos os exames, as ultrassonografias, eu estava junto; no nascimento eu estava junto. Primeiras semanas, ele bebezinho, eu cuidei dele com ela, quer dizer desde quando estava na barriga, independente da separação ...** Até hoje eu fico com ele no meio da semana. Ele ficou comigo a partir dos oito meses. Bebê ainda dando mamadeira, trocando fralda. Primeiro foi durante o dia, depois um dia e uma noite, depois dois dias, depois o final de semana e aí foi adaptando, acostumando e nunca me apertei por causa disso. [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

Samuca é outro pai que compartilha a guarda da filha com a ex-companheira. Ser um pai participativo, segundo ele, além do prazer de estar perto e acompanhar o crescimento e desenvolvimento da filha de dois anos, é uma maneira de compensar a sua ausência como pai da filha mais velha. Segundo ele:

“Faço tudo. Dou banho, faço comida, troco a fralda, levo pra passear, arrumo a cama, lavo a roupa. Agora a gente divide os dias. Agora mesmo, antes de chegar aqui, eu peguei ela, levei pra creche. **Então eu procuro tá muito presente. Até porque era uma coisa que eu queria muito. E uma deficiência, uma carência minha do passado. De uma outra filha minha que eu não dei tanto, talvez...** Não tive presente. **De alguma maneira, compensar isso pra mim.** Eu tô sempre muito presente, procuro tá muito presente nas atividades da minha filha.” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Cabe ressaltar, no entanto, que a educação dos filhos, sobretudo dos garotos, transita entre modelos que poderiam ser considerados mais “alternativos”, em que há uma participação masculina em atividades convencionalmente atribuídas às mulheres, e a ordenação “tradicional” de gênero. Michel, por exemplo, relatou seu incômodo com um presente que a avó ofereceu ao seu filho, de quatro anos de idade. Ela lhe trouxe uns óculos rosa com luzes piscantes. Michel contou essa história, afirmando que apesar de ser uma coisa “superficial”, revela também seu preconceito:

“Minha mãe comprou uns óculos de ‘coraçõzinho’ rosa com umas luzes piscando, trouxe para o meu filho brincar.
 – ‘Porra mãe, não tinha vermelho, azul? Tinha que ser rosa?’
 – ‘Está igual ao seu pai achando que seu filho vai ser gay porque está usando uns óculos rosa?’

–‘Não mãe, estou falando só em questão de cor’... **É uma coisa tão superficial, mas é um preconceito. De certa forma é um preconceito meu em relação ao meu filho estar usando um negócio rosa.**” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

O clichê de gênero que estabelece que garotos devem usar cor azul e brincar com bola e as meninas devem usar rosa e brincar de boneca ainda persiste no imaginário social. O preconceito que Michel reconhece ter em relação a “uma questão superficial” é bastante ilustrativo da força que a “opinião pública” exerce sobre a criação dos garotos. Um menino de quatro anos de idade (e seu pai) estão sujeitos ao patrulhamento masculino sobre sua masculinidade e (futura) sexualidade, com vistas a confirmar (ou não) as suas credenciais masculinas (Kimmel, 1997, Connell, 2000).

O tema da sexualidade na criação dos/as filhos/as apareceu em alguns momentos da entrevista e, de maneira geral, oscilava entre o “falar francamente” e o “pergunte à sua mãe”. Os homens parecem ter mais facilidade em falar sobre sexo com os garotos do que com as garotas. A (hetero)sexualidade do filho homem representa um motivo de orgulho para o pai. Já a sexualidade feminina é sempre “mais complicada”, necessitando de vigilância e controle (Parker, 1991, Vale de Almeida, 2000, Bozon, 2004, Kimmel, 2005).

Gilson, devido à convivência com amigos gays, relatou ter conversas “francas” com seu filho de 11 anos sobre temas relacionados à homossexualidade:

“Meu filho sabe que esse amigo nosso é gay. Minha mulher explica, eu explico... Ele está aflorando agora sexualmente, aos onze anos. Tudo para ele é muito intenso: são as meninas, a [revista] Playboy. E ele volta e meia faz uma pergunta. Eu falo: ‘pra mim é uma coisa meio que da natureza. Por exemplo, se você gosta de mulher, das meninas isso é uma coisa da sua natureza. Agora você poderia estar olhando para os meninos e gostar dos meninos. Você gosta dos meninos?’. ‘Não, eu não gosto!’. Então tá bom... Eu acho que é uma coisa que vem um pouquinho com, vem um pouquinho não, um ‘poução’ com você. Eu tento explicar isso para ele, a forma como acontece...” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ]

Rodrigo tem uma filha de 17 anos. Embora seja muito aberto para várias questões sociais, incluindo temas vinculados à sexualidade, seu relato ilustra a dificuldade de falar sobre sexo com a filha e o faz deparar com esse “ranço machista que habita dentro da gente”.

“Ela tem 16 anos, não fez 17. A gente ia sair [ele e sua companheira], o namorado dela tava em casa. E eles tavam no quarto dela. E a gente ia sair. ‘Bom, vocês vão ficar aqui?’. **E eu falei com a mãe dela ‘Fala com ela, pelo menos oferece umas camisinhas aí...’ Mas eu não falei. Eu disse pra ela falar.** Talvez, a minha filha não tivesse nem aí... **Com o tempo, a gente acaba sendo surpreendido por essas coisas, esse machismo entranhado...**” [Rodrigo, 47 anos, professor, RJ, grifo nosso]

De maneira geral, depreende-se que há uma valorização por parte dos homens de serem participativos nas questões de reprodução e da criação dos/as filhos/as, o que parece configurar, como aponta Salem (2007), uma conjugalidade de modelo igualitário. O que chama a atenção em alguns desses exemplos é a ética do cuidado em relação ao outro, convencionalmente concebida como um atributo feminino. Os homens que mantêm um regime de guarda compartilhada – política pública relativamente recente no país (Nascimento, Segundo & Barker, 2009) – e se alinham à tendência demonstrada na pesquisa IMAGES em que a totalidade dos respondentes afirmou a importância da presença paterna na criação dos filhos independente do regime de coabitação.

Ao mesmo tempo, eles se deparam com questões vinculadas à socialização de gênero e à sexualidade, em que seus discursos de tom mais progressista e igualitário são confrontados com as normas convencionais que gerem a vida cotidiana. Parece haver uma configuração em que, como adverte Oliveira (2007), na medida em que os filhos vão crescendo, há o surgimento de novas situações, fazendo-se necessário um processo de reflexão, assimilação e acomodação de novos parâmetros para sua educação e para a manutenção desse regime de criação baseado em um ideal de menos hierarquia.

3.5 “Onde eu guardo meu machismo?”: relações de gênero entre “permanências” e “mudanças”

As relações entre homens e mulheres nos regimes de coabitação são atravessadas por diferentes assuntos da vida cotidiana. Ainda que em muitos aspectos esses homens se mostrem mais equitativos, no sentido atribuído por Barker & Pulerwitz (2008), com posturas de menos assimétricas e hierárquicas no que diz respeito a temas como o planejamento reprodutivo, a criação dos filhos etc., há outras situações, como os próprios entrevistados dizem, em que o “machismo entranhado aflora”. Dessa maneira, há um jogo de idas e vindas na construção de relacionamento com mulheres, em que atitudes e comportamentos mais equitativos co-existem com valores convencionalmente mais “tradicionais”.

A fala de Rodrigo é bastante ilustrativa a esse respeito. Ele disse que **“acho que meu machismo está sobretudo na inércia. Você acaba, você se dá conta se beneficiando...”** [Rodrigo, 47 anos, professor, RJ, grifo nosso].

A inércia a que Rodrigo se refere está relacionada principalmente à participação masculina em tarefas consideradas “femininas” como o gerenciamento das atividades domésticas e o cuidado e a educação das crianças. Em relação a essas tarefas, geralmente, os homens se veem na qualidade de “ajudante”¹⁰⁷. A noção de “ajudar” implica perceber essas tarefas como femininas, correspondendo a ele “auxiliar quando se fizer necessário”, quando “estiver disponível”. A inércia conduz, nesse sentido, ao usufruto das benesses de uma dinâmica convencional em que a responsável pelo cuidado da casa e da família é a mulher.

Nessa seara, a divisão sexual do trabalho e o gerenciamento do orçamento doméstico parecem ser pontos sensíveis e decorrentes de experiências anteriores na família de origem ou em algum momento posterior. Ser responsável pela execução de tarefas domésticas não foi uma experiência comum na infância da maioria deles. Pelo fato de serem meninos, suas responsabilidades (quando havia) em relação a essas atividades eram restritas ao espaço de fora da casa: cuidar do cachorro, limpar o quintal, ajudar a lavar o carro. Essa divisão sexual do trabalho doméstico imitava, portanto, a clássica divisão de gênero entre o público e o privado. Aos rapazes, cabiam as tarefas “externas” e não o dia-a-dia de cuidado com o espaço interno da casa, cabendo essas atividades às mulheres: mães, irmãs, empregadas.

Alguns deles, por conta da educação recebida em que havia uma divisão de tarefas entre os membros da família ou por terem tido a experiência de morarem sozinhos, foram “iniciados” nessas tarefas. Michel contou que:

“Em relação, no geral, assim, não me acho machista não. Não tenho essa coisa de ‘eu não posso varrer um casa, fazer uma faxina, lavar uma roupa’. Eu vejo, por exemplo, que tem amigos meus que são assim: a mulher em casa é capacho. O cara, por exemplo, não sabe a diferença de uma couve e uma alface... é foda, né?” [Michel, 44 anos, administrador, RJ]

Fred deu um exemplo interessante de como ele (e sua companheira) lidam com a divisão de tarefas no cotidiano.

“Acho que na divisão de tarefas tem uma questão do machista ali, clássico. Só que tem algumas coisas assim que eu... não deixo ela assumir porque eu acho que são mais ou menos os papéis que são divididos ali. Tem umas coisas ali que no dia-a-dia com ela, eu não deixo que

¹⁰⁷ Interessante observar que na pesquisa IMAGES, para os homens que possuem filhos até 13 anos de idade, 77% daqueles de camada popular e 44% dos de camada média acreditam que o seu papel no cuidado dos filhos é de “ajudante”. Cf. Ricardo, Segundo & Nascimento (2009).

ela faça mais do que eu como mulher. Isso pra mim é fundamental. Tudo bem que eu sou homem, e acho que naturalmente a gente tem uma coisa mais largada. Por exemplo, eu faço comida um dia, ela faz comida no outro. Eu lavo a louça um dia, ela lava a louça no outro. Eu lavo a calcinha dela, ela lava a minha cueca. Então isso é muito natural”. [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Em relação ao cuidado dos filhos, pela ideologia de ser um “pai presente” num contexto que valoriza a igualdade entre paternidade e maternidade, há um discurso de mais participação masculina. No entanto, a divisão sexual do trabalho doméstico representa um dos redutos de iniquidades de gênero mais difíceis de ser transposto. Por serem de camadas médias, vários desses homens têm acesso a empregadas domésticas o que ajuda a “mascarar” em que medida os homens estão envolvidos ou não na execução dessas atividades.

Embora na divisão das tarefas domésticas haja uma margem de negociação sobre como e quem faz o quê, o papel de provedor da família ainda é visto pela grande maioria dos entrevistados como algo importante para o seu senso de masculinidade. Duas histórias ilustram esse tema. Fred ficou sem trabalho e durante algum tempo a sua companheira foi “chefe da casa”:

“Teve um momento, logo no momento do aluguel do apartamento, foi um *gap* que eu tive sem trampo [trabalho], né? E ela tava num momento legal de trabalho. Não tive problema nenhum com aquilo. **Até porque depois, quando começou o meu contrato novo, o meu salário aumentou, o dela permaneceu, e eu pude pagar a pós-graduação dela.** Entendeu? Então eu não tenho problema nenhum com essa porra... [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

No entanto, para a maioria dos homens, não desempenhar a função de provedor da família é visto como uma falha no “desempenho masculino”. Como ressaltou Samuca:

“**Às vezes acho que eu sou machista nessa coisa de ser o provedor, de ser o chefe de família.** (...). Hoje eu tô mais tranquilo quanto a isso. Quando eu era muito jovem, eu tinha essas coisas. Mas eu acho que eu ainda tenho umas coisas, nas minhas atitudes, principalmente **nessa coisa do homem, provedor da família, você que decide...** Eu acho que isso é uma coisa machista minha ainda. **Eu tenho isso forte em mim ainda, eu tento dar uma segurada.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Em ambos os casos nota-se a importância atribuída a esse papel pelos homens. Se para Fred é possível, circunstancialmente, “ser sustentado” pela companheira, para Samuca isso parece impensável. Como resalta Vale de Almeida (2000:57), “[para os homens] existe uma obrigação moral de trabalhar, sustentar a família, sacrificar o corpo, todas como elementos prestigiantes e capital simbólico da masculinidade”¹⁰⁸.

¹⁰⁸ De acordo com a pesquisa IMAGES, 45% dos homens de camada popular concordam com a afirmação de que o homem é quem deve ser o chefe da casa e ter a última palavra sobre decisões importantes no âmbito da família, contra apenas 18% daqueles de camada média que concordam com tal afirmativa (Ricardo, Segundo & Nascimento, 2009).

Se a divisão sexual do trabalho e o sustento financeiro da casa podem gerar situações de conflito, o ciúmes e a possibilidade de infidelidade parecem ser o grande estopim que dispara o “machismo que habita em cada um”, como disse Fred. De acordo com ele:

“Eu sou muito ciumento. Muito ciumento. Assim, ela me liga e o telefone tá sempre ligado. Eu posso tá numa reunião. Mas eu vou atender e ‘... daqui a pouco eu falo’. Quando eu ligo, toca dez vezes e ela não atende, eu fico puto. Aí aparece o Fred machista.” [Fred, 33 anos, DJ, RJ]

A fidelidade aparece como um valor importante para a maioria dos homens. O jovem Ivan, apesar das poucas experiências de relacionamento, passou por histórias de traição (tanto por parte dele, como de ex-namoradas). Segundo ele, “apesar da natureza não monogâmica” dos indivíduos, aprendeu que é necessário honrar o pacto de estar com uma pessoa e abrir mão de outras pessoas.

“Eu coloco pra mim como um valor. Eu tenho umas teorias. **Eu acho que o ser humano não é monogâmico.** O interesse [por outras pessoas] sempre vai existir. A pessoa vai se interessar por outras pessoas. O cara por outras mulheres, a mulher por outros caras... Acho que isso vai continuar sempre. Desejo, tudo. **Mas eu acho que tu faz é um pacto com a pessoa.** Então é uma coisa meio que acordada. E se não for... se em algum momento tiver dúvida, quiser alguma coisa, conversa, termina, separa, volta depois...” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Samuca fez uma colocação interessante a esse respeito. Para ele, a fidelidade não é o valor máximo de uma relação, reconhecendo que a sociedade trata de maneira desigual a infidelidade masculina e feminina:

“Cara, **eu acho [a fidelidade] uma coisa importante, mas não acho que seja determinante.** Tem que ser fiel, não pode... Acho que a fidelidade tá mais no... no laço, na parceria, no sentimento. Lógico que assim, jamais gostaria de saber ou de ver que a minha parceira transou com outra pessoa, teve tesão por outra pessoa. Mas também não sou tolo para saber que ela não possa ter isso. Que isso não possa vir a acontecer. A pessoa ter um tesão. E isso não seria uma coisa determinante pra eu não ter uma pessoa ao meu lado, que eu ame. **É uma coisa que me deixaria machucado, puto... Um monte de coisas. Mas eu não deixaria uma pessoa por causa disso. Normalmente pra homem é mais... Aquela coisa. A gente ir lá, dar uma trepada... A mulher não, imagina... É vagabunda. Não tenho isso não. Mas eu prefiro não saber.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

A possibilidade de ser rotulado como “corno” é um dos grandes “fantasmas” do mundo masculino e é assunto para piadas e brincadeiras entre homens, considerada como uma mácula na honra masculina (Parker, 1991, Nolasco, 1993, Ribeiro, 2003, Machado, 2004). A transgressão relacionada à infidelidade feminina estigmatiza o homem como “marido traído, corno, desonrado”¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Machado (2004) comenta que não há uma reciprocidade no que tange à infidelidade masculina. De acordo com a autora: “O código relacional da honra exige responsabilidades recíprocas entre homens e mulheres, mas com tarefas diferenciadas nas suas funções de parceiros (...). **Parcela importante do núcleo da honra do homem depende da fidelidade da mulher e do seu**

O que se depreende das vozes desses homens é uma tensão constante entre a “inércia” que mantém iniquidades e privilégios e a “contestação” das convenções sociais que engendra outros padrões de comportamento nas relações de gênero. É interessante perceber o quanto o termo “machista” provocava reações de desconforto. Na maioria das vezes, esse termo surgia de maneira espontânea durante as nossas conversas. Em um primeiro momento, alguns desses homens não se reconheciam nesse lugar e buscavam reforçar a sua imagem de “homens modernos” com argumentos que aludiam à sua condição de “homem-pai-que-participa” ou de “homem-companheiro-que-compartilha”. Parecia que ser rotulado de “machista” era algo depreciativo, uma expressão ultrapassada, fora de moda.

No entanto, homens como Rodrigo, que afirmou que “não recuso o meu machismo, reconheço isso na minha inércia para fazer isso ou aquilo”. Outros ainda diziam que era na relação afetiva com as mulheres que muitas vezes o seu “lado machista” se sobressaía, notadamente em situações que envolvessem ciúmes ou possibilidade de infidelidade.

Dessa maneira, entre a “inércia” – que resiste a mudanças – e a “contestação” das convenções sociais de gênero – em que homens e mulheres (re)formulam padrões de relacionamento – há um espectro de possibilidades para a atuação desses homens como companheiros, pais, filhos e como veremos nos próximos capítulos, como amigos de homens que, de alguma maneira, se afastam das convenções sociais sobre a masculinidade.

Se por um lado, as mudanças nos costumes, notadamente em camadas médias, permitem, por exemplo, que alguns desses homens busquem por relações de conjugalidade mais igualitárias; que percebam a paternidade como desejo e compromisso; que não compactuem com repertórios de violência contra as mulheres; por outro, parecem ainda conviver com ditames culturais “machistas” que, em alguma medida, orientaram (e ainda orientam) seu sentido de masculinidade.

No final de nossa entrevista, sempre perguntava se eles gostariam de dizer alguma coisa que eu não houvesse perguntado e que eles consideravam importantes. O jovem Ivan fez um “desabafo” sobre a questão do machismo e como, segundo ele, as mulheres, também sustentam a ordenação machista de gênero.

“As mulheres também estão incluídas na sustentação disso... Porque às vezes é uma coisa que não fica muito clara. Parece que é uma coisa do homem que é machista. Mas parece que quando fala de gênero, não tem uma coisa de ser de um ou de outro. Parece que os dois sustentam isso. **Parece que os dois mantêm essa parada, essa engrenagem rodando.** A mulher cobrar o que ela acha que é o homem e o homem cobrar o que acha que é uma mulher. Então... **Aí, muitas vezes um homem que nem é machista, mas tem que sustentar uma posição alguma hora, em alguma coisa. Por ser meio que, igual eu falei, provocado por uma mulher.** Não provocado diretamente, mas chamado a dar uma resposta mais... Igual a uma bobeira, tipo, o homem pagar a conta, por exemplo. Coisa que é muito cômoda pras mulheres também. Eu saí essa semana com uma menina. **Ela que me convidou para a gente sair, pra comer alguma coisa. Aí a gente comeu, ela nem mexeu na carteira, não mexeu em nada.** Eu fui e paguei...” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Esse “desabafo” é extremamente revelador das vicissitudes das relações de gênero nesse contexto contemporâneo. As ideologias acerca do gênero – e suas implicações para as relações entre os sujeitos – são decodificadas e internalizadas por homens e mulheres. Em cenários complexos, em que atuam múltiplas forças, ora “mais igualitárias”, ora “mais conservadoras”, essas experiências revelam paradoxos e contradições, mudanças e permanências, como afirma Connell (1995).

Certamente, o funcionamento desta “engrenagem”, como chama a atenção Ivan, é realizado com a participação efetiva de homens e mulheres. Entretanto, cabe ressaltar que seus efeitos são desiguais para homens e mulheres. Se por um lado, o machismo traz a manutenção de privilégios para os homens, como afirma Oliveira (2004), por outro, está diretamente conectado a uma série de iniquidades. Em sua face de sexismo, o “machismo” é responsável por inúmeras desigualdades a que as mulheres estão submetidas. Em sua face homofóbica, provoca experiências de discriminação e violências para o coletivo LGBT. E, por fim, colocam os próprios homens em situações de vulnerabilidade em relação a uma série de situações que envolvem saúde e violência, por exemplo.

Nesse sentido, como adverte Bourdieu (1999), é necessário desnaturalizar a supremacia masculina, por ser um fato historicamente produzido e, portanto, passível de mudanças. O autor chama a atenção para o importante papel que os movimentos sociais e as instituições cumprem nessa perspectiva de transformação, em especial a escola e o acesso à educação no caso das mulheres, fornecendo pistas para a produção de novos regimes de sociabilidade para homens e mulheres.

Como ressaltam Medrado & Lyra (2008), se por um lado há a permanência de desigualdades e iniquidades nos relacionamentos entre homens e mulheres, é nas fissuras, nas

brechas que encontramos as possibilidades de mudança nas relações de gênero. Se por um lado, como reconhece Bourdieu (1999), os trabalhos voltados para as meninas e mulheres desempenham um papel importante no questionamento do status feminino em contextos variados, por outro, por analogia, parece importante existir algo semelhante para os meninos e homens. E é nesse sentido que Barker chama a atenção para a necessidade de educarmos os meninos – com e a partir de – uma perspectiva de gênero¹¹⁰. A falta de consciência de que eles são sujeitos “generificados” acaba por gerar o que Kimmel chama do “privilegio da invisibilidade” (Kimmel, 1997:209).

Em contextos de casais de camadas médias, em que as mulheres têm nível de educação superior, têm acesso à informação, possuem projetos pessoais de carreira profissional, a dinâmica de conjugalidade pode ser revisitada e renegociada ao longo do relacionamento mais facilmente. A maternidade/paternidade com um “projeto de casal” se sobressai como um locus de transformação pessoal e coletiva em que a participação masculina parece ser bastante intensa (Oliveira, 2007). No entanto, quando atentamos para a divisão sexual do trabalho doméstico, parece haver uma permanência de valores convencionais em que a responsabilidade recai sobre as mulheres e a participação masculina se restringe a possíveis “ajudas” por parte dos homens.

Por fim, o papel de provedor ainda é visto como uma responsabilidade masculina e importante para o seu senso de masculinidade. Ainda que todas as companheiras desses homens tenham uma carreira profissional e colaborem para o orçamento doméstico, eles percebem a responsabilidade de prover a casa como estruturante para sua identidade de homem (Barker, 2005, Olavarría, 200).

Ao final de cada entrevista, lhes perguntava: “o que é ser homem para você?”. Era muito interessante perceber sua “estranheza” e “falta de entendimento” sobre a pergunta. “Mas como assim”? “Em que sentido”? “Em relação aos gays”? “Em relação às mulheres”?

Eu os deixava completamente à vontade com seu “desconforto”. Não tinha uma resposta a priori para eles. Minha curiosidade estava em perceber de que forma eles compreendiam essa pergunta e o que ela provocava. Parecia que nunca se haviam feito tal pergunta. Afinal de contas, “homem é ser homem, eu nasci assim!” como disse Beto. Ou, como comentou Fred, simplesmente “não sei!”.

¹¹⁰ Cf. nota de rodapé 45.

De maneira geral, as respostas remetiam a valores morais como “honestidade”, “integridade”, “responsabilidade”, “correção”. Ser homem também dependia do contexto e ganhava “adjetivos”. Ser “homem-pai” é diferente de ser “homem-companheiro”, ou “homem-profissional”, ou ainda “homem que tem amigo gay”. É interessante perceber que, independente de camada social, do nível de educação, da geração, ou ainda, das trajetórias individuais de cada sujeito, não há uma reflexão “genericada”¹¹¹ sobre suas condições masculinas. Kimmel (1997), referenciando-se para a invisibilidade de gênero para os homens, argumenta que “os homens são todos e nenhum”. Ou dito de outra maneira, “ser homem é tudo junto misturado!”¹¹².

¹¹¹ Genericado aqui tem o sentido de “a partir de um referencial de gênero”.

¹¹² Cesar, 44 anos, psicólogo, SP.

4 MAPEANDO O “CAMPO DE POSSIBILIDADES”: CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE ENTRE HOMENS HOMO E HETEROSSEXUAIS

*¿Tú me quieres?, ¿te ha sido útil mi amistad?,
¿fui irrespetuoso contigo?,
¿tú crees que yo le hago daño a la Revolución? [Diego].
María Callas dejó de cantar.
'Nuestra amistad ha sido correcta, sí, yo te aprecio' [David].
Sonrió. 'No cambias. No hablo de aprecio, sino de amor entre
amigos. Por favor, no le tengamos más miedo a las palabras'
[Diego].*

Partindo da premissa que a amizade entre homens homo e heterossexuais são menos comuns do que a amizade masculina entre heterossexuais era necessário conhecer quais seriam os contextos que facilitariam o estabelecimento desse tipo de relação, assim como os desafios e entraves que estariam presentes. Nesse sentido, parecia ser igualmente importante compreender quais as representações dos entrevistados sobre homossexualidade masculina e preconceitos contra pessoas LGBT já que, de maneira geral, as relações de convivência entre homo e heterossexuais são fortemente influenciadas por essas concepções. A partir das suas noções de “amizade” e de “amigo”, procura-se estabelecer um diálogo entre as experiências de convivência com homossexuais por parte dos entrevistados e informações oriundas da pesquisa sobre “Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil” da FPA.

4.1 Buscando compreender os “sentidos da amizade”: noções de amizade e de amigo

O tema da amizade vem ganhando cada vez mais destaque nas ciências humanas e sociais. Durante muito tempo, como aponta Rezende (2002b), acreditou-se que o domínio da amizade se restringia ao mundo privado, não constituindo um tema interessante para compreender a realidade social e sua dinâmica. A noção de amizade como algo próprio das relações privadas e que envolve escolhas, afeto e vínculos de intimidade em contextos de suposta igualdade pessoal (em oposição ao caráter prescritivo e hierárquico da família), estaria conectada ao domínio da subjetividade e, portanto, relacionada ao campo da psicologia.

Mais recentemente, esse enfoque ganhou novos contornos e há uma percepção de que os regimes de amizade são fortemente marcados por convenções sociais como gênero, classe, raça/etnia e orientação sexual, entre outras. Desse modo, constituem relações importantes para a compreensão de como os indivíduos se posicionam socialmente frente às diferenças e à noção de pessoa e sociedade¹¹³. Além disso, as emoções e os processos subjetivos como alegria, tristeza, afeto, intimidade, presentes nas relações interpessoais do mundo privado, também são construtos sociais, situados em contextos culturais específicos¹¹⁴. De acordo com Rezende (2002b),

[...] as noções de amizade, assim como os depoimentos sobre relações específicas — seus desenvolvimentos, suas qualidades, seus problemas —, acionam uma série de outras questões que recortam o tema específico da amizade, tais como as relações de gênero e as relações familiares, servindo de contraponto e referência, e as relações entre segmentos sociais distintos, envolvendo idéias sobre classe social e raça. A meu ver, os discursos sobre a amizade [...] **são, pois, discursos implícitos sobre o processo de fazer distinções sociais, refletindo questões muitas vezes ambíguas na forma de construir identidades e alteridades.** (Rezende, 2002b:27, grifo nosso)

Ainda que a amizade seja fruto de escolhas circunscritas a um “campo de possibilidades”¹¹⁵, e que implica compartilhamento de intimidade, vínculos de solidariedade e confiança, ela não fica livre de tensões, sendo passível de reelaborações ao longo da convivência. Os regimes de amizade estão sujeitos não somente à interferência de diferentes marcadores sociais (gênero, raça, classe, nível de escolaridade, orientação sexual etc.), mas também dos contextos em que esses relacionamentos acontecem (vizinhança, escola, trabalho etc.), os quais desempenham papel estruturador na construção desses laços (Walker, 1994, Rezende, 2002b). No entanto, conforme aponta Velho (1986), as amizades são relações de sociabilidade com maior mobilidade e plasticidade, em que os laços se fazem, se desfazem, transformam-se em relações familiares etc., e são muito valorizadas entre as camadas médias.

As noções de “amizade” e de “amigo”, presentes no senso comum, são complexas e revelam diferentes entendimentos. O uso de adjetivações serve para distinguir uma “simples convivência entre pares” de um “relacionamento mais profundo”. Expressões como “amigo amigo”, “amigão”, “amigo quase irmão”, “amigo de fé”, revela a intenção de imprimir uma marca de distinção entre as relações amizades e os demais relacionamentos. Já os contextos ajudam a circunscrever essas relações, como adverte Rezende:

¹¹³ Para detalhes sobre a construção da noção de pessoa e de sociedade em contextos igualitários, conferir os trabalhos de Rezende (2002b) e Heilborn (2004).

¹¹⁴ Sobre esse tópico cf. Rezende & Coelho (2010) e suas análises do campo da antropologia das emoções.

¹¹⁵ Cf. Velho (1997).

cabe destacar que em geral há gradações entre os diversos tipos de amizade, não apenas em termo de seus elementos constitutivos, mas também dos contextos em que a relação é estabelecida — bairro, colégio, universidade, trabalho, associação esportiva ou religiosa etc. [...] objeto de negociação nas relações entre amigos que estão situadas socialmente em termos de idade, gênero, raça e classe. (Rezende, 2002b:26-7)

Espera-se que em relações de amizade mais profundas, haja troca de confidências, expectativa de ser reconhecido pelo outro sem juízos de valor, de mostrar-se intimamente e de conhecer os sentimentos do outro, enfim criar laços de afeto – ou nas palavras de um dos entrevistados, ser capaz de ter “uma amizade intensa, **de conhecer a intimidade de sentimentos**” [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso].

No presente estudo, a noção e a experiência da amizade parecem ser sensíveis à idade. Para os mais jovens, a amizade está pautada em um convívio social atrelado ao lazer, à convivência com a “galera”¹¹⁶. A amizade está fortemente baseada no grupo e naquilo que realizam juntos como ir à boate, ao bar, viajar, atividades caras às camadas médias (Velho, 1986). Eles esperam ainda que a amizade provoque um crescimento pessoal. Isso se revela, por exemplo, na fala de Fabrício, para quem a “amizade é acrescentar sempre. Não só em conhecimento, mas acrescentar pra compartilhar coisas e ser feliz juntos” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ].

Para os homens mais velhos, amigo é aquele com quem se pode expor os sentimentos, contar em momentos de dificuldade e não somente em ocasiões de lazer e diversão, revelando-se um laço importante na sua vida. A esse respeito, Samuca comentou que, “amigo é aquele que eu posso sentar, ‘Ó, eu tô precisando bater um papo, precisando de você. Vem aqui, preciso falar tal coisa’. Sabe, aquela coisa... **Amigo mesmo**. Não de ir pra um bar...” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso].

A amizade é percebida ainda como uma relação que precisa ser “nutrida”, “cultivada”, “mantida”, o que nem sempre acontece devido a inúmeros fatores da vida cotidiana, como mostra a experiência de Cesar. Quando perguntado sobre suas amizades em geral e os seus significados, Cesar disse que alimentava pouco suas amizades:

“Tem um grande companheiro. Que eu acho que saiu recentemente do programa [em que ele trabalha]. Eu acho ele uma pessoa inteligente, educada, uma pessoa sensível pra caralho... Acho uma pessoa muito dez. **Eu consideraria um grande amigo. Eu alimento pouco as amizades**. Tô

¹¹⁶ A noção de galera aqui tem o sentido de grupo de amigos com o qual se compartilham atividades lúdicas como esportes, dança, música entre outras, diferentemente daquela apresentada anteriormente (conferir página 74). Para mais detalhes sobre essa noção, cf. Velho & Duarte (2010).

junto, tamos juntos. Mas depois começa assim, muda de emprego... eu dou uma... eu sou muito focado no trabalho, na família. **Não mantenho muito esses convívios, esses contatos.**” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

Se a amizade precisa ser “nutrida” e “cultivada”, ela também é influenciada pelo tempo de conhecimento e nível de convivência e vai se modificando ao longo dos anos, como mostrou Michel:

“O gostoso das amizades é isso: você perde contato certo tempo e depois acaba reencontrado por acaso, ou marcando alguma coisa e tem os amigos em comum também e vamos nos falando. E nesse meio tempo nascem filhos, morrem pessoas, outros casam, se separam e estamos sempre nos encontrando e atualizando um monte de coisas. (...) Fico super feliz de ver que os amigos, alguns perderam companheiros, se separaram e hoje estão bem. Estão com outros namorados, companheiros, outras namoradas seja o que for e estão bem, estão felizes. Isso que é da amizade. **Você vai levando independente de cor, de sexo, de opção religiosa.**” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

Embora Michel tenha argumentado que a amizade se sustenta independentemente de cor, sexo ou opção religiosa, pesquisas empíricas mostram que esses marcadores influenciam a forma como as relações se estabelecem e podem, eventualmente, ser disparadores de conflito entre os amigos (Price, 1999, Rezende, 2002b, Ribeiro, 2003).

As amizades também estão sujeitas a tensões e mágoas, como adverte Rezende (2002a). Beto, por exemplo, mostra claramente que em suas relações não há espaço para “perdoar as traições”. Para ele nenhuma quebra de confiança nas relações de amizade, é passível de perdão, principalmente se o conflito envolver questões monetárias¹¹⁷. Ele exemplifica:

“... se eu tomar um calote de uma pessoa, eu quero que ela morra. Se eu tivesse uma arma, eu dava um tiro. Pum... Canalice nunca mais. (...) Outro me deu calote... Amigo de 20 anos. E eu não perdoei. (...). Como eu falei, o cara é amigo de 20 anos, meu pai falou, ‘Ah, perdoa, perdoa, perdoa... Deixa pra lá’. Eu não. Tô correndo atrás do prejuízo até hoje.” [Beto, 37 anos, advogado, RJ]

Portanto, para esses homens, as amizades representam relações importantes em suas vidas, ora com ênfase no convívio de atividades lúdicas e de lazer, ora no enfrentamento dos reveses, ora no compartilhamento das conquistas. Trata-se de uma relação que precisa ser cultivada, que exige empenho para ser mantida (ainda que reconheçam que nem sempre isso acontece), pressupõe igualdade, reciprocidade, confiança e está sujeita a transformações ao longo do tempo.

¹¹⁷ Vale de Almeida (2000: 192), referindo-se a Cutuleiro ressalta que: “a amizade não é (...) um desinteressado e afetuoso partilhar de sentimentos ou uma aprazível comunhão de afinidades e de interesses. É antes um sistema de permutas de favores, no qual, cada pessoa mantém um registro fiel do seu deve e haver [mas] têm igualmente componentes emocionais. (...) O dito ‘amigos, amigos, negócios à parte’ reflete a ambivalência básica das relações de amizade.”

4.2 Amigo de homem, amigo de mulher

A amizade entre homens tem sido documentada por teóricos no campo de gênero e, mais especificamente por aqueles vinculados ao estudo das masculinidades, como um relacionamento que envolve dinâmicas fortemente marcadas por uma ótica de gênero em que as atividades realizadas em conjunto, as conversas e os ritos presentes demonstram suas visões sobre o que é ser homem, o que é ser mulher e a como as relações intra e entre gêneros devem acontecer (Walker, 1994, Ribeiro, 2003, Way, 2011).

A reflexão sobre a amizade ou camaradagem masculina tem mostrado que o sentido da amizade foi se transformando ao longo da história. Segundo Anne Vicent-Buffault, historiadora francesa,

é provável que as amizades femininas e masculinas tenham, evoluído de maneira diferente: no domínio das mulheres, dá-se lugar à sensualidade, ao contato como a confiança, no prolongamento de uma relação de mãe para filha. **A amizade viril definiu-se progressivamente em um ideal de ação e de convívio galhofeiro que desconfia da ternura e do excesso de intimidade, passada a idade da adolescência.** [...]. As imagens de virilidade, de autocontrole, afastam os homens da efusão, salvo ocasiões excepcionais, o que **engendra momentos de relaxamento codificados na sociabilidade do beber ou na troca da fala libertina na ausência de mulheres. Essa fobia de contato se acompanha de uma idealização de virilidade.** (Vicent-Buffault, 1996: 180-1, grifo nosso)

Cabe destacar dois pontos presentes nessa reflexão. O primeiro diz respeito à supressão da expressão de afetos por parte dos homens na busca por um ideal de virilidade. Parece haver um consenso de que os homens têm dificuldades de demonstrar certos afetos, de expressar suas emoções, sob o risco de parecerem frágeis (o que seria apropriado para o mundo feminino e não para o masculino), maculando sua virilidade e, por conseguinte, sua masculinidade (Giddens, 1993, Walker, 1994, Price, 1999, Vale de Almeida, 2000, Ortega, 2002, Nardi, 2004).

Os homens adolescentes e jovens são especialmente expostos a um intenso patrulhamento das suas atitudes e comportamentos em que, o que for dito e/ou feito, pode se converter em chacota e em desqualificação de seu status masculino (Da Matta, 1997, Kimmel, 1997, 2005, Connell, 2000, Ribeiro, 2003, Barker, 2005, Way, 2011). Embora esse patrulhamento não se esgote na juventude, é nessa fase que os rapazes são mais afetados pela necessidade de confirmação homosocial da identidade masculina, fazendo com que laços afetivos com amigos de infância e adolescência, sejam revistos, agora, à luz das convenções sociais de gênero. Tal

patrulhamento, como aponta Niobe Way (2011), faz com que os rapazes, muitas vezes, deixem de investir na expressão de afetos na relação com seus amigos, com medo de parecerem “gays”.

Como visto anteriormente, a “sacanagem” entre garotos ajuda a produzir um “idioma da masculinidade”, como aponta Carvalho (1990), em sua análise sobre o desempenho dos meninos durante jogos de bolinhas de gude¹¹⁸. Esse idioma, ensinado e aprendido na convivência entre meninos de diferentes idades, constitui uma espécie de ensaio para a construção de seus futuros repertórios de interação interpessoal como homens adultos.

A utilização de palavrões e de expressões de cunho sexual, a forma de referirem-se às mulheres, as tentativas de desqualificar a masculinidade do colega com intuito de assegurar a visibilidade da sua própria masculinidade, a expressão da linguagem corporal no contato com outros meninos, a valorização da destreza, da força física e do controle das emoções, vão ser determinantes na construção de tais repertórios (Vale de Almeida, 2000).

O uso e a permissão de brincadeiras agressivas no contexto da amizade são comuns entre homens e rapazes (Walker, 1994, Plummer, 1999, Connell, 2000, Ribeiro, 2003) e têm a conotação dada por Radcliffe-Brown (1940) quando o autor fala sobre as relações jocosas:

The joking relationship is a peculiar combination of friendliness and antagonism. The behaviour is such that in any other social context it would express and arouse hostility; but it is not meant seriously and must not be taken seriously. **There is pretence of hostility and a real friendliness. To put it in another way, the relationship is one of permitted disrespect.** Thus any complete theory of it must be part of, or consistent with, a theory of the place of respect in social relations and in social life generally. But this is a very wide and very important sociological problem; for it is evident that the whole maintenance of a social order depends upon the appropriate kind and degree of respect being shown towards certain persons, things and ideas or symbols.¹¹⁹ (Radcliffe-Brown, 1940:195, grifo nosso)

A presença de brincadeiras jocosas entre os rapazes revela a tensão presente nas relações de amizade masculinas. Se por um lado, as amizades são vistas como relações baseadas em “reciprocidade” e “espontaneidade”, por outro, o senso de masculinidade traz para o cenário das amizades entre homens, a “competição”. Essa tensão constante entre “colaboração” e “competição”, entre “reciprocidade” e “competitividade” parecer ser uma característica

¹¹⁸ Cf. p. 49-50.

¹¹⁹ Tradução livre: **A relação jocosa é uma combinação peculiar de amizade e antagonismo.** Este comportamento é tal que em qualquer outro contexto social, expressaria e levaria à hostilidade; mas ela não é séria nem deve ser assim considerada. **Há uma pretensão de hostilidade e uma real amizade. Em outras palavras, há um desrespeito permitido na relação.** Assim, qualquer teoria deste tipo de relação, para ser completa, deve ser parte de, ou consistente com, uma teoria que leve em conta o lugar do respeito nas relações sociais e na vida social em geral. Este é, no entanto, um amplo e de veras importante problema sociológico, posto ser evidente que a manutenção de toda ordem social depende do tipo apropriado e grau de respeito demonstrado em relação a certas pessoas, coisas ou símbolos. (grifo nosso)

diferencial para a amizade masculina e encontra na jocosidade, uma forma privilegiada de expressão da ambivalência que cerca tais relações¹²⁰.

O segundo ponto refere-se à valorização dos encontros em espaços públicos (arena masculina por excelência, em oposição ao mundo privado e doméstico considerado como feminino), das atividades esportivas e do uso de álcool como atividades próprias da dinâmica de sociabilidade masculina entre seus pares, em detrimento de relações de confidências ou de maior intimidade (Giddens, 1994, Walker, 1994, Vale de Almeida, 2000, Ribeiro, 2003). Os relatos a seguir, revelam tal valorização. Quando perguntado que atividades usualmente fazia com seus amigos homens, Fred afirmou que:

“Eu tenho poucos amigos homens. **E os poucos que circulam na minha casa ali, são com motivos profissionais ou motivos de birita.** [...] **Relações de cumplicidade, compartilhar coisas assim, íntimas, eu não converso com meus... meus chegados homens não.** Os homens que tão próximos de mim são que tem alguma **relação de trabalho** ou são os caras da minha banda, o pessoal do cineclubes, o pessoal do *hip hop*... Ou uma **galera que só chega pra beber, o pessoal que vai pro futebol...**” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Douglas é economista, mora na cidade de São Paulo, é esportista e pratica alguns “esportes radicais”. Ele e seus amigos “chegados” viajam de um “lado para outro” a busca de “novas emoções”. De acordo com Douglas:

“Eu sempre surfei, sempre peguei onda, então alguns de meus grandes amigos pegam onda comigo, [...] a gente viajava pra um canto e pro outro, às vezes a gente viaja juntos. O meu melhor amigo mesmo, a gente nunca pegou onda, mas a gente jogava tênis. Tenho outro amigo que pedala ... acho que o esporte sempre foi uma coisa que eu gostei de fazer, que eu chamo todo mundo pra fazer...” [Douglas, 33 anos, economista, SP]

Se a amizade entre homens está pautada em dinâmicas específicas, a amizade entre homens e mulheres é permeada por outras questões, localizando-se em um terreno nebuloso e ambíguo. Por um lado, há uma idéia de que a relação entre homens e mulheres estaria necessariamente pautada por situações de sedução e de tensão sexual. Ivan afirmou que o regime de amizade entre homens e mulheres é diferente daquele que se estabelece entre homens por conta de um possível interesse sexual. Quando perguntado sobre essas diferenças entre as amizades masculinas e as amizades com mulheres, Ivan disse que:

“Mas entre homem e mulher, o difícil eu acho que é contornar, tipo, o desejo mesmo, o interesse, de repente. Que eu acho que as amizades entre homem e mulher acabam ficando meio permeadas por um interesse, de repente, alguma coisa assim...” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ]

¹²⁰ O entendimento da amizade entre homens como uma relação “competitiva” ou “colaborativa” está presente nas reflexões de Vale de Almeida (2000) e de Rezende & Coelho (2010).

Outros cultivam amizades com mulheres, negando a diferença de gênero, lidando com as amigas “como se fosse um homem”. Miguel, por exemplo, disse que para ele:

“(...) **acabo encarando a mulher como se fosse um amigo homem.** Falo as mesmas sacanagens. Se passar uma mulher gostosa, eu cutuco e falo, “Olha, que gostosa, hein...” Independente de ser mulher ou ser homem. **Eu acho que tá ali, é amigo. Não é o sexo da pessoa. É a pessoa amiga. Então é como se fosse um irmão.** Então eu cutuco ali... Eu tenho uma grande amiga, de quando eu morei em São Paulo agora... Que é editora do caderno de automóveis. Mas é mulher, mulherzinha total. Não é mulherzinha, é até mais moleque, eu acho. E eu vivia falando, “Olha, que gostosa...” Ela falava assim, “Me respeita, eu sou uma mulher”. “E daí que você é uma mulher? A mulher não é uma gostosa?”. [Miguel, 39 anos, RJ, jornalista, grifo nosso]

Miguel, quando faz uma reflexão sobre quais convenções se aplicam (ou se aplicariam) ao contexto das amizades com mulheres, procura negar a influência de qualquer diferenciação sexual e evoca a metáfora do “amigo irmão” numa tentativa de caracterizar o laço de amizade como uma relação “dessexualizada”, trazendo-a para o campo das amizades masculinas.

Outros, no entanto, vêem a possibilidade de construir uma relação baseada em cumplicidade com as mulheres, o que marcaria uma diferença fundamental com as amizades entre homens. Fred, por exemplo, quando perguntado pelas diferenças entre ter amigos homens ou amigas, afirmou que se sente muito mais próximo das amigas do que com os amigos:

“As amigas mulheres estão muito mais próximas de mim porque... **talvez porque elas veem em mim e eu vejo nelas algum motivo de comprometimento, de cumplicidade. Que eu não tenho com os homens. Nenhum homem. Nem meu pai.**” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Por oposição, a amizade entre homens se pautaria na competitividade, uma noção bastante presente nos relacionamentos masculinos. Samuca, por exemplo, disse que as amizades masculinas são influenciadas pela “competitividade do macho”. De acordo com ele:

“Eu acho que o homem, quando a gente sai dois da mesma es... não é da mesma espécie, mas da mesma preferência [refere-se à orientação sexual], há uma competição. **Há um nível de competitividade assim, do macho...** [...] **Com os homens eu acho que acontece um pouco disso.** Quando você tá num lugar, vai numa noite num bar, num lugar. Tem uns caras que só vão querendo cair em cima da mulherada. Aí fica aquela disputa, aquela coisa. Ou um determinado assunto, quem é mais inteligente, quem sabe mais de política, quem sabe mais de futebol. Quem leu tal coisa...” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]¹²¹

¹²¹ Alguns estudos apresentam vivências de amizades masculinas em um plano de igualdade e reciprocidade. Rezende & Coelho (2010), referenciando-se ao estudo de Papataxiarchis em uma aldeia da Grécia chamada Mouria, mostram que: “a amizade entre homens constrói-se em nítida oposição à família e ao mundo doméstico. [...] Entre os homens, **as amizades são extremamente valorizadas por seu distanciamento da esfera doméstica e também das relações de trabalho.** Em contraste com estas, que são marcadas pela obrigação, as tensões de hierarquia e a preocupação com status, **as amizades são pautadas na reciprocidade e na espontaneidade das trocas emotivas.** Os amigos se relacionam no espaço da cafeteria, onde o ato de beberem juntos torna-se fundamental na aproximação e desenvolvimento da amizade”. (Rezende & Coelho, 2010:70, grifo nosso). É interessante observar a ambiguidade de posições relativas à amizade masculina. Se por um lado, as amizades são vistas como relações baseadas em reciprocidade e espontaneidade, por outro, o senso de masculinidade também traz para o cenário das amizades

Se, na relação de amizade entre homens da “mesma espécie”, para usar as palavras de Samuca ao referir-se à heterossexualidade, há uma tensão constante que prima pela competitividade, os vínculos de amizade entre homens de orientações sexuais distintas traz à baila inúmeras outras crenças e valores a respeito do masculino e da homossexualidade, como veremos no próximo capítulo.

As dinâmicas que se estabelecem nos regimes de amizade revelam a forte influência que os mandatos de gênero exercem sobre eles, envolvendo noções de masculinidade e feminilidade, na maioria das vezes, ainda pautadas por uma ótica convencional de gênero (Walker, 1994).

A sexualidade nas relações de amizade entre homens e mulheres reside num terreno nebuloso em que o medo do envolvimento e de “perder a amizade”, e a negação da diferença sexual estão presentes. De acordo com Rezende (2002b:63-4), “dentro dessa lógica moderna de amizade, a sexualidade tornar-se-ia sempre uma interferência malvista, em vez de ser considerada um elemento constitutivo.”

Nesse sentido, alguns homens terminam por “suprimir” a diferença tratando suas amigas como “homens”. Outros, no entanto, são capazes de estabelecer relações de cumplicidade as mulheres, expressando a facilidade no contato com as amigas, algumas delas ex-namoradas, em oposição à construção de relações de intimidade com os amigos. Cabe ressaltar que quase todos os entrevistados sinalizaram relações de mais intimidade e cumplicidade com mulheres do que com homens. Parece que a esfera da “intimidade” e do “afeto” acontece preferencialmente nos regimes de amizade entre homens e mulheres – ainda que este não esteja livre de tensões – e não entre homens.

Com isso, a amizade entre homens apresenta uma dinâmica singular, diferente das amizades femininas e daquelas entre homens e mulheres, como argumenta Karen Walker (1994). De acordo com essa autora (1994), enquanto os homens privilegiam as práticas desportivas e compartilham atividades juntos, as mulheres dividem suas preocupações sobre assuntos ligados às famílias e aos filhos. Em ambos os casos, há uma ocupação do espaço público (pelos homens) e privado (pelas mulheres) que segue um padrão convencional de gênero. De maneira análoga, a etnografia de Souza (2003) com um grupo de homens que se encontra nos finais de semana para organizar um churrasco em um bairro do subúrbio carioca explora uma dinâmica semelhante: os

masculinas a competição. Essa ambivalência entre colaboração e competição, entre reciprocidade e competitividade parecer ser um diferencial para a amizade entre homens.

amigos convivem no espaço público enquanto suas mulheres e famílias não têm acesso a esse espaço masculino, a “confraria da esquina”.

Portanto, a ordem de gênero masculina implica um regime de amizade entre homens em que a intimidade se converte na prática de esportes, no coleguismo de trabalho ou em saídas para beberem juntos. São contextos de expressão e confirmação social de suas performances de gênero. Por outro lado, é com as amigas mulheres que alguns homens conseguem se expressar emocionalmente com mais facilidade, estabelecendo uma relação baseada em cumplicidade. Essa relação só é possível, diferentemente das relações com os amigos homens, por que a avaliação social de sua performance masculina pelas mulheres não influencia do mesmo modo seu status social como a de outros homens faz (Price, 1999).

Vários autores destacam que as relações de amizade e de camaradagem masculina padecem pela ausência de expressão de afetos e de intimidade devido às convenções sociais de gênero que impedem ou limitam a manifestação desses sentimentos (Badinter, 1999, Connell, 1995, Kaufman, 1999, Kimmel, 2005, entre outros). Contudo, não nos parece que não haja um compartilhamento de afetos e intimidade. Se, aparentemente, há um silêncio masculino acerca dos afetos que muitas vezes impede a declaração de seus sentimentos, isso não quer dizer que eles não os expressem de outras formas (Nascimento, 2001)¹²².

Manifestações de afeto como beijos e abraços entre homens, ainda estão sujeitas “ao que os outros vão pensar”. Além das questões individuais de temperamento e personalidade de cada um, o patrulhamento externo (e internalizado) sobre a masculinidade produz um modo “apropriado” de relacionamento entre homens que inclui formas “corretas” de se cumprimentarem, sem que haja contato físico mais próximo ou, quando for o caso, um contato que demonstre a virilidade de ambos (Kimmel, 1993, 1997, Vale de Almeida, 2000, Ribeiro, 2003, Nascimento, 2004). No entanto, parece que para esse grupo de homens, o perfil etário faz diferença no momento de lidar com essa manifestação de carinho. Esses dois relatos são bem ilustrativos dessa diferença. Cesar, por exemplo, relatou um episódio com seu cunhado que demonstra essa dificuldade de “chegar no corpo do outro”:

¹²² A esse respeito, Vale de Almeida (2000) ressalta a importância que as categorias de gênero têm na expressão de emoções e sentimentos: “O domínio das noções de pessoa, do corpo, das emoções e dos sentimentos e, em suma, do que constitui a dinâmica entre personalidade e regras culturais é uma área da experiência humana constitutiva de, e constituída por, categorias de gênero.” (Vale de Almeida, 2000:59)

“Quando ele [o cunhado] veio me cumprimentar pela última vez, ele endureceu o braço, pra não chegar no corpo, pra dar um abraço. Eu tenho um primo, que é desse tamanho, forte pra caramba, toda vez que chega, a gente se dá um abraço e dá um beijo. Fica dois, três anos sem se ver. Esse cunhado dava abraço, não tinha... Mas ele travou o braço. Eu falei, ‘Cara, relaxa meu. Qual é cara? Que isso?’” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP]

Mas isso não parece ser uma regra para todos os relacionamentos. Dentre os mais jovens, por exemplo, os cumprimentos entre os amigos podem incluir beijos e abraços. Sobre isso, Fabrício declarou que entre a “galera”, todos se cumprimentam com beijos:

“A gente sempre cumprimentou com abraço... Até os meus amigos que não são homossexuais, a gente dá beijinho. Os meus amigos gays, eles sempre dão dois beijinhos em todo o mundo, seja quem for. Eu nunca tive problema com isso. A gente sempre foi muito carinhoso... Por a gente se conhecer há milhões de anos... sei lá, 20 anos, quase, de convivência. Não tem muita frescurite não. ‘Vão achar que eu sou gay... vão achar que eu to chegando no maluco...’ Nada a ver.” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ]

Se por um lado, para os homens, as normas sociais de gênero privilegiam a expressão pública de dureza, competitividade, agressividade, até mesmo violência (como é o caso de Beto), em consonância com um padrão convencional de masculinidade; por outro, vários desses homens devido às suas experiências pessoais puderam, se não romper com esses ditames hegemônicos, ao menos flexibilizá-los (Velho, 1986), conforme veremos mais adiante.

4.3 Convivência entre homens homo e heterossexuais

As amizades entre homossexuais e heterossexuais, como as demais relações de amizade, situam-se em um “campo de possibilidades” aberto segundo contextos específicos da vida cotidiana, como a escola, a vizinhança, o local de trabalho, entre outros (Rezende, 2002b). No entanto, o regime de amizade entre pessoas com orientações sexuais distintas está fortemente ancorado nas percepções que os heterossexuais têm sobre a homossexualidade, baseadas em valores familiares e pessoais.

Com intuito de mostrar o que a sociedade brasileira pensa sobre diversidade sexual, preconceito e discriminação contra as chamadas “minorias sexuais”, várias pesquisas do tipo *survey* vêm sendo realizadas no país, nos últimos anos. Inseridos nessa mesma sociedade, os entrevistados estão igualmente sujeitos, em alguma instância, ao pensamento dominante.

Em 2004, a UNESCO¹²³ realizou uma pesquisa com estudantes do nível fundamental e médio da rede pública que mostrou que aproximadamente 25% dos estudantes não gostariam de ter um colega de classe gay. A pesquisa coordenada pelo Instituto Promundo e o ICRW, de 2009, mostrou que, no Brasil, os jovens e os mais escolarizados tendem a demonstrar atitudes menos homofóbicas que os mais velhos e menos escolarizados (essas atitudes incluem, por exemplo, ter relações de amizade com homens gays, sentir-se desconfortável na presença de um homem gay e ter vergonha de ter um filho homossexual)¹²⁴.

A pesquisa realizada pela FPA apresenta um quadro mais completo (e, por conseguinte, mais complexo) sobre o que os/as brasileiros/as pensam sobre preconceito, discriminação e vitimização envolvendo gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais¹²⁵. É um panorama bastante revelador das idiossincrasias da sociedade brasileira. De acordo com Gustavo Venturi (2008:39), coordenador da pesquisa, o preconceito contra pessoas LGBT parece ser “mais arraigado, mais assimilado e menos criticado socialmente”, se comparado com pesquisas anteriores da própria Fundação sobre preconceito contra idosos ou negros¹²⁶.

Essa pesquisa apresenta informações interessantes para um mapeamento das redes de convivência e amizade envolvendo homens homo e heterossexuais. Aqui, trataremos de apresentar alguns dados referentes ao convívio com homens gays, nas relações profissionais, de vizinhança e de amizade, além de outros aspectos vinculados à sociabilidade.

A maioria dos respondentes se declara heterossexual (83%). Interessante observar que nesse item de orientação sexual, 35% dos respondentes que nunca foram à escola, não souberam se identificar a partir das categorias identitárias propostas (“heterossexual”, “gay”, “lésbica”,

¹²³ A pesquisa foi realizada em 13 capitais brasileiras e no Distrito Federal. Participaram da pesquisa, alunos do ensino fundamental e médio, num total de 16.422 alunos, com idade entre 10 e 24 anos. Depreende-se dessa investigação que, de maneira geral, os rapazes são mais preconceituosos que as garotas em relação ao tema da homossexualidade. De acordo com os autores, atribui-se esse fato à construção social da masculinidade. Para outros detalhes sobre esse estudo, cf. Castro, Abramovay & da Silva (2004).

¹²⁴ Cabe lembrar de que se trata de uma pesquisa multicêntrica e que os dados aqui apresentados se referem ao caso brasileiro. De acordo com esse estudo, 43% dos homens entrevistados se envergonhariam de ter um filho homossexual, 39% acreditam que homossexuais não devem adotar crianças, 21% se sentem desconfortáveis em estar próximo a uma pessoa homossexual e 20% não teriam um amigo gay. Para mais detalhes sobre esse estudo, conferir Barker *et al* (2011).

¹²⁵ Vale lembrar que a pesquisa da FPA foi realizada segundo uma amostra probabilística, com 2014 entrevistas, com população acima de 15 anos de idade, todas as classes sociais e dispersa em 150 municípios brasileiros de todas as regiões do país. O número de respondentes do sexo masculino é de 947. Para mais detalhes, cf. Venturi & Bokany (2011).

¹²⁶ Na pesquisa sobre idosos, 4% dos entrevistados não idosos (entre 16 e 59 anos) admitiam serem preconceituosos em relação aos mais velhos. Na pesquisa sobre discriminação racial e preconceito de cor, 4% dos entrevistados não-negros admitiam ter preconceito contra negros. Na pesquisa sobre a população LGBT, 29% declaram ter preconceito contra travestis, 28% contra transexuais, 27% contra lésbicas e bissexuais e 26% contra gays. Esses dados se alinham com a afirmação de Byrne Fone (2010) quando o autor diz que a homofobia é um dos últimos preconceitos ainda socialmente aceito.

“bissexual”, “travesti”, “transexual”) enquanto outros se declararam “homens” (2%), “mulheres” (2%) e “normal” (1%).

Em torno de 26% dos homens declararam ter gays em seu círculo de amigos. Essa afirmação é sensível à idade dos respondentes, oscilando entre 29% entre os homens mais jovens e 6% entre os homens mais velhos e à escolaridade (apenas 4% daqueles que nunca foram à escola declararam ter amigos gays contra 38% que possuíam curso superior). Perguntados o que sentem (ou sentiriam) pelo fato de um amigo ser gay, 58% dos homens afirmaram serem indiferentes à orientação sexual. Em torno de 10% disseram que não aceitariam e terminariam a amizade.

Esses dados nos trazem informações interessantes sobre a convivência entre os “mundos” heterossexual e o homossexual. Carrara & Lacerda (2011) afirmam que:

Embora a intolerância, a discriminação e o preconceito devido à orientação sexual ou à identidade de gênero advenham de inúmeras fontes, **eles seguramente dependem em alguma medida do grau de ‘familiaridade’ ou da intensidade dos contatos que pessoas não-homossexuais mantêm com lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.** (Carrara & Lacerda, 2011:76, grifo nosso)

Sem dúvida, o grau de familiaridade pode influenciar na (re)elaboração de suas percepções sobre as normas de gênero referentes à sexualidade e à masculinidade. No entanto, a familiaridade depende de uma série de condições: os valores a que esses homens foram expostos durante seu processo de socialização, a visibilidade pública da homossexualidade em diferentes contextos de convivência social, assim como a oportunidade de incursão por territórios de sociabilidade e cultura gay. É sobre isso que trataremos no próximo tópico.

4.3.1 Mapeando o “campo de possibilidades” de convivência entre homens homo e heterossexuais: contextos privado e público

Interessava-me conhecer em que espaços de sociabilidade esses homens tiveram seus primeiros contatos com a “diversidade sexual”. Dessa maneira, busquei mapear esses contextos de acordo com a trajetória de cada um e saber que valores orientavam esses primeiros contatos com pessoas homossexuais. Esse cenário constitui um “pano de fundo” para o estabelecimento das possíveis relações de amizade.

A convivência de homens homo e heterossexuais engloba diferentes contextos de sociabilidade. Em alguns casos, o primeiro espaço de convivência é a própria família. Isso acontece tanto pela presença de parentes homossexuais, quanto pela existência de amigos homossexuais no círculo de amizades da família. Entre os espaços públicos, a escola, os contextos de lazer e os locais de trabalho aparecem como os principais lugares de sociabilidade entre heterossexuais e gays.

Ainda que, de maneira geral, a família de origem não seja o lócus privilegiado de convivência com homossexuais que não sejam parentes, em alguns casos, é nesse espaço que acontece um primeiro contato com algo “a ser esclarecido”. Quando perguntei a Ivan quando foi que ele se deu conta de que nem todas as pessoas eram heterossexuais, Ivan respondeu que:

“É, a gente sempre teve convivência [com homossexuais na família de origem]. **Não sei se eu sabia muito diferenciar o que era hétero e o que era... homossexual.** Mas eu acho, até brinco que essa diferença existe mais no imaginário assim. De mudar alguma coisa nas relações. Porque eu falo que muda com quem a pessoa vai pra cama, mas de pessoa assim, de relação, não muda nada, né?” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Nas famílias em que havia convivência com homossexuais (gays e lésbicas) era através da figura da mãe e das suas relações pessoais, familiares e/ou profissionais que esse convívio tornou-se possível. Em alguns casos, como a família de Ivan, sua mãe era a responsável pela casa e pela criação dos filhos desde o término de seu casamento. Em outros casos, ainda que houvesse a presença paterna, também era através das relações de amizade e/ou profissionais da mãe que esse contato acontecia, confirmando o fato apontado por Carrara & Lacerda (2011) de serem as mulheres as que tendem a expressar posições ou atitudes de menor rejeição em relação à homossexualidade masculina¹²⁷. A esse respeito, por exemplo, Samuca comentou que sempre houve a presença de homossexuais na casa de sua família de origem:

“A minha mãe [que era enfermeira] sempre teve amigos gays. Enfermeiros... Então, na minha casa sempre teve... Meu tio é gay. **Mas isso... não chegava a ser conversado com a gente.** E tinha uma amiga que era **travesti que frequentava a minha casa. Mas isso também não era conversado...**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Se por um lado a família pode facilitar a convivência com homossexuais e produzir uma relação de respeito às diferenças, por outro ela pode ser o agente que ensina/fomenta o

¹²⁷ Além das mulheres, as jovens e as pessoas mais escolarizadas estão entre as categorias citadas por Carrara & Lacerda (2011). De maneira análoga, pesquisas realizadas durante as Paradas do Orgulho LGBT mostram que a presença heterossexual nesses eventos é predominantemente de mulheres. Para mais detalhes, conferir Carrara & Ramos (2005), Carrara *et al* (2006), Carrara *et al* (2007).

preconceito e a discriminação. Recordando sua família de origem, Gilson afirmou que a homossexualidade era um assunto tabu, sobre o qual nunca se falava:

“E como não tinha na família, pelo menos na nossa família, não tem nenhum homossexual, pelo menos onde eu saiba ou está muito bem guardado, não tinha ninguém assim próximo que houvesse aquela [desconfiança]. Também pela família que era... Se tivesse, tinha que ficar guardado a sete chaves porque ia ser uma desgraça, coitado! Dá até pena. Ou coitada não sei.” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ]

Em algumas famílias o preconceito contra homossexuais se manifestava devido a crenças religiosas. Fred, por exemplo, comentou que devido ao seu trabalho de DJ convivia bastante com vários homossexuais e ouvia sempre a mesma “ladainha” por parte de seus pais:

“‘Isso [a homossexualidade] não é coisa de Deus’. Eu cansei de ouvir isso. O medo deles era de ter um filho homossexual e sempre foi baseado nesses dogmas. Porra, ridículo...” [Fred, 33 anos, DJ, RJ]

Um dos entrevistados apresenta uma história familiar atípica já que pertence a uma família homoparental. Seu pai biológico morreu quando Miguel era adolescente. Ele e um dos seus irmãos (de um total de cinco) foram criados pelo tio e padrinho, homossexual e casado com outro homem há mais de 40 anos. Essa convivência o fez perceber a diversidade sexual de maneira singular. Ao expressar suas opiniões sobre homossexualidade, tornando pública a sua “família diferente”¹²⁸, ainda que sob o risco de ser estigmatizado, Miguel revela uma tentativa de naturalizar a homossexualidade. Quando perguntado sobre como era a convivência em uma família homoparental, ele respondeu que:

“Eu, **pra mim era normal**. Eu já nasci com aquilo. E é chegar, é beijinho quando entra, beijinho quando sai. [Referindo-se a um trabalho escolar]... o tema que a professora botou no trabalho era ‘Homossexuais adotando crianças’. Se isso influenciava ou não na sexualidade da criança. Falei pro meu tio. ‘Tio, eu vou me usar em primeira pessoa.’ Ele me alertou. ‘Acho que não é legal! **Porque você vai acabar sendo estigmatizado na faculdade. Pode até ser agredido**. Mas fui em frente... E um grupo anterior ao meu, era um grupo de caras bem machistas... Eu perguntei para eles: ‘Já que vocês afirmam que é uma opção sexual, eu queria saber em que momento da vida de vocês, vocês optaram por ser heterossexuais e não homossexuais? Porque se vocês optaram é porque havia uma dúvida antes’. E aí eles ficaram constrangidos, começaram a pensar. **Porque realmente não é uma opção. Acho que não é opção. Você não opta. ‘ah, agora eu sou homossexual, agora eu sou heterossexual.’ Não, você nasce, gente! É assim. Faz parte do ser humano. Você é e acabou!**” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ, grifo nosso]

A reprodução desse diálogo é bastante instigante. Por um lado, Miguel tinha o desejo de mostrar sua própria história, desmistificando a ideia de que crianças criadas por pessoas homossexuais seriam “desvirtuadas para a homossexualidade”, ideia bastante utilizada como

¹²⁸ Para mais detalhes sobre conjugalidades e parentalidades no contexto LGBT, cf. Grossi, Uziel & Mello (2007).

argumento contrário à adoção de crianças por homossexuais¹²⁹. Por outro, a preocupação do tio sobre uma possível estigmatização do sobrinho/afilhado/filho se pauta em histórias comuns do cotidiano em que o preconceito em relação à homossexualidade se estende às famílias homoparentais. E, por fim, a “teoria” principal de seu discurso está baseada numa concepção de homossexualidade vinculada à “natureza”, refletindo, em alguma instância, a tentativa de conceber sua família como uma “normal como qualquer outra”¹³⁰.

Quando perguntei a Miguel se ele sofria algum tipo de chacota devido à sua família ser formada por um casal de dois homens, ele respondeu que os amigos “sacaneavam”, mas eram tão somente “brincadeiras”:

“É, os amigos até faziam umas brincadeiras engraçadas. ‘Vai lá pro templo cor de rosa’(risos) Essas coisas assim e tal. Mas sempre teve o maior respeito com os dois [o tio e o seu parceiro]. Maior respeito, sempre. **Era só uma brincadeira, mas nunca nada agressivo.**” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ, grifo nosso]

Esses comentários que poderiam ser percebidos como agressivos em outro contexto, eram percebidos por ele como “brincadeiras”, ganhando outro estatuto no regime de amizade (Radcliffe-Brown, 1940).

Portanto, a família pode se apresentar tanto como um lócus de produção de visões mais “liberais” acerca da homossexualidade, quanto de reprodução de preconceitos arraigados socialmente.

Já a escola por sua vez, também desempenha um papel de reprodução de preconceitos e discriminação contra alunos e professores homossexuais, com altos índices de violências de toda a sorte (moral, psicológica e física chegando mesmo aos homicídios), e provocando muitas vezes deserção escolar por parte dos alunos gays¹³¹.

Quase todos os homens comentaram episódios de chacotas na escola contra garotos e garotas que, por alguma razão, escapavam dos modelos comumente considerados como “adequados”. Samuca, por exemplo, comentou que, no seu caso, o preconceito contra as singularidades de gênero, começa a aparecer na adolescência:

¹²⁹ No estudo da FPA, 50% dos homens e 44% das mulheres concordam parcial e/ou totalmente com a afirmação “casais de gays ou de lésbicas não deveriam criar filhos.”

¹³⁰ Esse modo de ver a homossexualidade como algo inerente à natureza, num intento de torná-la em alguma medida “normal”, é compreendido por alguns autores, como Borrillo (2010), como um “olhar homofóbico” acerca da homossexualidade, visto que não há preocupação semelhante em relação à heterossexualidade.

¹³¹ A pesquisa da FPA mostra que na sub-amostra de pessoas LGBT (n = 408), 27% dos respondentes já sofreram algum tipo de discriminação por parte de colegas de escola e 7% por parte de professores (Venturi & Bolkany, 2011). Para uma análise do problema da homofobia e do *bullying* homofóbico nas escolas, cf. Junqueira (2009).

“Eu me lembro que na minha rua tinha uma menina que jogava bola com a gente. Você via que ela era... o aspecto dela era muito mais masculino, muito mais forte. **Então a gente estranhava, mas ao mesmo tempo era incorporado, não tinha uma coisa que a gente ficava falando. Até uma certa idade não tinha essa diferença.** Agora, na adolescência, na escola, os meninos que, ‘opa! Eles não tão afim das meninas’. Daí começa a sacanear e o preconceito vem à tona.” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

É também no espaço da escola que podem acontecer episódios de violência homofóbica extrema. Kimmel & Mahler (2003) chamam a atenção para o uso da violência armada em escolas norte-americanas decorrentes de *bullying* com teor homofóbico. Segundo esses autores, essas chacotas não são necessariamente dirigidas a adolescentes homossexuais, mas àqueles que de alguma maneira não se enquadram nas convenções de gênero.

Parece que é no espaço da universidade que os jovens têm possibilidade de conviver e formar outros valores acerca da homossexualidade. Alguns afirmam que em determinadas cursos – como jornalismo, psicologia e artes cênicas – há maior possibilidade de encontrarem alunos homossexuais. Philipe, por exemplo, comentou que a universidade lhe possibilitou a mudança de percepção sobre a homossexualidade devido ao convívio com homens gays:

“**Tanto no colégio quanto na família, as piadinhas... extremamente preconceituoso.** [...] Em que momento, na minha formação, eu consegui entender qual era essa diferença de sexualidade, mas que a personalidade não muda... Não sei te dizer. **Talvez a faculdade tenha me ajudado muito a formar isso. Justamente por ter muito homossexual no curso de comunicação... E a gente vai convivendo aos poucos... Talvez tenha sido ali. O momento mais decisivo, de marcar a mudança de visão.** [...] até por ter feito comunicação, a maioria dos amigos, os que não eram gays, depois da faculdade se descobriram, ou se assumiram. Eles brincam comigo, ‘É o Highlander. O último que sobrou.’” [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

Frequentar espaços de lazer e de sociabilidade marcadamente gay não é uma experiência comum para os homens heterossexuais. Na pesquisa da FPA, 78% dos homens respondentes disseram que nunca foram a um lugar majoritariamente frequentado por gays (bares, boates etc.). Entre aqueles que afirmaram já ter ido a um bar ou boate, a maioria é jovem com até 24 anos de idade. Nesse sentido, vale ressaltar o paradoxo existente entre ser preconceituoso e frequentar espaços de sociabilidade gay. De maneira geral os/as respondentes mais jovens se apresentam como menos preconceituosos. Porém, os homens com menos de 24 anos de idade são os que apresentam os índices mais altos de preconceito, fugindo do perfil geral dessa faixa etária. Parece, como colocam Carrara & Lacerda (2011), que a causa está na necessidade de afirmação

da identidade masculina¹³². No entanto, aqueles que não apresentam tal grau de preconceito são os que mais convivem com homossexuais em espaços de sociabilidade gay.

Em alguns casos a convivência com homossexuais aconteceu num misto entre lazer e trabalho, passando pelo acesso a diferentes tribos¹³³, como apontou Fred:

“Uma coisa é você ser cluber. Outra coisa é você ser gay. Mas os gays curtiam a música house. E eu queria tá naquele lugar. Porque nos lugares que eu frequentava, heterossexuais, eu não podia ouvir aquela música. **Então, ao mesmo tempo que os meus amigos eram gays e estavam naqueles lugares, eu queria tá ali também. E a minha namorada queria também. Então eu passei a frequentar lugares gays. Tinham gays, mas também tinham héteros.** Então eu ia mais pra esses lugares porque tinha um motivo que era por curtir a música. Daí eu até mudei... Eu tocava também na noite, música, pra público gay.” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

O local de trabalho constitui outro espaço possível para a convivência com gays. Segundo a pesquisa da FPA, daqueles que têm colegas de trabalho gays, 22% dizem que não gostam, mas procuram aceitar. Para a grande maioria (69%) é indiferente. Nas palavras do Gilson, o fato de ter um colega de trabalho gay, que evoluiu para uma relação amizade fora do convívio profissional, proporcionou a descoberta de um “mundo novo”:

“Na verdade o que aconteceu, é até engraçado, porque eu até então, não tinha no meu meio de relacionamento absolutamente nenhum, nenhuma pessoa reconhecida ou assumidamente homossexual. [...] **Agora, sim, era um mundo novo! Pra mim conhecer aqueles hábitos, a forma como eles se relacionavam. Por que tem sempre uma forma pejorativa, uma carga muito negativa colocada em cima disso. As pessoas, elas têm tendência a formar seu preconceito sem conhecer,** sem dar possibilidade de conhecer o que é essa questão que envolve uma possibilidade da gente ter uma amizade, sem estar julgando a pessoa pelo sexo, pela raça, pelo credo, pelo que seja.” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ, grifo nosso]

Mas o local de trabalho ainda é um espaço desafiador para a visibilidade homossexual devido a forte carga de preconceito e discriminação. Philipe e Rui comentaram que, nos seus respectivos locais de trabalho quando se está “entre homens”, parece haver um “consentimento implícito” para manifestar algum tipo de preconceito contra homossexuais. Há uma permissão social para “sacanear” abertamente os gays, em detrimento de outros marcadores como raça, por exemplo. Ser homofóbico não parece comprometer a imagem pública dos homens, como o faria ser racista. Pelo contrário, a homofobia reforça a identidade masculina, como disse Philipe:

“Uma coisa que você nota muito no meio profissional é uma certa valorização, quando você tá entre homens, de sacanear viado, sacanear homossexual. Há uma valorização, tipo, ‘nós aqui

¹³² A tendência de demonstrar mais preconceito e atos de discriminação contra homossexuais por parte dos homens jovens também é confirmada pelas pesquisas da UNESCO (Castro, Abramovay & da Silva, 2004). A pesquisa IMAGES (Barker *et al*, 2011) mostra que os jovens tendem a ter menos atitudes homofóbicas que os homens adultos. Esse dado destoa da pesquisa da FPA e da UNESCO. Acredita-se que isso se deva ao fato de sua amostra ser de conveniência e não probabilística.

¹³³ Para melhor compreensão da cultura juvenil carioca e suas diferentes tribos, cf. Almeida & Eugenio (2006).

somos homens', e aí sacaneia. É normal, isso ainda é normal. Parece que aquilo valoriza. **E isso não acontece, 'ah, vamos falar dos pretos...' Não acontece.**" [Philippe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

Cabe ressaltar que nos últimos anos houve um grande aumento da visibilidade homossexual nesses espaços de socialização e sociabilidade (família, escola, lazer, trabalho). No entanto, a percepção positiva ou negativa sobre tal visibilidade é fruto dos valores recebidos pela educação familiar e escolar. Dito de outro modo, quanto mais educados para o convívio com as diferenças os sujeitos forem, parece haver menos manifestação de preconceitos. É nesse sentido que Carrara & Lacerda (2011:78) afirmam que “a educação parece ser o antídoto do preconceito”.

Cabe ressaltar que, à exceção de espaços de lazer, os demais obedecem a uma ordem heteronormativa em que nem sempre a visibilidade homossexual é “bem recebida”. Nesses espaços acontece o que autores como Yoshino (2006) chamam de “manipulação da visibilidade homossexual” em função de contextos nem sempre amigáveis.

4.3.2 Entre o assédio, a suspeição da masculinidade e a afetação: tensões no convívio entre homens heterossexuais e homens gays

A convivência entre gays e heterossexuais está sujeita a tensões que, de maneira geral, decorrem de três temas sensíveis no domínio da masculinidade. O primeiro diz respeito ao assédio. Quanto maior a convivência, maior é a chance de o homem heterossexual ser assediado e de receber cantadas por partes de homens gays¹³⁴.

As reações a essas investidas de natureza sexual parecem depender de fatores como a idade, a maneira como foram abordados e o contexto em que aconteceu o assédio. De maneira geral, os mais jovens reagem de maneira mais violenta do que aqueles com mais idade (o que se alinha com pesquisa da FPA). O discurso dos homens em relação a esse aspecto revela reações

¹³⁴ Segundo o estudo da FPA, 52% dos respondentes masculinos já haviam sido assediados pelo menos uma vez na vida. As reações variam de acordo com a idade. Dentre os mais jovens (até 34 anos) as reações negativas (que incluem xingamento ou algum outro tipo de injúria) apresentam um percentual mais elevado que as demais idades (33% contra 22% para aqueles entre 35 e 44 anos de idade). As reações consideradas neutras (indiferença, alegar não ser sua opção, levar na esportiva) são mais frequentes na faixa etária entre 25-34 anos de idade do que nas demais (35% contra 28% para os mais jovens e o mesmo percentual para os mais velhos).

diferenciadas, dependendo da forma como a abordagem foi realizada e do contexto em que ela aconteceu.

Fred, devido ao seu trabalho como DJ e pelo fato de freqüentar festas e eventos voltados para o público gay, passou por diferentes experiências de assédio que oscilavam entre as “sutilezas de olhares” até convites diretos para um encontro sexual que terminaram por produzir reações diferenciadas. Em um primeiro momento, ele falou de ter sido assediado desde a época da adolescência:

“No início você tem uma relação de agressividade. Porque a influência da minha família era esquisita. Naquela época eu acho que eu tive pouco assédio quando eu era adolescente. Nesse momento, onde eu tava nos lugares, eram os olhares, entendeu? **O assédio nunca foi um assédio de pegar, de encostar, como é o assédio hétero. Mas eram as coisas dos olhares.** Tinha muitos olhares e tal, e as pessoas olhavam e tal. Mas eu relaxava. ‘Pô, velho... Não rola.’” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Em outra ocasião, Fred enfatizou que em determinados momentos era necessária uma reação mais incisiva, chegando a ser violento verbalmente.

“Aí parou, tipo um... alguma coisa ali. Eu não sei se era um travesti ou se era... Não sei o que era. Que rolou... **meio que se oferecendo pra rolar um sexo oral,** e tal. Aí eu falei, ‘Pô, velho... Nem rola. Na boa. Fica na paz aí.’ **Aí eu já começo [com a voz mais alterada], ‘Pô, fica na paz aí, irmão... vai... vai na tua aí, tranquilo. Que não é a minha parada...’Então, normalmente eu falo assim. Normalmente vem um favelês e eu falo assim, ‘Pô velho, na boa... Tô aqui na minha, tranquilo. Segue teu rumo’.** Eu falo assim. Quando é uma coisa assim, muito escrachada, quando nêgo não tem noção... Pô, não tem noção! Eu tô sentado ali, esperando o ônibus, uma hora da manhã, vem o maluco, ‘Pô, e aí, vai rolar o negócio?’ Aí é demais, né? ... **Aí não dá nem pra tu ser educado, nem pensar... Eu falei, ‘Pô, na boa mano’.** **Aí vem um favelês mesmo...** Agora, o assédio comum é aquele dos olhares. O normal. É o comum.” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Ivan comparou sua sensação de ter sido cantado por um grupo de rapazes à de uma mulher que é assediada de maneira inconveniente.

“‘Ô, volta aqui, não sei o quê... Quero te conhecer...’ Alguma coisa desse tipo assim. ‘Bonitinho..’ Falaram alguma coisa desse tipo assim. Aí eu olhei assim, ‘É, é você mesmo...’ E saí. Mas aí foi aquela situação meio esquisita mesmo. **Uma situação de ser cantado não é uma situação muito confortável.** Mas eu sei tirar de letra, se a pessoa não ficar insistindo, nada assim, eu não tenho problema em... em falar não. Em tirar a pessoa. [...] **Eu imaginei como as mulheres se sentem quando o cara fala, por exemplo, coisas desagradáveis...**” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

Mas se o assédio envolvia algum tipo de contato físico, a reação poderia ser ainda mais dura, mais agressiva. A experiência de Michel, por exemplo, foi bastante emblemática de uma situação como essa:

“Estou na Chapada dos Guimarães, show dos Engenheiros do Havaí no festival de inverno, estou dançando assim, tinha um casal na minha frente, um cara mais baixinho que veio com aquela mãozinha falei: - “Amigo, aperta o teu amiguinho do lado aí, não estou para brincadeira não” [alterando a voz]. **Não foi nem uma cantada, o cara meteu a mão mesmo** [uma patolada]. Pegou o outro, abraçou ele e foi lá para o outro lado, o cara de camisetinha, casaco de couro parecendo local lá. **E eu só dei um toque nele.**” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

Poucos são aqueles que saem de uma situação do assédio homossexual com bom humor. Nesse sentido, Miguel afirmou que quando isso acontece com ele “leva numa boa”:

“E aí, eu tava passando o carnaval em Olinda. Na casa do pai de uma amiga. ‘Ah, ele pode me receber?’ ‘Ah, pode...’ E aí ela falou assim, ‘Olha, meu pai é gay...’ E eu, ‘E aí? Problema nenhum...’ Eu acho que respeito é acima de tudo, independente da sexualidade da pessoa. E fui. E aí ele tava com um amigo lá, coisa e tal. E aí, uma noite, num bar, todo mundo bebendo, ela tava lá e o irmão dela também, não sei o quê... Ele pegou e me cantou... E aí eu falei pra ele. ‘Ó velho... Não, cara... Não... Infelizmente, pra você, eu sou hétero... Mas se um dia, falei assim, eu achar que eu vou experimentar. Aí eu experimento com você. Você pode ter certeza. Tem o olho azul, louro, um cara bonito né brother...’ Mas eu levo na boa, não tenho problema nenhum com isso.” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ]

Aqueles que nunca foram assediados (ou assediados de maneira mais explícita e enfática) identificam esse fato como um sinal de “respeito” (que oscila entre o “ser respeitado” e o “fazer-se respeitar”). Esse parece ser um dos temas mais sensíveis na relação de convívio entre heterossexuais e gays. Interpretar a cantada como uma atitude desrespeitosa sugere que essa situação os põe em uma relação de similitude na arena sexual, da paquera. Portanto, ser percebido como “igual” depõe contra o homem heterossexual. Muitas vezes, recusar a cantada, dizer que não está interessado, não basta. É necessário que a recusa seja mostrada de maneira viril, com uso da violência, se necessário como uma estratégia de manutenção da honra masculina (Kimmel, 2003, Machado, 2004, Borrillo, 2010). Segundo Machado (2004: 59), “... no mundo relacional da honra é o valor da hierarquia de gênero que impera, e são os valores do controle, da rivalidade, da agressividade e da violência que definem os atributos masculinos ...”

Por conta de sua história familiar diferenciada, Miguel foi orientado, pela sua família, a lidar com essa situação:

“É como eu vou ao bar, se eu falo com uma menina... Se eu falo com ela, “Não.”, não é não. Acabou, eu vou embora. Não vou ficar insistindo, né? Agora, tem uns assim... Tem homossexual que é assim. Ou bebe um pouco além da conta e fica ali, insistindo numa parada que não vai rolar. Tu acha que... Respeito. Tem que ter respeito. Então, se você quer ser respeitado, você respeita. Isso foi o que eu aprendi com o meu tio, desde pequeno. Ele falava assim, ‘Olha, você tem que respeitar pra ser respeitado. Você mora comigo, você vai ser cantado, uma hora ou outra. Porque eu tenho vários amigos gays. Então, se você respeitar, eles vão te respeitar. **Vão te cantar? Vão te cantar, mas aí você tem que falar com respeito**’. Foi assim que eu aprendi.” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ, grifo nosso]

O fato de freqüentarem lugares de sociabilidade gay, implica se expor a esse tipo de situação. Segundo Samuca, assediar o outro (ou a outra) é parte da “natureza masculina”. De acordo com ele:

“Eu acho que o gay é sacana, tem essa sacanagem masculina de... ‘tenho que comer todas, tenho que pegar todos...’ Nem todos, isso não é uma regra geral, mas eu acho que tem muito sim” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso].

Se o assédio sexual é um ponto sensível e, geralmente, disparador de conflitos e embates entre homens homo e heterossexuais, a suspeição sobre a masculinidade do homem heterossexual representa outro ponto de tensão nessa convivência. Como apresentado anteriormente, a formação da identidade masculina heterossexual pressupõe a eliminação de qualquer traço que possa ser interpretado como feminino ou homossexual (Badinter, 1993, Connell, 1995, 2000). Vários dos homens entrevistados, em algum momento, se viram diante de dúvidas sobre como administrar essa convivência, ou as suas próprias relações de amizade com os amigos gays. Quando perguntado se houve alguma dificuldade na relação com homens gays, Ivan afirmou que por ter crescido numa cidade pequena do interior fluminense, havia momentos em que essa “visibilidade” era complicada. Segundo Ivan:

“No começo eu cheguei a ficar um pouquinho assim, por ser... Mas eu acho que foi início de... de insegurança. De me auto-afirmar como pessoa... Porque Vassouras é muito pequena, né? Por exemplo, na rua, assim, em Vassouras, cumprimentar ele assim, de abraço, beijinhos, alguma coisa assim, com meu padrinho. No começo eu ficava meio assim, **‘Vou cumprimentar ele aqui, todo mundo vai achar que eu... Que eu tenho um caso...’** Mas depois eu deixei de pensar nisso. Mas por algum tempo isso foi uma preocupação pra mim. [...]. Eu não sei, mas eu acho que eu relaxei um pouco também de... **Quando eu acho que eu me auto-afirmei mesmo. ‘Eu sou hétero e não tenho problema nenhum de se alguém achar que eu sou homossexual... Não vai mudar nada nas minhas relações’. A análise também me ajuda. Mas foi quando eu realmente resolvi parar de me preocupar e...** Pensar até na pessoa até. Tipo, que ele não tem nada a ver com isso. Tem que pensar que a pessoa não merece, de repente, eu olhar ele e não cumprimentar, de repente por medo do que vão pensar de mim, por exemplo. Aí eu comecei a mudar.” [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ, grifo nosso]

O depoimento do jovem Ivan nos remete a esse jogo de formação/afirmação da identidade masculina que é extremamente sensível à confirmação social, sobretudo de outros homens. Welzer-Lang (2001) destaca que essa preocupação que os homens possuem em relação à opinião de seus pares masculinos acaba por engessar as fronteiras de gênero e restringir a possibilidade de convivência afetiva entre os homens.

Nesse sentido, o depoimento de Michel aponta para o fato de que essa barreira parece ser sensível à idade. Segundo Michel, ele não deixava de cumprimentar seus amigos gays da mesma maneira que cumprimentaria outros amigos. De acordo com ele:

“... vou abraçar um amigo gay que encontrar em qualquer lugar. **Vou abraçar, beijar o cara, como beijo amigos meus que são homens** que eu encontro, dou beijo do lado amigão, irmão mesmo. Beijo no rosto numa boa sabe, sem problema nenhum. Um cara de 1,85 m é um “gayzão”, é sou “gayzão” com “G” maiúsculo por que gayzinho eu não posso ser. Pode pensar o que for...”
[Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

O discurso dele é permeado por representações sobre a masculinidade homossexual a partir da visão de um homem heterossexual. O fato de ser um homem alto e com aparência máscula o põe em um lugar de valorização da sua identidade masculina. Não é por mera casualidade que ele diz que não haveria problema se pensarem que ele é gay. Mas ele seria um “gayzão” e não um “gayzinho”. A valorização de sua virilidade, ainda que porventura houvesse a suspeita acerca da sua heterossexualidade, não o permitiria ingressar no terreno do “gayzinho”, do “feminino” e, portanto, de um segmento ainda menos valorizado socialmente.

Michel distinguiu seus amigos “gays” de seus amigos “homens”, marcando uma posição entre “esses” e “aqueles”. Cabe ressaltar que em todas as entrevistas o uso do termo “homem” se aplicava tão somente aos heterossexuais, enquanto que os termos “gay” e “homossexual” eram usados indistintamente para identificar os homens com orientação não-heterossexual. O uso desses termos marca além da diferença de orientação sexual, uma distinção social entre eles. Ainda que em vários momentos, os entrevistados digam que não havia diferença entre “homens” e “gays”, é no uso da linguagem que se revelam tais distinções e contradições acerca do gênero e da sexualidade. A categoria “homem” pressupõe e engloba a heterossexualidade. Dito de outra maneira, “ser homem” é “ser heterossexual”. A categoria “gay ou homossexual” (que são “os outros”) rotula, categoriza e localiza os outros homens num terreno muitas vezes nebuloso e contraditório no que se refere ao masculino. É nesse sentido que ao referir-se ao dualismo “feminino/masculino”, “heterossexual/homossexual”, Fry (1982:109) argumenta que “a classificação das pessoas em personagens sociais é certamente uma maneira de controlar a experiência social e de reduzir sua ambigüidade”.

Outro aspecto interessante no discurso de Michel é o uso da expressão “amigo irmão”. Essa expressão largamente usada entre os homens pode assumir duas leituras nesse contexto específico. Uma se alinha ao pensamento de valorização da intimidade com outra pessoa que não é membro de sua família e que, pelo vínculo do afeto, se torna “irmão”. Representa uma afirmação contundente de que essa relação é importante, verdadeira, íntima (Rezende, 2002b). A segunda leitura trata da “dessexualização” da relação entre esses homens. Ao afirmá-lo de que

são “amigos irmãos”, Michel diz que qualquer contato físico não pode ser visto na ordem do erótico ou sexual, e sim como afeto “não sexualizado” entre duas pessoas.

Contudo, a suspeição sobre a heterossexualidade desses homens não se restringe apenas à opinião de outros homens acerca do seu comportamento. Cesar, por conta de seu trabalho no campo da aids, lida com vários segmentos LGBT, e fala da dificuldade em lidar com as inquirições das mulheres sobre sua sexualidade:

“‘Cesar, você é gay?’ **Não sei se é uma pergunta ou uma provocação. Para que eu tenha que provar que eu sou homem, eu tenho que sentar e levar pra cama pra provar, ‘Sou homem’.** Sentar na mesa, tomar cerveja e rolar alguma coisa. Então tem uma pergunta da mulher que é assim... O que que ela quer saber? Ela quer saber se eu como ela, pra mostrar que eu sou homem? [...] ‘Ah, o Cesar é viado...’. É engraçado, porque a gente tá vivendo tanta diversidade, mas tem muita cobrança do papel [de homem]. (...). Eu sinto brincadeiras de mulheres quanto a isso.” [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

A desconfiança sobre a sua heterossexualidade faz com que os homens busquem prová-la de diferentes maneiras, para diferentes interlocutores, revelando aquilo que alguns autores chamam de fragilidade da identidade masculina (Badinter, 1993, Vale de Almeida, 2000). Para Vale de Almeida “a masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser” (Vale de Almeida, 2000:17). A busca incessante pelo status de “homem de verdade” constitui, nas palavras de Vale de Almeida (2000), um projeto de ascensão social que tem no ideal da masculinidade hegemônica, seu fim.

E, por último, há um incômodo entre todos em relação ao comportamento afetado que alguns gays possuem¹³⁵. A “bicha pintosa”, a “menina de 15 anos”, a “louca”, a “bichinha”, a “bibinha triste e ofendida” são algumas das expressões usadas pelos entrevistados para se referirem aos homens gays que tem um comportamento “feminino”, “afetado”, “infantilizado”. Estes se distinguem do comportamento mais valorizado para os homens gays e aprovado pelos entrevistados: aqueles de comportamento “discreto” e postura “viril” e, portanto, “masculinos”.

De acordo com suas experiências no convívio com homossexuais, os entrevistados percebem uma grande variedade de comportamentos entre eles, indo desde o estereótipo do “gay que quer ser mulher” até aquele que “não deixa de ser homem”.

Miguel sempre conviveu com várias pessoas homossexuais na sua família, no mundo do trabalho nas suas relações de amizade. Para ele, há uma tipologia dentre os homens

¹³⁵ A pesquisa IMAGES, por exemplo, mostrou que 21% dos respondentes declaram se sentirem incomodados na presença de um homem afeminado (Barker *et al.*, 2011).

homossexuais: o “homossexual”, o “gay” e a “bicha”. Dentre esses o comportamento da “bicha” lhe incomoda.

“(…) eu acho que são classes. Homossexual, o gay e a bicha. A bicha me incomoda.

E: Qual é a diferença entre essas classes?

P: A bicha é o cara que quer ser mulher. Ele quer falar como mulher. Ele quer andar como mulher. Entendeu? Lá no trabalho tinha um jornalista que a voz chegava a irritar, de tão esganiçada. De querer mostrar pras pessoas que ele é bicha. Não precisa. Entendeu? Os meus tios, você liga lá pra casa, a secretária... minhas amigas falam assim, ‘Meu Deus, eu juro, eu fico molhada com a voz da secretária eletrônica...’. **Eles são homossexuais, “mas” são homens. Eles falam como homem. Não precisa falar como mulher.** Eu acho que o que me incomoda é a... talvez seja até a insegurança, ou sei lá. Não sei o que é. Do cara querer falar como mulher. Agora, o fato dele se vestir como mulher, isso hoje em dia já é uma outra coisa. Já é transformismo. É até arte, né? Então pra mim, a **bicha é o cara que quer agir como mulher.** (...) eu acho que **o homossexual é o homem que busca outra forma de prazer. O gay, eu acho que tá ali no meio, entre um e outro.** Eu acho que se beber um pouco mais, ele age como bicha.” [Miguel, 39 anos, jornalista, RJ, grifo nosso]

Essa “tipologia” não diz respeito somente a diferentes posturas assumidas por homens homossexuais. Ela representa, em última instância, uma classificação hierárquica em que o “homossexual” é mais valorizado que o “gay” ou a “bicha”, segundo a “teoria” de Miguel. Quanto mais essa pessoa se assemelhar aos padrões convencionais de gênero, mais socialmente valorizado será. E isso revela uma questão importante que perpassa toda nossa análise da convivência entre heterossexuais e gays a partir de um referencial de gênero e masculinidades: a tolerância e/ou aceitação em relação à convivência com homens gays parecem depender fortemente da capacidade que estes têm de corresponder às convenções sociais de gênero. Quanto mais “*straight gays*” eles forem, mais aceitos serão (Connell, 1992, Price, 1999). A ótica de gênero convencional que orienta os comportamentos para homens e mulheres, seguido por um padrão de “moralidade” e de “normalidade” são recorrentes nos discursos dos entrevistados.

Seguindo essa mesma trilha, Michel relatou um episódio no qual a expressão de desagrado em relação ao comportamento de alguns rapazes gays denotava uma forte carga de preconceito em que a moralidade e a homofobia se encontram.

“Estávamos na beira da passagem da Banda de Ipanema¹³⁶, na beira da praia, e tinham uns menininhos novinhos se beijando, mas se beijando aquela coisa assim bem pintosa assim: - ‘Está a fim de trepar? Vai para casa, não precisa trepar no meio da rua aqui’. Tem essa coisa de ter certo limite. Acho que você tem que ter, não precisa mostrar para todo mundo que você está agarrado com o namorado e tal, pode ter um beijinho, um carinho e tal. Meu amigo estava na minha frente, um mulato bonitão e com a mulher do lado e eu estava com minha mulher também, ele falou assim: - ‘Putaquepariu! Um dia que eu pegar um filho meu assim eu saio metendo a porrada nele’. ‘Porra, olha só uns viadinhos novinhos desse jeito tem que enfiar a porrada mesmo’. Ai eu

¹³⁶ Banda de Ipanema é um bloco de carnaval carioca em que há a presença de um grande contingente de gays.

cutuquei ele assim. Tinham uns caras atrás da gente, ‘barbies’¹³⁷. Você está no meio deles e um comentário desse infeliz pode arrumar confusão. **O cara não deixa de ser homem por ser gay**, estar com o namorado, ele pode se “emputeecer” e meter a porrada em você do mesmo jeito.” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

O padrão de moralidade revela toda a sua força contra os jovens homossexuais. “Eles” têm um comportamento inadequado, “eles” são “sem noção”, “eles” não precisam “agredir” o entorno com a sua sexualidade, são os discursos recorrentes entre alguns dos entrevistados, ao se referirem aos homossexuais de maneira geral. Ainda que pontuem que essa reprovação seria a mesma se fossem jovens heterossexuais, no decorrer das nossas conversas, parecia haver um peso maior em relação à sexualidade homossexual. A publicização da sexualidade (masculina) homossexual ainda é mal vista e interpretada como promiscuidade e como comportamento moralmente reprovável¹³⁸.

Dessa maneira, a “sacanagem masculina” – nas palavras de Samuca – como um atributo masculino valorizado entre os homens (Ribeiro, 2003, Barker, 2005, Kimmel, 2005), parece ser prerrogativa dos heterossexuais.

É interessante observar que Michel não reprovou o conteúdo da fala do amigo, e sim, a inadequação de fazê-la naquele contexto, onde eles (os heterossexuais) eram a minoria. A impropriedade do comentário é fruto do contexto e não do seu teor. Além disso, a presença de “rapazes fortes” no entorno, poderia levar, a uma confusão envolvendo um episódio de violência física, situação tipicamente masculina. Seu comentário – “os caras não deixam de serem homens por que são gays” – mostra a percepção ambígua que certos homens heterossexuais apresentam em relação aos gays¹³⁹. Por um lado, crêem que os gays representam uma antítese do “ideal de homem de verdade”. Por outro, acreditam que os gays não fogem completamente de

¹³⁷ Barbie denota um homem gay com características físicas hipermasculinas, com um corpo trabalhado em academias de musculação e bem forte.

¹³⁸ De acordo com Carrara & Lacerda: “essa aparente ‘tolerância’ [em relação a gays e lésbicas] deve, portanto, **ser considerada em sua dimensão prescritiva e não como uma forma de aceitação da ‘diferença’, reforçando a idéia de que a condição necessária para a aceitação social destas pessoas é o recolhimento**. Ao que parece, lésbicas e gays devem manter sua sexualidade restrita aos espaços privados e íntimos.” (Carrara & Lacerda, 2011:80, grifo nosso)

¹³⁹ A esse respeito, Connell esclarece que: “Some groups of openly gay emphasize masculinity as part of their cultural style (...). Closeted gay men enjoy the general advantages of masculine gender, and even effeminate gay men may draw economic benefits from overall subordination of women. In our culture, men who have sex with men are generally oppressed, but they are not definitively excluded from masculinity. Rather, they face structurally-induced conflicts about masculinity – conflicts between their sexuality and their social presence as men, about meaning their choice of sexual object, and in their construction of relationships with women and heterosexual men.” (Connell, 1992:736). Tradução livre: “Alguns grupos de homens abertamente gays enfatizam a virilidade como parte do seu estilo de vida (...). Gays ‘que estão no armário’ gozam das vantagens normais do gênero masculino, e mesmo gays efeminados podem obter benefícios econômicos da posição subordinada das mulheres. Em nossa cultura, homens que mantêm relações sexuais com outros homens são geralmente oprimidos, mas não são definitivamente excluídos da masculinidade. Ao contrário, eles se deparam com conflitos de natureza estrutural sobre a masculinidade – conflitos entre suas sexualidades e suas presenças sociais como homens, sobre o significado de suas escolhas de objeto sexual, e na construção de relações com mulheres e homens heterossexuais.”

determinados atributos concebidos convencionalmente como masculinos, como é o uso da violência para a solução de conflitos, principalmente aqueles considerados como “fortes, masculinos e viris”.

4.3.3 Apoio às causas LGBT

Interessava-me saber qual o nível de conhecimento que os entrevistados tinham sobre causas defendidas pelo movimento LGBT – como a criminalização da homofobia e o casamento entre pessoas do mesmo sexo – e qual era a sua opinião. Esses pontos vêm sendo amplamente discutidos pela mídia e têm provocado reações bem diversas que vão desde o apoio, passando pela indiferença ou rechaço por parte da população¹⁴⁰.

Além disso, interessava-me conhecer em que medida para esses homens que mantêm relações de amizade com pessoas homossexuais, a manifestação de preconceitos contra LGBT os instigava a “tomar uma posição pública” contrária. Dito de outro modo, de que maneira e em quais contextos ocorriam situações de questionamento contra a manifestação de preconceitos.

Rodrigo fez uma autocrítica sobre a “inércia” que o impede de posicionar-se publicamente em relação a determinados temas, como a homofobia ou descriminalização da maconha. Para ele, ser “solidário a essas causas” faz com que ele automaticamente seja visto como “parte interessada e integrante desse coletivo”. O que nem sempre o colocava numa posição confortável.

“Você deixa passar algumas coisas. (...) **eu me surpreendia, às vezes, com a [minha] posição de não dizer alguma coisa, não colocar alguma coisa.** Se você fala contra a criminalização das drogas, você é maconheiro. **Se você fala dos direitos humanos dos bandidos, você é cúmplice dos bandidos. Se você defender as mulheres, você é bacana. Vão te acusar de quê? Agora, se você defender a causa gay ou homossexual, você tá associado a ela.** Mas enfim, **não dá pra brigar com cada um que você tá conversando.** (...) Mas você acaba, de certa forma, não é jogando o jogo... Mas você tem que encontrar um jeito de ver o ritmo que você... você tem que modular o discurso do outro pra você estabelecer alguma coisa. Mas isso às vezes, em alguns contextos é tão cruel porque nessa modulação você se coloca na defensiva. E às vezes eu acho

¹⁴⁰ Em jornais e revistas on-line, a seção de opinião dos leitores chama a atenção pela ampla magnitude dos comentários sobre assuntos ligados ao movimento LGBT como a união estável e a criminalização da homofobia, ou ainda, a presença de homossexuais em telenovelas e seriados. As opiniões incluem, entre outras posturas, a reclamação de que há “uma ditadura gay” na comunicação por veicularem notícias e opiniões acerca desses temas. Cf. <<http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/47/>>. Acessado em 22/08/2011.

importante mandar tudo pra puta que pariu e enfrentar.” [Rodrigo, 42 anos, professor, RJ, grifo nosso]

No caso de Fred, ele afirmou que em muitas ocasiões se sentia cansado de ser o “chato”, aquele que cobra uma postura “não preconceituosa” da companheira e dos seus familiares. De acordo com ele, “não dá para ficar brigando o tempo todo”:

“Eu tenho essa coisa de ficar na mesa sendo... como é que se diz? Vigia da forma como as pessoas falam. Hoje em dia eu tô mais relaxado. Mas tem coisas que realmente me incomodam. Dependendo do espaço, me incomoda muito.

E: Me dá um exemplo.

P: **‘Ah, isso é coisa de viado...’ Entendeu? É o tipo de coisa que me incomoda. Eu falei, ‘Você tá baseado em que pra dizer que isso é coisa de viado? Essa fala, esse jeito? Qual é a diferença?’ Então eu fico meio que polícia ali na fala das pessoas. Mas tem alguns momentos que eu não fico mais polícia não. Porque fica chato. Com as pessoas mais próximas, do meu núcleo familiar, eu sou bem polícia.**” [Fred, 33 anos, DJ, RJ, grifo nosso]

Cabe destacar a reflexão de Rodrigo sobre o seu silêncio e o modo como ele, e tantos outros, lidam com as reações das outras pessoas ao se mostrarem contrários à “corrente dominante do preconceito”. Como dito anteriormente por Kimmel (1997), o silêncio masculino acerca da homofobia (e de outros assuntos relacionados às iniquidades de gênero), ajuda a conservar e reforçar o sistema que mantém o preconceito. É nesse sentido que Barker (2005) ressalta a importância das “vozes masculinas de resistência”¹⁴¹, ou seja, o “peso social” que o questionamento público por parte dos homens, em relação às piadas machistas e homofóbicas e às formas de discriminação e violência de toda a sorte, exerce sobre a construção de masculinidades menos homofóbicas e violentas. Segundo o autor, esse tipo de exemplo ajuda a tornar pública outras formas de atuação para o masculino em relação a temas ainda considerados “sensíveis” pela grande maioria dos homens. Contudo, cabe ressaltar que essas “vozes” estão inseridas em um jogo complexo e às vezes contraditório, em que o questionamento de posturas preconceituosas, como no caso de Fred, convive com episódios de adesão “tácita” através do silêncio, como no caso de Rodrigo.

Dessa maneira, inspirado nas reflexões de Velho (1986) sobre os posicionamentos políticos das camadas médias na década de 1980, especialmente quando diz que “entre ser revolucionário e ser apolítico, também surgem opções menos drásticas que procuram dar conta

¹⁴¹ Segundo Barker (2005:25), “understanding these voices of resistance yields tremendous insights on the power of subjectivity – that is the power of individuals to construct their own meaning out of the world around them and their life circumstances – particularly the power of subjectivity to question rigid gender norms”. Tradução livre: “compreender essas vozes de resistência produz *insights* interessantes sobre o poder da subjetividade – ou seja, o poder que os indivíduos têm de construir significados para além de seu próprio contexto e de suas circunstâncias de vida – em particular o poder de questionar as convenções sociais de gênero”.

da ambigüidade nascida de motivações muito diferentes, quando não contraditórias” (Velho, 1986:45), parece que há um “espaço de manobra” ou de “modulação”, como diz Rodrigo, para posicionar-se diante do preconceito: nem “polícia o tempo todo”, nem “submeter-se à corrente dominante” da intolerância. Tanto a postura de Fred quanto a de Rodrigo, cada qual à sua maneira, sinalizam essa vontade de questionar o preconceito vigente.

Em relação às pautas específicas defendidas pelo movimento LGBT havia muito pouco conhecimento. As únicas exceções eram Cesar, por sua atuação no campo da aids e interação com vários grupos LGBT, e Fred, por seu trabalho junto a ONGs.

De maneira geral, eram apresentados a eles alguns temas como a criminalização da homofobia, o casamento e a adoção de crianças e lhes perguntava sua opinião. A grande maioria dos entrevistados demonstrou “apoio” às causas.

A criminalização da homofobia encontrou apoio em todos os entrevistados. A lei contra o racismo (lei Caó)¹⁴² e contra a violência contra as mulheres (lei Maria da Penha)¹⁴³ são duas referências usadas por eles, quando expunham sua opinião sobre a criminalização da homofobia¹⁴⁴. Rodrigo atribui ao “carisma” da lei Maria da Penha, o fato de os homens terem passado a pensar duas vezes antes de cometer algum ato de violência contra uma mulher. E, para ele, talvez possa acontecer o mesmo com uma possível lei contra a homofobia:

“Vai ser difícil levar aos tribunais. Mas eu acho, não sei se com lei, mas, sobretudo, com campanhas... De qualquer maneira é uma excelente situação para discutir. Como a Lei Maria da Penha, quando alguém faz uma piadinha, ‘Olha, a Lei Maria da Penha aí...’ O cara fala, ‘Ah, vou dar uns tabefes quando chegar em casa...’ Tipo assim, ‘Se me chamarem pra testemunhar, você vai se ferrar...’ Brincando. E ele, ‘Hahaha, é verdade.’ É legal porque você tem um elemento... É incrível o carisma da lei. Com direito a ações na família e na escola... algo parecido com a homofobia, né?!” [Rodrigo, 47 anos, professor, RJ]

Para Philipe, a experiência com a lei do racismo pode ser uma referência importante para uma eventual lei contra a homofobia. Segundo ele:

“Tanto no público negro quanto no público gay, tem muitas pessoas que fazem uma defensiva exacerbada. Os negros, por exemplo. Às vezes você não pode criticar uma coisa, não pode querer uma coisa de uma pessoa. ‘Ah, por que eu sou negro’. E é uma babaquice sem tamanho. Ela [a lei do racismo] demorou um pouco no início para se ajustar. Mas hoje eu acho que ela funciona bem. Acho que a [lei] da homofobia deve acontecer o mesmo. Ela tem que ser bem fundamentada e bem aplicada.” [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ]

¹⁴² Lei Nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985, que inclui, entre as contravenções penais, a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil, dando nova redação à Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951 – Lei Afonso Arinos.

¹⁴³ Ver nota de rodapé nº 83.

¹⁴⁴ Para mais detalhes sobre o tema da criminalização da homofobia, cf. Dias (2011).

Ainda que conviva com um irmão adotivo negro, tenha um grupo de amigos homossexuais, é do lugar de “homem branco”, “heterossexual”, “classe média”, que ele fala. O discurso “aborrecido” em relação à fala daqueles que se encontram em situações de opressão e de preconceito – o da “defensiva exacerbada” – merece ser relativizado.

As situações de humilhação e os enfrentamentos dos preconceitos a que pessoas negras, LGBT, e mulheres em determinados contextos culturais, estão expostos, afetam a produção de suas subjetividades, forjando sua visão de mundo e formação de suas identidades (Eribon, 2008, Borrillo, 2010). Para alguns teóricos, a homofobia tem raízes semelhantes a outros preconceitos como o sexismo (discriminação contra as mulheres), o racismo (discriminação contra negros e outros grupos étnicos) ou aqueles que outros grupos socialmente discriminados enfrentam (Wickberg, 2000, Borrillo, 2010). No entanto, como argumenta Daniel Wickberg (2000), historiador norte-americano, a homofobia difere desses outros preconceitos por duas razões: a primeira por que a homofobia coloca os homossexuais como “objeto” e “vítima” do preconceito e da discriminação, de forma diferenciada do sexismo e do racismo. Ninguém pode “ocultar” sua condição de mulher ou de negro, ao passo que várias pessoas homossexuais podem escolher tornar pública sua homossexualidade ou não. Essa possibilidade de administrar a visibilidade da homossexualidade, em função de alguma situação específica e/ou contexto, traz características específicas para o fenômeno da homofobia¹⁴⁵. E em segundo lugar, a homofobia difere do sexismo e racismo por se tratar de um preconceito que, salvo exceções, não é mediado por discursos politicamente corretos, sendo muito mais aceito socialmente do que os outros dois, conforme mostra claramente a pesquisa da FPA.

Em relação aos temas relacionados à conjugalidade e à família composta por homossexuais, também há um consenso entre os entrevistados de apoio ao casamento e à adoção de crianças. Todos acreditam que não há sentido, por exemplo, em criminalizar a homofobia e

¹⁴⁵ Para uma reflexão sobre esse tema, conferir o trabalho de Yoshino (2006) sobre o que ele denomina de *covering*: uma estratégia de administração de visibilidade daquilo que vai contra a corrente hegemônica, dominante. O autor ressalta que dependendo da situação, a administração da visibilidade da homossexualidade e algum tipo de dissimulação se fazem necessários. O autor adverte que (2006:22): “outsiders are included, but only if we behave like insiders – that is, only if we cover” [tradução livre: os de fora estão incluídos, mas somente se nos comportarmos como os de dentro – isto é, somente se praticarmos o *covering*].

não haver união civil entre pessoas do mesmo sexo¹⁴⁶. Em relação ao casamento, Michel argumentou que:

“O relacionamento hétero ele já é difícil por si só, pelo gênero das pessoas, pela carga cultural de cada um. O relacionamento homossexual além de ser difícil pela diferença das pessoas ele é um problema de relacionamento na sociedade. Hoje eu bato palmas pro reconhecimento de você ter direito como casal vivendo juntos, porque não poderia ter?” [Michel, 44 anos, administrador, RJ]

A homoparentalidade é bem vista pela maioria deles. A única preocupação presente é uma possível estigmatização de crianças adotadas por casais do mesmo sexo. Rui diz que: “não que eu seja contra, mas acho que pode ser complicado para uma criança na escola, por exemplo, dizer que tem dois pais ou duas mães. Acho que a gente precisa pensar melhor sobre isso do ponto de vista da criança...”. [Rui, 33 anos, TI, RJ]

No que diz respeito à Parada do Orgulho LGBT, poucos já foram a alguma e sempre como “espectadores” e “movidos pela curiosidade”. De maneira geral, a Parada é percebida como “carnaval”, “micareta”, “circo”, enfim, um “espetáculo”. Se por um lado, creem que esse tipo de evento desperte interesse, produza visibilidade, aguace a curiosidade das pessoas pela “festa”, por outro, para a maioria, ele afasta a população de uma reflexão mais crítica sobre as causas que o coletivo LGBT defende. De maneira geral, a opinião sobre a Parada oscila entre a falta de compreensão do sentido político à crítica ao “espetáculo”. O discurso titubeante do jovem Ivan revela sua (in)compreensão do que se quer com esse tipo de manifestação. Segundo ele:

“Eu fico pensando às vezes se... da utilidade dela mesmo pra... Eu acho legal uma auto-afirmação, mas parece mais um carnaval. Parece mais um... Não sei se é essa a forma de inclusão, sei lá, essa inclusão que vai quebrar o preconceito. Não sei, não vejo, não consigo entender muito bem a utilidade pra acabar com o preconceito. É bom porque dá visibilidade de alguma forma. E melhora a visibilidade, causa impacto, atinge algumas pessoas. Mas eu não sei se... Em algumas pessoas deve aumentar o preconceito, eu acho. Aí eu não sei se... Eu acho, eu vejo muita falta de visibilidade fora disso, por exemplo. Fora da Parada Gay, onde você vê o... homossexuais assim, como classe, de repente? Alguma coisa diferente assim? Não sei. Eu não entendo muito bem.” [Ivan, 25 anos, RJ, grifo nosso]

Gilson, por sua vez, nunca foi a uma Parada, mas demonstrava seu ceticismo em relação ao alcance político e de conscientização da população que um evento como esse gera. De acordo com ele:

“... nunca fui a uma Parada, então também não posso dizer: ‘é isso que acontece lá, eu acho isso’. O que eu enxergo pela televisão, é uma coisa festiva e tal, mas tem uma coisa, pelo menos, não sei se é a imprensa que ajuda ou se ela... **Parece meio que vira uma Banda de Ipanema, ‘vamos lá**

¹⁴⁶ A partir de 05 de maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo, como já ocorrera com casais heterossexuais. Quando da realização das entrevistas, esse fato ainda não havia ocorrido. Para mais detalhes, cf. Venturi & Bokany (2011).

colocar todos os nossos demônios para fora'. E fica aquela coisa, vai para aquela coisa mais da promiscuidade que eu criticaria da mesma forma se fosse um bloco de heterossexual. (...)Estou te falando sem ter ido a nenhuma, mas o que chega pela televisão, então estou te dando um percepção de quem não participa, de quem vê pela televisão as notícias. O que chega: 'Pô os caras estão fazendo festa, vão lá para encher a cara, dar beijo na boca'. **Então acho que essas passeatas perdem uma grande oportunidade até pela visibilidade que tem de conseguir esses objetivos.** A ponto do nosso 'amigo' Zito proibiu a passeata gay¹⁴⁷. Se fosse uma passeata dentro de outro contexto, ele não se oporia." [Gilson, 42 anos, RJ, grifo nosso]

A ideia que os entrevistados têm sobre a Parada está mediada pelo que a mídia apresenta. De maneira geral, o que é ressaltado é o aspecto festivo do evento. Aos de Gilson, trata-se de um evento que parece reforçar o preconceito que se quer combater. Nesse sentido, uma "passeata por reivindicação de direitos" deveria se apresentar de forma "decente". Cabe aqui uma reflexão sobre o papel da mídia na produção das notícias acerca dos temas LGBT. Irineu Ramos Ribeiro (2010), em seu trabalho sobre a maneira como a identidade gay é apresentada em programas de TV e telejornais brasileiros, mostra que embora a mídia televisiva amplie cada vez temas LGBT em novelas e programas jornalísticos, ainda persiste uma abordagem que privilegia assuntos como consumo, identidades estereotipadas, sem reconhecer a diversidade de experiências do cotidiano LGBT e sem buscar um debate informativo para a população.

Em função de seu trabalho, Cesar participou ativamente da série de pré-conferências municipais e estaduais que precederam a Conferência Nacional LGBT realizada em Brasília em 2008. Ele fez uma longa reflexão sobre um episódio em que esclarece qual é sua "perspectiva de militância", falando do lugar de um homem heterossexual enfronhado nas causas LGBT:

"Há uns anos atrás ia ter aquela conferência nacional, GLBT, depois virou LGBT. Aí teve uma pré-conferência na Câmara Municipal de São José dos Campos. Ou seja, de uma hora pra outra arranjaram lugar pra fazer uma pré-conferência lá. **Os guardinhas de lá não sabiam o que era homofobia, o que era diversidade sexual...E tinham dois rapazes se beijando e o guardinha falou, 'Pô, bichão. Aqui não...'** Aí eles entraram pro meio lá da assembléia, e ficaram putos. Queriam escrever uma carta. **Queriam que a gente fizesse um beijaço, por conta daquele guardinha.** Aí eu falei assim... 'Não! Eu sou contra. Fazer beijaço pra quê?' **O guardinha não tem a obrigação de entender.** Em vez da gente fazer um beijaço, que só vai dar imprensa, porque a gente não vem aqui fazer uma proposta de discutir...' **Eu acho que alguns temas, da forma como são levados, dá uma impressão negativa pra população.**" [Cesar, 44 anos, psicólogo, SP, grifo nosso]

Esse mapeamento dos contextos de sociabilidade, das concepções sobre a homossexualidade masculina e de opiniões acerca de temas vinculados ao "mundo LGBT"

¹⁴⁷ Ele se refere ao então prefeito da cidade de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro, que em 2009, proibiu a Parada do Orgulho LGBT naquele município, sob o argumento de que a Parada provocava cenas obscenas em via pública e constrangia a família caxiense. Para detalhes, cf. <<http://extra.globo.com/noticias/rio/zito-proibe-parada-gay-em-caxias-391434.html>>. Acessado em 12/07/2011.

constituem um “pano de fundo” sobre o qual as relações de amizade entre homens homo e heterossexuais se assentam.

Cabe ressaltar que as mulheres desempenham um papel facilitador na convivência entre homens heterossexuais e gays nos contextos privados. Mesmo quando existiam figuras masculinas adultas nas famílias de origem, eram as relações de coleguismo e amizade das mulheres que facilitavam essa convivência. Nesse sentido, Connell & Messerschmidt (2005) ressaltam a importância que as mulheres têm na produção das masculinidades. Para os autores, as masculinidades não dizem respeito somente aos homens ou às instituições como a família ou a escola, mas é também pela relação entre homens e mulheres que a construção e desconstrução de convenções acerca do masculino acontecem.

O aumento da visibilidade homossexual em espaços como a escola, universidade e locais de trabalho, além dos contextos de sociabilidade, favoreceu a aproximação entre os “mundos gay e heterossexual”. Vários entrevistados enfatizaram que eles eram a “minorias sexual” em seus cursos profissionais (como artes cênicas, comunicação, psicologia entre outros). Embora todos esses espaços sejam contextos de manifestação de preconceito e discriminação contra pessoas LGBT como demonstra a pesquisa da FPA, também podem se converter em territórios de aproximação, convivência e amizade entre homens de orientação sexual distintas.

As relações de convivência estão fortemente marcadas pelas convenções de gênero. Enquanto as mulheres são aquelas que apresentam menor preconceito contra LGBT, os homens jovens por conta da afirmação de sua identidade masculina e as pessoas de mais idade são aqueles que apresentam o maior grau de preconceito, conforme demonstram os dados do *survey* da FPA.

As relações entre homens homo e heterossexuais estão sujeitas a tensões que incluem situações de assédio e suspeição da heterossexualidade e, por consequência, da sua masculinidade. A afetação foi recorrentemente citada como produtora de incômodos e causa de afastamento entre gays e heterossexuais.

Se as causas LGBT como a criminalização da homofobia, o casamento entre pessoas do mesmo sexo e a adoção de crianças provocam simpatia por parte dos entrevistados, a Parada do Orgulho LGBT não é percebida da mesma maneira. Para vários deles, esse tipo de evento, por sua natureza “festiva” reforça o preconceito que pretende combater, orientando-se por fortes componentes de moralidade. Todos esses fatores estão em presentes, em maior ou menor grau,

nos regimes de amizade entre homens heterossexuais e homens gays conforme veremos no capítulo seguinte.

5 MASCULINIDADE “HETERO”, MASCULINIDADE “GAY”: DILEMAS, TENSÕES E (RE)SIGNIFICADOS NO CONTEXTO DAS AMIZADES

“Así, la Catedral del Helado, le llamaba a este sitio un maricón amigo mío. Digo maricón con afecto y porque a él no le gustaría que lo dijera de otra manera. Tenía su teoría, ‘homosexual es cuando te gustan hasta un punto y puedes controlarte’, decía, ‘y también aquellos cuya posición social (quiero decir, política) los mantiene inhibidos hasta el punto de convertirlos en uvas secas’. Me parece que lo estoy oyendo, de pie la puerta del balcón con la taza de té en la mano. ‘Pero, los que son como yo, que ante la simple insinuación de un falo perdemos toda compostura, mejor dicho, nos descocamos, esos somos maricones, David, ma-ri-co-nes, no hay más vuelta a darle’.” [David]

Como vimos no capítulo anterior a amizade entre homens heterossexuais e homens gays está sujeita a um campo de possibilidades em que a família, a escola, o local de trabalho e espaços de lazer facilitam essa aproximação. Esse capítulo apresenta uma discussão sobre as dinâmicas das relações de amizade entre homens homo e heterossexuais e como estas estão sujeitas aos ditames da masculinidade hegemônica e da homofobia. Além disso, busca-se verificar possíveis influências na ressignificação das masculinidades.

5.1 As amizades no contexto de orientações sexuais distintas: notas conceituais

As relações de amizade dos entrevistados apresentam uma grande diversidade de arranjos, contextos e engendram uma série de ressignificações sobre a homossexualidade e o exercício da masculinidade. Poucos deles haviam tido contato com homossexuais nas suas famílias de origem. A maioria veio a conhecer seus amigos gays na universidade, no local de trabalho ou em contextos de sociabilidade vinculados à música, ao teatro, ao lazer.

Conforme indica a pesquisa da FPA, na medida em que há uma maior visibilidade das pessoas LGBT, esses locais se convertem em contextos privilegiados de convívio entre pessoas heterossexuais e não heterossexuais. Além disso, a circulação entre diferentes espaços de lazer com forte ênfase no consumo cultural, característico de camadas médias (Velho, 1986), como as diferentes manifestações relacionadas à música, à dança e ao teatro contribui para a exploração de territórios de sociabilidade em que existe uma convivência entre várias “tribos”, incluindo pessoas de diferentes orientações sexuais.

O conjunto de entrevistados apresenta uma gama variada de experiências em relação à amizade com homens gays. Ivan, por exemplo, mantém uma relação mais próxima com seu padrinho que é gay e soropositivo. Além disso, tem um primo com quem convive bastante devido ao interesse comum pela música.

Fabrizio tem amigos de infância que se revelaram gays no decorrer da amizade. De maneira análoga, o melhor amigo de adolescência de Flávio, seu companheiro de banda, revelou-se gay há relativamente pouco tempo.

Philippe e Rui, apesar de não se conhecerem, compartilham um mesmo amigo gay, Cleiton, que foi padrinho de casamento de Philippe e de Rui. Cleiton é amigo de faculdade de Philippe e amigo desde a adolescência de Rui. Ambos afirmaram que já sabiam que Cleiton era gay “antes dele mesmo”.

Douglas convive com um extenso grupo de amigos homossexuais (gays e lésbicas) de sua companheira. Apesar do convívio frequente com esse grupo, Douglas afirmou que em muitas ocasiões se sente como um “estranho no ninho”.

Fred, devido ao seu trabalho como DJ, tem vários “conhecidos” gays. Alguns são mais próximos, outros nem tanto. Como ele mesmo afirmou, é um homem que tem poucas amizades masculinas, mantendo vínculos preferenciais de amizade com mulheres.

Beto relatou apenas um amigo gay. Conheceu Márcio em uma situação profissional e mantém uma relação de proximidade com ele há pelo menos quatro anos.

Michel e Gilson são amigos entre si e possuem amigos em comum. João é amigo de ambos e os três trabalharam juntos no final da década de 1990. Através de João, Gilson conheceu outros homens gays com quem mantém um forte vínculo de amizade. Michel, além do João, tem um grande círculo de amigos homossexuais (gays e lésbicas).

Cesar, devido ao trabalho e militância no campo da aids, conhece muitas pessoas do “mundo LGBT”. É um homem que “alimenta pouco as amizades”, como ele próprio afirmou. Apesar da intensa convivência com homossexuais, Cesar fez poucos comentários específicos sobre os “amigos gays”, focando seu discurso sobre a relação com o “coletivo LGBT”.

Miguel, devido à sua família homoparental, sempre teve muito contato com o “mundo gay”. Tem um extenso círculo de amizades com gays e lésbicas.

Segundo Samuca, a profissão de ator e diretor de teatro possibilitou uma convivência muito próxima com diferentes grupos de gays e lésbicas. Citou alguns desses amigos como

pessoas muito importantes em sua vida. Já Rodrigo mantém um convívio próximo com dois amigos gays desde a época da juventude.

Se as amizades entre homens heterossexuais apresentam dinâmicas específicas como apresentado no capítulo anterior, as que acontecem entre homens de orientação sexual distintas também possuem suas especificidades. A (homo)sexualidade apresenta-se em maior ou menor grau como um tópico com que ambos vão ter que aprender a lidar no decorrer dessa relação.

Ainda que a maioria dos entrevistados diga que o fato de o amigo ser homossexual não muda em nada o regime de amizade, o elemento da sexualidade se torna um tema importante nessa relação, conforme apontam Price (1999) e Fee (2000). Esse convívio entre gays e heterossexuais implica uma disponibilidade para novos aprendizados e para transitar em espaços em que há outros códigos, diferentes daqueles do “mundo heterossexual”. Em vários momentos, há um confronto, por parte dos heterossexuais, com situações que eles não haviam vivido anteriormente. Isso pode favorecer uma certa revisão de seus valores acerca do gênero, da sexualidade e da masculinidade.

As relações de amizade entre homens heterossexuais e homens gays têm sido mais documentadas em contexto anglo-saxão como os Estados Unidos, Inglaterra e Austrália do que no contexto brasileiro. Neste campo, destacam-se os trabalhos dos sociólogos Dwight Fee, Jamie Price e Peter Nardi pela discussão sobre amizade masculina a partir de uma perspectiva de gênero, construção de masculinidades e homossexualidades, com foco nas relações entre homens de orientações sexuais distintas.

Segundo Nardi (1992, 2004), as políticas de amizade para os gays representam uma espécie de substituição aos vínculos familiares. Vários homossexuais sofrem rejeições, preconceitos e discriminações por parte de suas famílias e encontram entre seus pares (homossexuais), aceitação e solidariedade, produzindo vínculos de afeto que não lograram manter em sua rede familiar de origem. Dessa maneira, as relações de amizade ganham valor e status diferenciados para os homossexuais. De acordo com o autor:

In particular, sexual orientation may play a salient role in mediating such gender differences in friendship. Whereas the gender differences in heterosexual friendship patterns illustrate the importance for men in obtaining social support from within the family context of female spouse or

partners, gay men and lesbians equally seek emotional support from same-sex friendships.¹⁴⁸
(Nardi, 1992:111)

Segundo Eribon (2008), a amizade assume um papel fundamental na sociabilidade gay. De acordo com o autor:

... a sociabilidade gay – ou lésbica – funda-se, primeiramente, numa prática e política da amizade: é preciso procurar estabelecer contatos, encontrar pessoas que vão se tornar amigos e, aos poucos, construir um círculo de relações escolhidas. As redes de amigos são (...) uma das instituições mais importantes da vida homossexual. (Eribon, 2008:38)

Em seu trabalho, “*Navigating differences: friendships between gay and straight men*”, Price (1999) entrevistou pares de amigos com intuito de mapear as dinâmicas de relacionamento entre eles a partir de um referencial teórico de gênero. A autora enfatiza a ideia de que ambos – heterossexuais e gays – estão sujeitos à ideologia da masculinidade hegemônica, incorporando-a de maneira singular dependendo de sua trajetória, das interações sociais a que foram expostos, oscilando entre a adesão às normas estabelecidas e sua contestação. A autora mostra que a dificuldade de estabelecer amizades entre heterossexuais e gays reside, em última instância, na ideologia de gênero que constitui a identidade masculina.

Men do not devalue gay men only because of their deviant sexual practices but also because of many gay men’s deviant gender activities. By subordinating gay men, straight men are also still devaluating the feminine and anything associated with it, such as women and emotions. Moreover, because some gay men are effeminate, they appear to reject traditional masculinity. In doing so, they call into question the natural continuation of heterosexuality, masculinity, and men’s power and privilege. Simply put, gay men pose the greatest threat to the gender order.¹⁴⁹
(Price, 1999:2, grifo nosso)

Dwight Fee (2000) adverte que a relação de amizade entre heterossexuais e gays é orientada pelo constante manejo das diferenças e que não se limita à orientação sexual *per se*, mas está intimamente relacionado a estilos de vida diferenciados e ao confronto com experiências masculinas bem diversas. Em seu trabalho sobre amizade entre homo e heterossexuais, a partir da visão de homens gays, o autor enfatiza o grau de desconhecimento que os homens heterossexuais têm sobre vários temas relacionados à vivência da homossexualidade

¹⁴⁸ Tradução livre: Em particular, a orientação sexual pode ter um papel importante na mediação das diferenças de gênero nas relações de amizade. Enquanto que as diferenças de gênero nos padrões de amizade entre heterossexuais ilustram a importância para os homens na obtenção de apoio social dentro do contexto familiar do cônjuge do sexo feminino ou em suas parceiras, gays e lésbicas igualmente buscam apoio emocional nas amizades com pessoas do mesmo sexo.

¹⁴⁹ Tradução livre: **Os homens não desvalorizam os homens gays somente devido às suas práticas sexuais desviantes, mas também devido às suas atividades que são desviantes da ordem de gênero.** Ao inferiorizar os homens gays, os homens heterossexuais desvalorizam também o feminino e qualquer coisa ele associado, como mulheres e emoções. Além disso, o fato de alguns homens gays serem efeminados sugere uma aparente rejeição da masculinidade tradicional. Ao fazê-lo, questionam a continuação natural da heterossexualidade, masculinidade e poder e privilégio dos homens. Em resumo, os homens gays ameaçam a ordem de gênero. (grifo nosso)

de seus amigos gays. Em contrapartida, por transitar entre “os dois mundos” – fruto da realidade social marcadamente heterossexual que os cerca – as experiências heterossexuais são bem mais familiares. Muitos desses homens gays mantiveram relacionamentos afetivos heterossexuais em algum momento da vida; outros se orientam (ou se orientaram) na vida social – família, escola, trabalho – em consonância com os modelos heteronormativos etc. Dessa maneira, de acordo com o autor:

Predictably, my interviews with gay men demonstrate that they have more acumen about the straight friends’ lives than the straight men exhibit toward their everyday realities. **Heterosexuals simply know proportionally less about the complexity of their gay friends’ lives: what contradictions they encounter, how they manage marginalization, what struggles around identity they might undergo, and so on.** By contrast, gay men, because of being some extent in both ‘worlds’ are more discerning about straight life and, particular, straight sexuality.(...). In this respect, gay men constitute a standpoint, diverse as it is, from which to understand widespread predicaments of gender that are more generally implicated in men’s mutual relationships.¹⁵⁰ (Fee, 2000:48, grifo nosso)

No entanto, o autor se mostra muito mais cético, no que diz respeito às relações de amizade entre homens heterossexuais e homens gays do que Price (1999), por exemplo. Para ele, trata-se de um tipo de amizade que requer muito esforço por parte dos gays em cultivá-la e mantê-la, não encontrando o mesmo investimento emocional por parte dos homens heterossexuais. Segundo Fee (2000:49), referenciando-se a Peter Nardi (1992: 118), “gay men appear to be at the forefront of establishing the possibility of men overcoming their male socialization stereotypes and restructuring their friendships in terms of the more contemporary attributes of emotional intimacy”¹⁵¹.

Já Price (1999) acredita que as relações de amizade entre gays e héteros são capazes de impactar a ótica de gênero dominante. De acordo com a autora:

Overall, straight men experience much pressure to oppress gay men and gay men experience many reasons to fear and despise straight men. Straight and gay who are friends risk other’s men evaluations of them, their self-esteem, and their identities. By examining how some gay and straight men struggle with stereotypes and prejudices to form friendships, I hope to help bridge the

¹⁵⁰ Tradução livre: Previsivelmente, minhas entrevistas com homens gays demonstram que eles têm um maior conhecimento das vidas de seus amigos heterossexuais que os heterossexuais têm a respeito do seu dia-a-dia. **Os heterossexuais sabem proporcionalmente menos a respeito da complexidade das vidas de seus amigos gays: que contradições enfrentam, como lidam com a marginalização, que conflitos de identidade podem estar vivenciando, etc.** Em contraste, homens gays, devido ao fato de até certo ponto estarem em ambos os “mundos”, têm maior discernimento sobre a vida heterossexual e, em particular, sobre a sexualidade heterossexual. (...). Neste ponto, os homens gays se constituem em um ponto de referência, apesar das diferenças, a partir do qual podemos compreender vastas categorias de gênero que são de modo mais geral implicadas nas relações entre homens. (grifo nosso)

¹⁵¹ Tradução livre: Os homens gays parecem estar na vanguarda quanto ao estabelecimento da possibilidade de homens vencerem seus estereótipos de socialização masculina e reestruturação de suas amizades em termos de atributos de intimidade emocional mais contemporâneos.

division between gay and straight men, a division that feeds gender inequality among men and between men and women. (Price, 1999:15)¹⁵²

Em seu estudo sobre amizade entre homens heterossexuais e gays, a autora analisa o relacionamento de 57 pares de amigos, estabelecendo uma tipologia de relações, tomando como critério principal a maneira pela qual eles lidam com suas diferenças em relação à sexualidade. De maneira geral, a autora enquadra as relações de amizade em três grandes grupos: (1) aquelas em que há a aceitação e incorporação dessa diferença na relação, (2) aquelas em que se busca ignorar tais diferenças e (3) aquelas em que a diferença se converte em um fator restritivo para a consolidação da relação.

No primeiro grupo, ambos lidam com os temas vinculados à sexualidade de maneira bastante confortável, com trocas e confidências íntimas sobre relacionamentos amorosos, expressando suas preferências sexuais de maneira clara e apresentando-se de maneira respeitosa em relação à sexualidade do amigo. As amizades possuem um alto grau de intimidade e eles muitas vezes se consideram como “melhores amigos”.

No segundo, há um desconforto em lidar com as diferenças relacionadas à sexualidade. Buscam ignorar ou evitar compartilhar problemas de natureza afetiva e/ou sexual. Ainda que haja um discurso de aceitação da sexualidade do amigo gay, trata-se de um tema percebido como problemático e evita-se discuti-lo, não o incluindo como parte de seu relacionamento.

E, por fim, teríamos aqueles amigos que não conseguem lidar com as diferenças relacionadas à sexualidade, não respeitando as experiências de cada um. Há uma tendência em manter uma relação sem muito envolvimento afetivo. A convivência entre eles estaria baseada na superficialidade e não na intimidade.

Essa tipologia, como ressalta a própria autora, não pode ser generalizada a toda e qualquer relação de amizade em contexto de diferenças. No entanto, ela fornece algumas pistas importantes para a compreensão das histórias de amizade entre homens gays e heterossexuais.

A sexualidade e tudo que ela envolve – estilos de vida e de sociabilidade, parceiros, relacionamentos – é um tema sensível para ambos os envolvidos. Para alguns homens gays, como chama a atenção Price (1999), há uma evitação de se tocar nesse assunto, seja pelo medo

¹⁵² Tradução livre: De maneira geral, os homens heterossexuais experimentam uma forte pressão para oprimir os homens gays e os homens gays, devido às suas experiências, têm muitas razões para temer e desprezar os homens heterossexuais. Homens homo e heterossexuais que são amigos se arriscam a ter sua auto-estima e identidade avaliada por outros homens. Ao examinar como alguns gays e heterossexuais lidam com os estereótipos e preconceitos para estabelecerem uma relação de amizade, espero ajudar a superar a divisão entre homens gays e heterossexuais, uma divisão que alimenta a desigualdade de gênero entre homens e entre homens e mulheres.

de um possível julgamento ou por considerar que sua orientação sexual não será aceita e/ou compreendida pelo amigo hétero, seja por considerá-la com um status inferior ao da heterossexualidade¹⁵³. Parece ser mais fácil trazer esse assunto nas rodas de conversa entre os pares homossexuais do que entre seus amigos heterossexuais (Price, 1999, Fee, 2000).

Para alguns homens heterossexuais, parece existir uma “delimitação de posições” nessa convivência. Essa delimitação tem por objetivo protegê-los de possíveis questionamentos acerca da sua masculinidade. Como visto anteriormente, a masculinidade – como identidade construída e confirmada socialmente – e que tem no modelo hegemônico o seu ideal de distinção, é vivida sob a égide da homofobia como dispositivo regulador e de patrulhamento da masculinidade heterossexual. Colocar sob suspeita a heterossexualidade e conseqüentemente a masculinidade parece ser o maior “perigo” que esse tipo de relação traz para os homens heterossexuais. Toneli-Siqueira (1997), em seu trabalho com jovens em Florianópolis, ressalta que apesar dos rapazes (com até 24 anos de idade) dizerem que não teriam problema em ter amigos gays, seus discursos revelam duas preocupações: de serem assediados sexualmente pelos amigos e terem sua masculinidade questionada por outros rapazes.

Alguns afirmam que quando um amigo é gay a amizade não muda, porém fazem piadas e demonstram preocupação com a opinião dos colegas e medo de o garoto “dar em cima” deles. Interessante observar a diferença entre os grupos de meninos mais novos e mais velhos sobre a amizade com gays. Os **garotos mais jovens** buscam se afirmar mais em grupo, **vendendo a amizade com gays como uma ameaça à sua masculinidade**. Já alguns **garotos mais velhos**, afirmam sem problemas que têm amigos gays. No entanto, **o medo do assédio mantém-se presente exigindo uma delimitação de posições para que a relação de amizade possa ser estabelecida...** (Toneli-Siqueira, 1997:115, grifo nosso)

De maneira análoga, Niobi Way (2011), psicóloga norte-americana, mostra em seu estudo com jovens nos Estados Unidos que, se durante a infância e início da adolescência, os garotos mantêm relações de afeto com outros meninos, isso muda radicalmente quando eles atingem a idade em torno dos 15 anos. A partir desse momento, os ditames culturais sobre masculinidade parecem falar mais alto. Aquele que outrora era considerado o melhor amigo e a quem se demonstrava carinho e afeição, passa a ser o “outro”, a quem não se pode mais dirigir expressões de afeto. Surge outro tipo de relação para ambos, agora no “mundo dos homens”, constituído a partir do domínio de um “idioma de masculinidade”. Nesse idioma, as manifestações de afeto devem ser evitadas ou circunscritas a espaços, momentos e com códigos adequados conforme chamam a atenção Vale de Almeida (2000) e Ribeiro (2003).

¹⁵³ Borrillo (2010) argumenta que isso aconteceria devido à homofobia interiorizada ou internalizada.

O que anteriormente era realizado em companhia do amigo com alta carga de afeto, passa a ser considerado como “feminino”, coisa de “mulherzinha” ou de “gay”. Nas palavras de Way (2011),

Homophobia, as the boys in my studies tell us directly, is clearly one of the primary factors explaining the loss of friendships. Homophobic statements (e.g., no homo) are scattered throughout the boys’ interviews during late adolescence, whereas they are virtually absent in their first two years of interviews. **Boys turned our questions about close male relationships by late adolescence into questions about their sexual orientation.** ‘No homo’ became a common phrase following statements of how they felt about their closest male friends. (...). **Boys came to believe that questions about close friendships ‘sound gay’.**¹⁵⁴ (Way, 2011:220, grifo nosso)

É nesse campo complexo e de múltiplas tensões que homens homo e heterossexuais estabelecem regimes de amizade: lidando com as diferenças, ultrapassando fronteiras, ressignificando valores e criando contornos específicos para suas relações de amizade.

5.2 Chegando a um “mundo novo”

Para vários dos entrevistados, as relações de amizade com homens gays representaram a primeira oportunidade de um contato mais próximo com a homossexualidade masculina, despindo-se de uma visão corrente baseada em estereótipos. Segundo seus discursos, tratava-se de um processo contínuo de aprendizagem, em que eles foram expostos a situações que nunca haviam enfrentado e se depararam com sentimentos e reflexões novos para eles.

Rodrigo (47anos, professor, RJ), por exemplo, afirmou que o fato de ter amigos gays colocou em xeque suas convicções pessoais acerca do que é ser homem e produziu uma série de questionamentos pessoais. Suas reflexões mostram suas inquietações e constituem um bom retrato das contradições que ele vivia na sua amizade com homens não heterossexuais. Quando tinha vinte e poucos anos, em um curto período de tempo, seus três melhores amigos se revelaram gays. A partir desses eventos, ele passou a fazer um questionamento sobre sua “performance” masculina.

¹⁵⁴ Tradução livre: A homofobia, como demonstrado em meus estudos com garotos, é, claramente, um dos fatores primários que explicam a perda de amizades. Frases homofóbicas, como, por exemplo, “no homo”, são frequentes nas entrevistas com adolescentes mais velhos, ao passo que estão virtualmente ausentes nos seus dois primeiros anos de entrevistas. Os garotos, na adolescência tardia, interpretaram nossas perguntas sobre relacionamentos próximos entre homens como perguntas sobre suas orientações sexuais. “No homo” se tornou uma frase comum que se segue a declarações de como se sentiam sobre seus amigos do sexo masculino mais próximos. (...) Os garotos concluíram que perguntas sobre amizades próximas “pareciam gays.”

“P: ‘Por que eu tô rodeado de homossexuais?’

E: Encontrou uma resposta?

P: Sim.

P: Provisória, sei lá...

E: Qual foi a resposta que você encontrou?

P: Bom, durante um bom tempo eu pensava assim, pra mim era uma espécie de... **eu era o mais macho de todos. Eu reforçava a minha heterossexualidade. Mas enfim, eu não tenho uma resposta quanto a isso. Porque [por outro lado] eu não me sentia assim.** E por outro lado foi uma coisa muito legal. **Pra mim foi um upgrade ético de eu poder ser amigo, poder continuar. Mas de alguma forma talvez, lá também, de evitar o contato, como algo contagioso, afirmar-se como heterossexual. Ser homem significa não ser aquilo. Algum tipo de recusa. E eu vivia esse impulso em contradição com o meu sentimento. Eu às vezes me senti infame. Quando eu me surpreendia em algum tipo de evitação ou sei lá. Ou... ter vergonha.**” [Rodrigo, 47 anos, professor, RJ, grifo nosso]

O depoimento de Rodrigo mostra o quanto essa convivência foi perpassada por um conjunto de sentimentos contraditórios. Havia um conflito entre sua identidade masculina heterossexual, o vínculo de afeto e a homossexualidade dos seus amigos. Se, de maneira geral, a amizade é vista como uma relação entre iguais, que envolve escolha e compartilhamento de intimidades (Velho, 1986, Rezende, 2002b), na amizade entre heterossexuais e gays, como aponta Price (1999), a (homo)sexualidade ganha uma relevância que não se apresenta da mesma forma que nas relações entre homens heterossexuais. Para Rodrigo, a homossexualidade dos amigos representava ao mesmo tempo um “temor” em relação à sua (hetero)sexualidade (que está presente na pergunta implícita “será que eu também sou homossexual?”) e reforço dela própria (“sou o mais macho de todos”)¹⁵⁵.

É pela hierarquização das orientações sexuais – em que a heterossexualidade é valorizada em detrimento da bissexualidade ou da homossexualidade – que os referentes hegemônicos da masculinidade se apóiam para a construção da identidade masculina. A convivência próxima com vários homens gays fazia com que Rodrigo estabelecesse, por exemplo, dinâmicas de administração da visibilidade de sua relação com esses amigos que incluía, entre outras coisas, a evitação de encontros em lugares públicos por medo do que os outros poderiam pensar sobre a sua sexualidade. Construía-se, portanto, uma espécie “armário” para colocar as relações de amizade com homens gays, aos moldes do “armário homossexual”.

¹⁵⁵ É nesse sentido que Louro (2007) argumenta que: “Curiosamente, no entanto, as instituições e os indivíduos precisam desse ‘outro’. Precisam da identidade ‘subjugada’ para se afirmar e para se definir, pois sua afirmação se dá na medida em que a contrariam e a rejeitam. Assim, podemos compreender por que as identidades sexuais ‘alternativas’, mesmo quando excluídas ou negadas, permanecem ativas (e necessárias): **elas se constituem numa referência para a identidade heterossexual; diante delas e em contraposição a elas a identidade hegemônica se declara e se sustenta.**” (Louro, 2007:31, grifo nosso)

Ao mesmo tempo, havia um sentimento de ser o “macho” nesse grupo de amigos, o que terminava por promover uma hierarquia simbólica nessas relações, ainda que não explicitada, contrariando a horizontalidade típica das relações de amizade. Sentir-se infame e envergonhado por conta desses seus sentimentos contraditórios como ele mesmo afirmou, lhe possibilitou uma reflexão pessoal e fez com que a manutenção dos vínculos de amizade se constituísse num “upgrade ético” para a sua vida.

Em vários dos relatos, a amizade parece oscilar entre o vínculo de afeto e as convenções sociais de gênero que regulam as relações entre homens. Como disse Rodrigo, tratava-se de uma experiência que lhe impunha um dilema: seguir as convenções sociais, encarando a homossexualidade como um atributo “não masculino” e, portanto, passível de “rejeição”; ou seguir os sentimentos de afeto em relação aos seus amigos.

Dessa maneira, a tensão entre masculinidade, heterossexualidade e homossexualidade levava a um “desarranjo” da ordem de gênero assimilada em que a polaridade “heterossexual/homossexual” se encontrava bem demarcada e que poderia ser interpretada como a divisão entre dois mundos “distintos”: o “gay” e o “hétero”.

De acordo com Fee (2000), trata-se de um equívoco presumir que se tratam de mundos que não se relacionam entre si. Como o próprio autor ressalta, as pessoas homossexuais são socializadas e transitam todo o tempo em um “mundo heterossexual”, visto que as instituições sociais são regidas por valores, códigos e práticas heteronormativos. Contudo, o contrário acontece com muito menos frequência fazendo com que os entrevistados tivessem a impressão de encontrar “um mundo novo”.

Segundo Michel, essa experiência (de conviver com gays) constituiu-se em um “passaporte” para o acesso a um “novo mundo”. Ele comentou que o relacionamento com João (um de seus amigos gays) propiciou que ele passasse a ver o “mundo gay” de maneira diferente, permitindo que entrassem “no mundo um do outro”. A ideia a priori de que os mundos seriam totalmente diferentes e não permeados pelos mesmos “amores, paixões, dores e perdas” caía por terra, conforme ganhavam intimidade e confiança.

“O meu relacionamento [com gays] mais profundo foi depois que eu conheci o João. **Aí sim, ter um amigo. Você começar a conhecer o ‘mundo gay’ com mais profundidade, as peculiaridades, os amores, as paixões, as dores, as perdas.** E aí você começa a conviver e absorve aquilo como natural. (...) Ele é um cara muito discreto, não abria muito a questão da amizade, nos permitimos depois, **entrar no ‘mundo um do outro’** e criar amizade fora do ambiente do trabalho.” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

Entretanto, o ingresso nesse “outro mundo” é regulado por ambas as partes – tanto por heterossexuais quanto por gays. A companheira de Douglas é uma mulher que tem muitos amigos/as homossexuais. Eles freqüentam as casas dessa rede de amigos, as festas e outros eventos sociais juntos. No entanto, Douglas afirmou que percebe que sua “aceitação” é mais por conta de sua companheira do que por ele mesmo. Ele se percebe como um elemento estranho ao grupo.

“Acho que tem um incômodo sim [por parte dos gays], porque eu sinto que a gente tá num churrasco ali e eu sempre vou aos churrascos... E é engraçado porque enquanto eu tô lá, eu sinto as pessoas super retraídas, um ambiente totalmente ‘normal’... Mas toda vez que eu vou embora eu escuto um ‘porra foi engraçado’, começaram a colocar roupa de mulher, a fazer zona, dançar e não sei o quê... Então eu acho que realmente o grupo se sente um pouco retraído, dependendo de quem tiver ali. Mas acho que é natural, mesmo que você esteja com seu grupo de amigos, mas ‘quando tem uma ou duas pessoas de fora’, **o tratamento geral do grupo tende a se adaptar um pouco por causa das ‘pessoas de fora’...**” [Douglas, 33 anos, economista, SP, grifo nosso]

Esse tipo de relacionamento como aponta Price (1999) é caracterizado por uma relação mais afastada em que o convívio é mediado por outros fatores. Nesse caso específico, a relação com esse grupo de pessoas homossexuais – gays e lésbicas – é mediada pela sua companheira em que ele (Douglas) orbita no grupo, não se localizando “exatamente dentro”, nem “exatamente fora”.

Fabrizio, por exemplo, interpretou algumas diferenças de estilos de vida como um “preconceito ao revés”, produzindo “ruídos” na relação:

“... alguns dos meus amigos que são homossexuais têm preconceito sobre falar de futebol, corrida, esporte... E até uma situação contrária, onde, ‘você é machista demais, você é machão demais...’ Umass coisas assim. Eu acho que houve uma certa inversão num certo ponto, em relação a eles, esses mais novos. Mas não é uma regra. Esse meu amigo mesmo, que a gente convive há muito tempo... A gente conversa e é igualzinho. Normal. Inclusive as coisas que ele fala das paqueras ‘dele lá’, dos caras que ele queria e não queria... conversa normalmente... mas essa é a diferença. **Eu acho que meus amigos gays, eles são mais preconceituosos às vezes, com ‘papo de homens’. Eles são mais preconceituosos com o papo dos homens do que os homens são preconceituosos com o papo deles.**” [Fabrizio, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Essa percepção de “preconceito ao revés” ou de “estranho ao grupo” mostra o quanto as diferenças estão presentes nos contextos de amizade, obrigando-os a traçarem estratégias para lidar com elas, incorporá-las no cotidiano da relação e enfrentar os eventuais estresses. No tocante ao sensível tema da (homo)sexualidade, muitas vezes qualquer diferença, discordância ou mesmo desavença é passível de ser interpretada como preconceito ou discriminação (Price, 1999). Estabelece-se, portanto, um processo contínuo de negociação de espaços a partir de suas visões e experiências de masculinidade.

É interessante perceber que essas tensões acabam por produzir a busca por territórios específicos de sociabilidade. A construção de um vínculo de intimidade faz com que haja uma aproximação do estilo de vida de um e outro. Contudo, parece que existe uma tendência a se buscar espaços de convivência “neutros”, ou seja, aqueles que não são marcadamente de sociabilidade gay. Os encontros podem acontecer nas respectivas casas, em eventos determinados, ou ainda em ambientes públicos, como restaurantes, bares etc.

Embora vários entrevistados tenham dito que não haveria problemas em frequentar, eventualmente, um bar ou boate gay, o que acaba por prevalecer como “regra implícita” para o regime de amizade entre eles são espaços “heterossexuais”, concebidos como “neutros”. E quando há a possibilidade de frequentar uma boate ou bar gay, a presença feminina como acompanhante é importante para marcar uma posição entre aqueles que são homossexuais e os que não são. Rui, por exemplo, disse que sempre frequentou boates GLS com sua companheira e seus amigos gays, “deixando claro que não era gay”.

“... ou meus amigos falavam [para os outros amigos gays] ‘cara, ele não é gay, é meu amigo’. Ou então por estar acompanhado pela minha namorada, eu ficava meio que protegido [do assédio].”
[Rui, 33 anos, TI, RJ]

Esses espaços considerados “neutros”, na realidade, não constituem territórios “não generificados” ou “não heteronormatizados”. A eleição desses espaços tem a função de colocar a relação na perspectiva da “normalidade dominante”. Essa perspectiva imprime uma marca nessas relações de (homo)sociabilidade: são nos espaços considerados heterossexuais que os encontros acontecem. O reverso somente se dá em situações específicas, com um sabor “de novidade, de visita, de passagem”. Os espaços gays parecem ser orientados para as “outras” relações de amizade e de sociabilidade do amigo gay.

5.3 “Amigo gay é a mesma coisa, mas é diferente...”

Todos os entrevistados sem exceção afirmaram não haver diferenças entre ter um amigo gay ou um amigo heterossexual. No entanto, na medida em que a conversa se aprofundava, as diferenças começavam a aparecer, sobretudo aquelas relacionadas à ordenação convencional de gênero e à sexualidade.

Um dos sinais mais sutis dessas diferenças aparece espontaneamente no uso que todos os entrevistados fazem dos termos “homem” e “gay”. Conforme vimos anteriormente, o termo “homem” era usado recorrentemente para se referir aos heterossexuais, enquanto o termo “gay” servia para designar os homossexuais. Essa oposição “homem/gay” buscava demonstrar a distinção social entre essas masculinidades, incorporando (conscientemente ou não) a ideologia de gênero convencional em que não há dissociação entre masculinidade/heterossexualidade. Falas como “são homossexuais, mas são homens”, “o cara não deixa de ser homem por ser gay”, “beijo um amigo gay como beijo um amigo homem”, “me incomoda ver dois caras se agarrando, e mesmo que fosse um casal [heterossexual] também ia achar desagradável” são alguns dos exemplos que revelam a força dessa oposição.

A noção de homossexualidade presente no discurso desses homens é muitas vezes ambígua, oscilando entre o “gay que quer ser mulher” e “aquele que não deixa de ser homem”. Samuca, por exemplo, questionava o estereótipo do “gay feminino com trejeitos”:

“Que é engraçado essa coisa de... que as pessoas... o ser gay, essa coisa de ter que ter um trejeito. **O cara não deixa de ser homem. O que tem que ficar claro para as pessoas é que ele não deixa de ser homem. Ele só tem uma opção sexual, um gosto diferente.** ... Cada um tem o seu. E que isso não muda. Como ele fala, como ele anda, como ele senta. O que ele gosta de vestir, que não gosta de vestir... É diferente. Tem homem que prefere transar com homens, e outro que prefere [transar com] mulheres.” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Ele comentou que vários de seus amigos gays possuem uma “percepção diferenciada” para os relacionamentos e conflitos amorosos entre homens e mulheres, o que marcaria uma diferença para os seus amigos heterossexuais:

“... eu acho que rola uma fluência na conversa [com gays], no contato, no conhecimento, de ir travando um conhecimento. E também há uma curiosidade. Eu tenho curiosidade... ‘E aí, e tal...?’ E: Curiosidade sobre o que?

P: **Parece que é outro ponto de vista, de observação das coisas.** Daí eu falo assim, **quando tem dois homens** olhando pra uma relação com uma mulher lá. Você fala, os caras têm a mesma [opinião]... **O gay tem outra percepção.** Eu acho. Um jeito de ver as coisas, de analisar as coisas. ‘Você acha mesmo?’ É outro canal que se estabelece. **E ao mesmo tempo tem uma coisa muito próxima do homem, dessa sacanagem que o homem tem... E ao mesmo tempo, uma sensibilidade pra ver as coisas.** Não sei, eu acho diferente. Eu acho curioso.” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Ambos os comentários de Samuca estão relacionados à noção de uma performance masculina gay que segue duas orientações: ao mesmo tempo, os homens gays teriam a “sacanagem”¹⁵⁶ inerente à condição masculina, e são capazes de demonstrar uma “sensibilidade

¹⁵⁶ Sobre o uso do termo “sacanagem”, ver Parker (1991). Cf. nota de rodapé nº 3.

para ver as coisas de outra maneira” (o que poderia ser considerada como uma prerrogativa tradicionalmente vinculada ao feminino). Aos olhos de Samuca, esse híbrido entre o que é convencionalmente masculino e feminino faz com que a “masculinidade gay” seja fascinante para ele. No entanto, essa mesma “maneira particular de ver as coisas” pode ser interpretada como “ameaçadora” para outros¹⁵⁷. E mais uma vez a oposição “homem/gay” segue presente.

A partir do discurso dos entrevistados, elencamos as especificidades que mais estiveram presentes em seus regimes de amizade com homens homossexuais e como estas impactam a relação entre ambos.

5.3.1 Abrindo o armário: a orientação sexual entra em cena...

Revelar-se homossexual para os amigos heterossexuais é uma demonstração do grau de confiança e da importância que essa relação tem para os homens gays, representando um “rito de passagem” não somente para aquele que assume a homossexualidade, mas em certa medida para a própria relação de amizade de ambos (Price, 1999). De acordo com Prado & Machado (2008), a experiência de “sair do armário”¹⁵⁸ é um processo que implica um grande investimento de energia e provoca uma série de mudanças na vida de pessoas homossexuais. Segundo os autores:

O sair do armário, enquanto posicionamento que torna visível a não-heterossexualidade, demanda um grandioso esforço psicológico. (...). O que torna o sair do armário um processo, muitas vezes, implicado por sofrimentos aos sujeitos, já que, a partir desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas na vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho e de identificação. (Prado & Machado, 2008:77)

¹⁵⁷ E é nesse sentido que Louro (2008) argumenta que: “o grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é mais complicado – que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.” (Louro, 2008:28)

¹⁵⁸ Em relação a esse tema, Sedgwick (2007) adverte que “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas (...). Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (...). **O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social**, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora.” (Sedgwick, 2007: 22, grifo nosso).

Dependendo da natureza da interação entre os amigos – mais ou menos próxima nesse momento – alguns homens heterossexuais puderam participar ativamente do processo de seus amigos de assumirem-se como homossexuais. Dois exemplos são emblemáticos das “idas e vindas” que alguns rapazes gays tiveram que percorrer para contar a seus amigos heterossexuais sobre sua homossexualidade.

O primeiro exemplo é a relação entre Philipe e seu amigo Cleiton. São amigos desde a época da faculdade e Cleiton foi seu padrinho de casamento. Eles têm uma relação bastante próxima, saem juntos com frequência, viajam com um grupo de amigos em comum, fazem coisas “típicas de casal” como diz Philipe (ele e a companheira, Cleiton e o namorado). Segundo Philipe, Cleiton valorizou sobremaneira o fato de ser homossexual como se de alguma maneira, isso fosse afetar a relação de amizade entre eles.

“Na verdade, **eu conheci o Cleiton hétero. (...). Depois ele veio me contar que ele sempre achou que fosse gay, mas lutava contra isso e... não se aceitava. (...).** A gente acabou ficando um tempo meio distante. E eu não fazia ideia que ele tinha **assumido... ou descoberto o lado sexual dele para o outro lado... homossexual. (...).** Mas para mim... pouco contava... **Ele valorou isso de uma forma mais ampla do que podia ser para a gente.** Quando chegou a época do nosso casamento, eu já tinha noção, até por que já tinha corrido à boca miúda dos amigos, eu já sabia. **Mas eu não sabia oficialmente.** Ele não tinha conversado. **E ele achava que deveria contar e tal, como se fosse um rito de passagem.** Para a gente não tinha essa valoração toda... mas ele mensurou assim... **para cada amigo ele sofreu uma penúria de contar... tanto homem quanto mulher... Os grandes amigos. Cada um teve seu processo de contar.** Depois não, virou normalidade”. [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

Rui também é amigo de Cleiton e fez um relato semelhante. Eles são amigos desde a adolescência e Rui disse que já sabia que Cleiton era gay “antes dele mesmo”. A desconfiança sobre a sexualidade de Cleiton sempre esteve presente ao longo da amizade e, de maneira análoga a Philipe, Rui achou que ele superestimou o fato de ser homossexual como algo impeditivo para a manutenção da amizade. Nesse sentido, Rui afirmou que:

“**Cada um tem o tempo que precisa, né?** Acho que ele precisou desse tempo para poder se aceitar e depois contar para a gente. No final nada mudou entre nós.” [Rui, 33 anos, TI, RJ, grifo nosso]

Como assinala Price (1999), a “penúria” de revelar-se publicamente homossexual para seus amigos heterossexuais reside tanto em uma recusa pessoal sobre sua própria orientação sexual quanto em um temor de ser rejeitado pelos amigos¹⁵⁹. Contudo, ao trazer a sexualidade

¹⁵⁹ Cabe lembrar que 10% dos respondentes da pesquisa da FPA afirmaram que terminariam a amizade caso descobrissem que algum de seus amigos é homossexual (Carrara & Lacerda, 2011).

para o cenário do relacionamento entre eles, a amizade ganha outro patamar de confiança e intimidade.

O exemplo do Flavio é um pouco distinto. Ele e Gilberto são amigos desde a adolescência, participam de um mesmo grupo de música e, recentemente Gilberto “convocou uma reunião” desse grupo de amigos para anunciar sua homossexualidade.

“E: Você já sabia que o Gilberto era gay?

P: **Não, nem eu, nem ele...**

P: **Ele ... se descobriu e se revelou não tem muito tempo.** Deve ter, sei lá... uns seis meses. As vezes a gente desconfiava, mas ai você ver o cara ficando com uma garota. ‘Ah, não é...’. Então ninguém achava mais... Tinha um amigo nosso, um amigo comum, que às vezes falava, ‘O Gilberto é gay...’. Mas assim, tinha uma coisa que esse nosso amigo era muito brincalhão. Ele ficava brincando, segurando a perna um do outro. Ficava sacaneando e o Gilberto reagia muito a isso...

E: E como foi essa coisa de assumir-se gay para o grupo?

P: Já teve época dele ficar bastante deprimido.... E por mais que ele falasse os motivos dele, eu sentia que faltava alguma coisa para causar aquilo. Então [o fato dele se assumir] isso foi uma ótima explicação. Então a reação foi **surpresa, parabéns e interrogatório...** Bem, **primeiro foi um choque, né?** Falei ‘caramba... eu não esperava mais por isso...’. Se fosse para acontecer eu esperava que tivesse acontecido [quando ele era] mais novo... Mas em geral o pessoal ficou feliz por ele... **por ter se aceitado e pra que ele possa ser mais feliz assim do que ele era antes lutando contra a sua sexualidade.**

E: E como foi esse interrogatório?

P: Para que ele explicasse o que aconteceu, por que agora, por que não tinha feito isso antes etc. Ele disse assim: ‘eu não tinha aceitado aquilo dentro de mim’. E ai chegou um momento que ele falou ‘vou ter que aceitar...’”. [Flavio, 28 anos, TI, RJ, grifo nosso]

Tanto o caso de Philipe quanto o de Flavio mostram que a “mudança” de identidade social dos amigos de “heterossexual” para “gay” trouxe novos referenciais para a relação de amizade, possibilitando a convivência aberta com estilos de vida distintos e o conhecimento sobre a vida afetiva e sexual de seus amigos gays.

Em ambos os exemplos, a busca pela aceitação da homossexualidade encontrou uma resposta positiva. De maneira similar, todos os entrevistados tiveram reações positivas em relação à homossexualidade de seus amigos, quer soubessem desde o início do relacionamento, quer tenham sabido posteriormente. Entretanto, há um aspecto, sobretudo entre os mais jovens, que chama a atenção. A revelação da orientação sexual do amigo parece ter gerado uma “curiosidade” sobre a “origem da homossexualidade”.

Devido à naturalização da heterossexualidade¹⁶⁰, os mais jovens se perguntavam por que “alguém é” (ou “se torna”) homossexual, se é uma decisão deliberada ou se existem fatores

¹⁶⁰ Para uma crítica à naturalização da condição heterossexual, conferir o trabalho de Katz (1995) sobre a invenção da heterossexualidade.

genéticos envolvidos¹⁶¹. Essa não parece ser uma questão que mobilizasse os homens mais velhos. Cabe ressaltar que o tema da “causa da homossexualidade” não era algo tratado durante as entrevistas, mas apareceu de maneira mais ou menos incisiva no discurso da grande maioria dos entrevistados.

Segundo eles, parecem existir duas causas para a homossexualidade: algo que vem “do berço” ou uma “decisão” que se toma deliberadamente. Essa oscilação entre “ser ou estar homossexual”¹⁶², faz com que termos como “opção”, “orientação” e “preferência” sexual se sucedam indistintamente para se referir à homossexualidade.

Fabrício, devido à convivência com amigos gays e igualmente jovens, afirmou que:

“Isso já foi tema de muita conversa entre vários amigos meus. Eu concordo com os dois. Um dos meus amigos, ele diz, um grandicíssimo amigo meu, ele fala, ‘Cara, **eu sempre fui a típica criancinha viada. Desde pequeno, eu sempre fui viadinho e tal. E só me senti à vontade mais tarde... de... aceitar isso. Até por que, mal ou bem, a gente é ensinado que isso é errado**’. (...) Como já teve, inclusive o namorado desse cara, que falou. ‘Não...’ Ele me disse que resolveu... Ele falou, ‘cara, não quero mais ter relações com mulheres. Não dá’. **Depois de um relacionamento que ele teve. Resolveu testar [ter sexo com homens] e gostou**. Então eu acho que pode acontecer as duas coisas, entendeu? Eu acho que a pessoa pode ter uma propensão mesmo. (...) **eu acredito que pode ser de berço, pode ser de comportamento, ou de querer, de se dar melhor ou não...**”
[Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Quando o amigo de Fabrício diz que “mal ou bem, a gente é ensinado que isso [a homossexualidade] é errado”, ele revela todo o peso social inferior que a homossexualidade ainda carrega nos dias de hoje (Carrara & Lacerda, 2011). O padrão hegemônico que tem na heterossexualidade sua norma social se faz presente em toda a sua força na construção da masculinidade. Essa sensação de não corresponder a um padrão convencional de gênero, faz com homens gays busquem corresponder ao projeto idealizado de masculinidade heterossexual. Nesse sentido, tanto a percepção do rapaz gay sobre sua orientação sexual quanto dos homens heterossexuais acerca da homossexualidade estão baseadas nas exigências da ordem de gênero (Parker, 1991, Connell, 1995, Vale de Almeida, 2000, Welzer-Lang, 2001, Kimmel, 2005).

E o estranhamento leva a uma busca pela racionalização sobre a diferença. Simplesmente aceitar que é diferente provoca desconforto. A homossexualidade precisa então ser “explicada”, “compreendida”, “significada” tanto por heterossexuais, quanto por homossexuais. Borrillo (2010) argumenta que essa busca por uma explicação que acontece muitas vezes também no

¹⁶¹ Segundo a pesquisa da FPA, quando perguntados sobre o que pensavam a respeito da homossexualidade, 37% dos respondentes disseram que se trata de “safadeza” ou “falta de caráter” e em torno de 40% opinaram de que é uma “doença”. Como apontam Carrara & Lacerda (2011:79) “a homossexualidade continua a ocupar um lugar social contraditório no plano das representações sociais”.

¹⁶² Para um aprofundamento sobre o dilema “ser” ou “estar” homossexual, cf. Heilborn (1996).

campo das ciências representa um tipo específico de homofobia em que a homossexualidade precisaria ser “esquadrinhada” com vistas a uma “regulação” e “disciplina”, e não simplesmente considerada como uma expressão da sexualidade humana.

Contudo, revelar-se homossexual para o amigo não significava que o “armário” ficasse permanentemente aberto. As decisões sobre a quem, como e o que contar sobre a orientação sexual do amigo gay parece depender das pessoas envolvidas e dos contextos de sociabilidade. Essa decisão nem sempre é tomada pelo homem gay, mas muitas vezes é por uma decisão do amigo hétero que sua homossexualidade é ocultada. Conforme alerta Kenji Yoshino (2006), referindo-se a sua experiência pessoal, a convivência cotidiana com o “armário” busca garantir uma convivência “pacífica” com o mundo heterossexual:

For even that far out of the closet, I was still making bargains. While closeted, I micromanaged my gay identity, thinking about who knew and who did not, who should know and who should not. When I came out, I exulted that I could stop thinking about my orientation. That celebration proved premature. It was impossible to come out and be done with it, as each new person erected a new closet around me. More subtly, even individuals who knew I was gay imposed a fresh set of demands for straight conformity.¹⁶³ (Yoshino, 2006:16-7)

Em prol dessa “convivência pacífica”, a manipulação da orientação sexual do amigo gay acontecia em duas situações principais. A primeira quando havia uma interação entre os amigos gays e a rede social de seus amigos heterossexuais composta principalmente por outros heterossexuais. Philippe esclareceu que no início da sua amizade com gays ficava preocupado em que houvesse conflitos entre “grupos diferentes” por conta de comentários “inapropriados” e “homofóbicos”. No entanto, sua experiência se revelou bastante positiva. Segundo ele, a interação entre esses grupos demonstrava uma mudança de perspectiva de sua geração em relação à “homossexualidade” e à “diversidade sexual”:

“Em alguns momentos a gente avisava aos amigos, ‘Olha, ele é gay’. Naquele momento ainda precisava disso porque a gente ficava com medo da reação das pessoas. Não sabia se as pessoas iam ter uma reação ruim e tal... Mas eu acho que foi mais uma expectativa nossa. Porque nunca tive problema com outros amigos. (...) ... às vezes a gente ficava, ‘será que ele [amigo hétero] vai se sentir incomodado, alguma coisa assim?’ Porque ‘vamos marcar um fim de semana na nossa casa com todo mundo’. E aí tinha os amigos hétero e os amigos gays. ‘será que...?’ Nunca tive nenhum tipo de problema. Pelo contrário. Eles chegam ao nível de intimidade de sacanear. ‘Pô, não agarra o cara não... Ó, eu vou passar a mão na tua bunda, hein?!’ O nível de intimidade total mesmo. Eles assumiram a amizade como amigos deles também. (...) Isso passa tão natural para a gente, mas a gente para pra pensar. Cara, isso é uma coisa da nossa geração.

¹⁶³ Tradução livre: Mesmo estando fora do armário, eu ainda fazia barganhas. Escondido, eu gerenciava minha identidade gay, pensando sobre quem sabia e quem não sabia. Quando saí do armário, fiquei exultante por não ter mais que pensar acerca da minha orientação. Essa comemoração se provou prematura. Era impossível sair do armário e estar tudo acabado, pois cada nova pessoa erguia um novo armário ao meu redor. Mais sutilmente, até mesmo indivíduos que sabiam que eu era gay impunham uma nova lista de demandas para que eu me conformasse à heterossexualidade.

Eu não tinha notícia disso acontecer antigamente. Havia os grupos de amizade isolados. Essa interação completa... Teve uma semana que a gente dormiu na casa de uma amiga nossa, que é namorada de uma outra amiga, com um casal de amigos gays masculinos, com mais dois casais hétero... Todo mundo dormindo no chão, e fazendo a mesma bagunça... E sem, absolutamente, diferença nenhuma entre os grupos...” [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

A outra situação ocorria sobretudo entre os mais jovens, quando se viam diante de revelar para suas famílias que determinado amigo de infância e/ou adolescência era gay. Fabrício, por exemplo, optou em esconder da sua mãe a homossexualidade de seu amigo de infância. Segundo ele:

“... um cara que a gente sempre venerou muito. Principalmente o pessoal da minha família. **A minha mãe não sabe [que esse amigo é gay], porque ela é um pouco homofóbica.** Até aceitar essa minha amiga, que virou homossexual, foi meio que... A gente deu uma amaciada nela bonito. Mas esse outro meu amigo, ela não faz ideia. Ele é o exemplo que toda mãe dá, ‘Ó, você tem que ser igual ao seu amigo, que passou para medicina’. E o cara é foda... Ele é muito gente boa. Ele é **um exemplo de cara bem resolvido.** Ele **não tem aquele jeito espalhafatoso.** Ele é **super tranqüilo, não muda em nada. E só pelo fato de eu contar, sei lá, pra minha mãe que ele é homossexual, talvez, ela mudasse de visão em relação a ele.** Ou ela poderia aceitar melhor... ver que isso não é tão mal assim. Mas aí eu não sei, eu prefiro não falar nada pra ela não. Que ela ama ele, acha ele um deus... [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Colocar ou não a homossexualidade do amigo no “armário” dependia fundamentalmente do contexto. A interação entre grupos de amigos homo e heterossexuais e a convivência entre amigos gays e suas famílias de origem são apenas dois exemplos. Em ambos os casos, tenta-se proteger o amigo gay de alguma situação de discriminação, ou no mínimo, embaraçosa.

Se no primeiro caso, o temor de Philipe resultou infundado, ele fez uma reflexão acerca da sua geração como propulsora de novos regimes para a convivência entre heterossexuais e não heterossexuais, em que o cuidado e o respeito às diferenças estão presentes. Isso se alinha aos dados das pesquisas da FPA e IMAGES em que os mais jovens e mais escolarizados estão dentre aqueles que são menos preconceituosos acerca da homossexualidade. No segundo caso, a manipulação da identidade homossexual do amigo de Fabrício estava relacionada ao fato de sua mãe ser “homofóbica”, em suas palavras. Ele tinha dúvidas acerca da reação da mãe e supunha que a homossexualidade do amigo poderia provocar uma “decepção” em relação a alguém que ela admirava muito. Contudo, cabe ressaltar a forma pela qual Fabrício descreveu seu amigo: um jovem “bem resolvido” e “não espalhafatoso”. Conforme vimos anteriormente, a discrição e a virilidade são aspectos valorizados nas relações de convívio e amizade entre homens homo e heterossexuais e, nesse caso, parecem como qualidades “atenuantes” para o registro da homossexualidade.

Portanto, a manipulação da visibilidade da homossexualidade não se restringe apenas a uma estratégia dos próprios gays diante de determinada situação percebida como ameaçadora, desconfortável ou até mesmo desconhecida. Ela também inclui decisões por parte de sua rede de sociabilidade heterossexual sobre o que, como, com quem comentar sobre a homossexualidade de seus amigos.

5.3.2 “Nem parece gay”: os viris e discretos

Um aspecto recorrente trata da afirmação por parte dos homens heterossexuais de que seus amigos, em um primeiro momento, não parecem gays. Geralmente, isso é ressaltado como uma característica distintiva e de valorização do comportamento “discreto” do amigo. Fabrício, por exemplo, fez uma menção à “masculinidade” dos amigos gays. De acordo com ele:

“Meus próprios amigos, **eles têm um jeito diferente. Eles não são afetados. Eles são masculinizados.** Mas eles, assim... **Você vê que eles são mais soltos... Você desconfia...** Se você não conhecer e conversar com ele uma hora, talvez você não desconfie. Mas se você conversar com ele o dia inteiro, você vai desconfiar. ‘Ele é gay...’ Ou ele tem uma tendência.” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

Uma das normas sociais vinculadas ao masculino está relacionada ao domínio do corpo e do gestual. Qualquer traço ou gesto que possa ser interpretado como feminino deve ser evitado. No caso específico da homossexualidade masculina há uma associação direta com o feminino. A partir dessa visão do senso comum, Fabrício diz que seus amigos “são masculinizados”, ou seja, não correspondem ao estereótipo do gay feminino e afetado. No entanto, como ele próprio reconhece, eles são “mais soltos”, revelando uma “tendência à homossexualidade”, ou seja, ainda que discreto, mantêm alguns “maneirismos” que levam à suspeição de sua heterossexualidade¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Ainda que não haja um consenso sobre esse ponto, alguns autores chamam a atenção para os efeitos políticos da afetação. Para Fry & MacRae (1986), na década de 1980, a afetação buscava dar visibilidade a uma identidade coletiva. De acordo com os autores: “o costume de alguns homossexuais masculinos de **imitar o comportamento das mulheres**, e até de se referirem a si mesmos usando formas femininas, **é percebido como uma forma de agressão.** O homossexual extremamente desmunhecado é frequentemente acusado de reforçar, na sua versão caricatural da feminilidade, os seus aspectos mais opressivos. (...) **parece-nos importante chamar a atenção para certos aspectos positivos, como a corrosividade e o deboche geralmente presentes nestes pastiches de masculinidade e feminilidade. Especialmente entre os homossexuais do ‘gueto’, é muito prezada a ‘fechação’ (um tipo de desmunhecação proposital e escandalosa) como forma de humor, expressão de uma identidade grupal e meio de agredir os que têm preconceitos anti-homossexuais.** (Fry & MacRae, 1986:110-1, grifo nosso). Vale lembrar que a pesquisa IMAGES mostra que 21% dos respondentes se sentiam desconfortáveis de estar na presença de um homossexual afetado. Cf. Barker *et al* (2011).

Para Flávio, seu amigo “é um péssimo gay”. De acordo com ele:

“Tem gay que você percebe até no jeito de falar... que é um pouco mais puxado para o feminino. Ele não. Se você olhar para ele, conversar, você nunca vai imaginar. **É um cara que passa perfeitamente por hétero. A gente até sacaneia ele, falando que ele é um péssimo gay. Por que ele foge daquele estereótipo gay que se interessa por roupas e decoração.** Ele foge completamente.” [Flavio, 28 anos, TI, RJ, grifo nosso]

Embora os homossexuais convencionalmente considerados mais masculinos ajudem a desconstruir o estereótipo de que todo gay é afeminado e a desorganizar em alguma medida certas convenções de gênero sobre a homossexualidade, ao mesmo tempo, cria-se uma hierarquização entre as diferentes possibilidades de exercício da sexualidade homossexual, conforme visto anteriormente (Parker, 1991, Connell, 1992, 1995). A valorização da discrição nos comportamentos dos amigos gays corresponde, em alguma medida, ao que se espera de uma amizade “entre homens”. Quanto mais viril e discreta for a aparência do amigo, mais valorizado socialmente ele será, ficando a amizade “mais próxima” de uma relação entre iguais. Parece ainda que a homossexualidade “discreta” do amigo ameaça menos a masculinidade do amigo heterossexual.

Contudo, nem sempre a convivência com gays acontece com esses registros de virilidade e discrição. Samuca comentou que muitas vezes, suas brincadeiras em relação à afetação de seus amigos gays eram permeadas por comparações entre as formas de comportamentos entre os “machos” e os “afetados”:

“E: Eles [os amigos gays] te sacaneavam por ser hétero?”

P: Ah sim, rolava sacanagem. Rola sacanagem, passa uma mulher gostosa, fala assim, ‘Pô, você não pode gostar disso, olha isso aqui...’. Aí passa um cara e fica de sacanagem... Sempre tem aquela brincadeira. Tem um grande amigo meu que hoje mora em Portugal. Ele é lindo assim, mas vaidoso até de se maquiar, de sair na rua... Aí, **‘Pô, tu vai sair comigo maquiado... É foda! Aí queima o meu filme...’** Eu falava. Aí tava em algum lugar e ele fazia algum comentário ... Não é “adorei”, mas uma palavra que ele usava. Eu falava, **‘Não fala isso, macho não fala isso...’** Eram essas brincadeiras. Eu levava muito na boa.” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Com a convivência, Samuca acabava incorporando alguns gestuais considerados “femininos” do comportamento de seus amigos gays e sentia-se patrulado por outros homens.

“Às vezes eu tava em alguns lugares, eu ia pra casa da minha ex-mulher, quando eu via, eu tava pegando **os caras me olhando com a perna cruzadinha, assim... Daí, ‘Caralho...’ Daí você [ele] tinha que mudar a postura...** Sabe? Daí rola um pouco de, eu acho que rola um pouco de sacanagem, mas eu não me incomodo com isso não. **Já passei da fase de me importar com o que eu sou, o que eu não sou.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Ainda que Samuca tenha afirmado que não se importava com o que os outros pensavam sobre ele, reconhecia que havia um julgamento sobre seu comportamento. E esse julgamento

fazia que com que buscasse outras posturas, outro controle sobre o corpo, considerado mais viril e adequado para os homens (Vale de Almeida, 2000). Esse controle, de acordo com o que foi evidenciado anteriormente, acontece com bastante intensidade desde a infância até a juventude, mas não se esgota nessa época da vida. O patrulhamento da masculinidade sobre as condutas dos homens segue na fase adulta, como mecanismo de controle das credenciais masculinas.

Uma das formas encontradas para lidar com a tensão que a homossexualidade do amigo provoca nessas relações de amizade é a utilização de brincadeiras, da “sacanagem entre amigos”. Como vimos anteriormente, a brincadeira jocosa (Radcliffe-Brown, 1941) constitui um elemento importante nos contextos de amizade masculina e permite amenizar o tom de “agressividade” presente no emprego de expressões que em outro contexto poderiam ser consideradas ofensivas. Nas relações de amizade entre homo e heterossexuais, na medida em que se atinge um nível de intimidade, as “brincadeiras” aparecem como uma forma suavizada de lidar com as tensões que as diferenças provocam. É caso de Philipe. Para ele, trabalhar as diferenças numa relação de amizade é um “processo de formação”, em que “brincadeiras” podem ou não revelar classificação de valor, preconceito. É justamente a intimidade que vai permitir a “sacanagem” entre os amigos:

“... **porque a gente tem um nível de intimidade que eles me sacaneiam e eu sacaneio eles.** ‘Isso é coisa de viado, pô...’ Falo com eles nesse nível. Eles mesmos falam. ‘Ah, eu quero fazer, mas é **coisa de viado...**’ Mas a gente tem esse nível de intimidade. **Quando a gente começou a amizade, rolava aquela trava.** Por quê? Você tava acostumado a fazer esse monte tipo de brincadeira, de piadinha, de coisas assim e, ‘**pô, mas agora eu tenho um amigo gay e não posso mais fazer**’. Aí parava. Então, assim... Eu acho que é um processo mesmo de formação. E também de visão. **Em que ponto que deixa de ser uma brincadeira permissível e em que ponto que vira um preconceito, uma valoração, uma classificação de valor? Acho que é um processo de formação. Não sei como se forma isso. Não sei. Mas é um processo que tá em andamento. Mas que existe, existe.**” [Philipe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

De maneira análoga, Michel relatou que conforme ganhavam intimidade, as brincadeiras ganhavam um cunho sexual.

“Fazíamos festa na casa dos meninos [amigos gays] e cansei de dormir na casa deles. Dormia lá e falava assim:
 – ‘Vou dormir de barriga para cima, fica de sacanagem não...’
 – ‘A gente te vira quando você dormir...’
 – ‘**Se quiser, pode usar a parte de cima. A de baixo está vedada**’
 Tinha essa **naturalidade**, uma **sacanagem com respeito**. E você faz as brincadeiras, vai ganhando intimidade, permitindo falar mais coisas.” [Michel, 44 anos, administrador, RJ, grifo nosso]

As piadas em relação a homossexuais são bastante comuns e, via de regra, tendem a ser performances de injúria no sentido atribuído por Eribon (2008). A partir do momento em que

estabeleceu uma relação de amizade com um homem gay, Philippe se cercou de alguns cuidados: não poder fazer determinadas brincadeiras e piadas para não parecer preconceituoso ou ser ofensivo. Dizer que determinadas coisas são “coisas de viado”, por exemplo, poderia parecer ofensivo em alguns contextos, mas no regime de amizade entre eles, há uma permissão (implícita) para fazê-lo.

A interação entre eles (heterossexual e gay) provoca um “processo de formação” como argumentou Philippe. Entre “não poder fazer mais piadas” e “sacanear” o amigo, houve uma história de aprendizagem sobre as diferenças e de construção de intimidade que respalda o uso de determinados termos e brincadeiras, em contextos específicos, sem ser injurioso.

Da mesma forma que para Michel, o nível de intimidade permitia “sacanagens de teor sexual”, sem que houvesse constrangimentos para ambos. No entanto, cabe ressaltar o conteúdo simbólico presente em sua fala: o uso da “parte de cima” estava liberado, enquanto que a “parte de baixo” estava vedada¹⁶⁵.

Ainda que em tom de brincadeira, a “marcação de posição” segue presente.

5.3.3 Frente à sexualidade do “outro”

Deparar-se com a sexualidade do amigo gay é confrontar-se com uma situação que muitos não haviam experimentado anteriormente. Dessas situações, presenciar a troca de carícias entre pessoas do mesmo sexo era, nas palavras dos entrevistados, um “choque” que exigia um processo de “assimilação”. A primeira experiência de Gilson em uma festa gay com seu grupo de amigos fez com que se sentisse bastante desconfortável, como ele próprio reconheceu. Ainda que já mantivesse uma convivência com esse grupo, era a primeira vez que ia a uma festa com um público majoritariamente gay. Em suas próprias palavras, ele ultrapassou “uma barreira para a qual não estava preparado”.

“E nós fomos para esse Halloween, só que furou, não aconteceu. ‘Então vamos para casa de fulano’. Eu estava com a minha esposa. Ela é apaixonada por eles [pelo grupo de amigos gays], adora eles, todos, sem exceção. Quando a gente chegou, primeiro, a festa já estava correndo um tempo. **A galera já tinha bebido, realmente estava pesado.** Fiquei um pouco, **me senti um**

¹⁶⁵ Sobre a discussão referente à masculinidade e à atividade/passividade no ato sexual, cf. p. 52.

pouco inibido porque não eram eles [se refere ao fato de que a festa não era dos seus amigos e sim de pessoas que ele não conhecia]. **Então meio que eu era o corpo estranho naquela situação. A forma explícita como as coisas estavam acontecendo. Aquilo de certa forma me chocou! Eu não tinha tido ainda a oportunidade de ver.** Que seja normal numa situação inversa, uma festa em que um homem e uma mulher, os dois estão lá se beijando... Às vezes o homem e a mulher se beijando de forma explícita aquilo chama a atenção. **Então naquele momento ver dois homens se beijando assim de uma forma explícita, bem intensa, aquilo realmente de certa forma acabou me incomodando...** Mas, o tal negócio, eu ultrapassei uma barreira que não estava preparado. Talvez se eu fosse a outra festa e acontecesse a mesma coisa, a minha visão já seria um pouco diferente. Acho que foi uma coisa assim, impactante ...” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ, grifo nosso]

De maneira análoga, ainda que em outro contexto, Philippe relatou sua experiência com uma situação similar:

“Foi mais um estágio. Assim, no primeiro estágio eu tive que descobrir que o nosso amigo era gay. E depois eu descobri que outros amigos eram gays, e outros amigos... **E começar a entender isso como uma coisa normal** a ponto de como eu te disse a gente falar sobre detalhes [sobre a vida afetiva e sexual], brincar, e tal. Foi mais um estágio. **O segundo estágio foi presenciar a troca de carinhos. E eu achei que fosse mais difícil.** Antes. Como eram muito nossos amigos, as primeiras vezes que eles se beijavam e tal, como a gente já tava se beijando também, por que tava uma coisa muito romântica assim... De amigos. Eu acho até que na primeira vez foi quando a gente juntou um dia na casa deles... Ficamos conversando, falando histórias, como é que eu me apaixonei pela minha esposa. Como ele [o amigo] tinha ajudado. Depois ele contou a história deles. Aí acabou, no meio disso acho que foi a primeira vez que a gente viu eles se beijando. Eu achei que fosse ter mais estranhamento. **Na verdade a gente ficou foi achando aquilo engraçado. ‘Caramba, eles tão se beijando!’** Foi uma coisa assim... **até por que eles não são exacerbados, não são exagerados. (...) quando tinha uma coisa que tinha muito afeto, eles se beijavam.** Agora, o fato de andar de mãos dadas, de estar abraçado, é no cotidiano. Mas com beijo mesmo, eles eram mais reservados. **Foi em doses homeopáticas, pra gente se tornou natural. Hoje eu acho que é normal.**” [Philippe, 33 anos, publicitário, RJ, grifo nosso]

Em uma sociedade com altos níveis de intolerância em relação à homossexualidade, carinhos explícitos entre pessoas do mesmo sexo em locais públicos podem gerar episódios de violência contra eles como tem sido documentado por várias organizações LGBT e pesquisas sobre vitimização (Carrara & Ramos, 2005, Carrara *et al*, 2006, Carrara *et al*, 2007). A administração das manifestações públicas de afeto, ao mesmo que tempo que protege de possíveis reações negativas, restringe e confina a liberdade afetiva para o privado, para o íntimo, salvaguardando “a família e as crianças” do convívio público com a homossexualidade como defendem os grupos conservadores¹⁶⁶.

Não é à toa que vários entrevistados relataram a discrição de seus amigos gays no que diz respeito à exibição da sua sexualidade ainda que em contextos privados. A ausência de

¹⁶⁶ Nesse sentido Louro (2007) comenta que: “de um modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a [socialmente] é aquele ou aquela que disfarça sua condição, ‘o/a enrustido/a’. **De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar ‘outras’ identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais.** (Louro, 2007, 29-30, grifo nosso)

manifestação de carinhos de seus amigos gays é, na maioria das vezes, percebida como um “sinal de respeito” pelos homens heterossexuais. Em contrapartida, a “euforia” é vista como um sinal de “indelicadeza”. Em relação a esse aspecto, Gilson afirmou que:

“Só é uma coisa: um fato novo era aquela relação do homem num carinho mais explícito com outro homem. É uma coisa que você vê e começa a entender como as coisas funcionam. Como era tudo novo, as coisas vão acontecendo e a gente vai vendo como é que isso funciona. **Apesar de que eu tenho para mim que eles, de uma forma muito elegante, muito delicada, eles evitavam até um beijo, uma coisa assim mais.** Porque naturalmente deveria acontecer quando a gente não estivesse no contexto, entendeu? Até da parte deles, **imagino que não soubessem como a gente deveria reagir**, então nunca houve nada muito explícito, nada. Sempre uma coisa mais carinhosa, mais delicada eu não me lembro de nada que tenha me chocado. De forma nenhuma.” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ, grifo nosso].

Em outro contexto, Douglas forneceu um exemplo sobre esse mesmo tema. Na Copa do Mundo de 2010, ele e sua esposa convidaram um amigo hétero para ir à casa de uns amigos gays assistirem a um jogo do Brasil. Esse amigo ficou chocado com as trocas de carícias que presenciou e Douglas comentou que:

“A gente vendo um jogo, um grupo inteiro, e os dois caras se agarrando no sofá. Eu acho desagradável, **mesmo que fosse um casal** [heterossexual] **também ia achar desagradável.** (...) as pessoas que exageram e querem mostrar, ‘**eu sou homossexual e quero que todo mundo perceba**’. **Me chama a atenção, porque eu não vejo o mesmo comportamento por parte das mulheres e sim do lado do grupo masculino que a gente frequenta.** A maior parte deles é super tranqüila, sempre tem um ou outro que se sente assim. **Enquanto o cara não sentir que tá te incomodando, por que você é heterossexual, eles não ficam satisfeitos.**” [Douglas, 32 anos, economista, SP, grifo nosso]

Esses comentários se alinham com os dados apresentados pela pesquisa da FPA. De acordo com Carrara & Lacerda, 64% dos respondentes concordam que “casais de gays ou de lésbicas não deveriam andar abraçados ou ficar se beijando em lugares públicos”. Isso reforça, de acordo com os autores, a ideia de que a condição para a aceitação social de gays e lésbicas é o recolhimento: “ao que parece, lésbicas e gays devem manter sua sexualidade restrita aos espaços privados e íntimos” (Carrara & Lacerda, 2011:80). Talvez valesse a pena acrescentar “sem a presença de pessoas não homossexuais”.

Price (1999) afirma que a expressão de afetos entre homens gera desconforto tanto para os heterossexuais, quanto para os gays. De acordo com a autora (1999:71), “they [both gay and straight] legitimize this discomfort by arguing that public expressions of affection are not appropriate for anyone, gay or straight”¹⁶⁷.

¹⁶⁷ Tradução livre: eles (gay e heterossexual) legitimam esse desconforto pelo argumento de que expressões públicas de afeto não são apropriadas para ninguém, seja gay ou heterossexual.

A ressalva que Douglas faz em relação às diferenças de comportamento entre o grupo de gays e de lésbicas que constituem suas relações de sociabilidade está conectada, em última instância, à forma como homens e mulheres encaram e experimentam a sexualidade, fruto de uma socialização em que há uma valoração diferenciada do sexo pelo gênero¹⁶⁸.

Portanto, aprender a lidar com a sexualidade do “outro” parece envolver um processo de estranhamento, assimilação e acomodação. As reações iniciais se pautam em uma concepção liberal acerca da sexualidade, em que a sexualidade do outro é aceita se restrita às “quatro paredes”, ao âmbito do privado (Louro, 2008). Na medida em que há uma maior visibilidade de sujeitos e práticas homossexuais, faz-se necessária uma “educação de gênero” que permita aos homens heterossexuais encarar essas situações como corriqueiras e banais. O jovem Ivan diz que:

“Eu acho que é uma coisa que todo mundo ainda tem que se acostumar. Eu acho que é até por não ser comum de você ver. Porque se fosse comum, a pessoa estaria mais habituada. Mas por não ser comum, quando você vê, dá uma impactada sim”. [Ivan, 25 anos, psicólogo, RJ]

Como, geralmente, pessoas heterossexuais não possuem referentes culturais que valorizem a homossexualidade, as primeiras reações são de estranhamento, de evitação ou de sentirem-se agredidos, como mostram os exemplos apresentados. O processo de assimilação pressupõe uma ressignificação de valores e o engendramento de novos discursos e práticas em relação à homossexualidade (Louro, 2008).

Outro aspecto relacionado ao exercício da sexualidade do amigo gay diz respeito ao tema da promiscuidade sexual. O estereótipo sobre a promiscuidade no mundo homossexual masculino ainda persiste no imaginário dos entrevistados (Parker, 1991, 1998, 2002, Green, 2000). Para Fabrício, por exemplo, parece que todos os seus amigos gays passaram por uma fase de “promiscuidade”, uma “coisa meio doida de querer pegar todo o mundo”.

“Parece que todas as pessoas que eu conheço que ficaram gays, que viraram gays, elas entram num mundo muito promíscuo... Que todo mundo tem que pegar todo mundo... É uma coisa muito doida. Realmente, todo mundo que eu vejo que vira gay, meio que tem essa euforia de querer pegar todo mundo, de querer descontar o tempo perdido...” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ]

¹⁶⁸ A esse respeito, Fry & MacRae, argumentam que: “estas diferenças [entre sexualidade masculina e feminina] levariam em conta o **fato da educação diferenciada a que são submetidas às crianças dos dois sexos tender a desenfaturar a sexualidade para as meninas, enquanto essa é apresentada aos meninos como uma importante forma de auto-afirmação.** (Fry & MacRae, 1986:107, grifo nosso)

De acordo com Bozon (2004), essa “euforia”, interpretada por Fabrício como “promiscuidade”, está ligada a um novo tipo de socialização agora no contexto homossexual:

... os primeiros anos de vida sexual são marcados por uma multiplicação de casos um tanto eufórica, que corresponde a um papel de socialização no meio homossexual. Para certos homossexuais, a ‘paquera’ começa a constituir um elemento estruturante durável de seu modo de vida, enquanto para outros ela se torna um elemento mais recreativo. No entanto, a maior parte dos homossexuais experimenta, em algum momento, relações estáveis com outros homens. (Bozon, 2004:78-9)

Para Fabrício, assim como para outros entrevistados, a promiscuidade não diz respeito somente ao número de parceiros sexuais, mas também está relacionada à forma como comentam sobre sua vida sexual. Em suas palavras:

“As únicas coisas que incomodam é a pessoa às vezes contar umas intimidades que não interessa se é gay ou não é. De falar [sobre] intimidades sexuais. Não preciso saber isso. Não precisa botar isso em roda, no meio de uma galera. Eu acho que isso é uma coisa muito mais da **‘intimidade deles’**. [Eu peço] ‘vocês, por favor, mantenham isso entre quatro paredes. Ou ao ar livre, onde vocês quiserem...’” [Fabrício, 27 anos, empresário, RJ, grifo nosso]

É interessante observar essa reação a respeito das intimidades sexuais de seus amigos homossexuais. De maneira geral, uma das características das relações de camaradagens entre homens é o compartilhamento das conquistas, permeada por detalhes sobre suas proezas e galhardias sexuais (Vale de Almeida, 2000, Ribeiro, 2003, Nascimento, 2004). No entanto, parece que nesse caso específico, as “proezas homossexuais” provocam desconfortos nos seus amigos heterossexuais. Embora Fabrício reconheça que seus amigos heterossexuais também passaram por momentos de “euforia sexual”, “de pegar todo o mundo”, é somente em relação aos amigos gays que o termo “promiscuidade” foi aplicado.

A ideia subjacente é de que o “homem heterossexual pegador” comprova, através da atividade sexual, sua competência no mundo da masculinidade, sendo valorizado socialmente, sobretudo pelo seu grupo de pares (Ribeiro, 2003, Nascimento, 2004, Kimmel, 2005). Contudo, parece que o mesmo não se aplica aos homens gays. O mesmo tipo de comportamento quando aplicado aos homossexuais ganha o estatuto de promiscuidade, revelando uma visão moral sobre a sexualidade do amigo gay¹⁶⁹.

Mas a questão da sexualidade do amigo gay não está restrita às suas práticas afetivas e sexuais no “mundo gay”. O medo (real ou fantasioso) de ser assediado pelo amigo gay como

¹⁶⁹ Vale lembrar que a pesquisa da FPA mostra que 45% dos respondentes concordam com a afirmação de que os homossexuais são promíscuos (Carrara & Lacerda, 2011).

vimos é um impeditivo da amizade entre homens com orientações sexuais distintas. Em relação a isso, somente Samuca relatou ter sido assediado por um amigo gay.

“Se você for assediado por alguém, se passa do limite que você não quer, você ‘opa, você tá entendendo errado...’ Quando puder jogo de cintura, ‘Não, e tal...’ Já foi o caso de deitar e dormir com amigo e ficar... começar a fazer [bolinar] ... ‘Porra bicho... Não fode, né?’ (...) **Eu acho que esse é o lado sacana que o homem tem.** Como eu tenho amigas que eu quero deitar na cama e dormir ... **Mas tem cara que não pode deitar na cama com uma mulher que seja uma grande amiga dele, ‘Pô, tá ali... Não vou fazer nada?’**... Tá ali na cabeça dele”. [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

Ele vincula essa atitude a um atributo da sexualidade masculina: não desperdiçar a oportunidade de ter uma relação sexual. O fato de estar na cama com outro homem, ainda que ele não seja gay ou não esteja interessado, justifica a tentativa de obter sexo. A ideia central é de que os homens (e não somente os gays) não podem dizer não ao sexo (ou a uma possibilidade presumida de ter sexo). Samuca traçou esse mesmo paralelo caso fosse um homem heterossexual que estivesse com uma mulher. Esse interesse masculino pelo sexo se orienta pela ideologia de gênero em que a sexualidade confirma a masculinidade. Segundo a pesquisa IMAGES (Barker *et al*, 2011), 50% dos respondentes acreditam que os homens precisam mais de sexo do que as mulheres, e 54% crêem que os homens sempre estão disponíveis para o sexo¹⁷⁰.

Fry & MacRae (1986) advertem que é preciso ressaltar a significação social que envolve a sexualidade, em contextos específicos, como as práticas sexuais entre homens. Para os autores, o que pode ser visto como sexo impessoal, relações fugazes, ou até mesmo promíscuas, carece de outra forma de compreensão visto que “adquire um significado diferente e menos opressivo daquele que envolve parceiros de sexos distintos, em que já de início um está em posição privilegiada somente por ser homem” (Fry & MacRae, 1986: 110).

Embora “iguais”, é interessante observar as diferenças entre os estilos de masculinidade que acabam por se apresentar de várias maneiras. Nesse ponto, a sexualidade do amigo gay ganha relevância na medida em que a relação se torna mais íntima. E com ela, os homens heterossexuais passam a se deparar com situações pouco comuns no “mundo heterossexual”: a sexualidade masculina homossexual, a troca de afeto entre homens, a “promiscuidade”. Há um consenso que esse tipo de situação lhes provocava um estranhamento e que ser iniciado nessa

¹⁷⁰ Nesse sentido, Kimmel (2005) esclarece que: Regardless of sexual orientation, however, virtually all sex research points to one conclusion: gender, not sexual orientation, is the organizing principle of sexual behavior. Gay men and straight men seek masculine sex; sex is confirmation of masculinity. (Kimmel, 2005:132, grifo nosso). Tradução livre: Entretanto, independente de orientação sexual, todas as pesquisas relacionadas ao sexo apontam para uma conclusão: o princípio organizador do comportamento sexual é o gênero e não a orientação sexual. **Homens gays e heterossexuais buscam por sexo masculino; sexo é a confirmação da masculinidade.**

nova seara foi um processo de “aprendizagem”. De igual maneira, a contradição constante entre reconhecer o outro como “homem” ou como “gay”. Essa talvez seja uma das mais significativas mostras do lugar “nebuloso” que os homens gays ocupam no imaginário desses homens heterossexuais (Dowsett, 1993).

Portanto, como afirma Price (1999), reconhecer as diferenças e entendê-las como parte da relação propicia um novo patamar para o regime de amizade. As diferenças acerca do gênero e da sexualidade são constitutivas das suas noções de homem e de masculino e conseqüentemente de amizades masculinas. A possibilidade de produzir outros significados para a masculinidade e para a amizade entre homens reside, entre outras coisas, na capacidade de atravessar as fronteiras do gênero (Price, 1999, Welzer-Lang, 2001).

5.4 Cruzando as fronteiras: as (im)permanências da masculinidade

A trajetória pessoal de cada entrevistado bem como as dinâmicas de suas relações de amizade são bastante reveladoras das suas concepções acerca do que é ser homem e dos significados que as masculinidades homo e heterossexual assumem para eles.

Como afirmamos no início desse estudo, partíamos de dois pressupostos: o primeiro dizia respeito à masculinidade como um “projeto de gênero” sujeito à confirmação homossocial e a processos de construção e desconstrução ao longo da vida (Connell, 1995, 2000, Vale de Almeida, 2000, Kimmel, 2005). O segundo tratava a homofobia não como um atributo relacionado à personalidade do indivíduo, mas como um fenômeno social que constitui um dos pilares de construção do masculino, podendo ser entendida tanto como um preconceito que gera discriminações contra pessoas LGBT, quanto como um dispositivo de patrulhamento no exercício da “masculinidade dos homens” (Welzer-Lang, 2001, Kimmel, 1997, 2005, Borrillo, 2010).

Esses dois fenômenos, conforme demonstram diferentes autores, influenciam o estabelecimento e o regime de amizade entre homens de orientações sexuais distintas (Price, 1999, Fee, 2000, Nardi, 2004). Contudo, não podemos esquecer que esses homens estão inseridos em uma sociedade que, em geral, ainda é bastante preconceituosa contra pessoas LGBT

como revela a pesquisa da FPA (Venturi & Bokany, 2011) e em que persistem várias iniquidades de gênero (Barker *et al*, 2011).

Portanto, as amizades entre homens homo e heterossexuais acontecem numa interação complexa em que as concepções sobre masculinidade e homofobia são confrontadas, negociadas e ressignificadas. Por um lado, a masculinidade hegemônica que pressupõe e engloba a heterossexualidade: dentre outras instâncias, é na sexualidade heterossexual que os homens se reconhecem como “detentores da masculinidade”. Por outro, aos homens homossexuais lhes cabe a pecha de ser “o outro” no mundo masculino heteronormativo: às vezes “bicha”, às vezes “gay”, às vezes “homem”. E, em uma concepção mais ampla, as amizades estão submetidas em maior ou menor grau à “homofobia” como um dispositivo regulador dos relacionamentos entre homens.

A ambigüidade presente no discurso dos homens heterossexuais em relação à oposição “homem/gay” revela a tentativa de uma classificação hierarquizante que se ancora menos no plano da sexualidade e mais no plano das convenções de gênero. A orientação sexual do amigo gay parece ter menos relevância na que medida ele adere às normas convencionais de gênero em relação ao masculino. Por essa razão, virilidade e discrição são dois atributos importantes e extremamente valorizados.

Ainda que denote uma ordenação hierárquica, a oposição “homem/gay” revela igualmente uma pluralidade de experiências no exercício da masculinidade dos homens homossexuais: nem todo gay é feminino e afetado, são os “*very straight gays*”, como denomina Connell (1992). É nesse sentido que Connell & Masserschmidt (2005) afirmam que:

We suggest, therefore, that our understanding of hegemonic masculinity needs to incorporate a more holistic understanding of gender hierarchy, recognizing the agency of subordinated groups as much as the power of dominant groups and the mutual conditioning of gender dynamics and other social dynamics. (Connell & Masserschmidt, 2005:848)¹⁷¹

O regime de amizade do conjunto de entrevistados acontece em um cenário amplo, em um “campo de possibilidades” que reúne diferentes contextos e trajetórias de vida dos entrevistados, apresentando tanto experiências singulares, quanto comuns, em relação à família de origem, conjugalidade, paternidade, vida profissional e geração. Contudo, esses contextos e trajetórias estão inseridos em um cenário complexo, repleto de paradoxos, em que as diferentes

¹⁷¹ Tradução livre: Nós sugerimos, por essa razão, que nossa compreensão sobre a masculinidade hegemônica precisa incorporar um entendimento mais holístico da hierarquia de gênero, reconhecendo a agência de grupos subordinados assim como o poder dos grupos dominantes e o mútuo condicionamento das dinâmicas de gênero e outras dinâmicas sociais.

visões sobre o gênero e a sexualidade constituem o que Parker (1998) denomina de “múltiplas realidades”. Se por um lado, como apontam os próprios entrevistados, convivemos em uma sociedade em que há mais “liberdade” para que pessoas LGBT visibilizem suas identidades, por outro, a homofobia ainda é um dos preconceitos mais tolerados socialmente, presente no contexto familiar, educacional, laboral e em outras redes de sociabilidade (Venturi & Bokany, 2011).

Para grande parte dos entrevistados, a convivência com homossexuais apenas aconteceu na vida de jovem/adulto. Poucos foram aqueles que tiveram oportunidades de convívio com pessoas homossexuais em suas famílias de origem. Quando isso aconteceu, foi devido às relações de coleguismo e amizade mantidas por suas mães. No entanto, cabe ressaltar que esse convívio não gerava conversas sobre “isso”. Pairava um silêncio sobre a (homo)sexualidade, assunto raramente abordado no âmbito da família. A maioria dos entrevistados percebia suas famílias de origem como “caretas”, “machistas” e “homofóbicas”. Poucos, e notadamente os mais jovens, disseram que suas famílias eram “cabeça aberta” ou “sem preconceitos”.

Flavio, por exemplo, afirmou que se considerava um homem “não preconceituoso” em relação à homossexualidade. Quando perguntado o que havia influenciado para ter esse posicionamento, ele disse que:

“[acho que é por conta] do grupo que você vem. **Meus pais nunca tiveram preconceito** contra o homossexualismo [sic], com cor de pele, nada... então eu já cresci com essa ideia. E tem **o grupo de amigos... ninguém teve problema nenhum com isso** [aceitação do amigo gay]. E, sei lá, **tem uma coisa de você [ele] mesmo**. Mas eu **acho que o ambiente influencia** muito nisso. Principalmente quando você é mais jovem. **Pelo menos pra te dar liberdade de aceitar ou não**. Mas eu acho que eu teria muita dificuldade de ser preconceituoso [em relação à homossexualidade] convivendo com as pessoas que eu convivo.” [Flavio, 28 anos, TI, RJ, grifo nosso]

Parece que não somente a família, mas também o grupo de pares exerce uma forte influência sobre a construção desse caminho em direção a uma perspectiva mais respeitosa com as diferenças. Quando Carrara & Lacerda (2011) afirmam que a educação parece ser o antídoto para o preconceito contra pessoas LGBT, cabe destacar que ainda que a educação formal tenha um papel importante, a “educação informal”, oriunda dos “exemplos rotineiros diários” (Connell & Masserschmidt, 2005) e da interação com pares masculinos que compartilham uma visão menos convencional acerca do gênero e da masculinidade, também desempenha um papel importante (Barker, 2005).

No tocante às relações de gênero, esses homens parecem ter um estilo “mais equitativo”, conforme apontado por Pulerwitz & Barker (2008). Buscam por relações mais igualitárias, participam no exercício da paternidade, “ajudam” nas tarefas domésticas, entre outros pontos. Acreditamos que, como apontado no estudo IMAGES, homens que são mais equitativos, tendem a ter atitudes menos homofóbicas e mais respeitadas no tocante à homossexualidade (Barker *et al*, 2011). A percepção “diferenciada” das convenções de gênero não se restringe às relações de gênero entre homens e mulheres, mas também reverbera naquelas entre homens. Ter concepções alternativas aos mandatos convencionais sobre o masculino influencia a possibilidade de estabelecimento de relações de convivência e mais próximas com homens não heterossexuais.

À parte da convivência no âmbito da família, o início do relacionamento de amizade com homens gays apresenta diferenças em relação à idade. Enquanto que para os homens mais velhos, esse convívio aconteceu no local de trabalho ou na época da faculdade, entre os jovens, as primeiras convivências estão relacionadas a contextos de sociabilidade de cultura e lazer. Essas situações se alinham com a pesquisa da FPA (Venturi & Bokany, 2011) em que parece haver um aumento da visibilidade LGBT nos mais diferentes contextos de sociabilidade.

Há ainda as relações de amizade anteriores ao processo de “sair do armário” dos amigos de infância/adolescência em que esse rito de passagem é acompanhado de perto por eles. E, por fim, vale destacar que há aqueles em que os círculos de amizade das namoradas e companheiras facilitaram esse convívio com pessoas LGBT.

Embora somente tenhamos os depoimentos dos homens heterossexuais sobre suas relações de amizade, cabe ressaltar as influências que eles percebem nas suas vidas a partir desse relacionamento. Samuca, por exemplo, disse que a partir de suas amizades com homens gays aprendeu a ter uma “relação masculina de afeto”. De acordo com ele:

“Acho que na relação de amizade [com gays], **tendo uma relação masculina de afeto. Além de quebrar umas barreiras...** Eu sou uma pessoa... **Eu não me privo do meu lado feminino.** Eu abraço um amigo, eu beijo um amigo, se tiver que chorar, eu choro. Acho que me ajudou bastante, ter amigos [gays]. Tem outra percepção, da minha geração, muitos desses amigos, nem todos tiveram uma facilidade pra se assumir. Todos eles passaram por uma parada difícil, de tentar se entender, se aceitar, se colocar... E às vezes até vem com essa carga, você conhece pessoas que... **cai numa outra sensibilidade, de ponto de vista de relação, de comportamento...** Que acaba... **Você tendo essa oportunidade de conviver com pessoas assim, acho que muda um pouco o teu olhar com as coisas, com as pessoas. Acho que nesse sentido do afeto, da amizade, contribuiu muito sim.**” [Samuca, 42 anos, ator, RJ, grifo nosso]

No entanto, cabe ressaltar que para Samuca (assim como para muitos outros homens) o domínio do afeto e das emoções se encontra sob a égide do feminino. Abraçar, beijar, chorar,

enfim, expressar afetos e emoções é vinculado ao seu “lado feminino”. Ter amigos gays, em alguma instância, representa uma oportunidade de conviver com alguém que apresenta uma “ambiguidade”: por um lado há a permissão (e também a expectativa) que esses homens gays sejam “sensíveis”; ao mesmo tempo, segundo os discursos anteriores de Samuca, eles não perdem a “sacanagem” que os “homens” possuem. A “dor” de se “entender”, se “aceitar”, se “assumir” é valorizada por Samuca como algo que lhes confere “outra sensibilidade”. O fato de ter convivido com uma rede social com várias pessoas homossexuais, e acompanhado de perto várias dessas histórias, ele acredita que isso tenha contribuído para ser uma pessoa “o mais despida de preconceitos possível”.

Para Gilson, a experiência de convívio com esse grupo de amigos gays foi transformadora para o seu entendimento do que era “o mundo gay”. Foi no local de trabalho que ele teve a oportunidade de conhecer seu primeiro amigo gay e através desse amigo, vieram outros e outros. Uma viagem ao exterior com esse grupo de amigos gays, ainda na década de 90, foi marcante para ele. Gilson ressaltou que ele era o único homem heterossexual desse grupo. Em suas palavras:

“Em 1997 eu viajei para Nova Iorque com eles [outros dois amigos gays]. E aí ficamos lá na casa de outros dois amigos deles. Todos gays. Não sei se isso eu posso generalizar, porque não conheço outros grupos gays, até conheço outros gays, mas nunca tive a interação que eu tive com esse grupo. Acho que posso definir assim: a forma divertida que os caras têm de encarar a vida, perspicácia, o ambiente ... eles estão sempre brincando, então é uma coisa muito agradável... **Quando eu falava dos meus amigos homossexuais para os meus amigos heterossexuais, alguns até preconceituosos: “Cara, infelizmente você não teve a oportunidade que eu tive de conhecer de conviver e saber que são pessoas fantásticas!”. (...). Eu me reservo, não querer aceitar, pelo menos não perto de mim, que alguém fique falando “bichinha”, essas coisas assim... (...).** [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ, grifo nosso]

Gilson, assim como outros, foi ampliando sua rede de convivência com outros gays e atualmente existe uma interação entre seus amigos “gays” e “não gays”. Para ele, promover essa interação é uma forma de fazer com que seus amigos heterossexuais se familiarizem com seus outros amigos e, de alguma maneira, possam rever suas concepções acerca da homossexualidade. De acordo com Gilson:

“Marcos, eu poderia dentro do meu grupo [de amigos heterossexuais] tentar esconder o meu grupo de amigos gays. Isso nunca aconteceu! Sempre fiz questão de em algum momento quando se levantou alguma situação, sempre fiz questão de dizer: ‘São meus amigos.’ E eu fico satisfeito por ter feito isso. Porque tem pessoas que têm preconceito mas também têm pessoas que não têm preconceito, e **a gente de alguma forma está ajudando a agrupar essas pessoas, a diminuir essas diferenças, diminuir o discurso preconceituoso.** Às vezes até aquele cara que tinha um discurso preconceituoso, não precisa fazer [um discurso] a favor, mas pelo menos que não faça contra, não seja um cara que semeie essa semente negativa. Essa convivência vai quebrando os

paradigmas, ela vai quebrando os paradigmas por isso que é bom conviver.” [Gilson, 42 anos, corretor de seguros, RJ, grifo nosso]

Contudo vale ressaltar que a incorporação dessas pessoas na sua rede social não é “incondicional” e não se volta a todo e qualquer indivíduo. Chama a atenção que as relações de amizade privilegiem “os viris e discretos”, aqueles que são “masculinizados” ou que “nem parecem gays”. Parece que ainda prevalece a ideia polarizada da homossexualidade associada ao feminino e da heterossexualidade ao masculino. A concepção do “homem” associada à heterossexualidade não se dissolve. Ela está presente e orienta as relações entre homens homo e heterossexuais.

No tocante ao tema da sexualidade nas relações de amizade entre homens e mulheres, Rezende (2002b) adverte que em muitos casos, ao se buscar negá-la, coloca-se a sexualidade como aspecto central dessa relação. De maneira semelhante, na relação de amizade entre homens homo e heterossexuais, a diferença de orientação sexual engendra outras relacionadas às convenções de gênero e a estilos de vida, colocando-se como “central” no cenário da relação (Price, 1999).

No caso das amigas dos entrevistados, apesar do discurso de que não há diferenças entre amigas com heterossexuais ou gays, em vários aspectos, elas se pronunciam e se fazem presentes. No entanto, não parecem ser impeditivas para a manutenção do regime de amizade e da convivência.

Mas é interessante observar que, em um primeiro momento, é a resignificação da “masculinidade gay” que sobressai. Dito de outro modo, os entrevistados são capazes de perceber as múltiplas facetas da homossexualidade masculina, ainda que busquem localizá-las naquilo que compreendem como “universo masculino” associando-as às convenções sociais de gênero (Nardi, 1992, Price, 1999, Fee, 2000).

Nesse sentido, Rodrigo afirmou que incentiva seus amigos gays a serem do “jeito que quiserem ser”, não se importando com os mandatos normativos em relação à sexualidade e como isso afeta, mais amplamente, as relações de sociabilidade como um todo:

Beto, apesar do jeito “radical e prepotente”, falou com ternura de seu amigo Márcio. Segundo ele, a grande diferença entre eles é que Márcio é “um cara sensível”. De acordo com Beto, foi através do terreno comum da vida profissional que eles lograram manter o vínculo de amizade:

Se a amizade entre homens oscila entre a “colaboração” e a “competição”, esse jogo está igualmente presente na relação entre heterossexuais e gays. Entre eles, a tensão entre uma amizade que “é igual”, mas que também “é diferente” parece não se resolver, encontrando “alívio” através da “sacanagem” entre amigos.

Por fim, esses homens são ou não homofóbicos? Essa pergunta inicial da pesquisa ganha outros sentidos diante da riqueza e complexidade das relações entre homens homo e heterossexuais. As relações apresentam tantas nuances e são influenciadas por fatores subjetivos, culturais e sociais que categorizá-los como “homofóbicos” ou “não homofóbicos” perde o sentido. O que parece importante ressaltar é que em alguma medida, esses homens percebem-se como tendo podido “ultrapassar barreiras” (nas palavras de Gilson), “avançar mais um estágio” (como disse Philipe), “emancipar-se como homem” (segundo Rodrigo), cruzar fronteiras.

Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Como afirmam Heilborn, Cabral & Bozon (2006:232), esse processo de flexibilização de normas sociais acerca da sexualidade não significa supor um processo homogêneo ou monolítico. Pelo contrário, parece que algumas insígnias da masculinidade permanecem sólidas. No entanto, como afirmam Medrado & Lyra (2008), talvez a busca não deva ser por alterações do modelo hegemônico de masculinidade, mas sim pelas brechas, fissuras, descaminhos que permitam o engendramento de outros sentidos para o masculino e para a convivência entre homens, e entre homens e mulheres. Parece que a amizade entre homens homo e heterossexuais traz uma luz para esse (des)caminho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] le dije (le dije, no le prometí), que al próximo Diego que se atravesara en mi camino lo defendería a capa y espada, aunque nadie lo me comprendiera, y que no me iba a sentir más lejos de Espíritu y de mi Conciencia por eso, sino al contrario, porque si entendía bien las cosas, eso era luchar por un mundo mejor para ti, pionero, y para mí. Y quise cerrar el capítulo agradeciéndole a Diego, de algún modo, todo lo que había hecho por mí, y lo hice viniendo a Coppelia y pidiendo un helado como éste. Porque había chocolate, pero pedí fresa. [David]

Durante a realização desse trabalho, presenciamos em diferentes âmbitos da sociedade brasileira, a emergência de debates acirrados sobre os temas “diversidade sexual” e “homofobia” que provocaram novos contornos para essa discussão: o STF aprovou a união estável entre pessoas do mesmo sexo, discute-se o Estatuto da Diversidade Sexual¹⁷²; a criminalização da homofobia segue como pauta na agenda política do movimento LGBT; o material educativo do governo federal conhecido como “kit anti-homofobia” transformou-se em “kit gay” e foi objeto de fortes reações por parte de segmentos conservadores¹⁷³; não houve o “beijo gay” na novela *Insensato Coração*¹⁷⁴; houve o beijo entre duas mulheres na novela *Amor e Revolução*¹⁷⁵; notícias envolvendo violências e homicídios contra pessoas LGBT foram cada vez mais frequentes na mídia. Diante desse cenário complexo, a discussão sobre homofobia e suas interrelações com o gênero e a sexualidade ganhou muita visibilidade, produzindo novos contornos para essa questão.

Nesse sentido, convivemos em um contexto de “transformações” e “permanências” acerca das convenções sociais vinculadas ao gênero e à sexualidade. No tocante à discussão sobre masculinidade e homofobia a partir do regime de amizade entre homens de orientação sexual distintas, ela se revelou bastante complexa já que são relações permeadas por dilemas, tensões e contradições, e engendram diferentes matizes em relação à compreensão do que é ser homem e das ordenações de gênero vinculadas às masculinidades “heterossexual” e “gay”. Apesar de transformações inegáveis no campo do gênero e da sexualidade, ainda persistem repertórios masculinos vinculados ao machismo, violência e homofobia.

¹⁷² Cf. <<http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8637&sid=4>>

¹⁷³ Cf. Carrara (2011).

¹⁷⁴ Novela da Rede Globo de Televisão. Cf. <<http://insensatocoracao.globo.com/index.html>>. Houve uma grande discussão durante a exibição da novela, sobretudo em redes sociais e na mídia eletrônica, sobre o “impacto” que o beijo entre dois homens na emissora de televisão de maior audiência traria para a “questão gay”.

¹⁷⁵ Novela do Sistema Brasileiro de Televisão. Cf. <<http://www.sbt.com.br/amorevoluca/>>

Como ressalta a literatura sobre masculinidades, a relação entre os homens e as configurações possíveis de masculinidade é atravessada por um “patrulhamento de gênero”. Dito de outro modo, há uma vigilância incessante sobre a performance, os discursos e práticas cotidianos dos homens (por parte de seus pares masculinos), tendo como referência um modelo idealizado de “homem de verdade”. É no exercício do autopatrulhamento e do patrulhamento alheio que os homens procuram obter o aval para suas credenciais masculinas. Esse dispositivo controlador busca regular as expressões de afeto; fomenta o silêncio de muitos deles em mostrarem-se com opiniões contrárias ao senso comum machista devido ao medo do julgamento dos outros homens; reproduz um modelo de criação dos/as filhos/as segundo uma ideologia machista, entre outros efeitos.

Embora o termo “homofobia” englobe vários fenômenos sob o mesmo nome, no que diz respeito aos homens, ele se apresenta como um dispositivo de regulação no exercício diário do cumprimento das convenções sociais de gênero em relação à masculinidade, exercendo forte influência sobre as relações entre homens. Dessa maneira, a homofobia “permanece” como um dos pilares de construção da masculinidade, abrangendo todos os homens (homossexuais ou não), em maior ou menor grau.

Homens que não apresentem características de virilidade esperadas para um “homem de verdade” terão sua masculinidade considerada como “suspeita”. Entre outros fatores, se atribuem episódios de violência, incluindo *bullying*, discriminação e agressão física, aos sentimentos de “temor” (de perder suas credenciais masculinas) e “vergonha” (do “fracasso” no exercício da masculinidade) perante seus pares masculinos. É através da aprovação homosocial por parte dos outros homens que a masculinidade se confirma. Nesse sentido, a “homossexualidade” passa a representar ao mesmo tempo um “desvio” da masculinidade heterossexual e o “reforço” dela própria, constituindo-se em um referencial importante para a construção da identidade masculina.

O conjunto diversificado de experiências masculinas dos entrevistados revela “ritos e ditos” interessantes para a análise da construção do seu senso de masculinidade. Se por um lado, as mudanças nos “costumes” propiciaram que alguns deles tenham buscado relações de conjugalidade mais igualitárias; que tenham concebido a paternidade como um “projeto de vida”; que não tenham compactuado com repertórios de violência contra as mulheres; por outro, eles ainda convivem com ditames culturais “machistas” que, em alguma medida, orientam seu

sentido de masculinidade. É interessante perceber seus esforços em serem reconhecidos como homens “não machistas” com argumentos que aludiam à sua condição de “homem-pai-que-participa” ou de “homem-companheiro-que-compartilha”. Contudo, isso não implica ausência de outras insígnias da masculinidade como a prerrogativa do “homem provedor” e a “inércia” em relação à divisão sexual do trabalho doméstico que persistem no cenário das relações de gênero. Homens que demonstram posturas mais igualitárias nas suas relações de gênero tendem a serem mais abertos à convivência com pessoas LGBT.

Nesse contexto de transformações sociais, o aumento da visibilidade homossexual em espaços como a escola, universidade e locais de trabalho, além dos contextos de sociabilidade vinculados à cultura e ao lazer, parece ter favorecido à aproximação entre os “mundos gay e heterossexual”. O mapeamento dos contextos de sociabilidade, das concepções sobre a homossexualidade masculina e de opiniões acerca de temas vinculados ao “mundo LGBT” constituem um “pano de fundo” sobre o qual as relações de amizade entre homens homo e heterossexuais se assentam. Contudo, as relações entre homens homo e heterossexuais estão sujeitas a tensões que incluem possíveis situações de assédio, suspeição da heterossexualidade e, por consequência, da masculinidade dos heterossexuais, produzindo “marcações de posição” para essa amizade como “territórios de convivência”, brincadeiras jocosas etc.

No entanto, a oposição “homem/gay” parece não se dissolver. A categoria “homem” pressupõe e engloba a heterossexualidade; ao “homossexual” cabe a pecha de “gay”, “bicha” e, “também” em algumas situações, a de “homem”. Os atributos masculinos de “virilidade e discrição” para os amigos homossexuais são muito valorizados. Ao contrário, a “afetação” foi recorrentemente citada como produtora de incômodos e causa de afastamento entre gays e heterossexuais. Parece que a tensão presente na convivência entre heterossexuais e gays reside menos na sexualidade e mais nas convenções de gênero em que a presença do “feminino” no “masculino” deve ser rechaçada.

A aproximação entre os mundos “gay” e “heterossexual” fez com que esses entrevistados passassem por processos de estranhamento, assimilação e acomodação diante de experiências totalmente novas, sobretudo aquelas que se referiam ao exercício da sexualidade do amigo gay. Cruzar as fronteiras “preestabelecidas” para esses mundos permitiu que as diferenças em relação à sexualidade fossem explicitadas e relativizadas, possibilitando um maior grau de intimidade para o relacionamento de alguns deles. Estabelecer redes de sociabilidade em que há o encontro

de grupos de pessoas heterossexuais e gays parece ser um “rito de passagem” importante para esse grupo de homens em direção à “quebra de paradigma” de mundos que não se tocam como afirmam alguns deles.

Contudo, ainda há um longo caminho a ser percorrido. O processo de flexibilização de convenções sociais acerca da sexualidade não significa supor um processo homogêneo; algumas dessas convenções ainda permanecem vigentes e orientam o exercício de masculinidade. As polaridades “homem/gay” e a ideia de que “amizade com gays é igual, mas é diferente” representam sínteses dessa relação muitas vezes contraditória.

A falta de consciência da sua condição de “sujeito generificado” ainda faz com que a pergunta “o que é ser homem” produza estranhamento e desconforto. De maneira geral, as respostas remetem a valores morais como “honestidade”, “integridade”, “responsabilidade”, “correção”; ou ganhavam adjetivos, qualificando os possíveis contextos de exercício da masculinidade: “homem-pai”, “homem-companheiro”, “homem-profissional”, “homem que tem amigo gay”.

Nesse sentido, torna-se ainda mais importante a observação de Barker (2010) sobre a necessidade de educar os garotos “com” e “a partir de” um referencial de gênero, “desnaturalizando” suas concepções acerca do que é ser homem. Agregariamos, no entanto, a importância de incluir uma reflexão crítica sobre a “questão gay” com homens heterossexuais, explorando suas noções acerca da homossexualidade masculina e da homofobia. Devido ao alto grau de preconceito demonstrado pelos homens jovens, parece ser essa faixa etária um grupo privilegiado para processos educativos.

Sabemos que esse trabalho não se esgota aqui. Uma das limitações de nosso estudo se refere ao próprio escopo da pesquisa que se restringiu às “vozes” de homens heterossexuais acerca das relações de amizade com homens gays. Ainda que meu interesse residisse na produção de sentidos sobre o masculino e homofobia a partir das experiências particulares de homens heterossexuais, escutar as “vozes” desses homens gays e/ou ter presenciado a interação entre “héteros” e “gays” em atividades do cotidiano certamente teria enriquecido o estudo. Nesse sentido, o trabalho de Jamie Price (1999) aprofunda a riqueza da relação de amizade entre gays e heterossexuais ao trazer à cena não somente as “vozes” de ambos, mas também o registro da convivência entre gays e heterossexuais em organizações comunitárias nos Estados Unidos. Espera-se, portanto, que esse trabalho fomente outros vinculados à amizade masculina e a

contextos de homosociabilidade. É no registro das relações entre homens, nas suas semelhanças e singularidades que podemos perceber as fissuras e brechas para outros modos possíveis para o exercício da masculinidade, além do hegemônico que grassa no imaginário masculino.

Na esfera do trabalho de ativismo em prol de relações de gênero mais igualitárias, entendidas aqui tanto como as “relações entre gêneros” quanto “intra gênero”, parece fundamental reconhecer o papel que a homofobia desempenha, em todas suas faces, na construção das masculinidades e na manutenção de iniquidades entre homens (e entre homens e mulheres). Convivemos cada vez mais intensamente com a visibilidade de orientações sexuais que não se pautam pela heteronormatividade e com identidades de gênero que escapam da polarização convencional do masculino/feminino. Essa pluralidade de experiências acerca do gênero e da sexualidade faz com que seja necessária uma reflexão sobre o escopo de trabalho de intervenção “com homens” e “para homens”, engendrando discussões acerca dos seus aspectos subjetivos, éticos, políticos, ideológicos e pedagógicos como insumo para a transformação das relações de gênero que pretende ser.

Finalmente, regresso ao conto cubano de Senel Paz que nos brinda com reflexões tão instigantes sobre diferenças, estranhamentos, medos e processos de construção, desconstrução e reconstrução de parâmetros para a convivência com a diversidade de experiências masculinas submetidas uma ideologia (política) de gênero que mantinha os mundos “gay” e “hétero” separados. Nele, como diz Diego (o “maricón”) para David (o “homem”): é na convivência com a diferença que nos transformamos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Manual de Comunicação LGBT*. Curitiba: ABGLT, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam. *Gangues, Gênero e Juventudes*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G.; SILVA, Lorena B. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

ACOSTA, Fernando; BARKER, Gary. *Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo no Rio de Janeiro/Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Noos; Instituto Promundo, 2003.

ADORNO, Rubens. Identidade e Exclusão. In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard (Org.). *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ; Editora 34, 1999. p. 89-98.

ADRIÃO, Karla Galvão; QUADROS, Marion T. Feminismo e Homens: reflexões sobre participação, pesquisa e militância. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, 2010.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AMUCHÁSTEGUI, Ana; SZAZ, Ivonne (Ed.). *Sucede que me canso de ser hombre: reflexiones sobre hombres y masculinidades en México*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2007.

ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra; MEDRADO, Benedito (Org.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS; Editora 34, 1998.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARKER, Gary. *Dying to be Men: Youth, Masculinity and Social Exclusion*. New York: Routledge, 2005.

BARKER, Gary et al. *Evolving Men: Initial results from the International Men and Gender Equality Survey (IMAGES)*. Washington, DC: ICRW and Instituto Promundo, 2011.

BARKER, Gary et al. How do we know if men have changed? Promoting and measuring attitude change with young men: Lessons from Program H in Latin America. In: RUXTON, Sandy (Ed.) *Gender Equality and Men: Learning from Practice*. London: Oxfam GB, 2004. p. 147-161.

BARKER, Gary. Men's participation as fathers in Latin America and the Caribbean: critical literature review and policy options. In: BANNON, Ian; CORREIA, Maria. *The other half of gender: men's issues in development*. Washington DC: The World Bank, 2006. p. 42-72.

—. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <m2nascimento@gmail.com> em 20set2010.

BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

BLUMENFELD, Warren. *Homophobia: how we all pay the price*. Boston: Beacon, 1992.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOZON, Michel. *Sociologia da Sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRASIL. *Brasil sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. *Temático Prevenção da violência e cultura de paz III*. Brasília: OPAS, 2008.

BROD, Harry; KAUFMAN, Michael (Ed.). *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks: SAGE, 1994.

CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997.

CÂMARA, Marcus Vinicius A. *Reich, grupos e sociedade*. São Paulo: Annablume, 2009.

CAREAGA, Gloria; CRUZ, Salvador. Introducción. In: CAREAGA, Gloria; CRUZ, Salvador (Coord.). *Debates sobre Masculinidades*. Ciudad de México: UNAM, 2006. p. 9-28.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Silvia. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9a. Parada do Orgulho GLBT - Rio 2004*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.

CARRARA, Sérgio, et al. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 9a. Parada do Orgulho GLBT - São Paulo 2005*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2006.

CARRARA, Sérgio et al. *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade: Pesquisa 5a. Parada da Diversidade - Pernambuco 2006*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.

CARRARA, Sérgio. "O sal salga, ou...". O Globo, 07 de junho de 2011. Disponível em <http://www.clam.org.br/publique/media/Artigo_Carrara_3.pdf>. Acessado em 01/07/2011.

CARRARA, Sérgio. Somente os viris e discretos serão amados? Folha de São Paulo, 19 de junho de 2005. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>>. Acessado em 01/03/2011.

CARRARA, Sérgio; LACERDA, Paula. Viver sob ameaça: preconceito, discriminação e violência homofóbica no Brasil. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 73-87.

CARVALHO, José Jorge de. O jogo das bolinhas: uma simbólica da masculinidade. In: *Anuário Antropológico 87*. Brasília, DF, 1990. p. 191-221.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CECCHETTO, Fátima. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

———. *The Men and the Boys*. Cambridge: Polity Press, 2000.

———. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <m2nascimento@gmail.com> em 30ago2010.

———. A very straight gay: masculinity, homosexual experience, and dynamics of gender. *American Sociological Review*, 1992. p. 735-751.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, James. "Hegemonic Masculinity: rethinking the concept." *Gender & Society* 19, n. 6, Dec 2005, p. 829-859.

CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE, Nancy (Ed.). *Dislocating Masculinity: Comparative Ethnographies*. London: Routledge, 1994.

DA MATTA, Roberto. Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro. In: MARINHO, J. (Org.). *A arte sacana de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 22-39.

———. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). *Homens*. São Paulo: SENAC, 1997. p. 31-49.

DIAS, Maria Berenice. Legislação brasileira e homofobia. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 163-174.

DOWSETT, Gary. I'll Show You Mine, if You'll Show Me Yours: Gay Men, Masculinity Research, Men's Studies, and Sex. *Theory and Society* 22, n. 5, Oct 1993, p. 697-709.

- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FEE, Dwight. 'One of the guys': Instrumentality and Intimacy in Gay Men's Friendships with Straight Men. In: NARDI, Peter (Ed.). *Gay Masculinities*. Thousand Oaks: SAGE, 2000. p. 44-65.
- FERNANDES, Felipe; GROSSI, Miriam Pilar; PEDRO, Joana Maria. A homofobia como uma categoria teórica no Brasil (2008): notas preliminares sobre a produção de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses a partir de pesquisa na plataforma Lattes. In: *Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: composições e desafios para a formação docente*. Florianópolis, 2009.
- FONE, Byrne. *Homofobia: una historia*. Ciudad de México: Océano, 2000.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GILMORE, David. *Hacerse hombre: concepciones culturales de la masculinidad*. Barcelona: Paidós, 1994.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOMES, Romeu. *A saúde do homem em foco*. São Paulo: UNESP, 2010.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Org.). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- GUASH, Óscar. ¿Por qué los varones son discriminados por serlo? Masculinidades, heroísmos, y discriminaciones de género. In: GONZÁLEZ, Félix Rodríguez (Ed.). *Cultura, homosexualidad y homofobia*. Barcelona: Laertes, 2007. p. 87-103.
- GUATTARRI, Felix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HEILBORN, Maria Luiza et al (Org.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. “Em cena, os homens ...”. *Revista Estudos Feministas*, 1998. p. 371-4.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA; IMS/UERJ; 1996. p. 136-145.

HEILBORN, Maria Luiza; CABRAL, Cristiane; BOZON, Michel. Valores sobre a sexualidade e elenco de práticas: tensões entre modernização diferencial e lógicas tradicionais. In HEILBORN, Maria Luiza *et al* (Org.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 212-268.

HEREK, Gregory. Beyond "Homophobia": Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the First-Twenty Century. *Sexuality Research & Social Policy* 1, n. 2 (2004), p. 6-24.

IZQUIERDO, María Jesús. ¿En qué consiste la masculinidad?: de lo privado a lo público, de lo personal a lo relacional, de lo psíquico a lo social. In: CAREAGA, Gloria; CRUZ, Salvador (Coord.). *Debates sobre Masculinidades*. Ciudad de México: UNAM, 2006. p. 237-262.

JOHN SNOW BRASIL. *Metodologia de Avaliação de Impacto Social*. Brasília, DF, John Snow Brasil, 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: MEC; UNESCO, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz . Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, jul/dez 2007. p 1-22.

KATZ, Jonathan. *The Invention of Heterosexuality*. New York: Plume, 1995.

KAUFMAN, Michael. *Hombres: placer, poder y cambio*. Santo Domingo: CIPAF, 1989.

KIMMEL, Michael (Ed.). *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*. New York: State of University of New York Press, 2005.

KIMMEL, Michael. Homofobia, temor, verguenza y silencio en la identidad masculina. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José. *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: ISIS/Flacso, 1997. p. 49-62.

KIMMEL, Michael. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In: KIMMEL, Michael (Ed.). *The Gender of Desire: Essays on Male Sexuality*. Albany: State University of New York Press, 2005. p. 25-42.

KIMMEL, Michael; MAHLER, Matthew. Adolescent Masculinity, Homophobia, and Violence. *American Behavioral Scientist* 46, n. 10 (Jun 2003), p. 1439-1458.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos da Metodologia Científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Revista Educação & Realidade*, jul./dez.1995. p. 101-132.

———. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

———. Heteronormatividade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2009. p. 85-93.

———. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LUMSDEN, Ian. *Machos, Maricones, and Gays*. Philadelphia: Temple University Press, 1996.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidades e violências: Gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, Monica Raissa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial, Edunisc, 2004. p. 35-78.

MACHADO, Maria das Dores Campos *et al.* Homofobia, movimentos sociais e a epidemia de Aids na percepção das lideranças religiosas. In: MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO; Fernanda Delvalhas (Org.). *Religiões e Homossexualidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2011. p. 111-165.

MASON, Gail. *The Spectacle of Violence: Homophobia, Gender and Knowledge*. London: Routledge, 2002.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, set-dez 2008. p. 809-840.

- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In: ADELMAN, Miriam; SILVERSTRIN, Celsi Brönstrup (Orgs.). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 63-76.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Ednilsa Ramos de. *Fala Galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MISSE, Michel. *O estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Rio de Janeiro: Booklink, 2007.
- MOSSE, George. *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- MURRAY, David. Introduction. In: MURRAY, David. *Homophobias: Lust and Loathing across Time and Space*. Durham: Duke University Press, 2009. p. 1-15.
- NARDI, Peter. That's what friends are for: Friends as family in the gay and lesbian community. In: PLUMMER, Ken. *Modern Homosexualities: Fragments of lesbian and gay experience*. London: Routledge, 1992. p. 108-120.
- NARDI, Peter. The Politics of Gay Men's Friendship. In: KIMMEL, Michael; MESSNER, Michael. *Men's Lives*. Boston: Pearson, 2004, p. 402-5.
- NASCIMENTO, Marcos. *Desaprendendo o silêncio: uma experiência de trabalho com grupos de homens autores de violência contra a mulher [Dissertação de Mestrado]*. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2001.
- . (Re)pensando as masculinidades adolescentes: homens jovens, saúde e gênero. In: PARKER, Richard (Org.). *Construções da Sexualidade*. Rio de Janeiro, 2004. p. 105-113.
- NASCIMENTO, Marcos; SEGUNDO, Márcio; BARKER, Gary. *Homens, Equidade de Gênero e Políticas Públicas: aportes para reflexão*. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2009.
- NOLASCO, Sócrates (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- NYE, Robert. *Masculinity and male codes of honor in modern France*. New York: Oxford University Press, 1998.
- OLAVARRÍA, José (Ed.). *Masculinidades y globalización: trabajo y vida privada, familias y sexualidad*. Santiago: CEDEM, 2009.
- OLIVEIRA, Maria Coleta. O lugar dos homens na reprodução. In: GUTIÉRREZ, Maria Alícia. *Gênero, famílias y trabajo: rupturas y continuidades*. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 223-238.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. UFMG, IUPERJ, 2004.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da Amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

———. *Corpos, Prazeres e Paixões*. São Paulo: Best Seller, 1991.

———. Hacia una economía política del cuerpo: construcción de la masculinidad y la homosexualidad masculina en Brasil. In: VALDES, Teresa; OLAVARRÍA, José (Ed.). *Masculinidades y equidad de género en América Latina*. Santiago: FLACSO, 1998. p. 106-129.

PAZ, Senel. *El lobo, el bosque y el hombre nuevo*. Havana: Ediciones Era, 1991.

PLUMMER, David. *One of the Boys: Masculinity, Homophobia and Modern Manhood*. Binghamton: Harrington Park Press, 1999.

———. Policing manhood: new theories about the social significance of homophobia. In: WOOD, Carl. *Sexual Positions*. Melbourne: Hill of Content, 2001a. p. 60-75.

———. The quest for modern manhood: masculine stereotypes, peer culture and the social significance of homophobia. *Journal of Adolescence* 24, 2001b. p.15-23.

PORTELLA, Ana Paula *et al.* *Homens: sexualidade, direitos e construção da pessoa*. Recife: SOS Corpo; Instituto PAPAÍ, 2004.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. Homofobia: muitos fenômenos sob o mesmo nome. In: Borrillo, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-11.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

PRICE, Jamie. *Navigating Differences: Friendships Between Gay and Straight Men*. New York: The Haworth Press, 1999.

PULERWITZ, Julie; BARKER, Gary. Measuring Attitudes toward Gender Norms among Young Men in Brazil: Development and Psychometric Evaluation of the GEM Scale. *Men and Masculinities* ,10, n. 3, 2008. p. 322-338.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. On Joking Relationships. *Africa: Journal of the International African Institute* (Cohen and West) 13, n. 3, 1940. p. 195-210.

REEVES, Hazel; BADEN, Sally. *Gender and Development: Concepts and Definitions*. Brighton: Institute of Development Studies, 2000.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de Amizade: um ensaio em antropologia das emoções. *Revista MANA*, 2002a. p. 69-89.

———. *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro: FGV, 2002b.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO, Irineu Ramos. *A TV no armário: a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*. São Paulo: GLS, 2010.

RICARDO, Christine; SEGUNDO, Márcio; NASCIMENTO, Marcos. *Experiências e atitudes de homens e mulheres relacionados com equidade de gênero e saúde: resultados preliminares de uma pesquisa domiciliar realizada no Rio de Janeiro, Brasil*. [Sumário de resultados de pesquisa]. Rio de Janeiro: Instituto Promundo, 2009.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: RIOS, Roger Raupp (Org.). *Em defesa dos direitos sexuais*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2007. p. 111-139.

SAADE, Carmen Lira. Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba: Fidel Castro. La Jornada, 31 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2010/08/31/index.php?section=mundo&article=026e1mun>. Acessado em 01/03/2011.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza. *Quando o armário é aberto: visibilidade e estratégias de manipulação do coming out para homens homossexuais* [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2009.

SALEM, Tania. *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SCHWAB, Jean-Luc. *Triângulo rosa: um homossexual no campo de concentração nazista*. São Paulo: Mescla, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 1990. p. 5-22.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 2007, p. 19-54.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. *A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando*. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003.

TOMSEN, Stephen. *Violence, Prejudice and Sexuality*. New York: Routledge, 2010.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras *et al.* *Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino americanas*. Florianópolis: UFSC, 2010.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; ADRIÃO, Karla Galvão. Sexualidades masculinas: perspectivas teórico-metodológicas. In: Grossi, Miriam Pilar *et al* (Org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 93-106.

TONELI-SIQUEIRA, Maria Juracy. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia USP*, 1997. p. 113-130.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Outros destinos: ensaios de antropologia e cidadania*. Lisboa: Campo das Letras, 2004.

———. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

———. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). *Juventude Contemporânea: culturas, gostos e carreiras*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

VENTURI, Gustavo. Pesquisa das Fundações Perseu Abramo e Rosa Luxemburgo revela que por trás da imagem de liberalidade o brasileiro é extremamente preconceituoso em relação à população LGBT. *Teoria e Debate*, ago 2008.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Org.). *Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VIVEROS, Mara. Contemporary Latin American perspectives on masculinity. In: *Men and Masculinities*, 2001. p. 237-260.

- WALKER, Karen. Men, Women, and Friendship: What They Say, What They Do. *Gender and Society* 8, n. 2, 1994, p. 246-265.
- WAY, Niobe. *Deep Secrets: Boys' Friendships and the Crisis of Connection*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas* 9, n. 2, 2001. p. 460-482.
- WHO. *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.
- WICKBERG, Daniel. Homophobia: On the Cultural History of an Idea. *Critical Inquiry* 27, n. 1, 2000. p. 42-57.
- YOSHINO, Kenji. *Covering: The hidden assault on our civil rights*. New York: Random House, 2006.

ANEXO A – PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade	Educação	Origem	Situação familiar	Filhos/as
Ivan	25	Psicólogo/músico	Interior do RJ	Solteiro, mora com uma tia	Não
Fabício	27	Empresário	Região metropolitana RJ	Solteiro, mora com os pais e dois irmãos	Não
Flávio	28	TI*	Zona sul do RJ	Solteiro, mora com os pais	Não
Douglas	32	Economista	Interior de SP	Casado	“Grávido” do primeiro filho
Philipe	33	Publicitário	Zona norte do RJ	Casado	“Grávido” do primeiro filho
Rui	33	Administrador	Zona norte do RJ	Casado	Não
Fred	33	DJ**	Zona norte do RJ	Casado	Não
Beto	37	Advogado	Zona sul do RJ	Solteiro	Uma filha de 14 anos
Miguel	39	Jornalista	Região metropolitana RJ	Casado	“Grávido” do primeiro filho
Gilson	42	Corretor de seguros	Zona sul do RJ	Casado	Dois filhos (12 e sete anos)
Samuca	42	Ator	Paraná	Separado, mora sozinho	Duas filhas (22 e dois anos)
Michel	44	Administrador	Zona norte do RJ	Separado, mora sozinho	Um filho de quatro anos
Cesar	44	Psicólogo	Interior de MG	Casado	Duas filhas (14 e sete anos)
Rodrigo	47	Professor	Argentina	Casado	Duas filhas (17 e 11 anos)

* Tecnologia da informação

** Disc-jóquei

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Improváveis Relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Quantos anos você tem?
2. O que você faz (trabalha em que, estuda o que)?
3. Atualmente, com quem você vive (sozinho, com família de origem, com companheira)?
4. Alguém mais na sua casa trabalha (se for casado, perguntar se a companheira trabalha)?
5. Você tem filhos (biológicos ou não)? Eles vivem com você?

SOCIALIZAÇÃO

6. Como era a sua família de origem (pai, mãe, irmãos, classe social, escolaridade/profissão do pai e da mãe)?
7. Como era que sua família tratava de assuntos como religião, sexo, dormir com namorada/o em casa, uso de drogas, fidelidade, sexo fora do casamento, contracepção, aborto, etc.?
8. Há algum homem que tenha sido uma referência, um modelo para você (pai, irmão mais velho, tio, outro homem)? O que você diria que aprendeu com ele?
9. Pensando na sua casa de origem, como se dava a divisão de tarefas do trabalho doméstico? Quem cuidava do quê? Como era a divisão do orçamento doméstico? E hoje, como é esse trabalho na sua casa? Existe alguma divisão? Quem faz o quê?
10. **Se tiver filhos:** Você acha que a sua relação com seus filhos é diferente da relação que você tinha com o seu pai? De que maneira? O que é ser pai para você (explorar situações, por exemplo, de falar sobre sexo com os/as filhos/as, uso de drogas, modelo de masculinidade etc.)?
11. Pensando na sua vida de criança/adolescente, quando você tomou consciência que nem todas as pessoas eram heterossexuais? Alguém na família, na vizinhança? Homem? Mulher? Como era isso para você? Que mensagens você recebia da sua

família de origem (pai, mãe, irmãos etc.) sobre pessoas que tinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (apoiavam, discriminavam)? Como você lidava com isso?

AMIZADE/CONVIVENCIA

12. Que tipo de qualidades uma pessoa precisa ter para ser seu amigo?
13. Você tem muitos amigos? Sim, não, por quê?
14. Você tem muitos amigos homens? O que vocês fazem juntos? Sobre o que conversam?
15. Você tem muitas amigas mulheres? O que vocês fazem juntos? Sobre o que conversam?
16. Existe alguma diferença entre amizade com homem e amizade com mulher?
17. Em relação a X, há quanto vocês se conhecem?
18. Você diria que X é seu amigo? Por quê?
19. De maneira geral, o que costumam fazer juntos (diversão, esporte, trabalho, estudo, sair para beber etc.)? Que lugares freqüentam juntos? Descrever a relação entre X e o entrevistado.
20. Quando você soube que X era gay? Isso afetou você de alguma maneira? Afetou a relação de amizade de vocês de alguma maneira? Nota: Se ele não sabia no início da amizade, perguntar como foi essa revelação.
21. Você diria que X é um homem como você? Tem alguma diferença? Se sim, que diferença é essa? Por que?
22. Há alguma convivência entre você, X e seus outros amigos que são hetero? Há alguma convivência entre você, X, e os amigos gays de X?
23. X é o seu primeiro amigo gay? Você já teve outros amigos gays? Desde quando?
24. E atualmente, você tem outros amigos gays? E o que vocês fazem juntos?
25. Você já foi a lugares gays? Algum bar ou boate gay? O que achou? Existe alguma coisa que te incomoda? Alguma coisa que o atrai?
26. Você já foi 'sacaneado' por outras pessoas por ter amigos gays? Se sim, como você se sentiu? Você diria que isso acontece por quê?

27. A orientação sexual dele foi uma questão na relação de vocês ou não? E a sua orientação sexual para ele? Em algum momento da relação de vocês, o fato de X ser gay te colocou em alguma situação incomoda?
28. Há alguma coisa na forma de X se expressar que o incomoda (afetação, por exemplo)? Você seria amigo de um gay afeminado, por exemplo? Isso seria uma questão para você ou não?
29. Vamos imaginar uma situação. Se X começasse a paquerar outro homem na sua frente, como você se sentiria? E o contrário, se você começasse a paquerar uma mulher na frente dele, você acha que isso o incomodaria?
30. Você diria que a relação com X é importante para você? Por quê?
31. Há pesquisas que mostram que muita gente não teria um amigo gay (citar pesquisa PA, UNESCO). Vários homens concordam com essa afirmação. O que você acha de pessoas que dizem que nunca teriam um amigo gay? O que você acha que acontece para eles terem essa opinião?
32. Quando você encontra um amigo, de maneira geral, como você o cumprimenta (pontuar a coisa de “xingamento carinhoso”, tapa nas costas etc.)? Em relação a X, se dá da mesma maneira?

VIOLÊNCIA E HOMOFOBIA

33. Você lembra quando estava na escola/vizinhança por ex de algum menino que era sacaneado por ser “diferente”? Você participava disso? Por que sim, por que não? E você mesmo sofreu algum tipo de zoação durante a infância e adolescência?
34. E depois na idade adulta, você já presenciou/ouviu falar de alguma situação de discriminação ou de violência contra homens gays ou travestis? O que você acha disso? Por que acha que isso ocorre?
35. Dar o exemplo da Parada de SP (homem que morreu por ter sido espancado durante a Parada por um grupo de homens). O que acha disso? Por que será que alguns homens fazem isso contra homens homossexuais?
36. O que acha desse tipo de manifestação como a Parada Gay? Você já foi? O que achou? Se não, por que não foi? Acha importante a participação de heteros na Parada? Por quê?

37. Uma das pautas do movimento LGBT no Brasil é a criminalização da homofobia. Você já ouviu falar disso? Se sim, perguntar o que ele pensa sobre isso. Se não, explicar e perguntar o que pensa.
38. Outra pauta é a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo e adoção de crianças. Você já ouviu falar disso? Se sim, perguntar o que ele pensa sobre isso. Se não, explicar e perguntar o que pensa.
39. Cada vez mais a televisão e o cinema mostram temas ligados à diversidade sexual. Você se lembra de alguma novela em particular? Ou filme? O que você achou disso?

PRÁTICAS SEXUAIS

40. Como foram suas primeiras experiências sexuais (com quantos anos, com quem, se foi pago ou não)?
41. Durante o início da adolescência é comum experiências eróticas entre meninos (troca troca por ex, masturbação em grupo). Você tem alguma lembrança disso, por ex? E, mais tarde, na idade adulta, houve alguma experiência erótica com homens?
42. Você conhecia algum dos seus amigos que fazia isso na adolescência/idade adulta? O que você achava disso?

CONCLUSÃO

43. Depois de toda a nossa conversa: o que é ser homem para você?
44. Alguma coisa que não foi perguntado, mas que você gostaria de falar?